

ANEXOS

Sumário

<i>ANEXO 1: ENTREVISTAS INICIAIS PARA A DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA</i>	173
Anexo 1 – A: Considerações sobre o SARESP e o uso dos resultados das Avaliações	173
Anexo 1- B: Visita à Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE): Esclarecimento de Dúvidas sobre o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo	174
Anexo 1- C: Visita a uma escola da zona sul de São Paulo: investigações iniciais acerca dos usos dos resultados da avaliação	176
<i>ANEXO 2: ROTEIROS UTILIZADOS PARA AS ENTREVISTAS</i>	181
Anexo 2-A: Roteiro de entrevista semi-estruturado (ATP's)	181
Anexo 2-B: Roteiro de entrevista semi-estruturado para o Coordenador de Avaliação/ Supervisor de Ensino	182
Anexo 2-C: Roteiro de entrevista semi-estruturado para Dirigente Regional de Ensino	183
<i>ANEXO 3: ENTREVISTAS REALIZADAS NAS DIRETORIAS REGIONAIS DE ENSINO</i>	184
Anexo 3-A: D.E. GAMA	184
Anexo 3-B.1: D.E. ALPHA	191
Anexo 3-C.1: D.E. DELTA	216
Anexo 3 –D: D.E. BETA	257
Anexo 3-E: Diretoria Ômicrom	325
<i>ANEXO 4: ENTREVISTAS COM TÉCNICOS DE ÓRGÃOS CENTRAIS</i>	329
Anexo 4-A: Entrevista com Técnico da CENP	329
Anexo 4-B: Entrevista com Técnico da FDE	347

ANEXO 1

ENTREVISTAS INICIAIS PARA A DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Anexo 1 – A: Considerações sobre o SARESP e o uso dos resultados das Avaliações

Entrevistado: Professor A, ATP de História na Diretoria Épsilon

Data: Setembro/ 2004

Durante o levantamento de dados realizado para a re-elaboração do projeto de pesquisa apresentado inicialmente durante o processo de seleção para a pós-graduação, tive a oportunidade de conversar com um Assistente de Trabalho Pedagógico de uma das Diretorias Regionais de Ensino da capital paulista.

Soube, através desta entrevista, que o uso dos resultados do SARESP depende de cada Diretoria Regional, ou seja, não há um plano de trabalho sistemático e institucionalizado, indicado a partir da análise dos resultados da avaliação paulista. Inclusive, segundo o entrevistado, as propostas de formação de professores realizadas por este órgão estão mais ou menos definidas, sendo feitas poucas alterações a partir das questões apontadas pela avaliação de sistema.

Haveria, ainda, uma certa “dependência” da Diretoria em relação às propostas elaboradas pela CENP, órgão responsável pela elaboração de diretrizes curriculares que são utilizadas pelas escolas públicas do estado. Essas propostas, segundo o ATP, são pautadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, permitindo que se denuncie uma certa indução no que se refere à incorporação dos mesmos à prática pedagógica de sala de aula.

A dificuldade dos professores incorporarem os pressupostos metodológicos que parecem ser indicados pela Secretaria da Educação à sua prática chamou-nos a atenção durante toda a conversa. Essa dificuldade parece ser agravada pela impossibilidade das Diretorias Regionais acompanharem de perto o trabalho das escolas, através dos ATP’s devido ao número limitado de pessoas que têm essa função, e de elaborarem propostas de formação diversificadas, relacionadas às necessidades de cada escola.

Atualmente, no que se refere ao SARESP, os Assistentes Técnico-pedagógicos têm buscado, de acordo com indicações da Secretaria, “mostrar o lado positivo da Avaliação”, que enfrenta muita resistência por parte dos professores da rede. Segundo o entrevistado, essa

resistência acentuou-se depois de um momento em que se decidiu aprovar ou reprovar os alunos de acordo com os resultados obtidos no SARESP. Esta medida foi abortada no ano seguinte devido às inúmeras queixas vindas das escolas e, principalmente, dos professores.

Também foi comentado, durante a entrevista, que os dados obtidos não são tão confiáveis quanto se imagina, no caso do SARESP, já que como são os professores que aplicam as provas, não há como controlar se eles manipulam ou não os resultados.

Finalmente, foi explicado que os responsáveis em dar assistência pedagógica às escolas às vezes são convocados para reuniões onde o tema gira em torno dos resultados do SAEB. Soube, contudo, que como os dados são difíceis de entender, as reuniões acabam ficando em torno da compreensão destes dados, sem que se abarque profundamente a questão dos usos de tais resultados.

***Anexo 1- B: Visita à Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE):
Esclarecimento de Dúvidas sobre o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo***

Entrevistado: Técnica da Equipe de Avaliação

Data: Outubro/ 04.

A visita à Fundação para o Desenvolvimento da Educação, neste momento inicial, teve dois objetivos: obter materiais acerca do sistema de avaliação estudado e tirar dúvidas sobre a estruturação e mudanças vêm sendo feitas no sistema.

Ao chegar à Fundação, houve uma dificuldade inicial para entrar no prédio e contatar a entrevistada. Parte dos objetivos da visita caíram por água abaixo: apesar da informação dada pela bibliotecária do Centro de Referência Mário Covas, não havia biblioteca (pelo menos que fosse aberta à visitação) na FDE. Insistimos, então, para contatar o Departamento de Avaliação, onde pudemos conversar com uma das chefias do grupo, que trabalha diretamente com o SARESP.

Durante toda a conversa senti que a entrevistada era extremamente cuidadosa em suas colocações. Acho que sua intenção, ao nos atender, era dar uma satisfação sobre os materiais relativos à avaliação e que ela não esperava outros questionamentos, apesar de já ter sido avisada, por sua superior, que iríamos procurá-la.

Quando foi colocada a dificuldade de encontrar materiais sobre o SARESP a partir de 2000, a entrevistada explicou que a aferição de 2001 assumiu outra característica, diferente dos anos anteriores, com o objetivo de certificação do aluno e, portanto, era um ano sobre o qual as pessoas não gostavam de conversar, devido à polêmica que a decisão causou na rede estadual de ensino. Disse também que poucos materiais foram produzidos e que não eram divulgados. Sobre os relatórios de 2000 e 2001, ela assegurou que estavam prontos, mas que ainda não podiam ser divulgados. Disse que os materiais disponíveis eram: Relatórios das aferições de 1996, 1997, 1998; Revista SARESP (2 exemplares), Revista Idéias n.º 30, Relatórios sobre os Perfis do Diretor e do Professor Coordenador e a Caracterização dos Estudantes da rede estadual paulista (divulgado no material do SARESP 2000).

Também chamou a atenção para a existência de um material destinado à Aplicação da avaliação, fornecido às Diretorias Regionais e às Escolas, composto por: Manual de Orientação, Manual do Aplicador e Manual de Correção das Redações.

Explicou, ainda, que a partir de 2003, o material foi acrescido por um exemplar da prova (1ª e 2ª séries) e um Roteiro de Correção para estas provas.

Questionada sobre a divulgação das provas e o uso da metodologia de análise da Teoria da Resposta ao Item (TRI), a entrevistada explicou que os dados são tratados tanto pela TRI quanto pela Análise Clássica, e que há uma avaliação paralela, feita por amostragem, que usa a TRI. Não explicou, contudo, como essas escolas da amostra são escolhidas.

Informou, ainda, que foi realizado um exaustivo trabalho de capacitação nas Diretorias Regionais para o trabalho a partir dos dados. Os relatórios das Diretorias faziam parte desse trabalho e constituíram uma forma de fazer com que os dados fossem estudados e dessem suporte para a realização do trabalho pedagógico nas escolas e diretorias. Segundo a entrevistada, a idéia seria fazer com que o trabalho a ser realizado a partir dos dados do SARESP fosse incorporado no Plano Diretor da Diretoria Regional, que tem uma equipe para cuidar da avaliação (SARESP), coordenada por um dos supervisores da instituição.

Também citou algumas das principais mudanças que ocorreram no SARESP, no que se refere à sua abrangência, aos conteúdos avaliados e ao período de realização da prova:

1. A partir de 2000 (na transição para 2002, lembrando que 2001 foi um ano atípico), houve uma alteração no momento de realização da prova: até 2000 era feita no início do ano e, a partir de 2002 passou a ser feita no final do ano. Nesse sentido, comentou sobre o Projeto Letra e Vida cujo objetivo seria ajudar/ apoiar o trabalho realizado nas escolas, visando auxiliar os professores a trabalharem a competência leitora das crianças.

2. Passou-se a avaliar, a partir de 2002, a competência leitora. Em 2001 a avaliação foi apenas de Língua Portuguesa.

Ainda segundo a entrevistada, esse apoio ao trabalho do professor deve ocorrer nas Diretorias, que poderiam atender suas necessidades mais de perto. Os projetos da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) serviriam de apoio, mas a formação docente não se reduziria a eles. Nesse momento, explicou que as escolas também recebem um boletim sobre sua situação, explicando como os alunos foram na prova, o que as escolas precisam melhorar, para que também possam estar buscando auxílio para superar os problemas que apresentam.

A entrevistada explicou que não poderia dar algumas informações, devido à sua posição junto à instituição. Explicitou, porém, uma de suas angústias: da forma como o Sistema de Avaliação está organizado, as instituições (tanto a própria FDE, quanto as Diretorias Regionais) mal acabam de “digerir” os resultados de um ano e já se envolvem na preparação da prova do ano seguinte. Essa dinâmica, a seu ver, possibilitará que a avaliação se torne uma prática meramente burocrática, já que fica difícil propor um trabalho a partir dos dados, analisar os resultados do trabalho proposto, corrigir rumos, etc.

Finalmente, vale comentar que houve um momento em que a entrevistada comentou que as escolas se queixam de não conseguir “encaixar” um momento de trabalho sobre o SARESP em seu cotidiano, evidenciando que não compreendem que esses resultados/informações poderiam ser trabalhados a todo o tempo, continuamente, não necessitando de um momento específico no cotidiano da escola.

Anexo 1- C: Visita a uma escola da zona sul de São Paulo: investigações iniciais acerca dos usos dos resultados da avaliação

Entrevistado: Professora coordenadora pedagógica da escola JHL

Data: Novembro/ 2004

Minha visita à escola JHL, com o objetivo de pedir para participar das atividades do dia 25/11/2004, dia do SARESP, foi mais frutífera, a princípio, do que eu imaginava.

Cheguei à escola às 14h07, já que o horário de atendimento iniciava às 14h00 e fui encaminhada a uma janelinha (Secretaria) que dava para o pátio exterior da escola, onde ficam guardados os carros dos funcionários. Esperei um pouco enquanto uma mãe era

atendida e, na minha vez, pedi para falar com a diretora da escola, ou algum responsável. Indagada pela secretária sobre o assunto a ser tratado, expliquei que queria agendar uma visita à escola no dia do SARESP. Apresentei-me enquanto mestrandando e ia explicar o meu interesse, quando a funcionária da secretaria pediu para que eu aguardasse. Passou rapidamente as informações para uma outra pessoa e, em seguida, pediu para que eu esperasse novamente, agora já me tratando por “senhora”, enquanto sua colega conversava com a coordenadora. Após um curto espaço de tempo, essa segunda pessoa, que eu não soube quem era, me recebeu, dando as boas vindas, se desculpando pela “bagunça da escola” (haverá uma festa no sábado e pude ver diversas prendas...) e dizendo que a coordenadora me receberia.

Apresentei-me rapidamente e explicito o motivo do meu interesse na escola, expondo que estava começando a estudar o SARESP e, sabendo que a avaliação ocorreria no dia 25, gostaria de estar presente na escola, para observar as crianças, a sala de aula...Prontamente a coordenadora respondeu que eu poderia, sim, estar na escola, ver como era a dinâmica da mudança (?) nesse dia, mas ela não acreditava que era possível eu entrar na sala de aula, visto que, **por ser um dia muito diferente**, as crianças ficavam nervosas e as professoras idem. Como a orientação que recebe é de evitar elementos estranhos, que possam prejudicar o clima da escola (que deve ser o mais acolhedor possível), ela teria que se informar com a supervisora (presente no dia da avaliação) para me dizer se eu poderia ou não entrar na sala.

Aproveitei para dizer que não acreditava que houvesse um empecilho formal à minha presença na sala, pois outros colegas haviam conseguido em outras escolas, mas que compreendia a preocupação e o cuidado dela e que se pudesse estar na escola, com certeza, já seria importante, sendo que todas as informações obtidas auxiliariam. Senti uma pequena mudança no tom da coordenadora, não sei se devido à menção de colegas ou de outras escolas, mas ela retomou sua fala, dizendo que o dia é muito diferente, no qual as crianças ficam com outros professores (entrevi, dizendo que não sabia disso e achava que ficavam com seus próprios professores¹) e estes, apesar de trocarem informações sobre os alunos, também estavam com outra classe, sendo que tudo ficava diferente, mas que de repente um professor poderia me convidar para observar sua sala caso se sentisse à vontade para tanto. Isso era uma possibilidade, mas não poderia garanti-la. Disse-lhe que entendia que o dia era diferente, que os alunos e professores estranhavam e que não imaginava que fosse um dia tão atípico (ela mencionara que eles saíam mais cedo, logo após a prova). A coordenadora comentou, ainda

¹ Desculpei-me pelo desconhecimento dos procedimentos, alegando que não estava encontrando materiais onde fossem descritos. Prontamente ela disse que, na semana seguinte, eu poderia ir à escola e ela me mostraria tudo o que tem sobre o SARESP e, se pudesse, me emprestaria para xerocar. Fiquei com a impressão que, primeiro, irá se certificar na Diretoria se isso é permitido... Não sei, pode ser uma impressão equivocada.

tentando justificar a dificuldade de minha presença em uma sala, que os professores não gostavam de aplicar o SARESP e, portanto, o dia é tenso. Disse que eles se sentiam avaliados, apesar do governo dizer que o objetivo não é avaliar o professor. Acrescentou que a escola procurava atenuar o clima de tensão, cuidando da passagem das crianças, ou seja, cada professor recebe sua turma (com toda a “paparicação”, segundo a professora-coordenadora) e, depois, fazem a troca entre os professores para, só daí, começar a avaliação. Comentou que, apesar de pedirem (a SEE) que o clima seja o melhor e mais normal possível, as orientações dadas não vão nesse sentido.

Para reforçar seu argumento que nem todas as orientações para o dia do SARESP são boas no sentido de organizar a avaliação, comentou que, neste ano, houve uma mudança na ordem das provas: anteriormente, era distribuído o questionário social, depois as questões de compreensão e, por fim, realizavam a redação. Para 2004, a orientação é que façam as questões de compreensão, depois a redação e, por último, o questionário social. Ela tem certeza que, tal mudança, “não vai dar certo” e já combinou com os professores que, caso não receba nenhuma orientação nesse sentido², vai manter o esquema do ano anterior, mesmo porque os professores têm que ler todas as questões com os alunos (questionário social). Passou a exemplificar algumas questões desse questionário: seu professor dá lição de casa todos os dias? Corrige as lições? Falta muito? Se estiverem avaliando o professor, porque não dizem logo? Perguntei se ela achava que estavam avaliando os professores através dos questionários respondidos pelas crianças de 1^a. e 2^a. série, ao que respondeu, novamente, que essa não é a intenção declarada, mas que não via o porque desse tipo de pergunta.

Senti, o tempo todo, uma postura de crítica da coordenadora ao SARESP. Ao mesmo tempo, ela dizia que achava importante saber em quais aspectos a escola precisa melhorar, mas, pelo que entendi, não concorda em como esse “diagnóstico” é feito. Disse que recebeu péssimas primeiras séries nesse ano e que, portanto, as professoras de primeira série estavam muito preocupadas. Alegou que nada é feito no sentido de ajudá-los a sanar os problemas, mencionando a lei: “porque não colocam as crianças de 6 anos na pré-escola, para fazerem uma boa primeira série, como está na lei mas não está sendo feito?”.

Ainda se referindo ao que eu poderia observar, comentou sobre a diferenciação entre as provas de 1^a. e 2^a. e 3^a. e 4^a, sendo que estas últimas continuam objetivas.

² Pelo que entendi, as recomendações para a avaliação desse ano foram recebidas através de uma videoconferência, mas têm sido muito mudadas. Ela me mostrou o material deste encontro, todo corrigido, alegando que estava cheio de erros. Lembrei do dia da visita à FDE, quando os materiais me pareceram tão bem preparados...

Explicou que é importante que os alunos se acostumem com a avaliação, já que “todos somos avaliados todos os dias” e que, nesta escola, fizeram há duas semanas um simulado do SARESP, a fim de preparar os professores e alunos para o momento.

Voltando à questão dos professores, percebi uma certa alternância no discurso, no sentido de culpabilizar os professores pelos resultados obtidos e os órgãos centrais. Ela acredita que se muitas crianças vão mal, o problema está no professor, já que uma parcela bem pequena apresenta problemas cognitivos ou outros que possam prejudicar seu aprendizado. Como é psicopedagoga, pôde observar que 90% dos casos que recebia na clínica eram de “erro de Alfabetização” e, por isso, os professores da JHL têm medo de ficar mandando para especialista, já que ela sempre os questiona: o que você já fez por ela? O que faz você pensar que é caso de especialista?

Insistiu, assim, na questão da formação dos professores, dizendo que se o objetivo do SARESP fosse esse, tinha que dar cursos para os professores. Mencionei o Programa Teia do Saber e soube que os professores dessa escola não estão gostando, não vêm no que ajuda no trabalho. Insistiu na falta de subsídio para a formação, que seria necessário, citando seu exemplo pessoal: quer fazer mestrado, mas não pode pagar a instituição onde gostaria de cursá-lo. Teve, ainda, que deixar de atender na clínica, devido ao trabalho da escola, que lhe toma muito tempo. Mencionou duas vezes que isso é porque ela gosta, mas que nem todo professor é preparado, gosta do que faz, que não é possível esse tipo de escolha na escola pública. Para ela, na escola particular, se o professor não se adequar ao trabalho, é mandado embora...Na pública não: muitos se acomodam. Por isso precisa de uma avaliação, de uma formação melhor.

Em um dado momento, quando perguntei sobre os usos dos resultados na escola, argumentando que tinha curiosidade em saber como acontecia essa relação, a coordenadora disse que seria sincera: não teve tempo de trabalhar as planilhas junto aos professores. Ela foi “soltando” alguns dados nos HTPC’s, mas não pode trabalhar com calma, analisar com a equipe. Perguntei no que a Diretoria ajuda, neste sentido, e ela disse que isso não é responsabilidade da Diretoria, que ajuda muito em outros aspectos. A formação seria sua responsabilidade, mas ela vai fazendo como pode, passando sua experiência enquanto psicopedagoga. Isso, contudo, não é suficiente, na sua opinião. Comentei que meu trabalho ia nesse sentido, de analisar os usos do SARESP para subsidiar a formação de professores. Ela disse que isso não está sendo feito e afirmou que tanto dinheiro é gasto com a avaliação e deveria, na sua opinião, estar sendo re-dirigido para cursos para os professores.

Imagino que outras questões acabaram me escapando neste relato, já que não pude fazer anotações naquele momento e nem, tampouco, estava preparada para uma “entrevista”, mas o que mais me chamou a atenção foi a facilidade com que a coordenadora colocava sua opinião. Percebi que estava tentando, o tempo todo, compreender minha posição sobre o assunto e chegou, mesmo, a me questionar se havia estudos sobre o mesmo. Comentei sobre um trabalho em que os professores de História criticavam a avaliação e procurei sair pela tangente, reafirmando que ainda estava no início do estudo. Essa questão da personalidade do pesquisador, na prática, pareceu-me mais complicada do que na teoria: em que medida minha postura poderia estar deixando a coordenadora mais ou menos à vontade? Essa postura pode abrir ou fechar portas? Como lidar com isso?

ANEXO 2

ROTEIROS UTILIZADOS PARA AS ENTREVISTAS

Anexo 2-A: Roteiro de entrevista semi-estruturado (ATP's)

DADOS PESSOAIS (Idade, Tempo de magistério, Tempo na função atual, Formação acadêmica).

1. Na rede pública estadual, no âmbito da Diretoria Regional, quem são os responsáveis pelo apoio à formação do professor?
2. Como são trabalhados, na Diretoria, os relatórios do SARESP, divulgados pela FDE? Como os ATP's recebem os resultados do SARESP? Há publicações específicas, destinadas à Oficina Pedagógica, sobre os resultados da avaliação?
3. Como a Oficina Pedagógica trabalha com esses resultados? (Exemplo: elabora gráficos? Faz planejamento de trabalho a partir dos resultados? Produz relatório?).
4. Que ações têm sido desenvolvidas, desde 2000, pela Secretaria de Educação e seus agentes centrais visando à melhoria da qualidade da formação do professor?
5. Em que tipo de dados a Oficina Pedagógica se baseia para estabelecer as prioridades para o trabalho de formação e desenvolvimento profissional do professor?
6. A Oficina Pedagógica desenvolve ações de formação de professores mais específicas ou se concentra em apoiar os projetos de formação propostos pela Secretaria? Se forem desenvolvidos projetos específicos da Diretoria, cite exemplos dos mesmos.
7. Como você avalia a recepção, pelos professores, das atividades de formação propostas pela Oficina Pedagógica?
8. Para você, para que servem os resultados da avaliação de sistema?
9. Você acha possível utilizar os resultados do SARESP para subsidiar ações de formação de professores? Se sim, como esses dados vem sendo utilizados? Se não, por que não acha que isso ocorre?
10. Na sua opinião, a Oficina Pedagógica poderia desenvolver outras ações, diversas das que vêm desenvolvendo atualmente, para subsidiar as ações de formação? Se não, porque? Se

sim, o que seria necessário para desenvolvê-las? (exemplos: mais verba, mais pessoal técnico, etc.).

11. Faça uma breve avaliação do trabalho desenvolvido na Diretoria, no que se refere à elaboração de programas e projetos a partir dos resultados do SARESP.

Anexo 2-B: Roteiro de entrevista semi-estruturado para o Coordenador de Avaliação/ Supervisor de Ensino

DADOS PESSOAIS (Idade, Tempo de magistério, Tempo na função atual, Formação acadêmica).

1. Quais são as atribuições de um coordenador de avaliação?
2. A Secretaria de Educação estabelece alguma diretriz para o uso dos resultados do SARESP? Qual (ais)?
3. O que é feito, na Diretoria de Ensino, a partir dos relatórios do SARESP, divulgados pela FDE? A Diretoria produz algum material, a partir desses resultados?
4. Para você, para que servem os resultados da avaliação de sistema?
5. Para você, o que é uma formação de qualidade?
6. Que ações têm sido desenvolvidas, desde 2000, na Diretoria, visando à melhoria da qualidade da formação do professor?
7. Quais são os projetos desenvolvidos pela SEE/CENP/FDE para a formação de professores? A Diretoria de Ensino elabora projetos próprios para a formação dos seus professores ou trabalha a partir dos projetos elaborados pela SEE/CENP/FDE?
8. Você acha possível utilizar os resultados do SARESP para subsidiar ações de formação de professores? Em sua opinião, qual é a maneira mais efetiva de se formar os professores (no sentido de formação em serviço) na rede estadual?
9. As escolas da Diretoria têm participado dos cursos desenvolvidos pela SEE? Como a Diretoria avalia essa participação?
10. As escolas costumam buscar apoio para a orientação de seus professores na Diretoria? Em que momentos?
11. A Diretoria consegue responder às demandas das escolas? Que ações que a Diretoria ainda não desenvolve, mas poderia desenvolver, em sua opinião, para contribuir para a melhoria da formação docente?

12. Faça uma breve avaliação do trabalho desenvolvido na Diretoria, no que se refere à elaboração de programas e projetos a partir dos resultados do SARESP.

Anexo 2-C: Roteiro de entrevista semi-estruturado para Dirigente Regional de Ensino

DADOS PESSOAIS (Idade, Tempo de magistério, Tempo na função atual, Formação acadêmica).

1. No âmbito da SEE, das ações que têm sido desenvolvidas, desde 1996, visando a melhoria da qualidade da formação dos professores, quais a senhora acha que merecem destaque, que têm sido efetivas? Por quê?
2. A SEE divulga em que dados do SARESP se baseia para estabelecer as prioridades para o trabalho de formação do professor? Como fica, para os profissionais da diretoria, o entendimento dessa relação entre avaliação e formação?
3. Como avalia a chegada dos resultados do SARESP à diretoria? As informações divulgadas são suficientes para apoiar o trabalho junto às escolas e a questão da formação docente? Como a senhora avalia o trabalho de sua equipe da diretoria sobre os dados quantitativos que são divulgados?
4. O que é feito, nesta diretoria, a partir dos resultados (relatório/ cd-rom de dados) do SARESP, divulgados pela FDE?
5. Qual é o papel da Oficina? E em relação ao SARESP?
6. Qual é o papel do supervisor? E em relação ao SARESP?
7. Na sua opinião, para que servem os resultados da avaliação de sistema?
8. Como vê a possibilidade de relacionar os resultados do SARESP à elaboração de políticas de formação docente?

ANEXO 3

**ENTREVISTAS REALIZADAS NAS DIRETORIAS REGIONAIS
DE ENSINO³**

Anexo 3-A: D.E. GAMA⁴

Anexo 3-A.1: D.E. GAMA: Coordenador da Oficina Pedagógica

Data: Outubro/ 05

Em meu primeiro dia de visita à Gama, quando imaginei que apenas conseguiria entregar minha carta de apresentação, acabei conseguindo informações importantes, que parecem destoar um pouco das que obtive em outras visitas.

Ao chegar à D.E., informaram-me que, para conversar sobre o SARESP, eu deveria procurar pela senhora E. na Oficina Pedagógica. A informação causou surpresa, pois não fui encaminhada à Supervisão, onde pensava encontrar o Coordenador do SARESP.

A DE estava recebendo professores para fazer levantamento de pontuação através de títulos e a Oficina Pedagógica estava em polvorosa...Sempre perguntando, esperei um tempo até que a pessoa indicada se desocupasse para que me apresentasse.

Enquanto aguardava, uma outra ATP, foi mostrando os quadros de reunião do SARESP e me apontando algumas ações que estavam acontecendo e que ainda aconteceriam...Explicou, assim, que nos meses de agosto, setembro e outubro, a SEE/ CENP fez uma série de Videoconferências, a fim de preparar os ATP's, o coordenador da Oficina Pedagógica, as Diretoras das escolas e as Vice-diretoras para a aplicação de 2005. A partir dessas conferências, estes agentes, considerados multiplicadores, ficaram encarregados de dar Orientações Técnicas para capacitar os professores-coordenadores e os professores dos ciclos I, II e EM para a avaliação, que se dará em novembro.

³ Na transcrição das entrevistas, optou-se por manter a fala dos entrevistados, tal como gravada, considerando-se que dúvidas, repetições e pausas podem fornecer indícios ao leitor.

⁴ Os dados relatados nesse diário provêm de anotações realizadas durante ou após a conversa com a coordenadora dos ATP's dessa diretoria. Como esse foi um contato inicial, optei por não pedir para gravar a conversa. Creio que o estabelecimento desse vínculo inicial é importante e pode auxiliar nos trabalhos futuros. Infelizmente, essa estratégia metodológica faz com que algumas informações, desses encontros mais informais, possam ser perdidas...

De fato, na grade de reuniões pude observar várias atividades programadas tanto com o ATP de Matemática, quanto com o de LP acontecendo ao longo do mês, ficando curiosa sobre o conteúdo dessas reuniões. Essa ATP explicou, ainda, que como a DE tem 71 escolas públicas, elas são divididas em quatro setores, a fim de diminuir o número de escolas e poder realizar um trabalho mais efetivo, visto que com um número menor de pessoas.

Dadas essas explicações iniciais, passei a conversar com a E., coordenadora da Oficina Pedagógica.

Inicialmente, a professora explicou como funciona a relação entre a equipe de supervisão que coordena as atividades relacionadas ao SARESP (comissão formada por 3 supervisores) e a Oficina Pedagógica, onde os ATP's de LP e MAT ficam responsáveis pelo acompanhamento mais sistemático das ações propostas pela CENP, com relação ao SARESP. Também há, nessa D.E., um coordenador do Programa Letra e Vida.

A coordenadora explicou que o trabalho da Oficina é de executar, ou seja, de planejar as ações de capacitação, enquanto que o trabalho da supervisão acaba acontecendo no sentido de elaborar relatórios mais técnicos (palavras da coordenadora) e auxiliar na execução das propostas da Oficina Pedagógica na escola.

A D.E. trabalha os dados no que compreendi serem duas etapas distintas. Num primeiro momento, os resultados do ano anterior são analisados pelas equipes de supervisão e Oficina Pedagógica, que determinam as metas a serem atingidas e as etapas para o seu alcance. Pelo que pude apreender, essa DE ainda mantém, de certa forma, o Relatório Geral, aquele que, no início das aferições era produzido e entregue à SEE. Segundo uma das técnicas da FDE, esses relatórios haviam sido propostos em um momento inicial, a fim de fazer um trabalho formativo, no sentido de permitir que a equipe da DE construísse conhecimentos sobre as possibilidades de trabalho com os dados da avaliação. Dessa forma, observar que esta DE ainda mantém os relatórios foi um fator que chamou a atenção, nesse início de pesquisa, a ponto de ter pedido para analisá-lo um pouco mais detidamente.

Nele estão o Plano de Ação e as pautas para as reuniões. Analisando essas pautas, percebi que foram realizadas reuniões tanto com os Diretores e Professores Coordenadores, quanto com os professores, em diversos momentos.

Pude observar que, em um primeiro momento, são analisados os dados obtidos, com uma ênfase maior nos resultados de desempenho. Contudo, a DE, segundo a coordenadora da Oficina, também realiza ações pensando na formação do PCP e dos diretores para que possam, assim, capacitar os professores nas escolas. Essa concepção de capacitação, a partir

de multiplicadores, apareceu também na visita à D.E. Alpha, sendo que parece interessante procurar saber se não é uma diretriz da Secretaria.

Durante a conversa, a coordenadora mencionou uma ação que havia sido realizada a partir dos dados de 2004, que foi de convocar o diretor, o professor coordenador pedagógico e um professor de cada escola para a capacitação na DE. Enquanto estratégia de capacitação, que visava ao trabalho com as habilidades, os participantes da ação foram convidados a resolver uma atividade, a fim de que pudessem perceber os tipos de dificuldades que ela gera para os alunos. Esse tipo de ação foi proposto como alternativa para o trabalho realizado durante o ano de 2004, com os dados de 2003, por motivos que serão explicitados posteriormente.

Enquanto apresentava o trabalho realizado pela DE, a coordenadora ia exemplificando sua fala com os relatórios produzidos pela equipe. Uma estratégia utilizada em 2004, com os dados do ano anterior, foi propor que os professores-coordenadores elaborassem gráficos com os resultados de desempenho e os interpretassem, pois a comissão de capacitação havia detectado que a análise dos dados era um ponto ainda deficitário. De acordo com a coordenadora, atualmente as escolas já conseguem elaborar análises mais autonomamente.

Durante sua fala, foi apontada a possibilidade dos ATP's participarem de HTPC das escolas, sendo que este é considerado, na D.E., um importante espaço de formação dos professores. Seria interessante, contudo, poder visitar uma escola a fim de verificar a efetividade desse tipo de ação.

Procurei questionar a coordenadora para saber se há abertura, na Diretoria, para uma ação mais descentralizada a partir das análises que elas fazem dos dados. Pelo que pude entender, essa abertura existe, contudo não foi citado nenhum projeto de autoria da própria Oficina para formar os professores em aspectos específicos. A fala revelou situações pontuais em que isso é feito, mas não um projeto de trabalho. É necessário que essas informações sejam melhor investigadas.

Achei interessante, contudo, a observação realizada em decorrência desse questionamento. Segundo a coordenadora, a DE apresenta baixo índice de rendimento na produção de dissertações. Durante as seleções realizadas na Diretoria para escolha de professores coordenadores pedagógicos, foi verificado que esses profissionais também apresentam déficit nesse tipo de produção. Dessa forma, acreditando que um profissional não consegue trabalhar um conteúdo no qual apresenta dificuldade, a equipe está pensando em um projeto de trabalho com dissertações para o próximo ano.

Enquanto analisava o relatório produzido na DE em 2004, percebi que foram previstas palestras com especialistas na área de Códigos e Linguagens para orientar os trabalhos dos professores de LP, mas não foi mencionado quem seriam esses profissionais. A preocupação parece recair sobre a formação continuada do Professor Coordenador Pedagógico, visto como um a gente importante para “trazer novas práticas metodológicas à escola”.

Outra forma de trabalho da DE que achei interessante foi a divisão das escolas por setores, para diminuir o número de participantes nas reuniões. Imagino que essa medida seja tomada visando ao atendimento mais individualizado das escolas, mas é importante questionar sobre os motivos que levaram a essa sistemática de trabalho junto à equipe. O espaço físico destinado a tais reuniões pode ser tanto a DE quanto a Unidade Escolar ou em alguma escola escolhida para ser o pólo do setor.

Abaixo segue um excerto de um roteiro de trabalho de uma das reuniões propostas.

**ROTEIRO DE TRABALHO DA REUNIÃO DE DIRETORES E
PROFESSORES COORDENADORES – 2ª PARTE**

1. Analisar e observar os seguintes aspectos:
 - Resultados da U.E., DE e ESTADO em relação ao desempenho do SARESP.
 - Os dados da U.E. no que se referem às habilidades e competências com maior e menor índice de acertos.
 - Com os gestores parceiros, as habilidades comuns, com menor índice de acertos.
 - Se as dificuldades permanecem ao longo das séries, na troca de uma escola para outra.
2. Apontar/ sugerir formas e ações de interferência, a fim de minimizar as dificuldades apontadas, buscando a melhoria da qualidade de ensino.

Depois dessas pautas de reuniões, o relatório segue com a elaboração de ações que os PCP's e diretores devem desenvolver na U.E., como, por exemplo:

- Leitura e interpretação do desempenho do Estado, da DE, da Escola pela equipe da escola;
- Listar as habilidades da U.E. com maior e menor índice de acertos por série/ período, analisar os gráficos e os resultados.
- Proposição de ações pela equipe gestora e professores frente à análise dos dados de desempenho da U.E.
- Adequação do Plano de Ensino (professor) face às dificuldades detectadas e às mudanças na prática metodológica.
- Anexar, ao Plano de Ensino, cópia das reformulações necessárias (conteúdos, recursos tecnológicos, práticas metodológicas, instrumentos de avaliação e/ou outras ações).
- Elaborar um cronograma, elencando as ações desenvolvidas pela U.E.

Pelo que pude apreender, esse roteiro é passado para os PCP's e Diretores que têm um prazo para apresentar as documentações solicitadas.

Na fala da coordenadora ficou bem marcado que a Oficina Pedagógica, em conjunto com a equipe de Supervisão é bem firme no sentido de “cobrar” das escolas os resultados das ações propostas. Segundo ela, algumas escolas já perceberam a necessidade de repensar suas práticas a partir dos resultados da avaliação, ou seja, já perceberam a avaliação enquanto “suporte” ao trabalho desenvolvido, a fim de fornecer dados que possibilitem a sua melhoria. Contudo, aponta que muitas escolas ainda percebem o SARESP como “mais uma avaliação ao final do ano” e, se não são cobradas, nada fazem a partir dos resultados. Como um aspecto positivo do trabalho da D.E, a coordenadora aponta a manutenção de um questionário, a ser respondido pelos PCP's, juntamente com os diretores. Na verdade, o questionário (tentarei conseguir uma cópia), deve ser respondido por ambos pela natureza das perguntas, que os “obriga” a sentar e conversar sobre as questões da escola. Segundo a coordenadora da Oficina Pedagógica essa ação tem sido importante porque, muitas vezes, os diretores e PCP's não têm oportunidade, em suas atividades diárias, de fazer uma reflexão em conjunto.

Outra observação que considerei interessante no relatório é a referência que a DE faz aos projetos da CENP: “é de suma importância a socialização dos conhecimentos adquiridos pelas professoras e PCP em projetos e programas, tais como: “Teia do Saber”, “Letra e Vida”, Orientações Técnicas da Oficina Pedagógica e Vídeo Conferências.” Tal observação parece traduzir uma ênfase na concepção da importância da troca de experiências e conhecimentos entre os professores.

Também achei interessante o relato, em tópicos, de uma avaliação das ações desenvolvidas pela DE. A primeira ATP que me atendeu já havia mencionado essa questão. Segundo ela, toda ação proposta no âmbito da DE tem uma avaliação ao final, tanto daqueles que dela participaram quanto dos que a elaboraram...Perguntei se essa era uma diretriz dessa D.E., mas a ATP afirmou que é uma diretriz de trabalho para toda a rede...

Pelo menos em 2004, a equipe de avaliação dessa DE propôs que as escolas fizessem um relatório sobre seus resultados e sugerissem ações que seriam desenvolvidas a fim de sanar/ combater as maiores dificuldades dos alunos. A coordenadora explicou que esses relatórios, produzidos nas escolas, foram lidos pelos supervisores (cada supervisor leu o das

suas escolas), que emitiram pareceres para subsidiar o trabalho tanto da equipe do SARESP na D.E., quanto da equipe gestora da escola, a ser realizado no segundo semestre.

Ao final do relatório também aparece uma auto-avaliação da D.E. no que se refere a duas de suas metas de trabalho, analisando que elas já estavam sendo alcançadas. Também são elencadas as propostas feitas pelas U.E.'s, por ciclo (é um documento interessante...Tentarei conseguir uma cópia).

O que mais chama a atenção, nesse trabalho, é o fato da coordenadora da Oficina, em conjunto com a comissão de supervisores responsável pela avaliação, ter preparado uma devolutiva às escolas, a partir dos pareceres dos supervisores e dos relatórios das escolas. Segundo ela, ao fazer essa devolutiva geral dos relatórios, a equipe da DE tinha como objetivo fazer os profissionais da escola refletirem sobre sua prática. Contudo, segundo ela, essa intervenção não foi bem recebida pelas equipes escolares...Os gestores das escolas teriam avaliado que as análises pouco ajudaram, pois não deram respostas às suas questões, mas sim colocaram outros aspectos para serem pensados. Segundo a coordenadora, muitas escolas ainda querem saber se suas produções estavam “corretas”.

Abaixo reproduzo dois trechos dos pareceres elaborados pela comissão de avaliação, sendo que os textos em negrito representam a fala de Comissão de Avaliação da D.E., enquanto os textos em itálico referem-se a trechos de relatórios produzidos nas escolas:

- 1) **Propostas genéricas:** *“conteúdos ministrados serão reforçados com novos procedimentos metodológicos e através de exercícios que envolvam as habilidades que os alunos tiveram maior dificuldade em atingir.”*
A Comissão pergunta: Quais conteúdos? Quais procedimentos metodológicos? Que tipos de exercícios?
- 2) Projetos “apensados”: as intervenções propostas para as dificuldades levantadas, muitas vezes, restringem-se a projetos que acontecem à parte das ações do cotidiano da sala de aula. Por exemplo: o Projeto Olimpíadas, desenvolvido em várias escolas, ocorreu apenas dentro de um período determinado. A comissão pergunta: embora seja um bom projeto, a questão está na continuidade do trabalho após o encerramento do mesmo; ou seja, o desenvolvimento das habilidades e competências requeridas durante a sua realização esgotou-se ao seu término?
- 3) Trabalho coletivo: ***“os professores de Português trabalharão (...). As demais disciplinas ainda têm dificuldade de se enxergarem na prova.”***
A Comissão pergunta: como fazer para que hoje, de fato, haja um envolvimento de todas as disciplinas (e não só a de LP) no desenvolvimento das competências e habilidades, visando a uma real aprendizagem?

No relatório é apresentado todo o parecer, que mantém a mesma tônica de fazer questões com o objetivo de devolver às equipes das escolas as questões, para que repensem suas práticas. Tal procedimento, coerente com o que está sendo discutido como mais

importante sobre formação de professores, que é suscitar a ação-reflexão-ação, surpreendeu-me, tendo em vista que o início do relatório apontava para uma discussão mais relacionada aos resultados. Fico pensando se essa diretriz, essa indicação sobre como trabalhar os resultados, não seria da SEE/ CENP, já que também foi enfatizada nas outras DE visitadas...Também fiquei curiosa em saber se as DE's têm oportunidade de trocar as ações e projetos que realizam, a partir dos dados.

Também foi mostrada uma outra produção da D.E., intitulado *Organização dos resultados do SARESP – 2000 a 2003*. Nesse material, observam-se, já na página de abertura, alguns comentários que tentam captar as mudanças do SARESP ao longo dos anos, enfatizando que “a elaboração dos gráficos SARESP tem como objetivo uma leitura evolutiva dos resultados obtidos pela Diretoria Centro Sul, considerando-se que em 2000, 2001 e 2002 o SARESP era amostral, em 2000 avaliou através de componentes curriculares e em 2001, 2002 e 2003 passou a habilidade.” Consta, ainda, nessa página de abertura, que foi feito um ajuste e conversão de dados para a equalização. Seria interessante verificar se a SEE/ CENP capacitou a equipe da D.E. no sentido de dotar a equipe de competência técnica para o trabalho a partir das informações sobre a TRI e os procedimentos utilizados para análise, visto que essa equalização parece difícil de ser realizada, da forma como o SARESP se configurou nos últimos anos.

Em tempo: o contato inicial com esta Diretoria, tão profícuo em um primeiro momento, não frutificou os resultados esperados, ou seja, não facilitou a entrada do pesquisador na Diretoria Regional e nem, tampouco, o contato com os entrevistados. Vários contatos foram feitos após a primeira visita, mas não foi possível agendar novas entrevistas. Dessa forma, as informações obtidas nessa D.E. restringem-se ao primeiro contato, transcrito acima.

Anexo 3-B: D.E. ALPHA

Anexo 3-B.1: D.E. ALPHA

Entrevistado: Supervisor de Ensino/ Coordenador do SARESP

Data: Outubro/ 05

Breve comentário sobre antecedentes da entrevista

A ida a essa DE ocorreu na primeira semana de setembro, quando fui me apresentar à Dirigente Regional a fim de pedir permissão para a execução da pesquisa. Nesse primeiro contato, foi possível apenas protocolar a carta de apresentação e o resumo do projeto que, segundo fui informada, seriam enviados à Dirigente. No dia 25/09 entrei em contato com a Sra. M., assistente da Dirigente, a fim de compreender melhor o que era aquela pesquisa. Marcamos uma visita para o dia 27/09 a entrevista com sua superior. No dia da entrevista, a Dirigente, alegando a necessidade de resolver problemas urgentes da Diretoria, não pode me receber, mas permitiu que a pesquisa tivesse andamento. Novamente, M. me encaminhou à Sala dos Supervisores, para que eu conhecesse o Coordenador de Avaliação. Como ele não estava, M. se prontificou para agendar uma conversa com ele, em seu plantão, e me avisar...

Voltei, então, à DE no dia 28/09, onde fui apresentada ao professor e dei uma explicação breve sobre a pesquisa que eu desejava desenvolver.

Nesse primeiro contato, o professor me levou à sala de reunião dos supervisores, um local bastante tranquilo. Falou um pouco sobre as condições de trabalho daquela Diretoria, da formação dos professores da região e mostrou-se preocupado com as perguntas...Entreguei-lhe o questionário que havia preparado, que ele leu junto comigo, comentando a pertinência das questões. Como a entrevista levaria um certo tempo, remarcamos para o dia 05/10.

No dia marcado, ao chegar ao plantão, o professor já havia separado alguns materiais sobre o SARESP, dizendo que muitas coisas ele não lembrava de memória...Mostrei-me interessada pelos materiais e agradei pelo disquete que ele já havia me emprestado. Não nos deslocamos para a entrevista, ficando na mesma sala de Plantão da Supervisão, onde há normalmente um considerável número de pessoas entrando e saindo, além da presença do outro supervisor.

Pedi para gravar a entrevista. O professor não negou, mas percebi que ele procurava, sempre que possível, afastar o gravador.

Como seu comentário inicial foi acerca do excesso de atividades na supervisão, achei melhor conversar um pouco informalmente, para não ir diretamente ao questionário. Assim, a primeira parte da entrevista não teve a preocupação de seguir o roteiro, mas se ateu a questões mais gerais.

AB: Além das atividades da supervisão, o senhor faz...

C.A.: Autorização de escolas novas, autorização de novos cursos, e os eventos. Hoje à noite, por exemplo, vai ter o Progestão, um curso, e me convidaram também para ir a uma palestra com o Augusto Cury, lá em Sto Amaro...Eu vou ao Progestão que é mais perto, deixa Santo Amaro...

AB: Onde é o curso?

C.A.: O Progestão quem faz são os tutores que são nossos supervisores mesmo e fazem para a nossa região.

AB: É bastante coisa para dar conta...Vocês estão em pouca gente, no quadro da Supervisão?

C.A.: Nós somos em 20 supervisores, que é o máximo, então são 20, para 220 escolas, cerca de 6000 professores para atender, somando todas as escolas, só as públicas, fora as particulares e o complexo é que tem muitos projetos da Secretaria da Educação, abriu muitos projetos...

AB: Eu estava olhando e tem bastante coisa de formação...

C.A.: Nossa! Letra e Vida, Escola da Família, Progestão, tem um monte, né...Ação Jovem, o Programa do Primeiro Emprego...Tem um monte...

AB: E vocês acompanham todas as ações desses programas?

C.A.: Tudo...Acompanhamos tudo...Projetos, verbas, onde eles aplicam as verbas, tudo né...É complicado...

AB: Qual a carga horária de trabalho de um supervisor?

C.A.: Oito horas diárias...E nessa época do ano tem muitas pessoas solicitando autorização para cursos novos, escolas novas e a gente tem que analisar todo o processo, ir atrás, vistoriar...É complicado...Escolas particulares.

AB: E o senhor, com esta função de coordenador do SARESP, também tem o SARESP agora...

C.A.: Nossa senhora...Já, já vão chamar e vai ter um monte de coisa para fazer. Aí chama para a reunião de cada diretoria e todo o estado de São Paulo para fazer reunião aqui em São Paulo.

Depois a gente repassa para todos os diretores, para todos os coordenadores pedagógicos das escolas que passam para os professores, vai repassando.

AB: Sim, mas são reuniões de orientação para a prova?

C.A.: Reuniões de Orientação Técnica. Como eles devem motivar os alunos, que dia que vai ser a prova, quando que vão chegar os pacotes das provas, onde chegarão, como retirar, como receber de volta, tudo...Nós temos que receber tudo e verificar se está tudo certinho: o que volta, o que fica na escola... O pessoal comete erros, traz tudo errado... Tem gente que marca só o gabarito e manda o livrinho todo de volta. É uma logística muito complicada...

AB: E no sentido de orientação? Antes vocês produziam esses relatórios...E no sentido de orientação da Secretaria para o trabalho?

C.A.: Bom, agora nos recebemos os índices, em porcentagem... Esses índices e as porcentagens também a escola recebe, mas nós fazemos a reunião aqui com os diretores das escolas, com os professores-coordenadores pedagógicos e apresentamos todos os dados. Com base nesses dados a gente propõe ações em cada escola para sanar, para refazer o planejamento, para atacar aqueles pontos de maior dificuldade dos alunos. Então isso é trabalhado nas Oficinas Pedagógicas e principalmente nos HTPC's que tem toda semana. Os professores analisam: em tal ponto de Língua Portuguesa os nossos alunos foram muito mal...Então vamos refazer o planejamento e vamos trabalhar esse ponto de interpretação de texto, por exemplo...Como eles devem saber interpretar texto de história, de geografia, de Língua Portuguesa, de todas as disciplinas, Ciências, etc...Como vamos trabalhar mais isso...Então a escola monta um projeto, como ela vai se dedicar em trabalhar mais esse bloco.

AB: E esse projeto, ele tem apoio da Diretoria...?

CA: Tem. Nós acompanhamos. O supervisor acompanha e a Oficina Pedagógica.

AB: Então o senhor acaba fazendo um trabalho bem próximo com a Oficina Pedagógica no sentido do resultado?

CA: Exatamente...

AB: E os projetos da Oficina, como funcionam?

CA Por exemplo, esse ano eu fiz muitas críticas às escolas quanto às redações...Muito deficitárias as redações. Então muitas escolas estabeleceram projetos no decorrer do ano para trabalhar com mais ênfase a redação: a narração, a dissertação, a descrição...A dissertação usa mais no Ensino Médio, né...A descrição de 1^a. a 4^a. e a narração de 5^a. a 8^a. série...Então as escolas elaboraram projetos para que o aluno escreva mais, porque nós temos essa deficiência, pois o professor de Português não tem tempo de ficar corrigindo tudo isso, então precisa ter um projeto onde seja trabalhado mais isso...E não só envolver Português, mas envolver todas

as outras disciplinas. Todas têm que exigir que o aluno escreva com pensamentos completos e claros, com seqüência, numa linha de pensamento completo...

AB: Mas tem um problema, professor, e aí eu vou puxar um pouco para o meu assunto...A gente tem uma questão de professores formados com um certo déficit...Se a Diretoria está vendo uma recorrência nos dados, tem como planejar uma ação para ir direto ao ponto, uma formação que ela ache que vai atender um determinado grupo de professores?

CA: Nós temos detectado assim que há...Que os professores saem das universidades com muitas falhas, com muitas deficiências. Então, no decorrer do ano, nós trabalhamos com Orientações Técnicas...Seriam palestras, cursos práticos para esses professores, proporcionados pela Oficina Pedagógica para sanar exatamente essas dificuldades, para trocar idéias, ver o que eles podem trabalhar de forma melhor com seus alunos, com mudanças de atividades, novas metodologias de trabalho, atividades diversificadas...A gente vai treinando os professores, né...Inclusive tem a Teia do Saber, que está oferecendo cursos e muitos professores estão fazendo, já há vários anos...E o Programa também, o Projeto Letra e Vida, Projeto de Alfabetização de 1ª. a 4ª. Série...E o “Letra e Vida” e números também na Informática.

AB: Mas sobra tempo para a Diretoria...O Sr. contou que também acompanha esses projetos...

CA: Isso, nós temos uma Oficina Pedagógica, ela tem umas 10/12 pessoas que só trabalham isso. Nós supervisores, temos um monte de atividades diversificadas, então a gente dá uma pincelada. Agora o pessoal da Oficina Pedagógica tem o ATP de Língua Portuguesa, o ATP de Matemática, o ATP de Ciências, o ATP de 1ª. a 4ª. Série.Então esses acompanham mais de perto...

AB: Mas o ATP vai à escola?

CA: Vai...Ele reúne várias escolas, ou aqui ou nas escolas, visita as escolas também...

AB: Então ele pode fazer uma dinâmica, juntar algumas escolas que apresentem resultados parecidos...

CA: Exato, perfeito... Às vezes ele convoca alguns professores, alguns outros aqui, às vezes ele vai à região, nas escolas, e monta palestras lá...

AB: Então...

CA: Tem também no Ensino Médio, o projeto Ensino Médio em Rede que tem dado bastante ênfase ao novo ensino Médio, com palestras que vêm através de videoconferência da Secretaria de Educação e onde todos os coordenadores participam. E depois os coordenadores

pedagógicos das escolas. E depois os coordenadores, nos HTPC's, repassam todo esse trabalho aos professores. É um projeto muito bom que iniciou no ano passado, desde julho e estará continuando.

AB: No site da Secretaria de Educação tem bastante coisa agora, para o Ensino Médio...

CA: Muito, muito...

AB: Eu só fiquei nessa curiosidade...Será que a Diretoria pode fazer...

CA: Tem o "Teia do Saber" e tem o Ensino Médio em Rede...

AB: Mas esses cursos são para toda a Rede, né?

CA: E também é oferecido o mestrado...

AB: Mas esses projetos são para toda a rede...Se houver um problema mais específico ali, da minha escola, a Diretoria consegue atender também?

CA: Aí é que os ATP's de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História vão nessa escola, para complementar...Vão especificamente nesta escola...

AB: E como são definidos os conteúdos a serem trabalhados no projeto Teia do Saber, no projeto do Ensino Médio...Como que eles sabem que é aquilo que o professor está precisando?

CA: Exatamente com os dados que eles obtém através do SARESP...Eles trabalham...Eles sabem quais são os pontos em que há maior dificuldade por parte dos professores.

AB: Mas a Diretoria tem alguma participação nisso? A Secretaria faz alguma consulta à Diretoria, já que vocês estão mais próximos? É uma instância que está no meio entre a escola e a Secretaria...

CA: É, às vezes eles mandam algum questionário para que a gente possa responder, via e-mail, via Internet...

AB: Então o Sr. acha que há uma preocupação em fazer algo bem casado aos resultados? Pergunto porque nos documentos do SARESP que li aparece uma preocupação em subsidiar a formação dos professores, mesmo os currículos...O sr. Acha isso possível?

CA: Acho possível, isto está sendo trabalhado. Olha, nunca houve tantos cursos para os professores como teve agora...

AB: Mas isso já está desde o começo do SARESP?

CA: Não, são coisas mais recentes, com a mudança de secretário tem aumentado bastante. A Secretaria tem trabalhado com muitos projetos, inclusive Inclusão, projeto de atendimento às pessoas diferentes, para que sejam iguais...Projetos muito interessantes e muito bons...Tem se valorizado mais, agora, uma coisa que não tinha antes, a Suplência...Muita gente, muitos

cursos de suplência nas escolas, coisa que antes não tinha...A maioria de nossas escolas, agora, tem suplência no noturno.

(Aqui a entrevista é parcialmente desviada pela entrada de uma mãe, de escola particular, que foi fazer uma reclamação sobre o professor de sua filha. O professor começa a falar sobre sua concepção de escola pública e privada, sobre o salário do professor, etc.).

AB: Eu vou agora, tentar pegar um pouquinho das questões...Qual a idade do senhor...

CA: Idade? 56.

AB: O sr. está no magistério há quantos anos?

CA: 35 anos...Não me identifico com outra profissão, sempre quis trabalhar em educação. Ou dando aulas, ou sendo coordenador, supervisor, diretor...Acho que eu não consigo fazer outra coisa por enquanto...Mais tarde quem sabe...Quando eu estiver aposentado daqui...Mas quando eu estiver aposentado, eu tenho certeza que eu vou buscar uma escola, dar uma aulinha...

AB: Quem gosta da educação não larga, né? Nessa função que o senhor está de supervisor...

CA: Como supervisor, estou há 13 anos.

AB: E aí o sr. acumulou a coordenação de avaliação desde 1997...

CA: É...A coordenação é uma das funções da supervisão...

AB: E a formação acadêmica do sr...

CA: Minha formação acadêmica...Sou formado em Letras, formado em Filosofia, formado em Pedagogia, tenho pós-graduação em Psicopedagogia (faz tempo que eu fiz e não me lembro mais nada...).

AB: Quais são as atribuições do sr. como coordenador de avaliação? Essa foi uma função criada com o SARESP, né?

CA: Exato...

AB: Foi logo no início professor, já em 1996?

CA: Sim, mas não era eu...Bem, as funções...(pegando um manual do SARESP). É aquilo que eu disse, faz tanto tempo que eu não pego esse material. É tanta coisa...

AB: Mas não precisa se preocupar. Conte-me sobre suas atividades...O sr. já me disse que faz análise dos dados, prepara a escola, faz interlocução com a oficina...

CA: Olha, mais ou menos está aqui, ó...(e começa a ler o manual). Participa do treinamento promovidos pelos órgãos centrais da Secretaria da Educação...Está tudo aqui...Você pode copiar...E depois eu vejo se acrescento mais alguma coisa...Atribuições da equipe de avaliação da Diretoria de Ensino...

AB: A equipe também é o sr. que coordena?

CA: Eu coordeno a equipe, não vou trabalhar sozinho...Eu tenho mais 5 ou 6 me ajudando...A equipe de Avaliação da Diretoria de Ensino é formada em geral por 5 supervisores e o ATP de Língua Portuguesa...

AB: É uma avaliação monstruosa, não?

CA: É...Essa é a maior avaliação do mundo. Envolve 6 milhões de pessoas. Teve avaliação do ENEM em todo o Brasil...Quantos foram? Três milhões...Só o SARESP, no estado de São Paulo, é o dobro...Você não quer ir anotando, aí, não?

AB: E essa proposta de fazer o SAEB censitário, para todos, o sr. acha necessária?

CA: Não, tendo o SARESP não há necessidade. É que eles querem uma fotografia mais para o MEC, né? Mas não há necessidade de fazer com todas as escolas. Pode continuar do jeito que está...Aliás, já está chegando o SAEB...Eu fui a uma escola ontem à noite, e diz que o MEC já ligou lá, dizendo que a escola foi sorteada e ela vai fazer a avaliação...Por que eu coordeno o SAEB também...Coordenava, agora não sei se vai passar por aqui... Eu não recebi nenhuma orientação até agora.

AB: Eu não sabia que o SAEB também passava pela Diretoria...

CA: Passava por aqui também...Não sei se vai passar esse ano. Nós que coordenávamos as escolas. Mas a gente só fazia uma coordenação geral, pegava as provas e mandava para o MEC. Não fazíamos nenhuma análise, só a organização.

CA: *(mostrando um dos itens do manual)*...Esse aqui é um dos mais importantes: “Proceder à consolidação dos dados das escolas de sua área de abrangência, analisando-os e interpretando-os...”.

AB: *(Comentando sobre as funções da coordenação)*. Mas...Atualmente, na Diretoria, vocês produzem alguma coisa para enviar para a escola?

CA: A gente analisa junto com as escolas, mas relatório não faz mais, você está vendo? Os mais importantes do que a gente faz agora é esse aqui e esse... *(apontando itens 13 e 14 das atribuições da equipe de avaliação)*. Esses aqui são muito importantes de você colocar...

AB: O sr. acha que a escola, sem o apoio da Diretoria, tem como trabalhar os dados?

CA: Se a gente não fica cutucando ele param e não fazem...Tem que ficar cutucando, tem que ficar fazendo reuniões, tem que ficar motivando...Se não eles chegam, dão a sua aula e largam o SARESP...

AB: Mas o Sr. acha que é uma falta de interesse da escola ou uma dificuldade em trabalhar com os dados, pois a gente não vê esses dados todos os dias...?

CA: Eu observo que seja mais uma acomodação, vamos dizer assim. É muito mais fácil você ficar com o seu trabalho do dia-a-dia do que ficar procurando coisas novas, diferentes...

AB: E quando a Diretoria cutuca para uma mudança de currículo ou sobre a forma de trabalhar, a escola se incomoda ou aceita bem?

CA: Sempre tem resistência. Sempre há mudanças e sempre tem resistências...Como em todo e qualquer lugar.

AB: (Mostrando o manual) Esse parece importante...Processo de implantação de uma cultura avaliativa...

CA: É...Agora já existe essa cultura...No começo...Nossa! A gente fazia uma reunião aqui, nesse auditório, vinha aquela turma, naquela época (hoje deve ter mudado), mas na época eram os famosos da “turma do PT” que sempre eram contra, eram da APEOESP, e levantavam a mão, faziam mil questões, o que o governo pretende com isso, o que é isso, agora está fazendo uma investigação de como a escola trabalha? Cadê a independência? Cadê a democracia? Aí eu fui colocando isso para eles...Agora está mais fácil, mas no começo não tinha essa cultura da avaliação...Eles achavam que era para perseguir a escola, para ver quem ia mal...Não é isso. É uma análise do sistema, né? Como um todo...

AB: No que se refere, professor, à diretriz da Secretaria para o trabalho. A Secretaria da Educação fala isso para a Diretoria? Deixa reformular...Além dessas atribuições, a Secretaria fala para a Diretoria como ela vai trabalhar com os dados ou a Diretoria tem flexibilidade para trabalhar de acordo com o que ela acha que as escolas estão precisando?

CA: A Diretoria de Ensino tem flexibilidade para trabalhar com as escolas de acordo com aquilo que elas estão precisando. Lá (na Secretaria), eles motivam, dão os dados gerais, mas não interferem...

AB: E como começou...Por que o SARESP usa uma metodologia estatística que é um pouco complexa...

CA: Bastante complexa...

AB: Pois é...Que é a Teoria da Resposta ao Item...Quando começou, a Secretaria fez algum trabalho com os supervisores, com os coordenadores, para estarem entendendo essa Teoria ou ficou um pouco por conta das pesquisas individuais de cada equipe de avaliação?

CA: Não, em todos os anos, por vários anos, nós tivemos muitas palestras, pessoas contratadas, principalmente da USP e da UNICAMP, orientando como deveríamos trabalhar esses dados estatísticos...Tivemos palestras...Eu não lembro o nome das pessoas, mas tinha até

convites...Eu lembro que uma era a Claudia Davis...Mas outros nomes eu não lembro agora, viu? Olha, isso aqui é da equipe da FDE que trabalhou com a gente...Essa Silvia Helena, da Unicamp (*mostrando o nome no manual de orientação*), fez bastante palestra para gente...

AB: Então teve uma assessoria para entender o que é...

CA: Sim, claro, por vários anos...Palestras e orientações...

AB: O Sr. me falou dos relatórios do SARESP...No começo vocês faziam esse, divulgavam, mas agora é a Secretaria que manda...

CA: é...Ela manda os dados estatísticos e um relatório...O de 2004 disse que ia mandar, mas até agora não mandou o relatório...Só tem esses dados desse disquete...

AB: É uma análise que demora, né?

CA: Você já imaginou analisar os dados de todo o estado? Demora mesmo...Não tem jeito. Agora os dados estatísticos de cada escola, já no início do ano, para o planejamento, eles já mandaram.

AB: Para a escola poder trabalhar sobre eles?

CA: Para a escola poder trabalhar. Agora mandaram esses dados gerais...

AB: Mas aí a Diretoria não tem como acompanhar esse trabalho da escola, se vai direto para lá...

CA: Não, mas os supervisores visitam as escolas...E vieram os dados gerais também da Diretoria...E nós fomos obrigados a ir lá e acompanhar o planejamento...Então a gente acompanha...

AB: Ah, entendi! É com esse relatório que vem a análise, porque o sr. me falou que agora é a FDE que faz uma análise e já manda...Vocês sentam e estudam os relatórios. Mas existe algum trabalho específico que vocês fazem a partir do relatório que eles mandam, ou só tiram idéias para o trabalho?

CA: Então, aí cada escola pega esses relatórios e vai estudar e vai ver onde ela está com problemas para sanar esses problemas, para atacar no planejamento do próximo ano.

AB: E aí ela pode trazer para a Diretoria para pedir apoio?

CA: Exato...

AB: Para o senhor, para que servem os resultados da avaliação? Além de tudo o que vocês fazem...

CA: Bom, primeiro, como já te dei uma resposta, é para mudar a cultura avaliativa das escolas...Segundo que é para verificar nas escolas os pontos que eles têm mais dificuldades, que os alunos tem mais problemas, e procurar atacar esses problemas todos, e tem uns outros, né, que são importantes, que devem estar aqui no começo (*e volta a folhear o Manual de*

Orientação) que é a questão das políticas públicas...Olha só: “objetivos gerais: desenvolver um sistema de avaliação do desempenho dos alunos do ensino fundamental e médio do estado de São Paulo, que subsidie a Secretaria de Educação nas tomadas de decisão quanto às políticas educacionais do estado”.

AB: O senhor acha que isto está sendo feito? Eles estão conseguindo?

CA: Está sendo feito...Tem novos projetos, tudo né? E tem esse objetivo que é fundamental, que é o que interessa à Secretaria da Educação (*e lendo no manual, continua...*), que tem a ver com a capacitação...Envolve muito dinheiro...

AB: E o senhor acha que isso é possível? Por que a grande discussão...

CA: Claro, com base nesses dados você vê que está mudando muitas coisas: está mudando currículo...

AB: No sentido de proposta curricular?

CA: É...De proposta curricular mesmo...O Ensino Médio em Rede é para isso...Para mudança de proposta curricular. Está vendo? (*E volta a ler no manual*) “oferece à Secretaria de Educação informações técnicas e gerenciais que permitem formular e avaliar programas e medir a qualidade de ensino”. Essa primeira e essa última são muito importantes...

AB: Eu estou insistindo nesse ponto porque tem uma discussão, entre os que estudam avaliação, se realmente precisaria que o sistema viesse a dizer para a escola como ela está...Ou seja, a escola não teria como fazer esse tipo de análise?

CA: É...Existe a parte da escola e existe a parte geral, né, das políticas educacionais...Como o sistema de educação sabe como é o funcionamento das escolas? Ele sabe de uma forma, vamos dizer, rudimentar. Imagina...Agora com isso (SARESP) ele já tem uma fotografia mais real do que está acontecendo no sistema, é ou não é? Com base nisso ele pode criar políticas públicas mais adequadas, direcionar verbas para objetivos mais reais, de mudança...Esses pontos são fundamentais.

AB: O Sr. me falou de um monte de projetos que estão sendo feitos...

CA: É...São tantos que eu nem sei todos, viu...

AB: Não, não tem problema...Pensando na melhoria da formação do professor, tem esses projetos como Letra e Vida, Ensino Médio em Rede, Teia do Saber...Tem alguma coisa que vise também à melhoria da qualidade da formação e que é mais específica da Diretoria, que não venha via Secretaria...

CA: Sim, nós temos...O Encontro Anual de Educadores. É uma semana, um Congresso de educação, elaborado, montado, criado, desenvolvido pela Diretoria de Ensino...

AB: Específico dessa Diretoria?

CA: Exatamente!

AB: E é uma semana?

CA: Na realidade são três dias...Três dias...São palestras, oficinas, trocas de experiências, relatos de experiências bem sucedidas.É isso...São esses quatro pontos básicos que são feitos... É muito bom, viu...Muito importante...São todos os pontos importantes, projetos interessantes que foram desenvolvidos no decorrer do ano. É sempre feito no início de novembro.

AB: É impressão minha ou ele fica bem com a cara da região?

CA: Fica bem com a cara da região, exatamente, porque chamamos professores de diversas disciplinas de todas as escolas. É o melhor projeto que nós temos, com um sucesso extraordinário...

AB: O sr. tem escolas que questionam os resultados do SARESP quando chegam?

CA: No momento não temos mais...Tínhamos antigamente, mas agora não temos mais.

AB: Agora elas estão...

CA: Tão...tão...O SARESP entrou na cultura dos professores, já faz parte da rede, do sistema e da cultura dos professores...Não há mais questionamentos...No início havia muito mais...

AB: E tem alguma ação, aqui na diretoria, o sr. falou que vocês chamam, no começo do ano, para discutir os dados...

CA: Além do que nós vamos às escolas também e verificamos...Cada supervisor vai às suas escolas, analisa, aponta, faz reuniões...

AB: Agora que já está mais perto da próxima aplicação tem alguma coisa programada na Diretoria ou não?

CA: Não, por enquanto não...

AB: E as escolas, com essa volta da Matemática, o que o sr. está sentindo?

CA: Elas estão se preparando...As escolas já estão se preparando, já estão preocupadas e estão trabalhando para que tenham sucesso. As escolas já estão motivadas, nós já avisamos, eu já avisei, em reunião geral, todos os diretores, todos os coordenadores pedagógicos, avisei e eles já avisaram os professores...E os professores estão desenvolvendo ações e projetos para a melhoria da matemática na escola, para que tenham sucesso no SARESP.

AB: E como é que a escola pode saber quais são os conteúdos a serem trabalhados?

CA: São os conteúdos básicos incluídos nos Parâmetros Curriculares Nacionais...

AB: Ah! São os Parâmetros...A base do SARESP são os Parâmetros?

CA: São os Parâmetros Curriculares...

AB: Pergunto porque o SAEB tem as matrizes curriculares definidas, que são utilizadas, baseadas nos Parâmetros...O SARESP não tem nada estruturado, no sentido de uma proposta curricular? A base são os Parâmetros?

CA: Os Parâmetros Curriculares Nacionais e também de acordo com a característica de cada clientela em que está instalada a escola...Você pega uma escola em Perdizes, ela vai ter um perfil, nós pegamos lá em Taipas, há um perfil um pouco diferente...Então é também de acordo com o perfil de cada clientela...

AB: Mas aí não há prejuízo de uma escola para outra? Por que o SARESP é igual para todo mundo...

CA: Mas é que ele trabalha mais com habilidades e competências...Então mesmo que a escola trabalhe de forma diferenciada, o SARESP tem condições de medir...

AB: Então se de repente naquela minha turma em Taipas eu precisei trabalhar mais com adição e subtração, e a escola de Perdizes ficou mais em Geometria, isso não dará desigualdade nos resultados?

CA: Pode até dar alguma desigualdade sim, mas aí é a escola que vai entender o porque que deu essa desigualdade de acordo com as necessidades daquela clientela...

AB: Então mesmo assim a escola tem como pensar seus resultados para aprimorar seu trabalho...

CA: Sim, tem como pensar...

AB: Já está acabando, professor...Para o senhor, o que é uma formação de qualidade para o nosso professor?

CA: Eu acho essa pergunta complicada...Bom, o professor de qualidade é aquele professor que tem competência técnica e compromisso político. São dois pontos que vão dar ao professor uma formação de qualidade. A partir do momento em que ele procura, cada vez mais, se atualizar, cada vez mais estudar, cada vez mais aprender, e não só aprender na sua disciplina, mas também na área de Psicologia da Educação, ele vai conseguir trabalhar melhor seu aluno; na área da Didática, da Metodologia do Trabalho Educacional...E outro aspecto é o compromisso...O que acontece no serviço público, na educação como em outras áreas, é que muitas vezes nós temos que chamar a atenção do professor para a questão do compromisso político, não é só eu ter o meu emprego, estabilidade, e ficar acomodado no meu canto...Então a gente chama a atenção para a atitude do professor, para com o compromisso com a Educação...De gostar do aluno...De gostar do que faz...De oferecer as coisas mais diversas para o aluno e não só questões de rodapé, mas sim são questões que fazem ele (aluno) valorizar o aprender a aprender...São os princípios: aprender a ser, aprender a conviver...Então

o professor tem que trabalhar todas essas características da clientela para que ele (aluno) se forme um bom cidadão, um cidadão que saiba usar habilidades, competências, no seu trabalho, na sua família, no seu emprego, na sua área de atuação...Então isso que eu acho que é um professor bem formado: aquele que sabe educar...Que educa, que acompanha, que dialoga com o jovem, faz um trabalho de crescimento e amadurecimento constante com os seus alunos. Enquanto o aluno aprende, ele (professor) também está aprendendo junto, está crescendo junto...

AB: Os cursos que a Secretaria propõe, ou mesmo que a Diretoria propõe a partir dos resultados do SARESP, estão incidindo na vertente que o sr. falou da atualização?

CA: Sim, da atualização constante...E outro aspecto muito importante que você está me fazendo lembrar é que hoje é muito importante o treinamento em serviço...Participar do treinamento em serviço. Significa atualizar-se também nas escolas, nas reuniões pedagógicas, nos HTPC's...Eles servem para quê? Servem exatamente para isso...Não é para ficar dando "avisozinho", não é para ficar simplesmente discutindo o que o aluno fez, aspectos disciplinares, mas é para que o professor cresça nos aspectos pedagógicos.

AB: E a Diretoria consegue levar essa idéia para o professor coordenador pedagógico?

CA: O professor coordenador tem muito treinamento e depois ele repassa...

AB: Mas é tudo aqui na Diretoria...

CA: Na Diretoria, em videoconferências, em teleconferências, em subsídios que vêm da Secretaria da Educação: livros, propostas...

AB: E a formação cultural do professor...Como anda?

CA: Justamente a gente está trabalhando tudo isso para melhorar a formação cultural do professor que está muito precária...A gente procura abrir, fazer com que ele participe mais, com que ele cresça culturalmente, para poder transmitir ao aluno...

AB: Mas ações voltadas para isso, no sentido de levar o professor ao cinema, fazer rodas de leitura para o professor...

CA: Não...Aqui na Diretoria de Ensino e na rede isso é difícil...Isso acontece na própria escola...Às vezes o professor leva o aluno a um cinema, a um museu, isso acontece bastante...Às vezes vai um palestrante lá, trabalhar...O diretor convida...Então tem esse trabalho, que não é tão intenso, mas que tem também nas escolas hoje...Parcerias com empresas, palestrantes...

AB: O sr. me disse que acha possível estar usando o SARESP para subsidiar a formação desses professores, para indicar o que precisa trabalhar mais...O Sr. acha que precisa de alguma outra coisa...O Sr. teria uma sugestão do que complementaria esse casamento

entre o uso dos resultados e a formação? O Sr. vê alguma coisa que, de repente a Secretaria ainda não olhou e que, por sua experiência, o sr. acha que poderia ser feito?

CA: Eu tenho sugestão sim...Eu acho que precisaríamos ter mais verbas para encontros no decorrer do ano, de orientações técnica para os professores, na Diretoria de Ensino, com especialistas contratados...Mas para isso precisaríamos ter verbas...Houve um ano que recebemos várias verbas e contratamos especialistas que vieram aqui dar palestras para professores de Matemática, para professores de Português, professores de Ciências...Encontro de professores de Física e Química...Mas ultimamente nós não temos...Então eu acho que essa Orientação Técnica, esse acultramento local realmente está falhando e precisaríamos então ter, nos locais de trabalho, nas nossas áreas de atuação, precisaríamos de verbas para contratar as pessoas especialistas para virem treinar nossos professores.

AB: No que o Sr. está vendo que é necessário, né?

CA: É...O que nós estamos tendo agora...Por exemplo, o Programa Teia do Saber...Então eles vão com os professores universitários lá em São Bernardo, aqui em São Paulo, não sei aonde, mas será que estão trabalhando realmente esses professores nas deficiências do SARESP? Acredito que não...Agora se fosse em relação à Diretoria de Ensino, nós poderíamos dizer, então, vamos atacar isso, vamos aprimorar aquilo, tais e tais pontos em que o professor tem deficiência...Um curso, por exemplo, de redação, é importante para todos e os professores não têm...Um curso para facilitar e motivar mais os professores de Matemática...Então faltam verbas para que se trabalhe o professor na Diretoria de Ensino. O que nós fazemos é lermos os dados e atacarmos, daqui, com o nosso trabalho, nós precisaríamos era contratar especialistas para isso...

AB: Bem, professor, obrigada pelo seu tempo e sua atenção.

Anexo 3-B.2: D.E. ALPHA

Entrevistado: ATP. De Língua Portuguesa⁵

Data: Novembro/ 05

TEMPO NA FUNÇÃO: 14 meses

FORMAÇÃO: LETRAS

Iniciamos a entrevista com uma breve explicação sobre a pesquisa que está sendo desenvolvida. A professora entrevistada explicou que havia assumido a função em julho de 2004, a partir de um convite da D.E. que estava sem ATP de LP há um ano. Assim, a entrevistada veio diretamente da sala de aula para o órgão intermediário. Tal experiência lhe proporcionou um entendimento diferenciado do trabalho realizado na Diretoria de Ensino e a compreensão de algumas questões de gerenciamento do trabalho na D.E. que se mostraram diferentes do que imaginava quando atuava em sala de aula.

Sobre a função do ATP, a professora enfatizou que, antes de chegar à Alpha, tinha uma concepção do ATP enquanto o formador responsável pelo apoio técnico-pedagógico à escola. De fato, o Assistente Técnico-Pedagógico seria aquela pessoa responsável pela elaboração de projetos de suporte ao trabalho realizado na escola, apoiando inclusive a formação contínua dos professores. Atualmente, a função do ATP está mais relacionada ao intercâmbio entre a Secretaria de Educação e a escola, sendo que esse profissional tem trabalhado mais no acompanhamento dos projetos elaborados pela SEE do que em sua elaboração propriamente dita.

Sendo assim, ao chegar à Diretoria, a professora percebeu uma aparente mudança na concepção sobre as tarefas do ATP, que passou de *elaborador* de atividades para *executor* de atividades formuladas pela CENP, tendo se decepcionado um pouco no sentido de suas novas atribuições, já que tal concepção limitou um pouco o trabalho de criação que, antes, era inerente à função. A professora deixou claro que ainda existe a possibilidade dos ATP's fazerem um trabalho mais relacionado ao cotidiano das escolas, mas como houve um *boom* de projetos da Secretaria, notadamente nos últimos dois anos (atualmente são 126 ao todo), sobra pouco tempo para que outros projetos sejam elaborados.

⁵ Esta entrevista foi realizada sem o uso de gravador, já que o mesmo não foi permitido pelo entrevistado. As transcrições foram feitas a partir das anotações tomadas durante a conversa.

Explicou, também, que a SEE/ CENP tem enfatizado as ações de formação através de videoconferências (VC's). Quando questionada sobre sua percepção do envolvimento dos professores com esse tipo de atividade, disse que estes têm feito muitas reclamações sobre a dinâmica das teleconferências e sobre seu caráter impessoal, apesar dos temas tratados serem, no geral, bem aceitos. Ressaltou, contudo, que como os assuntos trabalhados têm um caráter mais macro, ou seja, são temas mais amplos, gerais, muitos professores comentam que as propostas são utópicas e não servem ao trabalho da sala de aula. Em suma, apesar dos professores gostarem, no geral, dos temas trabalhados, preferem as atividades presenciais. Disse, também, que as videoconferências não são bem avaliadas, de modo geral. Segundo sua percepção, os professores dessa região sentem falta de um contato mais pessoal.

Ressaltou, porém, que dependendo do conferencista, de sua habilidade na condução das discussões, as VC's são mais aceitas. Segundo sua avaliação, os professores, professores-coordenadores, diretores, ou seja, o público-alvo de cada videoconferência, ressentem-se de atividades presenciais, onde sejam discutidas mais amiúde questões relacionadas ao dia-a-dia da escola.

Tendo em vista esse caráter mais mediador que o ATP assume durante essas atividades, ao ser perguntada sobre o preparo dado pela SEE para que realize o acompanhamento das propostas de formação/ capacitação, a entrevistada informou que a SEE tem oferecido muitos cursos e orientações para o assistente técnico-pedagógico. No caso das videoconferências, explicou que sempre que há o lançamento de um projeto, os ATP's são chamados para uma atividade, onde são expostos os objetivos do projeto, os conteúdos a serem trabalhados, etc. Também é fornecida ao ATP uma bibliografia básica de estudo, para que possa acompanhar as ações. Ainda se referindo às videoconferências, explicou que as atividades e dinâmicas propostas antes ou depois da reunião são elaboradas pela CENP, sendo que o ATP somente as aplica e tira as dúvidas que possam surgir.

Através, então, das ações de capacitação, espera-se que os exemplos dados, os projetos, enfim, os conteúdos apreendidos sejam realizados na escola, cabendo aos supervisores verificarem se os projetos estão em andamento e aos ATP's acompanharem sua execução, dando o apoio necessário à escola.

Questionada sobre se sentia a existência de uma demanda das escolas para o suporte da Oficina a outros projetos, que não os da CENP ou, ainda, para a formação em serviço dos professores em um determinado conteúdo, a ATP explicou que algumas escolas sentem falta de um tipo de formação ou apoio mais específico. Ponderou que, apesar desse apoio ser esperado, a possibilidade da Oficina Pedagógica dar conta desse trabalho é pequena, em vista

da quantidade de projetos que acompanham e do número pequeno de profissionais que atuam nesse setor. Argumentou que o ideal, o desejado, seria que o ATP pudesse ir às escolas, acompanhar mais de perto as atividades, assistir a aula, enfim, ser um parceiro da escola. Contudo, o acúmulo de atividades impossibilita que se ausentem da D.E., principalmente porque muitas vezes eles também participam de vários cursos e, quando chegam à Diretoria, há muito serviço acumulado. Um exemplo citado foi o das atividades de capacitação do Projeto Ensino Médio em Rede. Para esse projeto, os ATP's tinham que se ausentar da Oficina por dois dias, uma vez por mês. Nesses momentos ficavam apenas com três dias para executar suas outras atividades.

Dessa forma, devido à impossibilidade do ATP fazer esse acompanhamento da escola mais de perto, a professora argumentou que seria esperado que os supervisores pudessem trazer para a Oficina as dificuldades enfrentadas na escola, a fim de que uma parceria real pudesse se concretizar. Contudo, em sua avaliação, poucas informações sobre as necessidades formativas e didáticas das escolas chegam à Oficina, via supervisor.

Perguntada sobre a possibilidade de utilizar os resultados do SARESP para embasar os projetos das escolas e dar apoio ao professor, a professora enfatizou que, atualmente, os resultados do SARESP não são analisados na Oficina, sendo que, desde sua chegada só tomou conhecimento de um trabalho da OP sobre o SARESP: a análise das amostras de redações, principalmente no que se refere à utilização adequada dos critérios de correção. Dessa forma, desde sua chegada à Diretoria, a avaliação dos resultados, pelo menos os do Ciclo 2 do Ensino Fundamental e os de Ensino Médio, não passou pela Oficina. Ressaltou, contudo, que está há pouco tempo na função e encaminhou-me para conversar sobre esse tema com a ATP de LP do Ciclo 1 do Ensino Fundamental⁶. Contudo, do que ela pode observar, é a supervisão que faz o acompanhamento do trabalho de análise dos resultados da avaliação. Também afirmou que os relatórios do SARESP não chegam à Oficina para serem analisados e nem, tampouco, há uma publicação específica de orientação do ATP sobre o uso desses resultados.

Ainda no que se refere ao uso dos resultados do SARESP e o subsídio ao trabalho do professor, a professora citou uma experiência que avaliou como muito positiva. A diretora de uma das escolas de Ciclo 1 da região, preocupada com o desempenho apresentado pelos alunos no que se refere à leitura, procurou ajuda na Diretoria. Por um pedido da Dirigente, a

⁶ Infelizmente, ao ser procurada para o agendamento de uma entrevista, a ATP do Ciclo 1 mostrou-se pouco disposta para colaborar com a pesquisa. Em um primeiro momento, disse que a sobrecarga de trabalho impediria que me atendesse pessoalmente, solicitando que lhe enviasse o questionário por e-mail. Como o questionário não retornou no prazo combinado, entrei novamente em contato com a ATP, que alegou ter saído de férias, prometendo novamente responder as questões. Após um terceiro contato, em que nova desculpa foi dada, a ATP não mais atendeu às ligações que foram realizadas.

ATP foi à escola apresentar os projetos e a equipe da unidade escolar se interessou por um deles, o Tecendo Leituras, destinado ao Ensino Fundamental 2. Assim, a professora pode desenvolver, durante o ano, um trabalho de adaptação das atividades do projeto à realidade dos alunos do Ciclo 1, tendo realizado orientações para os professores e trocas de experiências que foram bem avaliadas tanto na escola, quanto pela Oficina, durante a execução do projeto.

Essa, contudo, foi uma exceção. Segundo a professora, por questões estruturais e de tempo, falta apoio por parte da Oficina Pedagógica à escola, sendo que o professor coordenador acaba ficando muito solitário no trabalho de formação em serviço de sua equipe docente. Como uma das questões estruturais, ela aponta a dificuldade de chamar para um curso, ou mesmo para uma orientação técnica ou videoconferência, mais de um professor por escola. Mesmo que a SEE/ CENP tenha a concepção de formação através de um efeito multiplicador, onde um professor fica responsável por passar aos colegas da escola os aprendizados realizados durante determinada atividade ou curso, a professora explica que, muitas vezes, essa “multiplicação” fica prejudicada pela falta de tempo/ espaço no HTPC para a socialização das experiências, ou mesmo pela timidez do professor que foi ao curso. Em resumo, a SEE e a D.E. esperam que esse efeito multiplicador ocorra, mas não há mecanismos que garantam que ele ocorrerá.

Finalmente, quando a conversa se encaminhou mais diretamente para a possibilidade de utilizar os resultados do SARESP na formulação de políticas de formação, a professora ressaltou que, em sua opinião, as ações que têm sido propostas pela SEE/ CENP têm sido mais de subsídio ao trabalho do professor em sala de aula do que no sentido de uma política de formação profissional em um sentido mais amplo. Com exceção do projeto Teia do Saber, no qual considera que há uma preocupação com uma formação mais específica, talvez os demais não possam fazer uso dos resultados da Avaliação com essa preocupação. Dessa forma, a professora prefere não opinar sobre a possibilidade de uso dos resultados para a elaboração de políticas de formação, mesmo porque sua preocupação, neste momento, recai sobre como está sendo feito o uso desses resultados *na* escola. Acha, contudo, que seria possível utilizar os resultados na identificação das dificuldades dos alunos e potencializar o trabalho realizado na escola, a partir de projetos, como observou em sua experiência de adaptação do projeto de leitura.

Anexo 3-B.3: D.R. ALPHA

Entrevistado: Dirigente Regional de Ensino

Data: Dezembro/ 2005

Essa entrevista, com a Dirigente Regional de Ensino, deu-se apenas após muita insistência, tendo sido remarcada por 3 vezes. Na primeira, quando chegamos à Diretoria fomos comunicadas que a Dirigente fora convocada pelo Secretário de Educação para um evento em Águas de Lindóia e, portanto, havia viajado. Após este período, tirou férias e, quando retornou, estava atarefada com as atividades inerentes à sua função. Em uma segunda tentativa, esperamos por horas, na sala de espera, pelo início da entrevista, mas um problema ocorrido em uma escola (ao que parece um professor agrediu um aluno), fez com que a Dirigente tivesse que resolver o caso com os envolvidos, a fim de evitar que tomasse maiores proporções. Na terceira tentativa, ao chegarmos na DE, para o encontro, soubemos que a Dirigente havia sido convocada, pelo Secretário, para uma reunião extraordinária. Assim, apenas na quarta tentativa é que o contato se efetivou.

A.B.: Minhas primeiras perguntas referem-se a dados mais pessoais. Eles não serão divulgados, mas são essenciais à análise. Gostaria de saber qual o seu tempo de magistério?

D.R.: 32 anos.

A.B.: E na função de Dirigente?

D.R.: Oito meses. Estou nessa função desde abril.

A.B.: : Formação acadêmica?

D.R.: Universitária com curso de Letras, Pedagogia e Educação Física.

A.B.: Em nível de Secretaria de Educação, o que tem sido desenvolvido no sentido de melhoria da qualidade da formação do professor?

D.R.: Todas essas capacitações que a Secretaria da Educação tem feito principalmente nesta gestão. Eu nunca vi, em 32 anos de magistério, tanta capacitação, tanto investimento na educação como estou vendo agora. Nisso eu acho que é realmente querer que melhore a educação, é acreditar na educação e achar que através da educação se pode mudar esse país.

A.B.: A Sra. está falando na gestão mais ampla do governo, ou seja, a partir da gestão Mário Covas?

D.R.: Sim. Desta gestão em diante que o sistema de capacitação começou a ganhar mais importância e melhorar.

A.B.: Na época do Mário Covas, com a secretária anterior, a senhora também via esta preocupação?

D.R.: Foi um circuito. A gestão começou a melhorar aí, só que ultimamente, principalmente com o Gabriel Chalita, acho que não tem comparação com nenhum lugar do mundo. Pelo investimento que eles estão fazendo, as idéias, os projetos, o projeto da Escola da Família, todas essas capacitações, muitos projetos para nossa Oficina Pedagógica, para os ATP's... É a melhoria de um modo geral, tanto do educador como da educação.

A.B.: A sra. acha que a rede está receptiva a esses projetos?

D.R.: Pelo que sentimos, sim. Pelo menos estão tendo muita procura e os professores estão fazendo, estão participando desses cursos, dessas capacitações. O último agora é essa pós-graduação que estamos fazendo para dirigentes e diretores. Trata do cotidiano da escola e etc. Mas eu nunca vi, em 32 anos de magistério, tudo isso que eu estou vendo agora. É a reciclagem, é mesmo capacitação. Só não muda quem não quiser.

A.B.: A sra. acha que existe um diálogo entre essas capacitações? A sra. vê uma intenção de política educacional, uma linha norteadora nessas capacitações?

D.R.: Eu vejo sim. Uma completa a outra. O Progestão e esse curso de pós que estou fazendo, por exemplo, andam de mãos dadas. Uma coisa amarra a outra e sempre chegando lá na escola e no aluno.

A.B.: Eu não sou da rede, então as informações que tenho são aquelas divulgadas no site da Secretaria da Educação, aquelas que todo mundo pode acessar. Assim, pude ver que com referência à leitura têm muitas iniciativas: tem Tecendo Leituras, Crônica na Sala de Aula, Hora da Leitura...Fica a dúvida se um curso é amarrado no outro, pois quem está fora da rede não sabe...

D.R.: Está tudo numa seqüência de capacitações, mas mesmo na escola essa seqüência só é realizada se tiver um coordenador e um diretor que puxe isso lá dentro. Mas eles estão sendo capacitados para tudo isso, para que tenha esse olhar mais global para todas as capacitações, para a complementação existente entre elas... É necessário um olhar a mais, um olhar muito especial que recebe informações de todos os lados e tem que aprender a canalizar tudo isso para o objetivo final, que é o aluno!

A.B.: A sra. falou uma coisa importante: o diretor e o professor-coordenador estão sendo capacitados para fazer essa “amarração”. Como a gente pode saber que ela está sendo efetiva? A sra. sente isso aqui nas escolas?

D.R.: Nós temos o acompanhamento de tudo isso através de nossos supervisores que visitam as escolas. E através das Oficinas Pedagógicas, que produzem gráficos. Também sabemos através do retorno da própria escola para a diretoria de ensino. Aqui desenvolvemos um trabalho pedagógico onde, a cada bimestre, a escola tem que dar um retorno para a Oficina Pedagógica. E a partir do ano que vem, vamos querer esse retorno por matéria. Então cada escola vai mandar, em termos de porcentagem, os alunos que estão ou não estão acompanhando as aulas e projetos por disciplina. Dessa forma poderemos ver onde está o problema. Se o problema estiver com o professor, em determinada disciplina, então é em cima daquela disciplina que a Oficina Pedagógica vai atuar, tentando sanar esse problema, ajudando e auxiliando o coordenador e aquele professor que está defasado ou está com problemas. Isso é uma dinâmica de nossa diretoria e espero de tudo. Eu acho que todas as diretorias deveriam primar pelo pedagógico assim como eu.

A.B.: Foi por causa desse pedagógico que em 96, quando foi lançado o SARESP, foi dito que os resultados poderiam ser utilizados para ajudar na formação dos professores. Como a gente não está na rede isso fica pouco claro, porque nos documentos não é explorado em que dados do SARESP, ou melhor, em que tipo de dado, em que tipo de informação a Secretaria se baseia para ajudar na formação dos professores...

D.R.: Por exemplo, a prova SARESP é geral, uma avaliação global do aluno. Então é justamente o que a gente faz aqui: pelas amostras, pelo que os alunos fazem, os técnicos mais ou menos decidem no que focar: “olha, nós vamos ter que focar mais na área de Exatas porque o pessoal não foi tão bem nessa parte”. Temos muita criança ainda de 1º a 4º série com dificuldade de alfabetização. Aí a gente vai focar na criança do CBI, lá na primeira série. Então dá para avaliar, sim, a rede, para ver se está bem ou não. Anos atrás, quando começaram essas provas externas, era um fracasso total: 30 %, 20% iam mais ou menos bem. Hoje o que eles estão fazendo a partir das provas, que não são fáceis, é ver se os alunos saem bem ou não.

A.B.: Mas eles chegam a definir para a Diretoria...

D.R.: Sim ,eles dão um retorno para nós de tudo isso. Dão o retorno de como nós fomos, de como foram nossas escolas. E a própria escola recebe de volta tudo isso no ano que vem.

A.B.: Mas fica claro a relação da formação e dos resultados? Por exemplo, o projeto “Letra e Vida”. Eles dão algum relatório explicando a partir de quais dados resolveram fazer tudo isso? Tem algum tipo de publicação nesse sentido?

D.R.: Veja bem! O que foi feito no começo... O Programa Letra e Vida trabalha justamente a alfabetização. Eles perceberam que não estava bem, então pegaram alguém que estudou com a

Emilia Ferreiro, que fez todo aquele projeto com ela e mandaram para cá. E a Telma veio pra cá e montou esse projeto. Aí tem os capacitadores que são os monitores que trabalham com a capacitação dos professores.

A.B: Mas a Diretoria recebeu algumas informações, talvez os detalhes do que não estava bem em alfabetização?

D.R.: Não, porque é geral. Veja bem. Quando eles fazem a avaliação externa, que é essa avaliação grande, o SARESP, esse tipo de avaliação. O que acontece é que lá em cima (nível central) vai ter uma amostra de tudo isso e é a partir dela que eles vão focando. O restante dos projetos, como o Terra Paulista, por exemplo, trabalham coisas que eles vão percebendo na avaliação externa. De repente, a própria escola está defasada e não está focando naquilo que é necessidade geral do aluno, ou seja, no conhecimento da terra dele e de outras coisas fundamentais. Então é mais ou menos esse caminho. Eles vão tentando dar os projetos, mostrar mesmo em termos de conhecimento, ver os vestibulares, ver o que está acontecendo com os alunos e, assim, vão tentando direcionar as coisas...

A.B.: A senhora acha que eles conseguem fazer um bom diagnóstico? Porque a sra falou que é lida uma amostra...

D.R.: Acho que sim, porque primeiro tem a avaliação, depois tem a correção. Essa correção a gente passa pra lá.

A.B.: E essa amostra, ela está conseguindo captar as necessidades, dar diretrizes bacanas...

D.R.: Veja bem. Essas provas são corrigidas, todas. Aí a gente preenche uma planilha e mandamos pra lá. A Diretoria é a primeira a saber se os alunos estão bem ou não, você entendeu? Os professores ganham à parte⁷ para corrigir, tem um grupo de professores que corrige as provas e depois as encaminham...

A.B.: Daqui da Diretoria é encaminhada uma amostra de redação...

D.R.: E essa amostra de redação eles corrigem lá na escola. Aí a gente vê se está certo ou não, sorteia algumas e eles (a escola) têm que trazer pra ver se a nota que eles deram bate. Mas eles já entregaram para a gente, eles não sabem qual redação vamos pedir, mas isso é só para ver se eles fizeram tudo direitinho, para ver a seriedade da coisa. Depois é feita a avaliação e a gente preenche a documentação e encaminha. É em cima dessas amostras, por Diretoria, que

⁷ Essa informação contradiz a fala de uma das Coordenadoras de Avaliação entrevistada e da ATP de Língua Portuguesa da D.E Beta, que explicam que os professores, no SARESP, não recebem pela correção da prova, mas ficam dispensados das aulas que são assumidas por professores substitutos.

eles vão ler os resultados do estado inteiro. É um processo muito sério. É mesmo bem corrigido, é muito bem encaminhado e muito bem objetivado. É isso...

A.B.: O SARESP tem mudado ao longo dos anos...

D.R.: Talvez o enfoque da avaliação...

A.B.: No começo era para séries terminais e ...

D.R.: Não, agora é para todo mundo.

A.B.:: E como a Senhora vê isso? A Senhora acha que melhorou?

D.R.: É muito bom. Todos têm que ser avaliados mesmo. A única coisa que eu acho que poderia ser considerado, por exemplo, é que tem SAEB, tem ANRESC. Então poderia aproveitar uma prova para tudo isso. A Secretaria poderia encaminhar, vamos supor, lá para a UNESP. Então a Secretaria encaminharia o resultado das oitavas, o resultado das sétimas. Aí é uma crítica... Por que ficar fazendo três provas? Eles poderiam aproveitar os resultados do SARESP para ver se a escola esta indo bem ou não, né?

A.B.: A sra acha que eles podem chegar a repensar isso ou não vê esse movimento?

D.R.: Não, não vejo.

A.B.: A avaliação federal é a federal, a estadual, é a estadual...

D.R.: Como sempre, estadual e federal faz a mesma coisa. Por exemplo, todas as verbas passadas para o estado de São Paulo. Não está chegando verba do federal pra cá.

A.B.: Então a senhora diz que isso é “boicote”?

D.R.: Não manda o dinheiro...Boicote... Então a rede estadual está se virando sozinha... Não estou defendendo ninguém, o que é, é a educação né?...

A.B.: Isso deve ser...

D.R.: Falta de respeito né? Acho que não importa o partido político... O importante é a gente como ser humano, ser enxergado como ser humano, fazendo parte de tudo aquilo...

A.B.: É verdade...

D.R.: E há gente infelizmente assim... Principalmente na área federal está muito aquém, não se respeitam as iniciativas, é só propaganda e mais propaganda...Não estou torcendo para ninguém, não estou falando, mas é o que eu estou enxergando, o que eu sinto e eu não posso falar para você que a educação de São Paulo não está bem. Não posso falar que não tem investimento. O que posso falar para você é que tem investimento maciço. Eu nunca vi nesses 32 anos de magistério tanto investimento como a gente tem...

A.B.: Tenho ouvido falar no investimento em formação, em livros...

D.R.: É o professor que não caminhou bem, o diretor... Não venha me falar que não tinha recurso porque tem vindo e não é pouco não.

A.B.: Entendo. A sra percebe algum mau gerenciamento de recurso?

D.R.: Muito pouco viu...

A.B.: Eles sabem lidar com os...

D.R.: Sabem, estão sabendo...Muito poucos não conseguem. Olha, eu tenho 100 diretores praticamente, né? Pode ver que as escolas estaduais estão bonitas, bem conservadas, é o trabalho pedagógico desenvolvido, né?

A.B.: Como a sra avalia a chegada dos dados do SARESP na Diretoria? Por as provas vão para a CESGRANRIO e parece que está demorando um pouco mais, não? O coordenador de avaliação me explicou que a diretoria recebe os dados, mas recebe só no começo do ano, que demora um pouco...

D.R.: É demoram um pouco porque a rede é muito grande...Então até o resultado voltar...Eles tabulam tudo, então normalmente o resultado chega pra gente no segundo semestre. Então dificulta um pouco, porque a gente poderia ter dado uma retomada no meio do ano.

A.B.: E essa vinculação que eu estou tentando apreender: a formação dos professores e os resultados do SARESP. A senhora acha que ela é possível? Como a sra. vê isso aqui na Diretoria? Enquanto Dirigente, como a sra. vê essa possibilidade?

D.R.: Aqui nós já estamos trabalhando nesse sentido de estar fazendo esse intercâmbio. A minha visão é que a Oficina Pedagógica é o coração da Diretoria. É ela que atua na parte pedagógica, tanto nas propostas da CENP, como em cima desses resultados do SARESP. A nossa cobrança é lá em cima da escola para que possa estar trabalhando em cima das dificuldades. Continua assim, minha visão é essa.

A.B.: Seria ir auxiliando às...

D.R.: Fez a prova, diagnosticou os problemas? Vamos capacitar em cima daqueles problemas, dar soluções para aquilo. E o professor vai trabalhar recebendo essas orientações para estar ajudando seus alunos.

A.B.: Minha última pergunta é sobre o que a sra. tem a me dizer sobre essa política de formação ... A Senhora disse que nunca foi feito tanto em prol da formação...

D.R.: É excelente! É por aí mesmo: capacitação para o professor! Capacitação para o professor estar sempre se atualizando. Sabe, isso aí é muito importante para nós da rede. Não tem nada o que falar da Secretaria da Educação nesse sentido.

A.B.: Mas a sra. acha que esse número de cursos é uma questão mais emergencial, porque foi diagnosticada uma fragilidade em alguns componentes, ou isso tende a ser uma política mais longa?

D.R.: Eu acho que isso aí vai ser sempre, porque eles querem sempre melhorar, então enquanto eles estiverem no governo, acho que vai ser essa postura, entende? É socorrer as dificuldades. E vão estar sempre socorrendo, não só as dificuldades, como avançando cada vez mais. Ele [referindo-se ao Prof. Gabriel Chalita] está avançando muito também na tecnologia, informática. Todas as escolas estaduais vão ter computadores, todas! Então algumas escolas que não têm muitos têm menos, mas é o começo, se vê que todas as escolas têm núcleo de informática. Todas as diretorias têm seu núcleo e ele [o Núcleo] tem que fazer seu papel, ensinando as escolas.

A.B.: A sra. acha que, se houver uma mudança do governo, esse incentivo pode diminuir?

D.R.: Depende do tanto de verba que o governo prioriza, para onde vai destinar. Eu particularmente estou muito ansiosa, preocupada, porque depois que a gente chegou neste estágio seria uma injustiça parar com tudo isso. Eu fico muito preocupada porque a gente deu um passo muito grande, a gente subiu muitos degraus. Nesses últimos anos estava bem parado...

A.B.: O que eu estou pensando é que talvez se retomasse a política oferecendo menos cursos, porque se o próximo governo mudasse muito, será que a rede não faria um movimento para...

D.R.: A rede pode fazer pressão, mas se não tiver dinheiro, se não destinar uma verba para a educação, não adianta. Porque eles [esse governo] priorizaram a educação, porque acham que a educação é o principal pilar para a evolução do país: o povo bem orientado, bem educado, né?! Está preparando o povo, porque é o povo que administra tudo, porque até o presidente já passou pelas mãos de um professor, não é? Então eu acredito nisso que a educação, moradia e saúde é o principal... A continuidade depende do próximo governo que entrar, das verbas que destinar e para onde.

Anexo 3 –C: D.E. DELTA

Anexo 3 –C.1: D.E. DELTA

Entrevistado: Dirigente Regional de Ensino

Data: 22.12.05

A.B.: Os primeiros dados são apenas para compreender melhor a composição da rede, certo professor? Seu tempo de magistério?

D.R.: 30 anos.

A.B.: E como Dirigente de Ensino?

D.R.: Deixa-me contar...Maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro. Oito meses.

A.B.: A formação acadêmica do senhor?

D.R.: Licenciado em Matemática e Pedagogia.

A.B.: Quando o SARESP teve início, em 1996, o sr. estava na escola?

D.R.: Estava na supervisão.

A.B.: E foi mesmo um auê?

D.R.: O SARESP inicial não era como a proposta destes dois últimos anos, para toda a rede. Era mais pontual, analisava as oitavas séries, depois foi feita uma análise de final de ciclo, das oitavas e sétimas séries. Era uma avaliação externa, mas não focava toda a rede.

A.B.: Ela pegava terceira e sétima série e, no ano seguinte, a quarta e oitava série. No terceiro ano seria a 5^a. e o 1^o do Ensino Médio, não é?

D.R.: Eram mais pontuais...

A.B.: Qual sua opinião sobre como era e como é hoje?

D.R.: Eu considero que assim como está ele é um dos indicadores importantes para a gente analisar a questão da qualidade, para mostrar o seu trabalho, é um dos indicadores do resultado final.

A.B.: E o senhor acha que, como indicador, é mais interessante que seja para todo mundo ?

D.R.: Sem dúvida, porque você consegue fazer uma análise pontual. Quando termina a avaliação do SARESP, a escola tem condições de analisar um a um o desempenho de cada um dos seus alunos e isso é importante. Não vou dizer para você que as 90 escolas fazem isso, mas uma grande quantidade de escolas faz a análise indireta. Então você pode fazer uma

retomada, uma análise, um uso de resultado, que é onde você está trabalhando na área da avaliação, né? Avaliação sempre é assim...Tem que ter uma retomada, uma análise e uma retomada.

A.B.: O interessante é que a avaliação seja, não é professor? Na verdade ela nem sempre o é... Os estudos apontam que o interessante é esse avaliar para poder retomar, corrigir...Mas isso nem sempre ocorre.

D.R.: Exatamente... Mas é importante que seja assim, para que no ano seguinte ele não tenha que continuar os estudos dele no geral, mas sim levando em conta o que ele conseguiu alcançar, avançar... Dentro desse processo de avanço, você dá o que ele já sabe e daí avança mais, vai em frente. O detalhe do SARESP que tem sido feito nesses dois anos na primeira e segunda série é que o aluno de primeira série também é avaliado com conteúdo de segunda. Isso possibilita a gente verificar se algum aluno já tem um conhecimento superior, não só na sua série, mas se ele já pode avançar mais significativamente. Isso não quer dizer que ele vai avançar de série, mas é promover o avanço dentro das duas séries, promovendo o avanço dentro do ciclo. Assim foi feito ano passado e, inclusive, em 2004. E as avaliações de primeira e segunda série se completaram, dando a possibilidade de verificar o conhecimento que o aluno tem além do que seria padrão para alunos de primeira e segunda série. No ano passado tivemos uma avaliação muito significativa, foi muito boa a avaliação. Foi formulada no sentido de nos dar condição de verificar um a um dos nossos alunos, para poder dar prosseguimento no ensino. Eu vi isso em toda escola que a gente foi visitar: professor e coordenador, conversando com os professores, mostrando o desempenho de cada classe: "Olha como é que foi o desempenho de sua classe". Então tivemos sistematicamente esse trabalho. A Coordenadora da Oficina deve ter te falado...

A.B.: Falou sim.

D.R.: Nós fizemos esse acompanhamento e estamos satisfeitos aqui. Nós achamos mesmo que avançamos no SARESP. A gente está conseguindo um bom desempenho de todos.

A.B.: A que o sr. atribui esse melhor desempenho? A Diretoria, o que ela tem feito...Qual a diretriz do trabalho de vocês?

D.R.: Como é que a gente vê esses avanços? É assim: nós temos alguns projetos que a Secretaria tem formulado para capacitar os professores em termos de formações continuadas. Alguns são excelentes. Nesse ano temos, por exemplo, o Letra e Vida. Nós temos praticamente todos os nossos professores de primeira à quarta série cursando ou terminado de cursar o programa. Nós temos 1.035 classes de primeira à quarta série e estamos com 800 professores que já cursaram ou estão cursando esse projeto, que é sobre a alfabetização e o

letramento. Ele [o projeto] é muito bom, muito. Porque você tem condição de fazer o acompanhamento individual. Para fazer as suas retomadas e as intervenções interessantes é necessário que você acompanhe o aluno desde o primeiro instante do primeiro dia de aula dele. Você vê o resultado final, e vê em termos de primeira à quarta série. Vejo que o “Letra e Vida” foi fundamental para o nosso avanço. Outros projetos que a Secretaria também tem para quinta e oitava séries são “OS NÚMEROS EM AÇÃO”, que é o reforço matemático e na informática. Nós tivemos o “TRILHAS E LETRAS”, que é da quinta à oitava série e também é voltado para a Língua Portuguesa. E muitos outros...Mas devo lembrar não só dos projetos da Secretaria. Dentre eles, falo do Teia do Saber, nós estamos com 2000 professores da rede praticamente fazendo cursos fora do horário de trabalho, nós temos 800 professores na Teia do Saber, que é junto a universidades e alguns cursos são fantásticos: a universidade está conseguindo trazer o professor com aquela complementação de estudos, dando formação contínua. Mas a gente, aqui, trabalha com parcerias: nós temos muita parceria mesmo. Tem o projeto “Cinema e Vídeo Brasileiro”, em que já estamos indo para o quarto ano, que é para trabalhar a linguagem do cinema. Temos um programa de educação afetiva e sexual, onde já estamos no quarto módulo de capacitação. Trabalhamos com o instituto Sou da Paz na questão dos crimes estudantis. Temos um projeto de papel. A gente trabalha com a polícia militar... Então é um conjunto de ações que vão fazendo com que a escola se transforme né? Ela conhece melhor a sua falha, e se transforma. São ações positivas, então, que fazem com que você constitua um espaço de aprendizagem. E sempre que a gente tem dificuldades. A gente não tem mais *problemas*, mas temos algumas *dificuldades*... Até a mudança de conceitos é importante. Tinha palavras que a gente usava antigamente e que, agora, a gente está mudando: “Ah! Estou com problema”. “Não, não tenho problemas, tenho uma dificuldade”. Então acho que todo esse conjunto de ações tem trazido benefícios, que a gente vê. Isso é como eu vejo. Por exemplo: nesses três anos os nossos indicadores do SARESP foram excelentes, a gente saiu de um nível, do intermediário e agora a Delta, no ano passado, já estava num nível, assim, de escolas de excelência. Na área de matemática (e nós sabíamos que a matemática é o grande nó já no começo do ano). O que nós fizemos aqui? Nós já começamos a pensar, fazer uma Olimpíada de Matemática para 14.400 alunos. Eu queria fazer para 120.000, mas aí ficou muito grande e a CENP falou: “Não, é muito”. O resultado que a gente obteve foi muito interessante: há 64% de aprovação de primeira à segunda série, 60% de terceira série, 57% de quarta, 40 e poucos por cento de quinta e 30% do Ensino Médio. Então a gente pára e fala assim: “*Nós temos uma dificuldade*”.

A.B.: Isso que eu ia te perguntar agora. Sendo o senhor da área da Matemática, ao que atribui esses resultados?

D.R.: Nós temos um problema. A visão que eu tive é que os alunos têm conhecimento na matemática, que eles pedem para aprender.

A.B.: Bom...Eles estão amadurecendo né?

D.R.: Porque que ele pede porque que ele não... Porque 64 é aqui e 30 é lá. Trinta porque nós precisamos buscar caminhos né? E a metodologia é a forma. Que nós fizemos tudo voltado no PCN mesmo e no Letramento também que é ler e entender o que está fazendo. Então uma das coisas que a gente sabe é que precisamos superar isso, essa dificuldade. Nós vamos ter que lutar e trabalhar muito neste ano de 2006. Para superar vamos fazer de novo, para ver como é que ficou, então vai ter que ter formação e capacitação. Nós já temos essa tendência do professor de matemática e de trabalho com a área efetivamente. E o gozado é que de primeira à quarta série, que era minha grande preocupação, foi ao contrário, porque eles estão trabalhando diferente no português, então eles já estão atuando diferente na matemática...

A.B.: Então para eles foi fácil. E para o professor de matemática que tem uma formação específica talvez essa metodologia de trabalho ainda não...

D.R.: Não foi absorvida. Então nós vamos trabalhar com a PUC. Já fechamos com a PUC e agora nós vamos ter lá 90 professores fazendo um curso, um em cada escola pra gente poder mudar o que está acontecendo.

A.B.: Mas esse fechamento com a PUC é uma parceria que vocês procuraram ou que veio da Secretaria...?

D.R.: Não, a gente procura, a gente que fecha as parcerias. Trabalhamos muito com parceria né? Nós temos uma nova parceria com o SENAI que é da construção civil, em que eles vão construir uma casa. Essa casa vai ser construída no terreno da escola. Dá trabalho, mas é muito bom, são 40 alunos fazendo uma casa e no final vamos montar uma cooperativa e eles estão aptos a começar a se autofinanciar, né? Quarenta jovens do Ensino Médio. É interessante, às vezes, até me perco na quantidade de parcerias que temos...

A.B.: Como eu não estou na rede e só vejo os cursos que acontecem via *site* da Secretaria, fico com um pouco de dúvida... O que fica para a diretoria estar fazendo no que se refere à formação? Eu sei que vocês trabalham nos cursos da Secretaria, mas queria saber se há espaço para desenvolver outros...

D.R. Bem, desenvolvemos muitos cursos. Mas teremos que conversar mais em outro momento, pois minha secretária acaba de avisar que o pessoal da Coordenadoria chegou.⁸

Anexo 3 – C.2: D.R DELTA

Entrevistado: Coordenador de Avaliação

Data: Outubro/ 2005

Essa entrevista ocorreu na segunda ida da pesquisadora à Diretoria Delta, quando se deu a aprovação do dirigente regional ao pedido de realização da pesquisa na instituição. Tendo em vista a dificuldade em conseguir agendar horários com os profissionais da Diretoria, a pesquisadora se propôs a aguardar um espaço livre na rotina diária do supervisor, em que pudesse ser atendida. Chegamos à D.E por volta das 9 horas da manhã, mas só pudemos concretizar a entrevista às 13h30. Enquanto aguardávamos pela supervisora, pudemos perceber que a Diretoria estava em um dia agitado. O Dirigente Regional havia convocado seus supervisores para reuniões gerais sobre avaliação, já que estavam às voltas com o ANRESC (muitas dúvidas sobre sua logística eram comentadas) e com o SARESP. Foi no intervalo entre essa reunião e outra, que trataria dos preparativos para o SARESP, que a Coordenadora de Avaliação concedeu-nos a entrevista. Iniciamos a entrevista comentando sobre como os resultados do SARESP chegam às escolas, já que ela havia começado a conversa explicando que trabalhariam sobre os dados do ano anterior na reunião da tarde e que, portanto, não teria muito tempo para conversar.

AB: Então os relatórios chegam no começo do ano, para as Diretorias saberem dos dados...

C.A: Atualmente, sabemos através das escolas, não recebemos os dados na Diretoria.

AB: E são dados numéricos, ou há alguma análise?

C.A: Não, são dados numéricos, mas dá para fazer [a análise] porque já sai assim: quantos, naquela tal habilidade (porque eles fazem a avaliação pelas habilidades) e aí sai a porcentagem...Já sai por aluno. Vem assim...Eles [CENP/ FDE], um relatório deles, não [recebemos]. Mas a questão numérica sim...Então, o que a gente faz? Esses dados, a Oficina

⁸ De fato, o professor estava esperando uma outra reunião. Marcamos para o dia 27 de dezembro a finalização da entrevista, mas ela não pode ser concretizada, pois sempre houve algum empecilho no atendimento ao pesquisador para a finalização da entrevista.

[depois se você quiser conversar com as meninas da Oficina, será interessante], a P. faz um trabalho...Ela chama as escolas e já começa a trabalhar [a partir dos dados], inclusive, desde o planejamento, para já utilizar os dados do SARESP para fazer o planejamento da escola para o próximo ano. Para as escolas se basearam naquelas habilidades onde tem o problema para verificar e fazer seu planejamento. E depois, durante o ano, elas vão fazendo capacitações nas quais vão dando idéias, e depois cobrando [sua realização], gerindo...Aí é melhor você conversar com elas porque elas sabem te explicar direitinho. E para nós eles chegam no primeiro semestre ou no início do segundo semestre.

AB: E quando os resultados chegam há um relatório próprio para a Supervisão ou só os dados numéricos?

C.A: Não...Esse ano...Eu fui à reunião e parece que vai mudar...Porque era assim: quando a gente tinha um resumo da escola (saía inclusive taxa de aprovação, retenção) era complexo. Agora a Supervisão não tem muito acesso, porque tem que entrar para ver por escola, não saiu mais por Diretoria. Parece, pelo que vi na reunião, que o próximo vai voltar a ser, porque aí vai ser melhor, para termos informação, para saber até, em termos de Diretoria...

AB: Agora eu estou pensando... Eu não sou da rede, mas não é o supervisor que visita a escola, que acompanha o trabalho, que faz essa ponte?

C.A: É...Esse ano ficou meio desassociado...

AB: E como era antes?

C.A: Antes vinha por escola e por diretoria...Vinha um resuminho final...Então nesta diretoria, vinha tanto de aprovação, tanto de reprovação, tantos atingiram a média, tantos não atingiram...E, depois, tinha por escolas...

AB: Então o supervisor que acompanhava uma determinada escola...

C.A: Olhava e sabia os resultados dela. O que deveria ter, e acho que vai voltar, é ter esse material de agora, que fui muito bom, para cada escola, que é um material fantástico que permite a escola fazer um trabalho interessante. Esse ano veio um relatório muito bom, para trabalhar. Veio por aluno e as habilidades, se eles atingiram ou não atingiram. Mas para a supervisão ficou meio difícil, porque, primeiro, se você quer entrar no banco de dados, separado, você tem que pedir a senha da escola. Eu, como coordenadora, recebi a senha de todas as escolas, mas evidentemente passei para as escolas, porque não ficou comigo e porque eu não vou entrar em uma coisa que não cabe, né? Fica chato, você acaba invadindo um espaço, não é? Então para o supervisor é interessante vir um relatório geral, onde você olha, já vê, e aí dá para trabalhar. Por exemplo, no ano passado (resultados de 2003), veio esse relatório geral e ficou disponível no *site*. Eu tirei cópia, montei por escola e já fui

identificando qual a escola da diretoria com o maior problema, qual a melhor, para a gente já ter uma visão geral.

AB: E aí quando a senhora consegue fazer essa identificação, a partir dos dados, como funciona? A senhora consegue propor algum trabalho...?

C.A: Sim, aí a gente passa para a Oficina Pedagógica, e a Oficina faz parceria. Por que essa parte pedagógica quem desenvolve é a escola, né? Em termos de supervisor, a gente também desenvolve assim: verificando em cada classe, por exemplo, uma 4ª. Série está com dificuldade...O supervisor percebe e pode propor um projeto de reforço, focado para tal problema. A Oficina fez um projeto, mas a supervisão ficou um pouco afastada...

AB: Mas então nessa última aferição, os dados que chegaram à Oficina também foram através das escolas?

C.A: Sim...

AB: Se a escola estava sentindo alguma dificuldade, ou se percebeu algum problema quando viu seus dados, ela que procura a Oficina?

C.A: Sim...Inclusive a gente percebeu que teve escola que não abriu o banco de dados, depois de um certo tempo...

AB: Mas e se a escola não mexe nos dados?

C.A: Não, mas aí abriu, porque o Dirigente conversou, tal...E a Oficina realiza um trabalho para utilizar os dados do SARESP. Mesmo sem ter esse acesso aos dados, a Oficina prepara um material para ensinar o professor a saber [interpretar os dados], como ele tem que interpretar as habilidades...Mesmo sem saber os resultados, ela desenvolve um trabalho de maneira geral.

AB: Mas isso é feito por iniciativa dos profissionais da Oficina ou tem uma diretriz da Secretaria propondo esse trabalho?

C.A: Não...A gente sempre tem, para a Secretaria, [o SARESP] é um dos diagnósticos que temos que usar.

AB: Para o estabelecimento desta parceria entre a supervisão e a Oficina, vem algum esquema de trabalho pronto da Secretaria?

C.A: Não. Cada diretoria que desenvolve.

AB: Esses resultados, no ano passado, chegaram no meio do ano...

C.A: Para a Diretoria...Para as escolas eles chegam em fevereiro.

AB: Antes chegava mais cedo? Por que o SARESP tem mudado, não é? Teve uma época que a prova era no começo do ano...

C.A: Na verdade é engraçado que apesar de ter mudado a época da prova, o resultado sempre chegava um pouco defasado. Eu acho que a prova deveria ser um pouco antes, em setembro, para os resultados chegarem em dezembro. Por que aí dá para você ter um tempo hábil para trabalhar. Porque é o seguinte: a escola, em dezembro, já se reúne para fazer a avaliação dela. Então eu acho que deveria ser neste meio...Acho que em novembro fica muito tarde [a realização da prova]. A gente tenta trabalhar através da HTPC, mas eu acho que ainda falta alguma coisa para amarrar melhor, não sei, precisava discutir.

AB: Por que é muita coisa, né?

C.A: É muita coisa e você não sabe o que acontece (abaixando o tom de voz). É um trabalho braçal. Você não imagina o que é o SARESP. O desgaste que você tem. Olha só: esse ano a diretoria recebeu 1075 caixas. Você tem que separar essas caixas, colocar tudo com nomes. O diretor da escola tem que vir pegar essas caixas, levar para as escolas, aplicar a prova, trazer de volta para você conferir todos os pacotinhos e daí eles [SEE/ SP] virem pegar. Quer dizer, precisava ter uma maneira...Eu acho essencial, eu acho importantíssimo o SARESP, mas teria que ter uma maneira de racionalizar um pouco mais essa logística.

AB: E a prova, aqui para a clientela dessa diretoria? Ela está tranqüila? Por que essa logística da prova é um pouco complicada, não?

C.A. Olha, eu acompanho o SARESP desde o começo. Até que está melhorando. Porque primeiro era uma mão de obra para você estabelecer a amostra, porque não eram todos os alunos que faziam...Alguns faziam de Português, outros Matemáticos, você tinha que dividir... Era uma logística bem mais complicada. Agora está simplificando, mas...Por que é assim_ no começo tinha as propostas da SEE, que eram sugeridas, não eram obrigatórios para o professor, mas as provas vinham em cima dessas propostas. Então criava aquele tumulto. Depois se tentou que os professores mesmo tinham um pré-teste das questões. Agora não, parece que acertou o currículo. Neste ano, o que os professores ficaram bravos é que a prova de primeira série foi praticamente igual à prova da segunda série. Então foi uma prova muito difícil. Hoje de manhã estávamos até tentando entender isso...Por que eles falaram que algumas questões seriam difíceis, mas o que a gente percebeu é que o pessoal das escolas achou toda a prova difícil. E o ano passado foi muito fácil e esse ano foi muito difícil a prova.

(Neste momento a entrevista desvia-se para comentários acerca das instituições que elaboram a avaliação. Tais dados, apesar de apresentarem a preocupação do supervisor pela dimensão técnica da avaliação, expondo os problemas a ela relacionados, serão omitidos devido ao fato de ultrapassarem os limites deste trabalho)

C.A: A gente não tem tido muitos problemas assim, com aplicação, esse ano não teve grandes coisas, só uma troca das folhas óticas dentro do envelope: estava escrito o nome de uma escola, mas as folhas óticas eram de outras...Aí, até trocar...Foi complicado...Mas foi só isso...

AB: É que já é um dia um pouco atípico, nas escolas, não?

C.A: É um dia um pouco atípico, mas os alunos já estão acostumados. Já vem com essa prova há muito tempo. Eu acho que precisava era acertar algumas coisas...Assim...Não sei...Talvez verificar se há necessidade de todos os alunos fazerem, ou se trabalhar com uma amostragem.

AB: O SAEB, por exemplo, não era censitário...

C.A: Aqui em São Paulo ele ainda é amostral. Mas veja você: eles deveriam unificar, né? Porque nossos alunos fizeram uma prova na semana passada e, esta semana, terão que fazer outra. Não todo mundo, mas tem classe que vai fazer duas vezes...E tem classe que vai fazer prova três vezes porque teve a ANEB...Acho muita avaliação, né? Eu acho importante, acho que talvez pudesse ser trabalhado até mais, pela SEE/ SP [referindo-se à prova e aos resultados], ou seja, dá mais ênfase ao SARESP porque eu o acho um diagnóstico importante. Perde-se para uma série de projetos que não tem. Por exemplo, no mesmo dia que eu dei a reunião aqui, do SARESP, a Padaria (um projeto que as escolas têm de Padaria) chamou e obrigou o diretor a ir à reunião. Eu ainda falei para o diretor “Você escolhe qual você acha que tem mais importância...”. E eles foram à reunião do Projeto de Padaria...Você percebeu? É um dado importante, um diagnóstico excelente (e a escola tem poucos diagnósticos), é interessante porque é externo, acho interessante que assim seja...Inclusive eu acho que devia ser totalmente externo, com a redação sendo corrigida por gente de fora e até a aplicação poderia ser por pessoas de fora. Acho que deveria ser totalmente externa mesmo. Porque a redação o professor tem que usar um método, tem que dar aula e o diretor acaba colocando o eventual, para que o professor possa corrigir a redação. Eu não acho certo. Você veja: quem vai trabalhar no ANRESC... É tudo pago. Quem vai aplicar recebe, recebe sua locomoção, tudo pago. E o SARESP nada! Primeiro se pagava: pagava o professor para corrigir a prova, fora do horário, em outro período, para a coisa ser separado. Quando foi a UNESP, ela pagou para que os papéis fossem levados para lá e ela pagou o aplicador. A CESGRANRIO não paga nada.

AB: E para o professor corrigir então ele tem que sair da sala...

C.A: A Secretaria deixa você colocar o eventual...Eu não acho certo. Acho que se é uma avaliação externa, ela deveria ser totalmente externa mesmo...As escolas também têm essa

avaliação. É costume, também, da escola, fazer o seu provão, sabe? A maioria das escolas está fazendo esse provão, para um diagnóstico delas mesmo, por bimestre...

AB: Mas elas já faziam antes do SARESP ou começaram a fazer recentemente?

C.A: Eu acho que depois do SARESP foi mais. Isso começou a despertar.

AB: E qual a avaliação que a senhora faz disso?

C.A: Eu acho bom, porque a escola também já está dando importância para sua própria avaliação...E o aluno também vai...Tanto que nós tivemos uma frequência muito boa de aluno no dia da prova. Vai aumentando essa frequência.

AB: Nos outros anos a senhora acha que os alunos faltavam mais?

C.A: Nos primeiros sim. No início...Agora eles já foram incorporando essa cultura de avaliação. Eu acho interessante isso.

AB: Mas a escola tem como dar um retorno a esses alunos?

C.A: Ela tem que dar...Agora sai por nome de aluno [os resultados]. Porque o aluno, quando faz a prova, ele põe o número no triângulo. Não sai o nome, mas tem esse número. Então a escola sabe quem é...Ela tem condição de passar os resultados aos alunos, até para os pais, tudo. A orientação da Secretaria é passar para todo mundo. Claro que tem que dar essa devolutiva para o aluno e para o pai do aluno. E eles querem saber, viu? Tem vezes que não sai, ou sai alguma coisa falha, e eles [os pais] ligam, querem saber porque o resultado não saiu...Isso é importante.

AB: E como a senhora vê a escola trabalhando esses dados? Por que uma coisa é a Diretoria e a Oficina trabalharem, como a senhora explicou, outra coisa é a escola...

C.A: Olha. Têm escolas que trabalham, que fazem até uma avaliação anual, com índices de aprovação, retenção, essas coisas...Tem escola que trabalha muito bem e tem escola que não trabalha.

AB: E aí essa Diretoria tem como apoiar essas escolas que não fazem nenhum trabalho mais direto? As escolas pedem apoio, as escolas não querem apoio, não quer trabalhar com os resultados...Como fica?

C.A: Tem escola que nem pede. Tem supervisor que acompanha e então vai verificando. A diretoria também está fazendo um trabalho de acompanhamento: passamos uma coisa e a escola tem que estar trazendo a devolutiva, justamente para controlar.

AB: Como assim? Não entendi muito bem...

C.A: A diretoria faz uma atividade, passa umas coisas para eles realizarem e, depois, têm que trazer uma devolutiva: se fizeram, se não fizeram, como foi...

AB: Certo... É uma metodologia de trabalho da Diretoria?

C.A: Da Oficina...Lá elas te explicam melhor.

AB: Entendi...Se eu entendi bem, então para a supervisão, mesmo porque vocês não estão recebendo esses dados, a Secretaria não dá alguma diretriz para o trabalho? Algo do tipo “a partir do SARESP vocês deverão...?”.

C.A: Não... É uma ação pedagógica nossa. É uma ação supervisora: acompanhar o SARESP e acompanhar o trabalho pedagógico durante o ano. Isso a gente faz. Mas não tem uma coisa pré-determinada. Isso não.

AB: Eu pergunto, professora, porque teve uma época, acho que nas primeiras aferições, em que tinha um movimento da SEE pedir aos supervisores para fazerem um relatório, que ia para a Secretaria...

C.A: Não eram bem os supervisores...A gente tinha que fazer um relatório de análise. Junto com a Oficina. Isso a gente fez. Depois de 2001 não teve mais. A gente encaminha um relatório, atualmente, com sugestões, algumas coisas assim...Para a Comissão do SARESP.

AB: Eu não sabia que tinha uma...

C.A: É, mas não é um relatório, assim...Sabe porque ficou difícil? Porque primeiro a Diretoria tinha tudo na mão: ela corrigia, muitas vezes, elaborava o próprio relatório. Agora não. Acho que é porque em um primeiro momento era só a prova que era feita. Agora não, é esse esquema de dar retorno, tal. Antes, a gente que fazia os gráficos, tudo.

AB: E no que se refere ao trabalho? Como a senhora avalia esse esquema de trabalho? Ou constituem dois períodos distintos?

C.A: De primeiro, para a Comissão do SARESP era sacrificante porque, quando começou, nós tínhamos um computador na Diretoria. A gente não sabia fazer as coisas, tinha que calcular tudo: cheguei a fazer gráfico em cartolina. Depois começou a vir a tecnologia e daí facilitava para gente, o gráfico já saía pronto. Agora, você já tem tudo pronto. Eu só acho que deveria ser um pouquinho antes, para os resultados saírem durante o ano.

AB: E aí a Diretoria se organizaria para trabalhar... Hoje em dia, parece que sai um relatório geral de resultados a cada dois anos...Esses relatórios costumam ser mais densos...Teve um relatório geral em 1997, um de perfil do professor e do diretor em 2000...Acho que saiu, em 2004, o relatório de 2002. A Diretoria faz algum trabalho com esses relatórios?

C.A: Não. Também são tão defasados. Você imagina que chegaram umas coisas para mim, do SARESP, de 2002...Então está tão defasado que já mudou tudo, né? A informação tinha que vir mais rápido!

AB: E a Secretaria, em nenhum momento desse histórico do SARESP, ela mandou um relatório específico para supervisores, assistentes técnico-pedagógicos?

C.A: Não, específicos para o supervisor, não. É sempre para a Escola.

AB: Mas como a senhora vê isso? Se tivesse algo específico ajudaria ou seria indiferente?

C.A: Ajudaria, porque o foco é diferente. A escola tem um olhar e a gente já vê um outro tipo de coisa. Eu acho que se tivesse algo mais específico, ajudaria. Mas não tem.

AB: E esse entendimento dessa linguagem das habilidades e competências, pela escola? Como está?

C.A: É difícil! Como eu te falei, a Oficina faz um trabalho para ensinar a ler o que é...E o professor não trabalha isso ainda. Não está incorporado no trabalho. Seria até mais fácil ele trabalhar por habilidades e competências, mas o professor ainda está muito enraizado, preso no conteúdo.

AB: E tem alguma ação, da Secretaria? Por que pelo que a senhora está me falando, a Oficina faz um trabalho intenso.

C.A: A Secretaria fez um trabalho que o pessoal gosta muito, pautado no SARESP, que é o Letra e Vida. Parece que ele já resultou em uma melhora nos resultados do SARESP...

AB: Letra e Vida é aquele projeto voltado para a formação dos professores alfabetizadores de fundamental 1?

C.A: É. Os professores gostaram E quando as escolas vinham na Diretoria, todos queriam participar. Agora não, mas no começo não eram todos que participavam desse projeto e a gente percebia a diferença entre as escolas que tinham e as que não tinham acesso ao Projeto. Teve escola que ficou muito bem nos resultados, por conta desse trabalho. Não sei agora, com essa prova, mas nos anos anteriores, houve uma melhora, graças ao Letra e Vida.

AB: E para o Ensino Médio e o Ensino Fundamental II? Existe algo equivalente? Por que tem o Teia...

C.A: Não. Tem bastante coisa acontecendo, o Teia, o Ensino Médio em Rede...Mas assim, que se destacasse igual ao Letra e Vida não tem.

(Nesse momento, outra supervisora, intervém, dizendo que no que se refere ao Ensino Médio em Rede, é necessário observar a aplicação dele na sala de aula, salientando que o projeto, em si, é excelente e que o grande problema é ter a cobrança, o acompanhamento a aplicação na escola).

C.A: Mas também a Secretaria tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Teria que focar em um projeto para você poder se dedicar a ele.

AB: A senhora está falando dos projetos da Secretaria? Parece que está em mais de cem... É isso mesmo? Eles são obrigatórios?

C.A: A Secretaria fala que não, mas alguns são...E tem muito projeto, dão perde. É tanta coisa que você acaba não acompanhado nada...Por que tem que acompanhar, mandar os professores para as reuniões...Deveria ser possível fazer uma opção de acordo com seu Plano, de acordo com seus diagnósticos, seria definida a necessidade de cada escola. Seu problema é a matemática? Então vá ao curso de matemática.

AB: Isso que a senhora está falando é interessante, mas a senhora acha que a escola consegue fazer essa ligação sozinha?

C.A: Acho que consegue. Se dermos um tempo para ela pensar, ela consegue. A escola sabe do que precisa. Mas muitas vezes ela não tem esse tempo para escolher. Veja agora: nós estamos com três avaliações. Então é muita coisa ao mesmo tempo. Tem que fazer um planejamento.

AB: Mas a escola utiliza esses resultados para fazer um planejamento? Parece que ainda há desconfiança quanto aos usos da avaliação...

C.A: É... Mas isso aconteceu porque em um ano desvirtuou a avaliação. É a mesma questão de quando entrou a Rose Neubauer e acabou com a escola-padrão porque ela diz que não tinha...Acho que aí vai bater em um ponto. O plano da escola padrão era longo, era algo que você planejava para ter resultado bem posteriormente. Tinha metas de longo prazo e a Rose não esperou para ver. Agora as mudanças da prova, para ver se reprovava ou não, foi quando acabou o primeiro ciclo do SARESP. Acho que a Rose quis um resultado muito apressado e foi quando marcou negativamente. Buscar esse rendimento daquela forma foi um pouco frustrante porque constatou todos os problemas que vinham sendo falados na escola. Hoje, na educação, e acho que esse é o grande problema, as pessoas querem o resultado muito rápido. E tem que ser em longo prazo. Tem que ter alguns em curto prazo, é lógico, porque não pode ficar esperando, mas você vai ver, você vai plantar hoje para colher quando o aluno chegar na 8ª. Série, no final do Ensino Médio...

AB: Ainda sobre a formação dos professores, acho que havia uma polêmica, na época de 2001, de que a progressão continuada havia sido implantada sem que os professores estivessem preparados...

C.A: Claro, porque não adianta só propor curso. Você tem que mudar desde a faculdade. É muito difícil você mudar a cabeça das pessoas, porque algumas coisas já vêm incorporadas. Desde a Faculdade. Tem que mudar também a faculdade, não só o teórico, o que se estuda, mas a maneira da faculdade ser. Porque na hora que ela tirar essa tendência de conteúdo, você

vai vivenciar uma outra forma de trabalho, você vai saber, né? Eu acho que é isso. A faculdade precisaria também incorporar uma outra maneira de trabalhar, para o professor vir para a rede diferente. É muito difícil você mudar a cabeça, as pessoas são novas, jovens, mas é engraçado como fica aquela coisa...Eles querem uma escola que nunca tiveram. Falam que o antigamente era melhor, mas nem tiveram “o antigamente”, aquela escola autoritária, elitista. Mas fica essa coisa, eles acham que era melhor. A aprovação e reprovação é uma coisa muito forte, é aquilo que segura...Não sei.

AB: Mas a senhora acha que a Secretaria está fazendo alguma coisa para melhorar essa formação do professor, além desses cursos?

C.A: Bem, está tendo muita formação mesmo. Eu acho que está tendo. Talvez precise melhorar...A Teia do Saber você ganha através de licitação, e às vezes ganham umas faculdades que não têm nada a ver. Você vê que algumas faculdades são criadas só para isso.

AB: No começo tinha o PEC...

C.A: Sim, aí tinham umas escolas mais tradicionais, como a USP, a PUC; mas algumas organizações deixavam um pouco a desejar. Sei lá...Atualmente, criaram umas coisas que sei lá...Uma faculdade para absorver a escola da família, outras para esses cursos...Então acho que precisava ter um curso de nível. Eu acho que está melhorando.Agora estão proporcionando a pessoa a fazer a pós-graduação dela, com mestrado e tudo mais.

AB: Mas se a senhora for pensar em dimensão da rede, acha que está bem atendido?

C.A: Está, porque Mestrado todo mundo tem oportunidade de fazer...A Teia,está todo mundo, é obrigatório. E o Mestrado, até agora, quem quis, conseguiu...O que acontece é que algumas das faculdades vêem isso como um filão...Então muitas estão fazendo cursos só para pegar essa parte.

AB: Atualmente há, até, uma discussão do mestrado profissionalizante, talvez até para suprir essa necessidade...Agora a Diretoria...Como fica o papel de formação do professor na Diretoria?

C.A: A Diretoria, ultimamente, só está atendendo esses projetos, da Secretaria. Não tem como ela fazer fora. A gente até tem alguns projetos fora, mas ela fica mais com a incumbência de cumprir os projetos que já vem da rede. Não tem mais assim...De ela poder decidir...Teve uma época que a gente podia pedir uma verba e a gente fazer nossos próprios cursos, mas agora ficou mais nesses cursos da Secretaria mesmo.

AB: Em que época era isso?

C.A: 92, 94, até 96...

Nesse momento outra supervisora, que era da Oficina na época mencionada, intervém, explicando:

Supervisor 2: Nós conseguíamos um pouco de verba, não muito.

C.A: Mas tinha alguma verba. Por exemplo, eu, na 7ª. DE, fiz alguns cursos, dava para você fazer. Tinha dinheiro para você fazer, agora não...

Supervisor 2: Tinha...Você podia fazer contratação de serviço... Até pela FDE, a gente fez curso que foi a FDE que contratou...Dava para ir atrás do pessoal da PUC, da USP. Então eram cursos que você montava de acordo com a necessidade da sua diretoria.

C.A: Agora ficou centralizado nesses projetos.

AB: Mas não devia ser o contrário?

C.A: Eu acho que deveria ser. Se você pega e coloca o SARESP como o objetivo, a partir daí a Diretoria deveria poder elaborar o seu plano de ação em cima das suas dificuldades. E aí descentralizar. Ter alguns projetos pela rede e se houvesse necessidade a gente escolheria de acordo com as propostas e algumas coisas que a gente pudesse fazer...

AB: Só confirmando professora. Pelo que entendi, não é que vocês não possam, mas é que a Diretoria tem tanta coisa que a equipe acaba se concentrando nos projetos da rede. É isso?

C.A: É, mas você não tem mais aquela verba para contratar assessoria.

AB: E sem verba pouca coisa dá para fazer...A senhora citou alguns projetos que vocês ainda fazem, pouca coisa, mas que é da Diretoria...Poderia me dar um exemplo?

C.A: Olha, temos um projeto de EJA e, específico, deixa ver...Ah, xadrez...Começou agora acho que está até pela Secretaria, mas foi um moço daqui que começou.

AB: É um projeto para ensino de xadrez?

C.A: Não, é de Matemática. Eles fizeram uma olimpíada de matemática interna.

AB: Mas de formação...

C.A: É muito projeto, né?

AB: Eu queria saber sua opinião pessoal. Para a senhora, para que servem os resultados do SARESP? E para que eles deveriam servir?

C.A: Como um diagnóstico para a escola estabelecer seus objetivos e suas metas.

AB: E para a Diretoria?

C.A: Também. Eu vejo que deveria servir como um planejamento geral. Na Diretoria estabelecer suas metas, verificar as escolas que estão com problemas para poder centrar suas ações nesses problemas.

AB: E do jeito como esta avaliação está, é possível fazer isso?

C.A: Eu acho que não por excesso de coisas que acumulam e você acaba não dando conta. Quando a gente começa a pensar, já tem outra coisa, e outra coisa... Não dá.

AB: A Secretaria capacita o pessoal da Diretoria para trabalhar com os dados? É porque o SARESP utiliza uma metodologia complexa, a TRI, essa linguagem das competências...

C.A: Não, a gente tem reunião, mas é para tratar de questões de logística. Teve videoconferência de Português...Só. A gente não sabe, não existe nada específico para os dados.

AB: Tanto na Diretoria, quanto pela Secretaria, o que vem sendo desenvolvido para melhorar efetivamente a qualidade de formação do professor? Esse Letra e Vida parece que é bastante...

C.A: A Secretaria de Educação oferece para a escola muita coisa, como conversamos. A Diretoria acaba não tendo como fazer isso. A Secretaria está pensando, agora, em cursos para a diretoria. Parece que agora os diretores e supervisores vão ter alguma coisa. Mas sempre estamos esquecidos. O supervisor é o último, quando a gente vai para capacitação, é sempre assim: a gente faz a capacitação que é destinada para o diretor, não para gente. Capacitação para supervisores, com foco na supervisão, não tem.

AB: E para o ATP?

C.A: Eles têm... É o supervisor que fica meio de fora. Eles vão destruindo a Supervisão. Era para ser pedagógica, mas eles mandam um monte de coisas burocráticas que não dá para se desvencilhar e o supervisor tem que se dividir entre uma coisa e outra. É muito complicado. Nosso trabalho seria o de dar apoio pedagógico. Mas a verdade é que não tem definido, ainda, bem, o que é o supervisor. Tem uma parte que é de função fiscal e de função pedagógica. Na verdade, ao meu ver, deveriam ser duas funções distintas: o supervisor ligado à parte pedagógica e o supervisor fiscal mesmo, pois é necessário fiscalizar.

AB: Na verdade antigamente tinha...

C.A: O inspetor. Acontece que eles tiraram o inspetor. Só que se você pegar nosso trabalho você tem muita coisa que é de inspetor. E um lado que, se rolar, você não é muito bem capacitado, para você fazer na parte pedagógica.

AB: E o ATP tem possibilidade de ir à escola? Eles vão?

C.A: Tem.

AB: Mas eles vão, efetivamente? Por que com esse tanto de trabalho...

C.A: Aqui eles vão.

AB: Desses projetos da SEE, a senhora acha que eles estão pensados para melhorar a formação do professor ou para subsidiar o trabalho de sala de aula? Porque uma coisa é a formação pessoal, individual do professor...

C.A: Olha, eu acho que eles deveriam fazer os dois, mas a SEE não consegue. Talvez eles atentem para uma formação mais geral, mas subsidiar o trabalho de sala de aula é mais complicado. Eu acho que o professor não consegue fazer essa ligação, que aquela formação serve para subsidiar o trabalho. Acho que esse é o grande nó. Você faz encontros, você dá a formação, mas o professor não aplica na sala de aula.

AB: Por que será?

C.A: Não sei...Essa é a grande coisa. Uma vez eu ouvi o secretário da Educação falar isso. E é verdade o que ele falou: o professor fecha a porta da sala de aula e o professor faz o que quer. Você não tem um controle. É muito difícil fazer esse controle.

AB: Mas será que o professor está vendo no curso condiz com a realidade? Das propostas que a senhora conhece, o que acha?

C.A: Eu acho que tem uma série de entraves aí no meio, inclusive salariais. Você tem que correr muito, com mais de um emprego. Acaba não dando tempo da pessoa...Eu acho que você deveria ter um tempo maior para estudar, planejar, um controle melhor...

AB: A senhora citou o programa Letra e Vida como algo que é bem recebido e tem uma boa formatação em virtude dos resultados do SARESP. E os outros projetos?

C.A: Os outros projetos? Eu não vejo muito. Mas também não posso falar certo porque a gente ficou muito separado, a questão da oficina com a supervisão. Então não acompanhamos muito os projetos.

AB: E do que a senhora houve falar nas escolas? As escolas comentam? Chegam a fazer alguma avaliação? Há abertura para que a escola, enquanto público, faça essa avaliação, comente com a secretaria se a formação está ou não adequada à demanda?

C.A: Como eu já disse, às vezes é muita coisa, acaba cansando. Muitas vezes uma pessoa vai ao curso e não passa para o outro. A rede é muito grande, muito complexa. Eu ainda acho que deveria descentralizar, deixar mais para a escola. Tem muita interferência na escola, tem muita coisa junta. É como eu te falei: tem a Escola da Família, a coisa da Padaria que acaba interferindo na Escola da Família. Entra o marketing. Acho que se deixasse a escola trabalhar, com mais tranquilidade, seria bem melhor.

AB: Mas pelo que entendi, a senhora acha que os resultados do SARESP ajudam. Agora fiquei na dúvida: para a formação de professores, esses resultados dão algum indício?

C.A: Eu acho.

AB: E, finalizando, o que seria uma formação de professores de qualidade? No que o SARESP ajudaria nessa formação?

C.A: Primeiro o professor tem que ter conhecimento das teorias de aprendizagem. Teria que ter uma parte teórica sólida, que muitas vezes não vem da faculdade...Primeiro, na verdade, nossos professores deveriam saber ler e escrever bem, ter um entendimento. Eu acho que a partir de uma formação sólida, é possível o professor mudar sua prática. E teria que ter um trabalho de equipe na escola, onde junta com o conhecimento que tem da comunidade, e a partir do conhecimento teórico do professor, se aplicariam mudanças. Agora tem que ter uma formação cultural também muito sólida. Isso é o que falta. Para isso, o professor precisa ir, ler, ir ao teatro, ao cinema. Não é só a teoria de aprendizagem, mas o professor tem que ter conhecimento do mundo, tem que ler um jornal...Isso não dá tempo e também falta a questão do dinheiro.

AB: A senhora acha que a diretoria deveria intervir nessa formação, se tivesse verba, se houvessem outras condições?

C.A: Acho que poderia... Por exemplo, esse ano teve peças de teatro, que o governo deu. Esse governo está caminhando. Mas eu acho que não é dar para alguns. O certo é você dar salário, condições de se trabalhar, de ter escolas com materiais e verba, porque não adianta ter a tecnologia e não ter como sustentar a tecnologia, ou com a tecnologia defasada.

Anexo 3-C.3: DE Delta

Entrevistado: ATP's de Língua Portuguesa

Data: Fevereiro/ 2006

A.B.: Um dos objetivos colocados no documento de implantação era que o SARESP, estaria subsidiando, as propostas de formação de professores. Meu objeto de estudo é ver se isso está acontecendo, se não está, se é possível que aconteça, como que está mais ou menos essa relação do SARESP e a proposta de formação de professores, por isso eu preciso conversar não só com a Dirigente, mas também na Oficina, pois é a Oficina que fica responsável pelos cursos e parece que houve um momento que, acho no início pelo menos (se estiver errado, por favor, me corrijam), em que a Secretaria mandava uma verba para Oficina e ela poderia contratar pessoas para estar fazendo as capacitações. Isso aconteceu?

ATP.: Não. Na realidade isso nunca aconteceu. Agora o SARESP, sempre foi um indicador para políticas públicas. Uma delas é que quando apareceu um grande índice de crianças na quarta série que ainda não estavam alfabetizados uma das medidas foi um programa de formação de professores alfabetizadores, que aí trabalhou essa questão da alfabetização, então foi diretamente na formação do professor para discutir as questões de alfabetização, porque que essa criança chega na quarta série analfabeta praticamente, e isso vem dando resultados melhores, há três anos foi implantado esse programa de Letra e Vida, foi decorrente desse alto índice de crianças na quarta série que ainda não estavam alfabetizados...

A.B.: E isso foi detectado a partir do SARESP?

ATP.: Do SARESP, que era um indicador tanto que no começo o SARESP era nas séries terminais, e quando chegava, e era um dos pontos de estrangulamento da quarta série a oitava e aí foi detectado grande número de alunos, tanto na quarta quanto na oitava que não tinham o domínio da leitura e da escrita, e a partir de 2003 que começou a ser toda a rede, e a gente faz um acompanhamento. Agora a gente tem que conter uma visão entendeu? De como estava essa turma de 2003 e como foi o desempenho de 2004 e 2005 e isso reverte tudo em políticas públicas. Por conta do Ensino Médio, também teve outros programas, o Ensino Médio em Rede, a questão da leitura escrita foi atacada pelo governo quer foi o Tecendo Leituras, estes programas que eles fizeram, implantaram a partir do SARESP, como Tecendo Leitura, o Programa Hora da Leitura, o Escrevendo o Futuro, o Ler e Viver...

ATP2: Os programas que eles implantaram a partir do SARESP foram: Tecendo Leituras, o Hora da Leitura, o Escrevendo o Futuro, o Ler e Viver e o Ensino Médio em Rede. Todos eles a partir desses resultados.

A.B.: E os documentos destes programas explicam estes resultados, eles fazem essa relação fazem alguma coisa, porque eu tenho conseguido programas quando estão no *site* da Secretaria, esta relação nos documentos que estão aí para o domínio público e são divulgados pelo *site* não tenho esta menção que o aluno está mal em tal habilidade, que o programa vai...

ATP.: Não.

A.B.: Mas vocês têm alguma coisa interna dessa relação?

ATP.: Do Letra e Vida eu tenho o documento de implantação, que discute um pouco esta questão da alfabetização, desse percurso, fala um pouco da questão histórica, de como que foi investindo em política nesse sentido que levou no caos que estava e que agora a gente sente que através dos índices dos resultados a gente sente que isto está amenizando.

ATP2: O Letra e Vida é diferente, atende todos os professores de primeira a quarta, esses outros programas, Tecendo, Hora, Ler e Viver são professores que se inscrevem no programa e participam o número é menor, bem menor.

A.B.: Como que funciona o Letra e Vida é, a idéia é que ele atende todos os professores?

ATP.: A proposta é.

ATP2: Agora o Tecendo, outros não. Os professores interessados se inscrevem e participam das Oficinas não é para atender, não tem certificado, não é fora do horário de trabalho, é tudo dentro.

A.B.: O Letra e Vida , ele é fora do horário de trabalho, os professores têm uma obrigatoriedade de ir?

ATP.: Tem. Tem controle de frequência, ele tem que ter 20, 75% de participação em aula presencial, 25% de trabalho que ele tem que desenvolver na sala de aula que contam como frequência, ele só pode ter 10% de falta da carga horária por módulo são três módulos se ele não tiver frequência e não entregar os trabalhos não recebe o certificado, é um curso de 180 horas e ele sai um certificado de professor alfabetizador.

A.B.: É um curso de 180 horas isso dá quanto? Um ano e ...

ATP.: É um ano e quatro meses ou um ano e três meses depende do intervalo.

A.B.: As turmas são convocadas por escola?

ATP.: A gente abre inscrição professor vai, ele se inscreve e ele tem que fazer fora do horário ele tem direito a certificação é por adesão fora do horário de trabalho.

A.B.: E como que vai ser este controle que é para todo mundo fazer?

ATP.: Porque a gente de certa forma tem todo o incentivo então os diretores são sensibilizados os coordenadores pedagógicos ele tem que fazer, das escolas de ciclo I eles têm que estar dentro do programa. É um programa que dá certo. O professor, no começo, tinha muita resistência. Depois destes primeiros que foram fazendo, foram mudando a prática, foi vendo resultado, aí é aquela coisa de boca a boca e foi aumentando. Agora quando a gente abre vagas, lota, faz filas, mas no começo a gente tinha que laçar professor para fazer e poder montar uma turma, a primeira. Depois, da segunda em diante, já foi fila, a gente abre a inscrição, e no segundo dia você já fecha todas as turmas.

A.B.: E como a senhora vê os professores eles têm trazido dúvidas?

ATP.: Eles estão com muitas dúvidas. O que eu observo, durante estes três anos de programa é que o professor tinha muita falha na sua formação mesmo. Ou ele fez o magistério ou ele fez uma pedagogia que foi muito geral e as questões de alfabetização dentro de uma concepção dentro do programa ele está atrás de uma concepção, uma concepção construtivista ele se

encaixa na psicogênese então em cima disso os professores não tinham domínio o que ele conheciam era mais a concepção empirista e aquela questão mais tradicional de trabalhar em cima da memorização e isso não estava fazendo mais efeito. As crianças não estavam mais conseguindo um bom desempenho por conta desse mundo de hoje ele quer a leitura escrita muito mais que você ficar decodificando e aí os professores não tinham domínio disso, você vê o relato deles em depoimento deles que eles não tinham visto isto em faculdades eu tenho algumas minhas que falaram que o curso valeu mais para pedagogia que ela fez a três anos porque ataca direto a questão você trabalha em cima de uma concepção mesmo, você não fica naquela “mistureba”.

A.B.: Na verdade parece construtivismo, tem gente que é contra como é uma coisa nova nas faculdades isto não está muito...

ATP.: Não está. A gente vê que formação do professor é muito genérica, você tem “pinceladas” de teóricos, por cima, mas não aprofunda em uma o certo seria a pessoa poder escolher qual é a concepção que ela acredita área de trabalho e naquilo lá ela se aprofundar para ele realmente ter uma postura, aí o que acontece muitas vezes, o professor chega na sala de aula e fala com 35 a 40 crianças, aí ele vai mesclando, normalmente lê vai da forma que ele aprendeu é a forma como ele ensina, porque não tem clareza.

A.B.: Eu não conheço a estrutura da rede, não trabalhei ainda na rede estadual, mas o que eu tenho visto que a Oficina pedagógica ela é responsável por acompanhar os cursos que o professor faz, fazer orientações também de formação do professor, além da Oficina pedagógica o que mais ajuda na formação dos professores?

ATP.: Mas ninguém.

A.B.: Só Oficina pedagógica e hoje em dia como que está vendo isso, outro dia entrei no site e vi que tem vários cursos mais ou menos uns quatro, Estação da Luz, tem água. Você tem que acompanhar todos eles?

ATP.: Todos eles, normalmente a gente recebe uma formação pela pessoa da CENP que é o órgão que cuida da parte pedagógica e aí a gente multiplica convoca os professores através de orientação técnica ou até mesmo de curso, mas a gente não pode dizer curso porque é quando a gente tem um certificado. Com exceção do Letra e Vida tem um ou outro que, nem o Letra e Vida, que aliás a gente certifica por aqui, a gente fica sabendo tudo pela CENP mas é treinado capacitado lá e aí a gente repassa para os professores.

A.B.: Para acompanhar o trabalho, Sempre teve este tanto de curso?

ATP.: Não. O investimento desse governo foi muito grande em capacitação isto foi de uns quatro anos para cá.

A.B.: Porque anteriormente tinha o que? Tinha o PEC...

ATP.: O PEC que foi mais para dar ao magistério, superior para aqueles professores que só tinham o normal, começou pelo PEC sim, tinha aquele PEC para professores de língua portuguesa, de matemática isso aí foi feito mais na área do nível II, agora do ciclo I muito pouco, não tinha nada.

A.B.: E como ficava a formação quando não tinha nada?

ATP.: Deus, universidade...

A.B.: Como que era o trabalho, porque agora a Oficina acompanha todos esse projetos, quando não tinha tantos projetos, qual que era a função da Oficina?

ATP.: Eu não sei porque eu não estava aqui. Eu tenho dois anos só de Oficina.

A.B.: Me parece que ela tem uma coisa assim sempre, eu fui procurar o que é essa Oficina Pedagógica.

ATP.: Ela foi pensada, quando ela foi realizada, ela foi pensada neste sentido o que eu lembro logo que implantou Oficina Pedagógica, acho que foi em 96 e 97 mais ou menos eu fiz alguns cursos mas como professora curso muito bom mas o que existia na época a Secretaria fazia convênio com instituições e você fazia aqueles cursinhos de 30 horas, eu fiz curso na USP, na CENP, mas em curso de 30 horas você recebia o certificado e eu fiz alguns de 30 horas na Oficina pedagógica logo quando começou, fiz de Matemática, Português mas isso logo no começo, depois...

A.B.: Eram pessoas da Oficina que davam o curso?

ATP.: Não! Eram pessoas convidadas.

A.B.: Você não tem idéia de como eram escolhidos esses temas nesta época?

ATP.: Não.

A.B.: Agora parece que é em cima dos resultados do SARSP?

ATP.: É, agora, antigamente não sei, não tinha um instrumento de avaliação. Talvez quem possa responder é a D. que foi formada na Oficina nessa época... Supervisora...

A.B.: Porque eu conversei com uma supervisora que ela é coordenadora do SARESP, a S. Essa que você está me falando é outra...

ATP.: Ela é supervisora agora mas ela já foi ATP de Oficina logo no começo esse período do início da Oficina pedagógica, qual era os critérios para se escolher os temas, ela pode até te dar umas informações ela fez um mestrado em cima da Oficina pedagógica.

A.B.: Há eu vou procurar por ela sim. Vocês recebem algum material do SARESP que é divulgado pela FDE, acho que é FDE e CENP? Aqueles relatórios que você tem aqui na Oficina.

ATP.: Todo resultado do ano, só que em fevereiro vai para as escolas no site na Oficina a gente recebe mais ou menos em junho ou julho que ai sai os resultados da diretoria do desempenho das 90 escolas.

A.B.: Vocês recebem isso através do quê? Tabelas, relatórios?

ATP. No ano passado eles mandaram no CD este ano também. Tem comparação que eles fazem lá o resultado que sai no site, em fevereiro.

A.B.: Que tipo de comparação? Entre as diretorias,...

ATP.: Sai diretorias, sai COGESP, CEI, sai o estado todo...

A.B.: Isso são dados mais numéricos ou eles têm tratamento...

ATP.: Esses dados são numéricos...

A.B.: Vocês recebem algum tratamento? Alguma análise? Por exemplo, para vocês, ATPs, tem alguma coisa para ajudar no trabalho aqui na Oficina?

ATP.: Tem uma comparação que eles fazem.

A.B.: Não tem nenhuma publicação específica que é destinada para vocês?

ATP.: Não.

A.B.: Sente falta? Não sentem nunca tiveram...

ATP.: Seria interessante se não tivesse tantos dados estatísticos, mas assim uma análise em cima desses resultados.

A.B.: Eu estou perguntando porque eu estudo um pouquinho de avaliação e o SARESP esta com aquela teria de resposta ao item a tal da TRI e eu estou tentando estudar a TRI há uns três anos e acho ela muito complicado as relações que fazem, vocês tem alguma capacitação para entender esta metodologia?

ATP.: Não, não o que foi falado um pouco sobre isso foi a responsável pela aplicação a Cesgranrio que explicou mais ou menos como eles analisam estes dados estatísticos. Eles fazem por mediação e como este ano foi o segundo ano consecutivo da mesma fundação prometeram que para o ano que vem eles vão fazer um resultado mais comparativo porque agora eles têm os dados do ano passado (2004 e 2005), para fazer uma progressão para ver o quanto que aquela competência já desenvolveu, já melhorou na rede. Eu acredito que no ano que vem o resultado seja até um pouco mais claro, mas até o ano passado não tinha muita clareza não, só os dados mesmos.

ATP.: Você já chegou pegar quando era VUNESP porque a Cesgranrio é o segundo ano.

A.B.: Antes eu não me lembro se foi Vunesp ou Carlos Chagas. Era o mesmo sistema de entregar os dados numéricos?

ATP.: Era a mesma coisa.

A.B.:E ai o que vocês fazem com isso? Elaboram gráficos, como vocês tentam ler e interpretar os resultados?

ATP.: A gente trabalha mais com resultados das escolas, chamamos os coordenadores no início do ano e a gente orienta como a escola pode estar trabalhando dentro desse resultado no planejamento porque acho que é importante no decorrer do ano para recuperação paralela. Eles pegam o resultado do SARESP, comparam com o que foi desenvolvido em sala de aula e montam-se turmas de recuperação e até sugerimos que eles montassem turmas de produção de texto.

A.B.: Vocês conseguem acompanhar esse trabalho nas escolas ou este projeto fica muito corrido?

ATP.: Corrido fica a gente visita as escolas, as coordenadoras...

A.B.: Eu fui em uma diretoria falava que da para chamar fazer um trabalho com resultados do SARESP, no começo do ano depois acompanhar durante o ano ela sentiu um pouco de dificuldade

ATP.:A gente sente também.

A.B.: Ela falava assim, ela conseguia se organizar para chamar no começo do ano quando chegavam os dados, no período de agosto ou setembro quando vai fazer o outro ai tem um monte de orientação eles tem um programa de trabalho que prevê outras ações durante o ano mas acaba não conseguindo porque tem muita coisa eu já fui numa duas diretorias com esta dificuldade

ATP.: É isso mesmo, chega ter complicações com duas coisas no mesmo dia.

A.B.: Porque que vocês acham que isso acontece?

ATP.: Eu acredito assim, como a gente esta numa política de investimento muito grande no professor, você vê que de uns três anos para cá muitas coisas boas, coisas excelentes não é qualquer coisa não, por conta disso claro que sobrecarrega, tem hora que atropela um pouco mesmo, mas por conta desse investimento na formação do professor. Acho que uma das coisas que a Secretaria percebeu uma das falhas que uma das falhar que esta ocorrendo é formação do professor na sala de aula é um investimento muito grande e por conta disso tem hora que atropela, só de leitura tem quantos projetos no ciclo II? Tinha uns seis ou sete e outros que vieram em período curto...Na sala de aula, fora os Teia do Saber que são parcerias com universidade e que o foco também é a leitura e escrita.

A.B.: São muitos mesmo, e tem o ...Na sala de aula que é...Então tem o Letra e Vida com a Telma Weiz, são cursos bons...

ATP.: Tem um que começaram que era da linha do Letra e Vida, era projeto que estavam segurando como programa...

A.B.: Vocês acham que precisa? para quem dava também a alfabetização, por que se não fica um trabalho intensivo...

ATP.: A gente tem que dar conta agora dessas crianças que passaram do ciclo I para o ciclo II e não estão alfabetizadas, aí o professor que é especialista em língua portuguesa ele fala que ele fica perdido e realmente ele não foi preparado, ele é um especialistas e outras áreas também diz que não é função deles alfabetizar essa criança, e aí essas crianças ficam lá, jovens, adolescentes ficam lá tendo dificuldades, a dificuldade é mesmo compreender o sistema, não tem mesmo compreensão do sistema de escrita, ele tem dificuldade de leitura e escrita e por conta disso ele não consegue entender um texto de geografia, história, de ciências e nem estudar uma gramática. Como é que você vai estudar uma gramática de uma língua que você não conhece?

A.B.: Você acha que se esta sendo pensado alguma coisa para este seguimento? Ou não?

ATP.: Eu acredito que sim, porque ainda tem um grande número de crianças que estão chegando na quarta série, com esta dificuldade está diminuindo, mas ainda está passando para a quinta série crianças ainda não alfabetizadas.

A.B.:Acho que logo eles vão implantar alguma coisa para...

ATP.: Eu acredito que sim, quando foi o lançamento deste projeto eu estava lá a própria coordenadora da CENP falou, o projeto é emergencial, a tendência dele a mesmo acabar. Quando você conseguir suprir esta falta suprir esta necessidade não faz mais sentido quando não tiver mais crianças na quinta série analfabetas aí não tem razão.

A.B.: Eu não sei se vocês pegaram a época que foi até 2001 que a Secretaria pedia para a diretoria e a critério dos supervisores elaborar relatórios a partir dos dados do SARESP, eles já foram até objetos de uma tese também, tinham que fazer os relatórios e enviavam para a CENP, a CENP via dava um retorno eu acho que isso foi até 2001 eram relatórios obrigatórios, tinha uma formatação que a CENO mandava. Hoje em dia eles cobram algum relatório de vocês, algum plano de trabalho, tem alguma coisa nesse sentido?

ATP.: Eles pedem leituras ou pedem que você mandem alguns relatórios e algumas atividades que são desenvolvidas em sala de aula, então a gente faz uma seleção e encaminha para eles.

A.B.: Mas específico do SARESP, ele não fazem?

ATP 1: Não. Do Letra e Vida, todas as coordenadoras fazem relatório no final e encaminham para mim e eu faço o geral da diretoria e encaminho para CENP.

ATP 2: Parece que eles fazem sim A. Quais as operações que a diretoria desenvolveu após o resultado. Foi o ano passado, esse ano não foi pedido.

A.B.: Quando você fez o que você achou de estar fazendo, acha que ajudou no trabalho não ajudou ou foi mais uma tarefa a cumprir? Além desses cursos tem alguma outra ação que vocês vêm a Secretaria desenvolvendo para melhoria da qualidade da formação? Algum curso voltado para o aproveitamento cultural do professor pensando numa melhoria, o que vocês poderiam ressaltar?

ATP.: Olha tem esse ano e o ano passado... Muitos ingressos para o professor ir para o teatro, teve a parceria com a Pinacoteca, os professores também foram fazer um curso na Pinacoteca, teatro, cinema, pinacoteca acho que é isso, mas assim um número pequeno poucos são os professores que podem.

A.B.: Como vocês avaliam a recepção dos professores nesses cursos, acham que estão gostando, ou não? Têm alguns que gostam, outros não?

ATP.: Eu vou falar por mim, eu acho que os professores estão gostando sim. Tem uma adesão muito grande por um curso que é fora do seu horário de trabalho, você percebe que eles estão interessados. Eu acho que este é o indicador de que o professor estava precisando mesmo de ter um olhar, de ter uma melhoria na sua formação. Ele sentia necessidade disso, mas como, muitas vezes, ele é sobrecarregado ou de ciclo II, ou ele tem muitas aulas ou do I ou tem duas escolas, prefeitura e estado e, às vezes, ele não tem nem consciência disso, desenvolve no dia a dia e normalmente as pessoas não têm esta consciência de que a sua formação está precisando, ser renovada, melhorada e quando você tem uma oportunidade de fazer um curso e que você convive e que você fala para o professor fazer um curso fora do seu horário muitas vezes ele vão de sábado ou a noite e você tem uma frequência eu acho que eles estão interessados sim e estão aproveitando as oportunidades eles procuram muito.

A.B.: Mesmo que seja de dois em dois anos ...Vocês percebem se alguns cursos têm mais procura, do que outros ou alguma metodologia de dar curso que faz mais “sucesso”, ou tudo que vem está bem vindo?

ATP.: Olha, eu não sei, eu não sinto que a gente tem problema com metodologia porque como a gente já vem uma visão a Secretaria a política da Secretaria já é de uma visão de vanguarda ela não esta mais preocupada com as questões tradicionais, as propostas já são coisa inovadoras.

A.B.: Como por exemplo assim?

ATP.: Como por exemplo, você vê cursos que você pode, são práticas diferentes que nem o Letra e Vida, não é simplesmente uma pessoa falando, falando tem discussão, você reflete, a

didática do curso a metodologia do curso é diferenciada você vai para sala de aula você aplica você volta discute aquilo, a maioria das propostas do curso é sempre a reflexão da prática, não é uma coisa desvinculada e isso o professor gosta porque ele vê que não é uma coisa tópica, ou teórica, que fala, fala, chega no dia a dia, ele não vê relação são todos, ... Tecendo Leitura o professor tem que ir lá aplicar na sala, e aí ele percebe e consegue fazer...

A.B.: Estes que vocês estão falando são presenciais? O professor vai até..

ATP.: São presenciais.

A.B.:E os que...

ATP.: Aí é mais orientação a não ser agora começou um que matemática para séries iniciais que é através de vídeo conferência, mas esse também tem atividades que você deve fazer na sala de aulas aí e o ATP de segunda, o ATP de matemática uma hora antes da videoconferência discute o resultado da atividade que eles aplicaram faz uma síntese, quando começa vídeo eles já interagem

ATP.: Mas o Tecendo, o Hora o Viver são todos assim... Depois vão para a escola com a proposta e o professor vai para a sala e desenvolve e trás as suas devolutivas, discute, fala, o Ensino Médio da rede é assim foi tudo através de vídeo e essa interação...

A.B.: não só vídeo conferencia...

ATP.: Não é só ir assistir e acabou ele tem tarefas que ele tem que desenvolver tem questões que ele tem que pensar muitas vezes pensar em questões analisar na sala de aula trazer discutir e aí joga porque a forma da vídeoconferência é um recurso para atingir maior número, porque você tem um professor que está numa sala e ele pode estar interagindo com as 89, 90 diretorias é aumentou uma, Diamantina?!, Agora são 90 diretorias então você tem um campo de abrangência muito maior do que você pegar aquele professor e ir numa região a vídeo conferência usa uma tecnologia super avançada mas não é a vídeo pela vídeo

A.B.:os professores acabam...

ATP.: Tem material impresso, tem cds do ensino médio tem material muito bom...

ATP.: Acho que os dois melhores programas foram o do Letra e Vida e o do Ensino Médio.

A.B.: E o Teia? Como está?

ATP.: O Teia está... a questão do Teia como é uma parceria com a universidade e é por licitação então muitas vezes você não pode estar muito preso a qualidade em tal valor que a universidade cobra.

A.B.: Aí dependendo da universidade que pega deixa desejar

ATP.: Com o ciclo I eu tive problemas sérios.. mas foi a faculdade orientada, problemas do tipo estar reproduzindo o material do Letra e Vida das minhas alunas chegaram para mim .. o

que estou fazendo no sábado dia todo para fazer atividade que estou fazendo aqui com você? e mostra o material xerox na integra olha eu pastei com a supervisora e tomou providencia e logicamente a faculdade foi orientada ai não aconteceu mais isso a Secretaria esta pagando para ter os dois cursos o mesmo, curso duas vezes?

A.B.: Quer que a faculdade se debruce e pense em alguma coisa é diferente do que já sabe eu já havia tido uma crítica do Teia nesse sentido também, parece que tem faculdade ela esta se preparando para entrar em uma licitação...

ATP.: Exatamente. E não com a qualidade, e engraçado que o professor ele já esta criando esta consciência...

ATP.: Ainda bem que não da para gravar porque ele já está crítico nesse ponto se eu estou fazendo um curso eu quero uma coisa diferente.

ATP.: Porque o professor não pode escolher qual faculdade ele vai...

A.B.: O ano passado eu estava fazendo uma aula para formação de professores tinha uma moça que era rede ela estava revoltada ela estava fazendo numa dessas faculdades particulares que é a mais famosinha e ela falava, só que a gente não sabe nada ele começam no básico do básico talvez porque eles estão reproduzindo eles fazem a graduação deles fazem o que já está pronto e eram uma turma assim para formação de professores na sala tinha supervisores, tinha professor, professor coordenador, eles ficaram muito bravos realmente.

ATP.: E assim um professor assume, ele assina um termo de compromisso se ele desistir tem que reembolsar para os cofres públicos o valor que ele está custando para a universidade então você é obrigada a fazer um curso que você não esta gostando porque você não tem condições de reembolsar aquele valor não é pouco, eu não sei te dizer quanto, mas eu sei que não é pouco, então é duro, ai ele criticam mesmo eles mandam e-mails para o secretário através do site da Secretaria, denunciando falando que estava reproduzindo material que ela já estava fazendo o curso e que ela estava esperando coisas novas e teve sérios problemas depois acho que acalmou e a universidade viu que eles não estavam lidando com pessoas ignorantes ai eles modificaram a proposta...

ATP.: Algumas procuram até o próprio material para desenvolver das Secretarias e das diretorias e reproduz na universidade nós já fizemos comparativos de material de professor que fazia o curso e era o mesmo que nós usamos em...

A.B.: Como é o trabalho que vocês fazem aqui? A senhora falou que uma aluna é o mesmo que estou fazendo com vocês aqui na Oficina...

ATP.: Que era xerox...

A.B.: Mas o trabalho que vocês fazem aqui é de acompanhamento dos programas?

ATP.: Não era aluna do Letra e Vida era xerox do material do Letra e Vida

A.B.: E vocês tem algum trabalho na Oficina além de acompanhar os cursos? Por exemplo, a minha escola está com problema a minha equipe de professores está com algum problema eu, se eu sou a diretora eu posso vir aqui e falar olha...

ATP.: Pode, já fiz muita orientação assim.

A.B.: Chamar uma equipe da escola? Vocês conseguem fazer isso?

ATP.: Não é o ideal, por eu acho que a escola tem que se girar por si mesma porque os membros que tem que achar a solução, nada que vem de fora que é ideal não é uma solução que vem de alguém externo é a melhor, acho que a melhor é aquela em que o grupo chega mas a gente faz orientação, a gente passa algumas diretrizes, faz o HTPC's, eu já tive caso com a questão da inclusão de uma diretora, pedir para conversar com uma professora da sala de recurso que ela estava trabalhando completamente errado e veio ela, a diretora, a coordenadora e a professora sentou conversei. eu orientei a professora, depois a diretora falou que realmente melhorou o trabalho dela mas é assim uma coisa pontual, de 90 escolas ... Mas a gente também está aqui para isso para orientar o trabalho pedagógico da escola.

A.B.: E chega a ter demanda de curso de grupo de estudo aqui para vocês ou isso, os cursos da rede, os cursos que a Secretaria está ministrando dão conta? Por exemplo, uma professor, uma escola grande, tem os professor de língua esta trabalhando gramática, eles podem vir aqui solicitar uma formação de vocês ou isso não acontece ou não é função da Oficina?

ATP.: Nem sei dizer, se não é função da Oficina nunca aconteceu.

A.B.: Não tem essa demanda...

ATP.: São tantos os programas, os projetos, os cursos que...

A.B.: Não daria para estar fazendo...

ATP.: Fora estes cursos da Secretaria a gente faz parceria com outras instituições que ministram cursos... Que é a Ação Educativa com produção de vídeo... Escola...Opinião, tem "Belgo Mineira" que é uma indústria de ferro que tem o projeto de sexualidade e faz um trabalho muito bom.

A.B.: Mas é vocês que procuram estas parcerias ou elas também vêm...

ATP.: Na realidade, via de mão dupla a diretoria sempre está procurando parcerias e ai se instalou na, perto de uma escola da nossa diretoria essa indústria e ai eles procuram a escola a principio e a escola passou para a diretoria e a diretoria abraçou, pois eles já tinham um

projeto, lá em Belo Horizonte tem uma Fundação que cuida dessas questões, juntou o útil ao agradável então como os dois já estavam abertos.

A.B.: Então vocês viabilizam novas parcerias para estar fazendo, não esperam só os cursos que vem da Secretaria...

ATP.: Não, não na área de inclusão a gente tem parceria com o Dorina Novill, a gente recebe toda quinzena a Veja falada, todos os livros paradidáticos que eles transcrevem para o braille, eles mandam para o nosso acervo, os paradidáticos, mandam para o nosso acervo, a gente tem parceria com o grupo 25 que é uma ONG. formada por mães que discutem essa questão da inclusão, do deficiente, que faz um trabalho numa escola nossa aqui. Tem “n” parcerias. A gente corre atrás. Esse ano mesmo a gente conseguiu trazer para fazer orientação para professores tanto do regular tanto com professores da sala de recursos a Derdique, que é a escola de surdos da PUC, o instituto Dorina Novill, o instituto Paradigma, que é um instituto também que cuida dessas questões do deficiente físico, faz assessoria para implantar propostas de inclusão teve não sei se esqueci algum... Derdique, Paradigma, esse grupo 25, tudo nessa área de inclusão. Durante o ano chamamos diretores, coordenadores pedagógicos, professores do ensino regular a gente fez uma parceria com a AMA tivemos orientação para trabalhar com o autismo e o DGD, a gente está sempre correndo atrás.

A.B.: Uma das questões em que eu estou pensando é se a Secretaria ela esta tomando para si cursos está elaborando, equipes e onde que fica o papel da Oficina ? O que eu fico pensando, também no SARESP, será que ele consegue encaixar as reais necessidades do professores? Porque a gente discute muito a diversidade. Será que na hora de estar passando isto ele consegue atender bem os professores ou estes professores tem outro tipo de demanda de curso?

ATP.: Na realidade no início do ano a escola faz a sua proposta pedagógica e eles encaminham para gente e também um pouco em cima desta necessidade da escola, desse levantamento pensa em ações da Oficina, para estar trazendo parceria para isso...

A.B.: Vocês estão mais próximos?

ATP.: É. Todo ano as escolas mandam para gente a proposta pedagógica e os projetos tanto que Diretoria tem e os da Secretaria faz uma orientação, ele apresenta todos os projetos e a escola tem a liberdade de escolher aquilo mais adequado para a realidade dela, a para a necessidade dos professores.

A.B.: Se a escola, por exemplo, se interessar mais sobre um projeto de Oficina acha que naquele momento vai ajudar mais e não quiser e mando da Secretaria ela pode?

ATP.: Pode.

A.B.: Então, não são obrigatórios?

ATP.: Os da Secretaria, não.

A.B.: Agora eu estou entendendo melhor ...por que quem está fora, acha que tem um monte curso e...

ATP.: E é obrigado? Não. Não dá para atender todo o mundo...

A.B.: É questão de recurso?

ATP.: Mais ou menos.

A.B.: Eu queria é vocês tem estes projetos específicos da diretoria, vocês têm alguns projetos de trabalho com professor específicos da diretoria, além dessas parcerias?

ATP.: Não. Também não dá tempo, porque é um volume muito grande de projetos de cursos então não dá tempo de dar Oficina, até intenção vontade até tinha. Tinha pensado em montar um projeto de orientação do projeto de reforço, para trabalhar com estas escolas em cima de resultados desse reforço só que a gente não conseguiu e que uma avalanche de coisas que agente tem que dar conta.

A.B.: Aqui vocês também têm que pagar os...fica para as Oficinas o pagamento de orientação?

ATP.: Fica na mão da gente.

A.B.: Acho que não é o melhor.

ATP.: Não. Eu mesmo estou com 2 processos para fechar e não tenho tempo.

A.B.: Fica complicado

ATP.: E poderia se pensar em outra maneira mas também... Não se conseguiu ter uma idéia de como fazer isso.

A.B.: Mas a senhora falou que fariam outros projetos e o que vocês sentem de demanda dos professores porque uma coisa, acha que não dá tempo...

ATP.: Acho que a questão maior é orientar um pouco o professor o que fazer em cima do resultado que o SARESP traz. Porque o SARESP ele avalia em cima de competências e habilidades então muitas vezes o professor ele não consegue olhar para aquilo como uma fonte informação, um auxílio até para o seu planejamento. Se meu aluno tem uma defasagem em cima de uma competência isso quer dizer que eu preciso investir mais nessa competência, em todas as formas de estar promovendo o aluno que ele consiga melhorar nessa competência que é durante as salas de aulas, recuperações paralelas, o projeto de recuperação e recurso que muitas vezes não tem assim uma clareza de objetivo e que vai ser atacado ali então a Oficina sente necessidade de estar fazendo um investimento nessa questão mesmo. Para você ter uma idéia muitas vezes o resultado chega na escola o diretor abre, o coordenador abre, mas não

passa para o professor e não passa nem para aluno é direito dele saber como que é o desempenho dele muitas vezes não chega n.... A gente fez orientação agora em outubro de correção das redações e foi perguntado para gente em outubro quando que ia sair o resultado do SARESP de 2004 sendo que já estava disponível desde fevereiro e o professor não sabia

A.B.: Mas o diretor sabia?!

ATP.: Toda escola sabia a P. ligou para todas porque a senha vem para cá então a gente informa para escola olha a sua senha é tal você tem que entrar e tinha professor que não sabia

A.B.: E foi feito um trabalho?

ATP.: A escola não faz, entendeu? Então, muitas vezes fica truncado.

A.B.: Agora será que eles não fazem por ...

ATP.: Por não saber, e não é falta de vontade como lidar com este resultado o que fazer com isso. Porque na realidade eles não têm clareza ainda da importância isto tem e que isso vai ajudar no trabalho pedagógico da escola, não é nem má vontade

A.B.: É valorização na verdade...

ATP.: Exatamente você saber lidar com o resultado, trabalhar com o resultado você precisa aprender, você nasce sabendo e muitas vezes as pessoas não aprenderem a lidar com isso a usar a estatística como uma fonte, a trabalhar com dados, analisar esses dados, ver o que está por traz de cada um deles...

A.B.: Nesse sentido vocês não têm orientações técnicas?

ATP.: Não.

A.B.: Então, falta um pouquinho.

ATP.: Falta um pouquinho, e acho que falta um pouquinho também na escola, que precisaria ser feito esse trabalho. O que fazer? Eu recebi agora uma planilha é só de primeira e segunda série e que as coordenadoras pedagógicas vão ter que computar o resultado... Uma professora tal quantos insuficiente, suficientes, quanto bons, quantos muito bons e quantos ótimos e quantos excelentes e ter o panorama daquela turma e em cima desse panorama trabalhar o ano que vem no planejamento então essa turma, esse professor que ele tem que focar? Ou nem é esse professor pois todo ano troca, é muito difícil o professor que fica com a mesma turma mas, então, o que essa turma, o que essa crianças precisam? ou até avaliar como foi o desempenho da sua turma de 2005? Se você é um dado que as pessoas não têm clareza, se eu tenho numa escola vamos supor eu tenho 8 primeiras séries, eu tenho 12 insuficiente numa sala, 10 na outra, 14 na outra e no quando eu somo eu tenho praticamente uma sala inteira de crianças insuficientes, na escala é um número muito grande e aí o professor, o coordenador não tem clareza disso ele não consegue olhar para isso e analisar esse dado não que ele tenha

formar uma sala só de insuficiente mas ele tem buscar na escola onde estão estes alunos e fazer um trabalho intensivo, porque se ele já na primeira série na escola dele tem número tão grande de insuficiente e não for feito nada não tiver uma medida de melhoria desse índice com certeza ele vai chegar na quarta série com esse número muito maior.

A.B.:Acho que para isso a escola vai precisar de um apoio maior daqui.

ATP.: De olhar esses, aprender a olhar para esse dados do SARESP e enxergar o que precisa ser feito porque normalmente o que o professor, o diretor, o coordenador faz, a minha escola teve tantos excelentes, tantos ótimos, ótimo maravilhoso, a gente tem que premiar o que dá certo mas não pode esquecer de olhar o que os dados inferiores que são indícios, são fontes de preocupação acho que o que mais deve preocupar a escola não é os excelente são os que foram insuficientes e regular, agora o ano que vem a gente está pensando logo no começo chamar, trabalhar com ele nessa planilha mas isso de primeira e segunda série e fazer eles olharem para esses dados fazer um estudo que quantos alunos foram insuficientes é uma quantidade grande se uma quantidade grande onde que estão nossas crianças?

A.B.: Mas a senhora acha que eles podem? Isso precisa do apoio da Oficina eles não conseguiriam fazerem sozinhos?

ATP.:Não. Isso é uma proposta para o ano que vem, porque agora também não tem mais tempo e outra para fazer e este levantamento, teria que ter ficado com alguma cópia da folha ótica, porque a gente tem o gabarito lá das respostas apontando...De cada um e agora não tem tempo mais, não tem tempo hábil praticamente estamos na última semana letiva semana que vem é a última semana.

A.B.:A diretoria e a Oficina recebem o resultado da escola depois?

ATP.:Mas a gente tem acesso...

A.B.:Você tem acesso antes?

ATP.: A gente recebe a senha da escola e na realidade o objetivo não é violar o resultado da escola entrar lá e ver é estar chamando as escolas e pedir que cada uma traga o seu resultado e estar orientando a leitura deste resultado acho que é isso que a escola precisa: aprender o que ela ainda não conseguiu.

A.B.: Mas no começo todos os resultados eram mandados para a diretoria a senhora sabe porque deixou de ser mandado?

ATP. :Um dos objetivos que a Secretaria alega que tenha de mandar para a escola é justamente para orientar o planejamento, em que é feita uma tabulação muito rápida o SARESP é dia nove e dez de novembro para uma rede de quase cinco milhões de alunos se você computar isso para fevereiro é um tempo Record...na realidade o primeiro resultado que

sai e em cima de competência o aluno tal ele tirou nota as competências que ele foi bem e não foi, ai é o primeiro resultado por aluno e ai a escola tem condição de ver o fulaninho como é que foi o resultado dele no SARESP? ai depois é que sai os dados comparativos mas ai já é mais para junho e começo de maio para junho por que ai tem um tempo também de se fazer uma tabulação.

A.B.: O que eu estou pensando não é nem nesse sentido, tem muito pesquisador que critica, critica, critica e eu? Só quero tentar entender. Não seria mais coerente a Secretaria mandar, para vocês apoiarem o trabalho da escola , a escola não fica muito sozinha nesse planejamento inicial?

ATP.:Na realidade porque assim não tem como agente orientar individualmente as noventa escolas, é uma rede muito grande só Leste I são noventa escolas são em média quase 60.000 alunos estou chutando porque só de avaliação do SARESP foram 119.000 avaliações que vieram para a nossa diretoria, leitura e escrita e matemática então você diminui corta no meio são quase sessenta mil alunos e uma rede muito grande.

A.B.: A Delta é uma das maiores?

ATP.: É uma das maiores. Então não tem como você fazer esta orientação individual chamar uma escola vamos lá olhar aluno por aluno não dá tempo a hora que você terminar já acabou o ano, já tem outro SARESP. Mas o que a gente precisa fazer o que tem que ser feito é orientar a leitura desse resultado.

A.B.: Isso seria um trabalho a ser feito. Uma opinião pessoal da senhora para você para que servem estes resultado de avaliação de sistema eu estou perguntando porque teve logo no início o SARESP, não sei se a senhora estava na escola ele foi muito mal visto, hoje em dia ainda tem uma certa resistência outro dia eu estava numa reunião de uma diretora e um professor falava isso daí não esta medindo a realidade da minha escola ele colocava em cheque o próprio instrumento. Como a senhora vê isso? Para que isso serve?

ATP.: Olha, eu acredito muito na avaliação, nenhum processo ele pode dizer assim que dá certo se não for avaliado tudo na vida a gente tem que avaliar. As medidas do SARESP têm o lado político e o lado real função real eu acredito que vai muito da maneira que como você olha se você olha pro SARESP só com avaliação para medir o trabalho do professor para punir...

A.B.: Acho importante mesmo, para se ter uma idéia do todo é um tema polêmico...

ATP.: Quando o professor tem essa visão de que ele está sendo avaliado será punido, aquela questão do Bônus muito isso se a minha turma for mal, o bônus. Quem tem essa visão é quem

tem aquela idéia de avaliação punitiva entendeu? e não a formação formativa que o SARESP trás ele trás esse indicador que eu acho importante saber como foi o desempenho dos meus alunos até não de uma forma específica tem professor que fala há mais eu não trabalhei isto, ou eu não ensino dessa forma para fazer avaliar de uma forma geral, mas acho que esse é que interessante para você saber dentro de um censo comum como é que está o meu aluno em cima disso até ver se é um senso comum isso seu estou muito fora quem é que está errado? quem precisa mudar? Então neste sentido acho que o SARESP, e importante ele é um indicio, um indicador importante porque ele lida, ele traz resultados em cima de outros ele atende uma proposta que a Secretaria ele não esta solta ela tem uma proposta pedagógica ela esta centrada numa proposta que não é só o estado de São Paulo eu uma proposta do Brasil Parâmetros Curriculares Nacionais se eu tenho essa visão eu vou encarar o SARESP como um indicador importante e vou tentar planejar minha prática, pensar, repensar nas minhas ações através desse resultado na minha opinião eu como professora eu acho o SARESP importantíssimo.

A.B.: Nesse sentido de avaliação é mais formativo?

ATP.: Exatamente.

A.B.: E no sentido de subsidiar a formação dos professores?

ATP.: Ai mais importante ainda.

A.B.: Mas senhora acha que ele consegue aprender o que a rede esta precisando?

ATP.: Acho que ele consegue aprender o que está faltando, é muito fácil a gente falar que o problema não é meu ou é do governo. Eu não acho que o problema é do governo que compete ensinar é o professore então se de certa forma isto não esta acontecendo eu acho que falha é do professor então se esta falhando, se não esta chegando no objetivo da escola instrumentar estes alunos fazer a leitura e a escrita se eles apropriar desse conhecimento fazer uso disso não só na vida dele mas em tudo de uma forma geral se sai da escola sem esse objetivo quem está falhando é escola independente do partido político tal ou seja quem for, o problema é o professor responsável pela sua ações então neste sentido também enquanto formativo não para punir para achar o culpado, e falar que o professor é o único culpado, não se este professor esta falhando está falhando em que? se é na sua formação então vamos melhorar eu acho que isso demonstrou foi demonstrado neste governo não estou defendendo não mas eu acho que ninguém pode falar que não foi investido em formação de professor, se é a forma correta essa chuva de capacitações se resolveu ou não pelo menos neste quatro últimos anos teve muita formação.

A.B.:Mas questão professora será que precisava do SARESP para fazer tudo isto? Porque por exemplo ela estava me falando das parcerias que vocês procuram é um

trabalho muito interessante a gente vê o que a escola está precisando trabalha e inclusive corre atrás de parcerias para isso vocês não usam o SARESP usam? Para esse tipo de decisão?

ATP.: Não mais, a gente usa o SARESP para saber a formação do professor agora o que agente esta buscando a mais é complemento é para complementar esta formação para melhorar a visão desse professor, para que ele possa fazer uma reflexão uma análise da sua prática e acho assim trazer para ele a responsabilidade quanto ao profissional a gente não pode negar o nosso papel eu falo sempre para as minhas alunas a aprendizagem quem controla é o aluno mas o ensino que quem controla é o professor o que a gente sente é que o professor não tem clareza disso de como ensinar de que maneira ensinar e quando você pega o resultado do SARESP que você vê que são competências mínimas, porque não se avalia o máximo mas se avalia o mínimo nem o mínimo ele estão conseguindo, atingindo alguma coisa esta errado eu acho que ate nesta questão mesmo da formação o SARESP ajuda.

A.B.:É uma dúvida minha dúvida é por exemplo dos cursos o que está sendo apontado pelo SARESP como necessidade e o que? Por exemplo a proposta do Letra e Vida baseada no construtivismo que tem tudo a ver com os Parâmetros Curriculares Nacionais, será que eu precisava do SARESP para chegar a formular o Letra e Vida ou não, só a própria coerência..

ATP. Não, porque ele já foi elaborado antes do SARESP ou independente do SARESP quando ele foi realizado, com a Telma Vaz, era um projeto do MEC, em tese, entendeu? Não necessariamente, mas assim o que o SARESP ajudou para que o Estado de São Paulo comprasse a idéia trouxesse para sua rede essa formação, foi o resultado do SARESP, porque as crianças chegavam na quarta série analfabetas...

A.B.: E não estava se fazendo nada...

ATP.:E antes do SARESP não se tinha um indicador disso, as crianças chegavam normalmente culpava-se os alunos, eles que não aprendem, mas não tinha entendeu?um instrumento que pudesse dizer e falar assim não, realmente olha aqui oh, em cima desse resultado que a gente percebeu que um grande número de alunos. Então, não é questão de um ou dois, ou de uma porcentagem, é um grande numero de alunos, então não é questão de em cima disso vamos pensar em política? ai sim foi chamado o Letra e Vida ninguém pensava em Letra e Vida era PROFA um programa do MEC, que foi inclusive oferecido para São Paulo em 2000, na época a Secretaria da educação não quis.

A.B. :Se eu entendi bem o que a senhora esta me falando é que a relação do SARESP, com a formação de professores talvez não é direta o que eu vejo lá eu vou preparar um

curso aqui,é no sentido de fazer o governo pensar que tem alguma coisa errada e procurar...

ATP.: Realmente se tem alguma coisa errada o SARESP, indica o que? Uma falha na formação do professores será que tudo é culpa do aluno? Ai foi feita uma avaliação uma análise viu que muita necessidade da criança era uma didática do professor é culpa do professor não porque a formação dele é que ofereceu isso, então o que a gente pode fazer para ajudar a melhorar esta formação do professor que vai reverter neste resultado a sim é que foi pensar no programa. O SARESP contribuiu em política e cultura em ações e culturas da Secretaria para reverter este quadro.

A.B.: É porque da forma como aparece esta relação dos documentos a gente sempre pensa que o resultado da prova esta mais ligado na definição do conteúdo talvez até eles tenham esta idéia mas que a senhora vê que é importante não é isso.Essa é mais ou menos um complemento daquela que a senhora esta falando, do plano de trabalho no ano que vem. Na sua opinião a Oficina pedagógica poderia desenvolver outras ações diversas das que vem desenvolvendo atualmente para subsidiar as ações de formação? Se não porque? E, se sim, o que seria necessário para desenvolver? Pessoal técnico, verba? A senhora estava me falando que tem alguma que a Oficina pedagógica ela tem...

ATP.:Eu vou te falar o que eu sinto , eu sinto assim uma falha muito grande na formação do professor a nível de universidade entendeu o professor esta saindo da universidade completamente despreparado eu acho que qualquer ação que a Oficina possa fazer que vem a fazer ser muito difícil de sanar essa lacuna, porque é uma questão mesmo de parar com as transformações genéricas onde se fala de tudo ou não se fala de nada e focar em uma concepção o professor possa até optar eu quero me especializar eu que me aperfeiçoar numa concepção construtivista então eu vou procurar tal universidade que eu sei que eu vou sair dali com uma formação sólida por mais que a Oficina faça medidas que a gente tome são sempre orientações técnicas de capacitações. Eu sinto isso e te falo de que maneira eu trabalho com o Letra e Vida há três anos e eu senti muito na relação com estes professores que muitas vezes a falha de entendimento da concepção do programa e que o professor tinha uma formação muito precária, tem professores de ciclo I que praticamente não sabem escrever não dominam a escrita com erros terríveis de produção de texto como você vai num programa de 180 horas trabalhar além de uma concepção você precisa trabalhar numa falha de formação certo, que é muito maior formação quando o aluno vem lá do magistério sei lá do que foi feito, o curso que foi feito da pedagogia

A.B.: Mas ai professora mesmo que se acho que é uma coisa de se repensar os currículos da pedagogia do normal superior isso é importante mas as pessoas que já estão na rede dificilmente ela voltarão porque a vida

ATP.: Já tem então ai já vai fazer são paliativos.

A.B.: A senhora acha que a Oficina tem este papel de fazer opção paliativa?

ATP.: Eu acho que não.

A.B.: E para quem ficaria?

ATP.: Boa pergunta, mas eu acho que a Oficina não daria conta, entendeu, porque você trabalhar esta questão mesmo de formação que envolve muito mais do que assim a gente tem como proposta trabalhar orientações técnicas você trabalhar.

A.B.: As orientações da CENP?

ATP.: Não só as da CENP mesmo que a gente faça por aqui agente tem uma carga horária muito pequena questão do professor que não pode tirar da sala de aula muito tempo, quando você propõe uma coisa fora do horário você precisa certificar e a gente não tem autonomia para isso então a função da Oficina é estar trabalhando tendências novas essas questões novas pedagogias se falando de novo ou até refletindo sobre o velho mais não de uma forma aprofundada..

A.B.: Precisaria mesmo de outra especializações de uma outra forma.

ATP.: Porque ai já envolveria um lado censo...ou strito censo porque ai já entraria especializações e ai já aprofundaria mais, e aqui a gente não tem essa autonomia.

A.B.: E se por acaso tivesse, senhora acha que do jeito que ela está estruturada?

ATP.: Eu acho que deveria aumentar o pessoal, selecionar melhor, esse profissional teria que ter um preparo e ter uma formação também mais sólida.

ATP é um professor que é designado

A.B.:o que é designado?

ATP.: Designar é quando o dirigente resigna para exercer aquela função, porque cargo no estado professor, diretor e supervisor de ensino...É resignado pelo secretário da educação então os cargos são professor, diretor e supervisor de ensino os demais são tudo função que é resignada, o professor coordenador é função, o vice diretor é função, dirigente é função, o ATP é função...

A.B.: E ai teria que ter, para assumir essa função o ATP deveria se cuidar da formação...

ATP.: Ter uma seleção tem que ser uma pessoa bem você tinha que ter um projeto bem estruturado para poder desenvolver um trabalho de formação.

A.B.: Se ele é um formador ele precisa de mais apoio.

ATP.: Exatamente tem que ter um teórico mais sólido ele precisa saber que língua ele está falado...

A.B.: Vocês não tem uma proposta de Secretaria de formação de ATP?

ATP.: Que eu saiba não...

A.B.: Talvez fosse necessário né?

ATP.: Mas mudaria a função da Oficina pedagógica, a função da Oficina é um complemento, não é lidar com a formação do professor mas complementar, melhorar, aperfeiçoar e aí quando você pensa num ATP mais voltado para formação você muda completamente.

A.B.: Mas se é para melhorar para complementar o ATP não teria que ter um diferencial, do professor de sala de aula

ATP.: Com certeza.

A.B.: E como seria esse diferencial?

ATP.: Normalmente eles entregam um projeto fazem uma entrevista com um dirigente esse é o caminho normal, projetos, os trabalhos, uma entrevista e aí você é designado ou não.

A.B.: Então, qualquer professor pode ter ATP?

ATP.: .Pode, qualquer professor desde que haja vaga, e o dirigente queira

A.B.:E para acabar professora, gostaria que a Senhora fizesse uma avaliação da senhora, do trabalho desenvolvido aqui na diretoria de elaboração de programas e projetos, a partir desse resultado uma avaliação do trabalho desenvolvido aqui, seu a gente consegue fazer...

ATP.: Eu vou te falar uma coisa, a gente tenta viu, fazer um bom trabalho a gente tenta melhorar um pouco a formação desses professores e assim na medida do possível a gente tá conseguindo um bom resultado, tanto assim que o maior indicio disso é o próprio professor quando ele vem nas orientações e nas avaliações que eles deixam no final a maioria deles gostam muito do que a gente faz e contribuem bastante para a sala de aula e acho que isso já valeu a pena né, agora tem questões como eu já te falei que são além das nossas possibilidades, porque a gente não tem recursos suficientes, teria muito professor que eu sinceramente faria voltar de novo, na formação inicial para ver se melhora porque no meu ver não teria nem condições de estar como professor tanto mais como ser. Agora fala você um pouco da avaliação, o que você achou do ensino?

A.B.: Eu pedi uma avaliação do trabalho da diretoria, eu te chamei mais assim para a Oficina porque a gente está aqui... Elaboração de projetos de programas de trabalho a

partir do SARESP.Como vocês avaliam isso aqui?A Partir do SARESP? É do SARESP, a formação do professores é outro...

ATP.: É o que ela falou mesmo de alguns professores deveriam até mesmo quando a gente monta a orientação a gente pede um multiplicador então que mande um professor responsável, competente que possa multiplicar e coisa andar. Enquanto vêm professores aqui que a gente percebe que não...

A.B.: Mas você acha que tem esse cuidado na escola dela estar mandando um desse, ou o que ela manda...

ATP.: A Maioria das escolas sim, mas algumas não, ainda mandam aquele tipo de professor da sala de aula muitas vezes a escola X é sempre o mesmo, sempre aquele professor que está aqui e ai por dois motivos ou que ele realmente está interessado e preocupado e outras que não...

A.B.: E aí é difícil fazer qualquer trabalho né porque são poucas, se você conta com um multiplicador...E vocês acham que na escola quando eles voltam, ou o diretor, ou o professor ou o coordenador pedagógico agora nem sei quem seria a competência para fazer isso separam um tempo em HTPC para esse professor multiplicador?

ATP.: Alguns sim...

A.B.: Por que ai o trabalho de você aqui não chega lá...

ATP.: O maior problema é a comunicação. Eu não te falei que agora em Novembro/Outubro...SARESP que tinha professores perguntando quando que ia chegar o resultado de 2004 sendo que já estava disponível desde Fevereiro, e os professores não sabem..

A.B.:É uma comunicação não só entre as estâncias, é lá dentro mesmo, não tem como ir lá?

ATP.: E infelizmente a gente tem muito professor na rede que é assim ele até vem.. Ele ouve entendeu o que o coordenador faz e ele abana a cabeça concorda com tudo, as quando ele volta para sala de aula ele fecha a porta ele pega o livro didático e é aquilo lá que ele faz ha 20 anos, e fala “eu tenho 20 anos de experiência” e as vezes ele tem um ano de experiência e dezenove...

ATP.: E tem muito professor perdido em sala de aula, ele vem para a Oficina, para as orientações, à procura de um modelo, então assim da forma que você passou ele repassa na escola dele, do jeito que veio ele passa...Eles gostam muito de receita...

A.B.: Na verdade eu trabalhei um tempo em uma escola lá na zona sul, ela tem seu centro de estudos e dá curso ai para o pessoal e eu cheguei a dar curso era uma demanda

se você tinha uma proposta um pouco mais aberta para pensar, elas brigavam com a gente, diziam que estavam pagando e que o curso era muito caro e você não vai me dar nada para fazer” você queria fazer refletir...

ATP.: É difícil, refletir é um esforço muito grande, eles querem um modelo pronto para repassar na escola...

Anexo 3 –D: D.E. BETA

Anexo 3 –D.1: D.E. BETA

Entrevistada: Dirigente Regional

Data: Dezembro/ 2005.

Como já havia tido oportunidade de contatar a Dirigente quando do início das visitas à Diretoria, ao me apresentar para a entrevista, apenas lembrei o tema de trabalho. A professora interessou-se por ler as questões do roteiro, enquanto eu explicava os procedimentos que procuro usar na pesquisa, mantendo todos os nomes em sigilo, bem como submetendo a transcrição ao entrevistado, para que ele possa ter acesso às anotações. Vale ressaltar que a Dirigente entrevistada tem vasta experiência no Magistério (37 anos), tendo, inclusive, sido Delegada de Ensino (3 anos). Como dirigente, acumula a experiência de 3 e ½ anos. Sua formação acadêmica inicial foi em Ciências Sociais, seguida de Estudos Sociais e Pedagogia. É, ainda, especialista em Sociologia e em Gestão Pública (em andamento, curso patrocinado pelo Governo do Estado de São Paulo).

A.B.: Na Secretaria, que ações a senhora vê que estão sendo desenvolvidas, desde o começo do governo Mário Covas, no que se refere à formação de professores?

D.R.: Olha, eu posso dizer bastante, porque comecei lá em 68 e estamos até aqui. Nunca se investiu tanto em capacitação do profissional. Porque quer você queira, quer você não queira, de todas as faculdades que nós saímos, nós não estamos preparados para enfrentar a realidade. De jeito nenhum. Eu posso ter feito uma ótima faculdade de Ciências Sociais, era freqüente, a presença era controlada com o diário de classe todo dia, mas você não sai preparada para enfrentar uma realidade. E esta realidade, mesmo da sociedade, ela tem se modificado. 1970 é diferente, de hoje, de 2005. Então aquele que se formou antigamente se formou muito mais para viver aquela realidade, aquela sistemática. Hoje, ele estaria desestruturado e fora da sistemática de trabalho que ele tem que aplicar. Então, nunca, mas nunca, se investiu tanto nas capacitações de professores, em todos os aspectos, no conteúdo que o professor tem que dar, na metodologia que ele tem que aplicar, como que hoje ele tem que avaliar o aluno. Na

realidade, ele não tem que saber (o aluno) o conteúdo pelo conteúdo. Ele tem que saber realmente como ele vai achar esse conteúdo quando necessitar. Dar ao aluno a oportunidade dele ser um ser antes de tudo criativo; e não ser um ser só reprodutor daquilo que ele aprendeu, como era com a gente, não é verdade? Quando era a gente, a professora dava um ponto na lousa, se às vezes eu não dissesse a palavra que ela disse lá, estava errado. Hoje não. E para ter isso, o professor tem que ter uma modificação do seu próprio eu. Ele tem que ser capaz de querer se inovar. Agora os cursos estão aí. Sem dúvida nenhuma, nunca se investiu tanto. E antes, quando a gente queria fazer algum curso, nós tínhamos que bancar esse curso. E era fora do horário de trabalho e geralmente aos sábados. Entendeu? A mudança foi radical e para a melhoria. A Secretaria de Educação é a quarta empresa maior do mundo em quantidade de pessoas. E ela está se modernizando, ela tem que se modernizar, porque eu acho que não existe papel mais bonito do que o do professor, porque o professor molda o ser humano, né? Se vai um funileiro lá, se vai um torneador fazer uma peça, se ele erra, ele a coloco no foguinho, vira brasa e ele faz de novo. Agora, se o educador erra na formação daquele ser humano não tem mais conserto...Ele tem que saber lapidar, tem que ter cuidado, tem que dar brilho para ele próprio subir na vida.

A.B.: E a senhora percebe esse investimento, essa intenção de investimento está crescendo nos últimos anos...

D.R.: Sem dúvida, sem dúvida...

A.B.: Mas a senhora já percebia isso no início da gestão Mário Covas ou...

D.R.: Não, já começou. Começou. Só que a antiga secretária não era tão aberta, tão disposta a atender aos anseios. Ela fez ótimas, revolucionárias modificações e, muitas vezes, ela enfrentou a realidade. Isso de colocar ciclo 1 e ciclo 2 separados, foi um impacto que a sociedade sofreu. Mas realmente a capacitação surgiu com o Professor Gabriel Chalita. Sem dúvida nenhuma. Porque ele é um educador por excelência.

A.B.: Desde o início, mesmo com a professora Rose, ela dizia que um dos usos potenciais do SARESP seria estar alimentando a formação de professores, esses cursos de capacitação. A diretoria recebe algum tipo de relatório, ou ela deixa para os dirigentes, em que dados estão sendo apoiados esses cursos? Por exemplo, algum discurso como “O Letra e Vida está sendo feito nesses moldes porque detectamos isso?”. Ou fica mais no âmbito da Secretaria?

D.R.: Veja bem, todos os relatórios nos são enviados após a condensação dos dados. Lógico que nós temos reuniões (nós eu digo dirigentes de ensino), o pessoal responsável, os supervisores, os ATP's responsáveis da Oficina, têm reuniões. Mas eu acho que cada

realidade, dentro desse estado, é uma realidade. Eu não posso trabalhar os meus dados recebidos como uma cidade do interior, uma Diretoria de Ensino do Interior trabalha. As realidades são diferentes. As possibilidades são diferentes, tá? Então nós temos que receber esses dados, lógico que, no recebimento desses dados estão lá constatados por estatística, que a gente deve saber interpretar, não somente eu ter o dado pelo dado, mas saber aquele número, o que vai significar para mim, ou o que significou. O que eu vou poder melhorar e o que eu não vou poder fazer mais. Esses são todos indícios que os dados do SARESP fazem isso. E graças a Deus, o SARESP hoje não tem mais um sentido de repressão, de repetir o aluno, que é uma palavra horrorosa. Por exemplo, nós pegamos agora um histórico de 2000. Uma aluna foi para a Bahia, pediu a transferência. Na hora que nós fomos assinar, porque a escola foi extinta e eu tive que assinar, quando eu fui ver, a menina tinha as notas maravilhosas. Só que ela não apareceu na prova do SARESP e não fez aquele período de recuperação do general. Então o que aconteceu? A menina foi simplesmente reprovada. Como é que tenho, através de uma prova, que é feita em um determinado dia, como eu avalio aquele dia, aquela hora, depois, acabou. E se naquele dia, naquela hora, teve um problema em casa, ela teve uma indisposição física, ela brigou com o pai, brigou com a mãe e veio revoltada para a escola? Ela vai descarregar tudo na provinha, ela vai mal. Então o SARESP não pode ser isso. O SARESP é um levantamento de dados para que a gente faça um diagnóstico, para que através desse diagnóstico, sem punição, eu possa trabalhar o ano que vem. Isso nós realmente conseguimos. E hoje nós não temos mais aquele medo. Alguns anos atrás era “Ai vou fazer SARESP”, parecia que ia para a condenação no fórum e ele era o réu.

A.B.: Houve muita resistência, não?

D.R.: Houve resistência. Hoje não. O aluno já está preparado. O aluno de 1^a. a 4^a. Série ele vai lá, toma a merenda no horário que ele tem que tomar, volta para fazer a prova, quer dizer, não tem esse problema “Olha, ele vai pegar isso, ele vai aquilo”. O aluno de 5^a. a 8^a, também, recebe a sua merenda de manhã, é preparado, não tem aquela rigidez, de você não poder fazer algo. Você pode tudo, desde que você tenha o seu bom senso.

A.B.: Mas a senhora acha que ele consegue pegar essas especificidades? Porque no começo da sua fala, a senhora chamou a atenção para isso, ele dá um indício, mas cada região é a sua região. De repente, uma escola não pode estar trabalhando com determinado conteúdo, tem que estar trabalhando com outro. Como que fica esse confronto com o SARESP?

D.R.: Não, veja bem. Eu acho que tudo nós podemos fazer. Algum tema a gente tem que aprofundar mais. Outro tema não há necessidade ou não precisa ser aprofundado. Veja bem.

Primeira série. O que você está vendo, meu camaradinho, com o aluninho nosso, o pequerrucho nosso? Você está vendo a adaptação dele dentro da escola e até o mês de novembro, o que ele conseguiu assimilar. Eu fiz bem, o meu curso de Letra e Vida serviu? Também é uma avaliação para nós professores. E principalmente para nós. Por que aquele outro professor conseguiu e eu não consegui? O que eu não fiz? Você entendeu? Então todos esses dados são discutidos em reuniões. A gente gostaria de ter muito mais, mas o tempo urge. Então nós não temos condições de, às vezes, girar. E o que nós queríamos, o que a gente está começando a fazer, é não chamar o professor coordenador para a gente analisar esses dados, mas chamar o professor. Ele é a nossa fonte. Ele é a nossa riqueza. Porque se eu chamo o diretor, depois o diretor tem que passar para o coordenador. Ou chama o coordenador e o coordenador tem que passar... Fica aquele telefone sem fio. E aí muda. Então eu tenho que estar lá com o professor. É ele que vai realmente revolucionar a educação.

A.B.: E a sra. falou uma outra coisa que me deixou com uma dúvida. Em sendo um indício, a senhora acha que esses cursos conseguem realmente captar a demanda do professor?

D.R.: Veja bem, na realidade a gente pretendia que todos já satisfizessem aquelas necessidades dos professores. Mas você sabe. Existem professores e existem professores. Existem diretores, e diretores. Dirigentes e dirigentes, e assim por diante. Em todo lugar existem as diferenças pessoais. Uns vão lá (e eu vou te dizer a verdade) apenas para ter um certificado para uma evolução funcional. É o meu perfil, eu preciso progredir na progressão não acadêmica então eu estou lá. É o que a gente está vendo, bastante, que a gente sente; outro dia, com a Oficina Pedagógica eu sentei e conversei. Gente, será que está chegando lá na ponta? O que me interessa não é o diretor, assim em tese, estou falando como um todo, não é o diretor, não é professor, o que interessa é o aluno. Nós existimos porque o aluno existe. Então a minha finalidade de estar aqui é o aluno. Ele está sendo atingido? Ele está sendo beneficiado? Por que algumas escolas têm evasão e outras não têm? Nós temos que ver isso. Porque um [professor] consegue dar [sua aula] numa classe, entre aspas, supostamente bagunceira, e outro não dá? Aí que está a disponibilidade e abertura do professor. Infelizmente a gente não consegue pegar tudo, mas a gente está tentando. Agora eu acho que neste momento de revolução na educação, porque é uma revolução, querer na realidade a participação efetiva, se eu tenho 100%, se eu conseguir agora 50% a minha meta foi boa. Porque estes 50% certamente na unidade escolar vão contaminar mais 20%, depois mais 20% e depois mais 10% e eu tenho 100% contaminados para ter uma revolução educacional eficaz.

A.B.: A senhora acha que os professores, do que a senhora vê aqui, estão aceitando bem esses cursos?

D.R.: Tão...Tão...Tão...Só que veja bem. Os cursos que nós fazemos dentro do nosso horário, é convocação, não é verdade? Eles têm que comparecer, por obrigatoriedade de lei, cumprir, uma determinação de uma autoridade superior. Geralmente a gente pede para que mande para gente pessoas comprometidas, não que fale a mesma cartilha, mas pessoas críticas, que tenham o poder de transmissão dentro da sociedade. Porque não adianta chegar aqui, ouvir, ouvir, copiar, copiar, e ficar para mim. Não, as capacitações, têm que ser socializadas. A gente pede para isso. Agora nós temos Teia do Saber, que é feito aos sábados. Nós temos Letra e Vida que é feita fora do horário. Letra e Vida quase que já atingiu os 100% de professores alfabetizadores desta diretoria, se não passou, porque já tem gente que saiu e continuou. Teia do Saber é uma ótima oportunidade para o pessoal voltar às universidades. Voltar às universidades dentro do seu tempo. Veja bem, nós gestores estamos fazendo o curso na UNICAMP. Especialização em Gestão Pública, tal, tal, tal. Da nossa Diretoria, podia se inscrever Dirigente, Diretores, Vice-diretores. Parece-me que professores coordenadores e não podia ser OFA/ACT, tinha que ser efetivo. Nós temos lá, eu tenho impressão, que cerca de 70 pessoas, 74 pessoas inscritas. Mais ou menos isso. Quer dizer que são pessoas comprometidas. Porque o que eu tinha que fazer, com 37 anos de serviço, 57 anos de idade? Eu já deveria ter me aposentado há doze anos, por que eu estou fazendo isso? Eu penso, se eu não renovar e se eu não estiver junto daqueles que estão sob meu comando, como é que eu posso passar o exemplo? Então nós estamos lá, pegamos os textos, entramos na Internet, que para mim ainda é um bicho de sete cabeças, mas eu entro na Internet, trocamos idéias e passamos um sábado diferente, entendeu? “Você fez a pergunta, você não fez a pergunta, como é que você respondeu?”. É uma troca de experiências. E, às vezes, até diretores que poderiam supostamente estar afastados da gente, eu vi que nestes dois sábados, já estão mais juntos. Quer dizer, um deles que não interessa o nome, sabe, que estava meio revoltado, perguntou “Professora, onde a senhora vai almoçar? Eu posso almoçar com vocês?”. Eu achei que valeu mais do que o curso: é o ser gente, o viver junto da gente. E isso é importante dentro da educação. É um querer mais que os outros, um querer estar junto com os outros, para juntos a gente se desenvolver. E esses cursos possibilitam isso. Agora, tem algumas pessoas que não adianta. A gente sabe disso. Mesmo na faculdade, que você está fazendo, você sabe que tem uns que estão lá para preencher os espaços. Mas mesmo estes, com o tempo, verão que estão ficando de lado, na traseira, e na traseira não vai nada. Por que veja bem, o aluno, e isso é pesquisa comprovada, não gosta do professor molenga, ele não gosta do

professor que não tem um planejamento, que não saiba o conteúdo e que não cobre. Veja bem, o professor que deixa os alunos bagunceiros fazerem tudo, não é o professor que os alunos querem. Porque chega uma época da vida, os alunos vêem que precisam do estudo. Vai falar com o pessoal dos 2º. ou 3º. anos do Ensino Médio.

A.B.: Gostaria de retomar uma pergunta, para esclarecer, pois em sua primeira fala a senhora fez algumas colocações que me deixaram com dúvida. A senhora me falou da questão dos indícios obtidos com a avaliação, que o profissional tem que estar sabendo ler esses dados, ver como pode aproveitá-los, até para saber como vai planejar o seu trabalho. O SARESP é formulado pensando em uma metodologia de análise um pouco difícil, que é a Teoria da Resposta ao Item. A Secretaria de Educação dá algum suporte para entender esses resultados? Não digo nem para o professor, que talvez não seja o caso, mas para o Dirigente, os supervisores, os ATP's?

D.R.: Veja bem, na realidade, eles não vão esmiuçar tremendamente. Porque eles vão passar os dados para nós. Para as pessoas que estão sendo capacitadas para a aplicação das provas, para a discussão das provas, para correção das provas e para a utilização das provas no cotidiano. Para isso, nós temos as videoconferências, nós temos encontros presenciais, FDE, uma porção de coisa. Mas veja bem, o dirigente, que é o gestor geral, se ele for pegar as minúcias, nós não temos tempo para fazer isso. Eu tenho 78 escolas estaduais, 5 unidades de FEBEM, 324 escolas particulares, tenho 100 funcionários na casa, tenho 6000 professores na rede e tenho 100.000 alunos na região...Você entendeu? Uma pessoa não daria. Então nós temos que passar estas responsabilidades. Agora os outros que estão aí tudo bem. A minha supervisora, que é coordenadora do SARESP, a L., é fantástica. Apesar dela sempre dizer que falta alguma coisa.

A.B.: E como a sra. vê as mudanças no sistema de avaliação, nas agências responsáveis e a continuidade do trabalho do pessoal da Diretoria?

D.R.: Veja bem, ocorreram essas mudanças. As provas foram aplicadas agora. Os resultados demoram um pouco para chegar. Nós não sabemos se, nesse ínterim, eles estarão realmente capacitados para o trabalho. Mas eu tenho certeza que sim, pois a Secretaria não vai jogar o dado pelo dado. E ela não vai nos cobrar algo que realmente ela não nos concedeu. Mas apesar de tudo, apesar das mudanças, eu acho que esse ano nosso índice mudou um pouco, pelas escolas que eu tenho percorrido. E o que eu acho mais gostoso é que aqui na Beta não há disparidade entre a parte objetiva com a parte de redação, há um equilíbrio: a escola que vai mal na redação vai mal na objetiva; a escola que está lá em cima na objetiva também está lá em cima na redação. É uma coerência. Em alguns lugares (a gente não pode nem falar, mas

tudo bem), a gente vê uma disparidade: a objetiva está lá embaixo e a nota de redação está boa, porque redação é a escola que corrige...Então nós não podemos camuflar, nós temos que expor a realidade. É por isso que eu falo: nós não podemos e não devemos criar dados irreais. Os dados devem ser da nossa realidade! Nós falhamos? Falhamos. Aonde que nós falhamos? O que nós não poderemos mais fazer? E pensar em um trabalho de suporte para o professor, para atingir o aluno.

A.B.: É que parece que ficou um mal estar daquela época das cores...

D.R.: Sem dúvida nenhuma. Aquela escola é vermelha, aquela é azul, aquela escola é a verde...Quem vai para a capacitação? Só as escolas vermelhas. Gente, foi horroroso! Os diretores falavam: “Nós que fomos reprovados estamos indo”. E nós não podemos, nós temos que fazer o conjunto: aquela que está bem, junto com aquela que está mal, para ver... É a troca de experiências que nós precisamos. Às vezes o pessoal fala “Puxa, você fez uma reunião para falatório de troca de experiência?”. Não foi, gente! É para ver o que você fez e que eu posso ocupar, ou dizer “Puxa, porque eu não fiz aquilo que aquela fez? Poderia ter dado certo...”. Como poderia não ser...Eu só vou saber testando, fazendo. O SARESP, a partir de agora, está seguindo, trilhando um caminho como o que ele deveria ter sido desde o começo. Não com medo de punição. Mas realmente para a gente fazer um diagnóstico da realidade naquele momento, naquele dia.

A.B.: É que esse ano (acho que foi 2001 que foi complicado), mas anteriormente o SARESP tinha uma lógica de estrutura de avaliação, uma lógica longitudinal, que pegava 3^{a.} e 7^{a.} em um ano, 4^{a.} e 8^{a.} no outro...Era uma lógica interessante, na minha opinião, e de repente houve essa quebra, que ninguém entende...Eu já fui na FDE perguntar sobre o motivo da mudança, mas o que me disseram é que esse ano é um ano sobre o qual ninguém gosta de falar.

D.R.: Mas eu acho que todos têm que ser avaliados. Veja bem. A 3^{a.} série, que no meu entender é a pior série do ciclo 1 e 7^{a.} série, a pior série do ciclo 2. Sempre foi, desde a minha época. Então porque não avaliar a 5^{a.} série, por exemplo, que é a transição dos meninos de um professor, para vários professores? Será que não vai refletir na série seguinte? Entendeu? Então eu tenho que ver o todo. Como está entrando aquele meu menininho de seis anos, desdentado, que vai fazer sete anos até 31 de dezembro. Ver como ele está entrando e o que eu estou fazendo com ele neste tempo que ele está aqui...Ele já entrou alfabetizado? Ele não entrou, né? Porque tem criançadinha de sete anos que dá baile no professor e têm outros que não tiveram a oportunidade de ter a educação infantil. Tudo isso é considerado. “Ah, mas

jogaram todos na prova por jogar”. Não! Jogaram porque existe uma realidade a ser analisada. Nós não podemos ser pontuais e estanques. Temos que ver o todo.

A.B.: Com essa necessidade que a sra. explicou de ver o todo, como a senhora encara essa iniciativa do governo federal de fazer a prova censitária? A senhora acha necessária?

D.R.: Veja bem...Eu não entendo a perspectiva dos ministros de lá. Eles não têm um planejamento, um ponto. Nosso secretário é representante do CONSED, o Conselho dos Secretários da Educação. Mas o ministro...O outro não sabia o que estava fazendo lá, porque era tão confuso...Esse novo tem um ano pela frente. Se ele procurar ver o todo da realidade do Norte, da realidade do Nordeste, da realidade do Sul, e aplicar, com cada secretário, as medidas necessárias para sanar as dificuldades, que é como o Chalita está fazendo no CONSED...O que estamos fazendo, agora com o Paraná, é uma troca de experiências reais com os secretários da Educação. O Paraná é um dos modelos que nós tínhamos antes. Alguma coisa da experiência deles nós precisamos. Outro dia trouxeram o pessoal da Bahia. Eles foram visitar a Escola da Bahia, para ver como funciona, visitaram uma Diretoria de Ensino, para ver como ela está estruturada. Por que não podemos ir para lá também? Se houver oportunidade, nós iremos! Essa é uma troca de experiência no Brasil, para que o Brasil não seja vários Brasis, seja uma unidade. Agora o Ministério da Educação, se vai fazer tudo isso, quando terminar o mandato dele não está pronta a pesquisa ainda. Se o outro que vier puder fazer...Ou se for o nosso secretário será muito bom. Esse Anresc deu um trabalho! Cada provinha de uma cor. As provas eram só para as 4^a. e 8^a. séries e não chegaram as provas das 8^a. séries. É falta de organização. E não adianta pagar R\$ 40,00 para aplicar as provas. Uns vão aplicar porque vão querer os R\$ 40,00, pois por dia dá R\$ 80,00. A nossa avaliação, o SARESP, não pagou nada. Foi o professor da escola que aplicou. Lógico que nós procuramos organizar para que outro da mesma série acompanhe a avaliação, e não o professor da mesma classe.

A.B.: Como a senhora avalia a chegada dos resultados do SARESP na Diretoria?

D.R.: O primeiro resultado do SARESP chega nas mãos do Dirigente. É entregue solenemente, não é divulgado em jornal, em nada. Somos nós que recebemos. Quando a gente chega com o nosso pacotinho aqui, a primeira coisa que a gente chama é a Oficina Pedagógica e os Supervisores. E então a gente estuda: qual escola que não atingiu os objetivos, qual

atingiu... É a partir daí que a gente começa a se preparar, se não deu para o planejamento⁹, a gente re-planeja nossas ações a serem desenvolvidas durante o ano.

A.B.: O resultado costuma chegar quando, professora?

D.R.: Quando chegou esse ano??? Se não me engano foi na metade do ano. Chegou tarde e nós pedimos que eles entreguem antes, porque o que eles têm lá é tudo informatizado. Então a leitura ótica é fácil. E as redações já vão todas corrigidas por nós. Então não tem como... Seria muito mais interessante que chegasse em fevereiro, março. Mas veja bem, a escola ficou com as provas. Já dá para na unidade escolar analisar os resultados das provas, pois elas estão nominais. A escola pode analisar até aluno por aluno.

A.B.: A senhora acha que a escola tem condição de fazer essa análise sozinha?

D.R.: Sem dúvida nenhuma! Eles já estão aptos para fazer isso. É só querer.

A.B.: Mas e do conjunto...

D.R.: Grande parte faz. Porque eles vêem que tudo isso aí gira em torno das habilidades, competências e das ações que eles têm que fazer para desenvolver as duas. Então eles fazem sim...Mas é que é difícil, entendeu? Existe resistência ainda, você sabe que existe. Eu tenho profissional aqui na rede com quarenta anos de magistério e que está ainda na sala, achando que a cartilha Caminho Suave é a melhor coisa. Também não vamos discutir. Nós usamos muito, mas para nossa realidade atual, não é ideal.

A.B.: Eu queria que a senhora me falasse um pouquinho mais. Quando esses resultados e relatórios chegam aqui na Diretoria, como vocês os organizam aqui dentro?

D.R.: Primeiro fazemos uma reunião interna, porque nós temos que saber, temos que estudar. E depois nós vamos fazer reuniões externas com os primeiros gestores da escola: o diretor, o vice e com os PC's. E depois a gente passa por áreas: Matemática vai trabalhar a sua área, Português vai trabalhar a sua área. Este ano, nós não queremos trabalhar apenas com PC's. Queremos trabalhar com a base, o professor. Mesmo que eu tiver que tirá-lo de sala de aula. A gente tira durante o período, baseado naquela legislação que permite um substituto, mas o professor está aqui, está em contato, é ele que está gerenciando lá dentro das quatro paredes, então é ele que deve saber. Eu acho importantíssimo. Porque o HTPC existe, mas é curto e muito mal aproveitado ainda, infelizmente. Foi uma conquista do professor, mas uma conquista que não está sendo abraçada.

A.B.: É porque até a divulgação do que acontece nos cursos...

⁹ O SARESP chega às Diretorias depois do período de planejamento anual das atividades.

D.R.: Tudo...Mas, às vezes, eles utilizam o HTPC para preencher diário de classe, por mais que a gente mande supervisor lá...Outra coisa que vamos trabalhar é os conselhos de classe e série, bimestralmente. Não somente ficar fechado lá entre professor e diretor. O aluno também vai participar. E este ano eu vou querer que os pais participem também para ser uma gestão aberta. Porque muitas vezes não é o aluno que erra, muitas vezes é o profissional lá que não tem aquela aptidão...

A.B.: Para a senhora, qual é o papel da Oficina Pedagógica?

D.R.: Bom, a Oficina Pedagógica é o coração da Diretoria, sem dúvida nenhuma. Tudo do pedagógico, tudo o que traz benefício e transformação para o aluno, parte da Oficina Pedagógica. A gente deveria ter muito mais ATP's, mas infelizmente a gente não o tem. Porque nós temos um módulo a cumprir e pela quantidade, pela complexidade das nossas escolas, eles deveriam estar mais nas escolas. Mas eles não têm como estar lá, não tem como ajudar a escola. Porque eles também estão sofrendo várias capacitações. Tem ATP meu que uma semana ficou três dias em curso fora, voltou e na semana seguinte ficou mais dois dias, e na outra semana ficou quatro. Quer dizer, eles também estão se reciclando e se capacitando, porque não adianta colocar uma pessoa boazinha, da minha linha na Oficina Pedagógica e ela não saber transmitir. Tem que ser uma pessoa aberta, integrada com as outras disciplinas. Tem que pegar o todo, porque isso é uma integração, uma interdisciplinaridade. E principalmente a Oficina Pedagógica tem que trabalhar em conjunto com os supervisores de ensino. Isso é difícil. Porque a primeira coisa é que o supervisor não aceita o outro indo à escola dele. "*A escola é minha*". Eu tenho trabalhado que a escola não é de ninguém. Essa sala não é minha. Hoje eu estou ocupando, apesar de que esses badulaques são todos meus, significa que hoje eu estou ocupando. Quando eu sair, dignamente eu recolho o que é meu, saio, passando ao outro a situação de como está, no dia da passagem. Tem supervisores que realmente estão integrados, que participam das ações pedagógicas. Mas realmente o que falta é tempo. Hoje eu estou com uma exposição, com o trabalho da Escola da Família, preparando o planejamento da reunião de diretores e estou começando a inscrição para atribuição de classes. Tudo em um mesmo momento. Então o supervisor que estava ajudando no planejamento e montagem da exposição teve que sair para atender à exposição, pois o professor que vem aqui se inscrever não quer saber se vai demorar uma ou duas horas; ele quer se inscrever.

A.B.: Aqui na Diretoria o trabalho da Oficina está relacionado à formação do professor, não?

D.R.: Sem dúvida nenhuma...Junto com a supervisão.

A.B.: Junto com a supervisão...E como a senhora vê o papel de formadora de professores da Oficina, dentro da Diretoria? É função da diretoria formar os professoras para o trabalho na escola?

D.R.: Veja bem. Antes eles já estão sendo capacitados em nível superior. Essa capacitação em nível superior tem que ter um perfil adequado, para saber transmitir. E tem que, antes de tudo, saber que cada ser é um ser, existe a individualidade. Existe aquele que é questionador...Eu vou lá gente, o que ele está questionando? Será que é verdade? Será que não é? Ou ele está questionando por questionar? Para tudo isso tem que ter uma perspicácia. O pessoal da Oficina tem que ser aberto. Para saber a deficiência deles nas avaliações que os professores fazem da Oficina, aonde que eu errei, se eu fui muito impositivo, se eu não fui (apesar de que tem hora que você tem que ser).

A.B.: Agora se um professor procura a Oficina, com um problema específico, como por exemplo gestão da sala, de não entendimento do trabalho a ser realizado, a Oficina...

D.R.: Tem condições de atender! Sem dúvida nenhuma.

A.B.: Se uma escola procura...

D.R.: Sem dúvida nenhuma. Muitas escolas estavam com problemas no HTPC's. Então a Oficina foi à escola junto com o supervisor de ensino. E eu sempre peço ao supervisor de ensino, apesar dele ter muito trabalho burocrático e administrativo, para estar principalmente nas HTPC's, que é o ponto chave de encontro dos profissionais. Porque eu, às vezes, dentro da minha sala não sei...Eu, que sou supervisora da casa, eu entro e assisto uma aula. Não tem problema nenhum, é minha tarefa. Mas, às vezes, não dá tempo porque eu tenho que ir na escola e correr na outra escola particular... Porque cada supervisor aqui tem quatro escolas estaduais e 15 ou 16 particulares, além de todas as suas outras atribuições. E às vezes não dá. Então, na HTPC, o que eu faço? Eu tenho o encontro conjunto de todos. Aí a gente pode discutir realmente a eficácia da nossa atuação. Aqui na Diretoria as HTPC's só acontecem de terça e quarta. Não acontecem de segunda porque é reunião de Oficina Pedagógica e reunião de Supervisores. Na quinta é o dia que a gente chama o pessoal para as capacitações. Na sexta estava o Ensino Médio em Rede, com as videoconferências. Então a gente procura não chamar o diretor, nem os coordenadores nem nada aqui nas terças e quartas, por causa das HTPC's. Segunda nós ficamos aqui, planejamos a nossa semana, fazemos as cobranças e na sexta-feira eles vão para as videoconferências. Mas tudo isso aí é um plano que a gente traça. Que pode ter, obviamente, as bifurcações, porque fatos novos acontecem.

A.B.: Voltando um pouquinho, antes de entrarmos no supervisor, qual é o trabalho do pessoal da Oficina em relação ao SARESP?

D.R.: É fundamental, gente. São eles que na realidade coordenam o SARESP, eles programam as reuniões para explicações sobre o SARESP, sobre os assuntos...Eles que fazem. Tanto que aqui nós fizemos várias capacitações para a Matemática, que foi inclusa este ano. Nós tínhamos que ter feito mais, mas não houve tempo hábil. Mas a gente fez: como é que vocês têm que atuar, em que pontos é necessário focar. Então tudo isso através da Oficina Pedagógica, que é o pedagógico da Diretoria, sem isso não dá para fazer nada, nada.

A.B.: **Eu fiquei com a impressão de que esse trabalho sobre os resultados do SARESP era do supervisor, que é o coordenador de avaliação...**

D.R.: Veja bem. O supervisor, o meu supervisor, trabalha junto com a Oficina nestas capacitações. Além disso, ele é o coordenador burocrático das aplicações do SARESP: recebimento de caixas, conferência disso, conferência daquilo. No dia do SARESP todos os supervisores, todos os 24, mais todos da Oficina Pedagógica, comparecem às Unidades Escolares. Todas as Unidades foram cobertas. Não digo de manhã, à tarde e à noite, mas ao menos um período ela foi. Eu mesma que fiz a escala. Nos dois dias de SARESP.

A.B.: **A senhora está falando do papel do supervisor em relação ao SARESP...**

D.R.: É. Então veja bem. Nas reuniões onde foram chamados os supervisores, foram dois supervisores meus, para aprender a sistemática administrativa: quando vão chegar as caixas, como você vai fazer a reunião com a escola, quando você vai fazer isto ou aquilo. Isto é a parte burocrática do recebimento. No dia da aplicação, nós ficamos de plantão aqui no gabinete, eu e esses dois supervisores. Todos os outros foram para a base. Tanto escola pública, quanto escola particular (porque eu tive 13 escolas particulares fazendo). Eles acompanharam, ajudaram no fechamento dos pacotes e assim por diante. Na hora de entrega dos envelopes para cá todos os supervisores ficaram de plantão na sexta-feira e cada supervisor verificou o pacote da sua escola: se eu tenho 3 estaduais e 4 particulares, eu conferi 7 pacotes e entreguei para a coordenadora fazer o despacho de tudo. Além disso, antes, nós fizemos, com essa coordenadora do SARESP e com a Oficina, uma reunião de procedimentos que deveriam ser tomados.

A.B.: **A senhora falou que, quando os resultados chegam, são chamados todos os supervisores...**

D.R.: Todo mundo. Eu tenho reunião toda segunda-feira, às duas horas da tarde.

A.B.: **E tem alguma diretriz para o trabalho da supervisão? Porque o da Oficina está claro: ela vai acompanhar os programas, cursos, assessorar escolas, vai trabalhar com esses dados da avaliação. O supervisor faz o quê?**

D.R.: Ele é o responsável pelo pedagógico da escola. Antes da Oficina Pedagógica.

A.B.: E o que ele pode fazer com esses resultados?

D.R.: Ele vai trabalhar lá dentro. O supervisor não vai à escola somente para ver livro ponto, se levou o papel da PNL¹⁰. O supervisor é o todo da escola. E principalmente neste todo, ele é o pedagógico. A Oficina nunca vai trabalhar um dado em contraposição ao que a supervisão determinou. Existem até diretorias que têm um supervisor que é responsável pela Oficina Pedagógica. Nós tivemos neste ano, aqui nesta diretoria, um professor ATP como coordenador da Oficina, que toda segunda-feira, na reunião dos supervisores, passa para os supervisores os aspectos pedagógicos da Diretoria. Então tem que ter uma integração.

A.B.: E aí o supervisor tem que conhecer o resultado da sua escola para estar...

D.R.: Sem dúvida nenhuma. Ele trabalha junto com a escola para ter aquele resultado.

A.B.: Então não fica somente em cima da supervisora que é a coordenadora da avaliação...

D.R.: Não... Ela só coordena no momento. Depois cada um é responsável pelas suas unidades escolares.

AB: Na opinião da senhora, para que servem os resultados do SARESP? Para que a senhora acha que eles devem servir?

D.R.: O SARESP, ou qualquer prova avaliativa que se faça, serve para que eu tenha nas mãos dados fidedignos e reais, para que eu analise a minha situação de hoje e planeje minha ação do amanhã. É isso aí. Veja bem, porque se uma escola não tem coerência entre os resultados, não há coerência entre um dado e outro, é necessário investigar porque não há coerência. Eu tenho que saber como esses dados estão hoje, para que eu faça um trabalho a fim de saber como eles estarão amanhã. É para ver realmente onde eu acertei, se eu continuo ou não, e aonde eu errei, aonde tenho que mudar.

A.B.: E a senhora acha que, da forma que o SARESP está organizado, ele está cumprindo esses objetivos ou a sra. proporia alguma modificação?

D.R.: Veja bem, acho que para nossa realidade já está satisfatório. Não está totalmente, mas está indo para o satisfatório. Eu acho que não adianta querer modificar ou fazer tudo radicalmente diferente hoje, quando nós ainda não estamos preparados. Primeiro eu tenho que preparar o ser humano. É a mesma coisa quando eu te digo que vou fazer um curso à distância. Mas se eu não preparo o meu aluno para mexer na maquininha infernal que é o computador, não adianta. Eu vi por mim, que estou fazendo curso à distância: eu gosto, mas não tenho tempo de fazer, mas tenho a menina que digita, tenho a menina que tira e-mail. Eu

¹⁰ Plano Nacional do Livro Didático.

tenho que aprender a me virar sozinha no curso; então ao invés de eu fazer uma coisa em dez minutos, já demorei uma hora e meia. Nós temos que, antes, ser preparados, para depois fazer. Todas as ações devem ser assim.

A.B.: Então nesse momento o SARESP teve o papel de colocar a idéia, a tal da cultura da avaliação...Pelo que a sra. conhece da gestão, a senhora acha que vai estar acontecendo alguma mudança na sistemática da avaliação?

D.R.: É, eu acho que ele já está quase chegando ao satisfatório. O ideal seria ampliar. Estava para Português, agora está para Matemática...Por que não fazer, daqui algum tempo, com os conhecimentos gerais? Deixar História, Geografia, em um outro momento Ciências, Biologia. Não é verdade? Fazer uma avaliação total do aluno. Apesar de que em todas as disciplinas eu tenho um momento leitor: tenho que ler a Biologia, a Matemática...Isso já é uma avaliação de cada disciplina.

A.B.: E na concepção inicial até tinha Ciências, Geografia...

D.R.: Tinha, Ciências, Geografia...Era ver o todo do aluno. Num dia eu faço Português, no outro, Matemática, no outro faço os outros conhecimentos, dependendo da série. Isso seria ideal porque eu teria uma avaliação eficaz de toda a escola. Mas veja bem. Tudo isso depende de verba. Não adianta querer ter a vontade de fazer. O governo do estado tem que planejar, para orçar essa verba, para no ano seguinte modificar. Não adianta lá na hora querer fazer. Tudo depende de dinheiro. Este ano algumas prefeituras entraram e algumas escolas particulares entraram. Algumas escolas municipais não entraram por que? Não tinham orçado o dinheiro, porque era necessário pagar por aluno. Não é falta de interesse. É falta de condições. Algumas das minhas escolas particulares deixaram de fazer porque não tinham planejado esse gasto e não iriam cobrar do aluno.

A.B.: E a senhora vê uma tendência para que as escolas particulares comecem a participar?

D.R.: Eu acho que sim, porque nas escolas particulares não é feito um ranking. Cada uma recebe o seu resultado. Você não vê nas escolas que participaram no ano passando o comentário de que a escola X foi melhor que a outra. Nem entre as estaduais. Não tem ranking porque as escolas particulares têm medo de ir mal e os pais tirem os alunos. Cada escola recebe os resultados para trabalhar dentro da sua escola. Isso que é importante. Não ter uma publicação.

A.B.: O meu tema de pesquisa é tentar relacionar avaliação com a formação de professores. Como a senhora vê essa relação? A senhora acha que é possível que os

resultados sejam utilizados para subsidiar cursos ou a senhora acha que da forma como é ainda não chegamos a isso? Queria ouvir um pouco sua opinião.

D.R.: Na minha opinião nós só vamos fazer curso quando há necessidade. Não é verdade? Mesmo a Teia do Saber. Esses cursos são montados visando lá algum probleminha que existiu e que eu preciso dar uma modificada, uma incrementada, naquilo que eu tenho que realizar. Nada nós vamos jogar por jogar. Tem um curso de capacitação sobre o uso da água...Para que trabalhar o uso da água? Porque há um problema mundial de terminar a água. Aonde eu vou começar a esclarecer? Nos bancos escolares. Como eu vou poder chegar ao meu aluno? Eu tenho que ser capaz de tal. Então nós vamos capacitar o professor para que ele consiga transmitir na sua aula a necessidade de economia de recursos, sensibilizar o seu aluno que ele tem que economizar. Partiu de uma necessidade, não partiu? Então os cursos de capacitação partem da necessidade em si. Eu avaliei, não deu certo? Então vamos atacar aquele pontinho. Ou, se já chegamos naquele pontinho, vamos fazer uma capacitação mais aprofundada, vamos passar para o segundo e terceiro pontos.

A.B.: E para a senhora o que é uma formação de professor de qualidade?

D.R.: De qualidade? É quando eu faço realmente uma capacitação que atinja as necessidades da pessoa. Eu tenho um pessoal comprometido. Tanto da parte dos que ministram, quanto do pessoal que recebe. E é importante que o professor, na realidade, consiga socializar e transmitir aquilo que recebeu e aplicar e, principalmente, para que o aluno dê realmente os frutos necessários. São os quatro pontos principais para ter um curso de qualidade.

Anexo 3 –D.2: D.E. Beta

Entrevistada: Coordenadora de Avaliação

Data: Novembro/ 05

Breve comentário sobre antecedentes da entrevista

O contato com essa diretoria iniciou-se em setembro, quando fomos apresentar a pesquisa do Centro de Estudos e Pesquisas de Políticas Públicas Educacionais, juntamente com a intenção de estabelecer uma parceria com a Diretoria para a execução da pesquisa. A partir da permissão da Dirigente Regional, estabelecemos contato com a coordenadora da equipe do SARESP e com os ATP's de Língua Portuguesa. Também nos foi permitida a

participação em uma das reuniões promovidas pela Supervisão, em parceria com a Oficina Pedagógica, onde o tema era a discussão sobre os resultados do SARESP obtidos, pelas escolas, na aferição de 2004.

Tendo em vista o cotidiano atribulado dos supervisores e dos assistentes técnico-pedagógicos, houve uma certa dificuldade em marcar uma entrevista mais formal. Dessa forma, o retorno à D.E. só foi possível em novembro.

Inicialmente, pedi para gravar a entrevista, ao que a professora consentiu. Firmei o compromisso de lhe enviar a transcrição via e-mail.

Iniciamos a conversa comentando sobre a aferição de 2005, que havia acontecido na semana anterior. A coordenadora de Avaliação explicou que naquela D.E a aplicação havia sido tranqüila, com os problemas inerentes à logística e à dificuldade das escolas em cumprir com as normas da aplicação, já que ela exige uma metodologia complexa, ainda pouco apropriada pelo sistema. Segundo a C.A, há uma certa dificuldade do professor coordenador trabalhar com um planejamento estratégico, ou seja, um planejamento de problemas no que se refere à organização para a avaliação. Citou, também, a dificuldade com a manipulação das provas, com a separação dos materiais que ficam na escola daqueles que devem ser enviados à diretoria, etc. Essas dificuldades ainda acontecem, segundo a coordenadora de avaliação, apesar do trabalho realizado pela diretoria e mesmo pela CENP, na confecção de materiais explicativos e de orientação.

Tendo em vista essas dificuldades, a D.E. Beta realiza um trabalho de planejamento para a avaliação que tem sido elogiado pelos órgãos centrais, levando, inclusive, essa diretoria a se destacar perante as demais, conforme foi explicado por L.

Segue a transcrição da entrevista.¹¹

C.A: O que a gente adota, então, para tranqüilizar a escola, e para que não seja o SARESP uma...Vamos dizer assim, um fator de desorganização escolar e que esta avaliação seja realmente uma avaliação voltada para a sua essência, que é um diagnóstico da escola, então, a gente procura incorporar essa avaliação na rotina escolar. Por exemplo: antes que o SARESP colocasse como norma, nós estabelecemos que o horário de início da prova era o horário de início da aula, e o término também. Então não haveria aquele caráter de vestibular...Tirar o caráter, que fosse um dia normal de aula, dentro de uma rotina normal. Hoje, essa mudança consta dos manuais. E a gente defendeu isso, nos relatórios que produzíamos. A segunda

¹¹ AB: Adriana Bauer e CA: Coordenador de Avaliação

mudança é que introduzimos o recreio na prova para as crianças de 1^a. a 4^a. Série. A gente acha que o período é muito grande, são quase três horas de prova para uma criança de 1^a. Série. Então ela vai fazer tranquilamente 1 hora, 1 hora e meia, e depois ela vai para o recreio, brincar, tomar lanche, e volta para a segunda parte. Onde ela esteja, ela não tem que cumprir datas. A rotina é mais importante do que a própria prova, porque a prova só vai ter resultados se o aluno colocar aquilo que ele sabe, que não haja interferência de fora. Então a gente tem obtido muitos resultados positivos e muita tranquilidade na aplicação. Este ano foi introduzido, pela diretoria, lanche para os alunos no início para os alunos de 5^a. a 8^a. série do Ensino Fundamental. Antes da prova eles têm um lanche e aí, quando terminar o lanche, eles vão para a prova. Não tem um horário único na Diretoria, cada escola faz o seu horário. Então com isso a gente garante essa tranquilidade. Vai depender também dos alunos: eles chegam, tomam lanche, fazem a prova... Ainda têm muitas normas que a tecnologia exige. Por exemplo: nós temos um problema de caneta. Nosso aluno não vem com caneta preta e a leitura ótica é feita por grafite ou caneta preta, ela é feita pelo fator do preenchimento ser escuro. E aí o aluno só tem caneta azul. Então a escola se atrapalha, é um transtorno se os alunos não trazem a caneta preta, a escola não tem condição de fornecer...O aluno do ensino médio não quer fazer a lápis, porque ele acha que vão mudar a resposta dele, então, tem uma série de problemas e isso a escola tem que administrar. Então a gente sugere levar lápis ou pedir ao aluno que depois de passar a caneta passar o lápis. Essa norma dificilmente a gente consegue. Tem algumas normas que a prova exige que dificilmente a gente não consegue alcançar. Por exemplo: no preenchimento das folhas óticas, dos aplicadores, nesse ano, houve também esse problema de não usar lápis, usar caneta e errar, inutilizar a folha, o problema de não preencher corretamente todos os itens, o problema de conferência das folhas após a prova, porque às vezes a prova termina muito tarde e tem só uma pessoa para receber na escola e ela não tem tempo de fazer revisão. Então as folhas óticas dos educadores vêm com alguns problemas. São coisas da tecnologia da prova que a gente ainda não conseguiu: envelopar material, toda essa aplicação da prova pode inclusive danificar os resultados, é um pouco difícil para a escola assimilar. É muito sofisticado para o regime que a gente tem de aula. Eles não estão à disposição de uma prova, eles estão a disposição do período letivo e dos alunos. Então isso é mais importante para a escola. Então há uma interferência. Aos poucos o SARESP começa a mudar e entender que essas questões precisam ser colocadas porque senão ela deixa de ser um instrumento que a gente possa utilizar depois. Por que você tem que garantir que o aluno faça o que ele sabe, que o professor confie na prova e que depois você

possa usar esses resultados. Então tem que ter um certo cuidado e por isso é complicada a aplicação.

AB: Quando a Secretaria manda os resultados para a diretoria, para a escola, dá para saber se ela consegue contabilizar esses problemas de preenchimento, fazer esse tipo de devolutiva?

CA: Esse ano nos fizemos o recebimento de forma que cada supervisor de ensino ficou responsável por suas escolas. Então já ficou um pouquinho mais fácil, porque cada supervisor tinha 3 a 6 escolas, porque algumas escolas particulares também participaram (tivemos 12 escolas particulares, a diretoria que mais adesão dele), então isso supervisor alguns supervisores. Também aconteceu de alguns supervisores estarem em férias ou então estavam afastados e houve alguns probleminhas aí. *(A professora procura, em sua pasta, os manuais do SARESP de 2005, comentando sobre sua qualidade neste ano).*

C.A: Os manuais estão muito bons esse ano, mas eu acho que eles ainda precisam ser mais objetivos. A primeira parte vai falar a história do SARESP, que está interessante.

AB: Para quem é mandado esse manual? Para o supervisor e para a escola?

C.A: Todo material é mandado para a Diretoria de Ensino, com exceção das provas e dos modelos de correção¹². A gente recebe todos os manuais e a escola recebe a mesma coisa que nós recebemos: o Manual de Orientação Preliminar, o Manual do Aplicador, folha de respostas, Manual de redação, Relatório de Observação dos Pais, Relatório do Aplicador, Modelo de Lista de presença...Tem manual de Orientação de Recebimento de material, volumes que vêm, critérios de amostra da redação, situações adversas, planilha de mapeamentos (que não vão para a escola são só da diretoria)...Isso aqui eu leio com eles na reunião, porque manual é muito chato de ler sozinho. A gente lê em grupo e discute, faz a apresentação do histórico, dos objetivos e dos dados do SARESP, através de uma exposição com Powerpoint. Sobre os procedimentos e as atribuições, o que o professor faz, o que o diretor faz, etc, nós lemos com eles e já levantamos todas as situações-problema. Nessa reunião (de orientação para a aplicação da prova), a gente lê os manuais, porque eles têm mesmo que ler e gostam da idéia de que seja aqui, já que é um trabalho a menos na escola, e já tiramos todas as dúvidas. Assim, a gente estuda com eles o manual. Depois as escolas têm

¹² Nessa diretoria, a responsabilidade pelo SARESP é atribuída a três equipes: a da supervisão, com a coordenadora de avaliação entrevistada e uma supervisora, a equipe de material, com duas pessoas, responsáveis por toda logística de recebimento, contagem, organização e distribuição dos materiais, e tem a equipe de correção de redação e capacitação para os professores, que é o pessoal da Oficina. Essas equipes trabalham em conjunto, a partir da supervisão geral da coordenadora de avaliação.

que tomar certas providências (*mostrando a listagem no manual*). Também tem o esquema da reunião, mandado pela CENP. E uma pauta da reunião que nós fizemos...

AB: Então esse tipo de apresentação também vem deles, para apoiar o trabalho de vocês?

C.A: Sim, da FDE.

AB: A pauta de reunião, em tudo isso eles ajudam?

C.A: Não, a pauta não. Eles mandam o material, mas a gente faz a pauta. Como a gente vai trabalhar é com a gente. Tem uma reunião lá, na SEE, para nos orientar como trabalhar e também a correção das redações. Essas reuniões são na SEE, mais centralizadas. Eis um cronograma que eles mandam das ações que temos que realizar e as que eles vão realizar. Foi a partir dele que fizemos o nosso. Então, olha aqui, vem especificado o que a diretoria faz, o que a escola deve fazer, etc.

A.B: E professora, quando passa o SARESP, os resultados são enviados pela Cesgranrio para a análise?

C.A: Não, deixa explicar. No dia seguinte da prova objetiva, todas as folhas óticas vão para a Cesgranrio, eles têm uma máquina leitora que vai ler. Todo projeto é desenhado em cima de uma teoria, que é a Teoria da Resposta ao Item. A professora Nilma, que é a técnica da Cesgranrio, é que, com sua equipe, monta essas provas em cima dessa Teoria da Resposta ao Item. Que eu não conheço...Mas está escrito aqui que essa teoria é construída em cima de uma progressão da aprendizagem e que os alunos de 1^a. e 2^a. séries são testados com a mesma prova, bem diversificada. E dessa forma eles vão fazendo níveis de desenvolvimento. Então, depois, eles apresentam esses resultados (não sei se você viu, naqueles relatórios que eu te emprestei). Toda aquela análise, que é uma coisa complicadíssima. Não sei como fazem aquilo...

A.B: E a FDE faz algum curso, alguma orientação, para vocês compreenderem a Teoria da Resposta ao Item?

C.A: Não...Eu acho que isso falta. Porque eles têm uma imensidade de dados e a gente não sabe usar. Agora veio um *cd rom* com todos esses dados, por escola, por nível, etc. Mas eu acho que é um pouco descolado da produção do aluno. Porque a escola é centrada na produção do aluno e nós também. Então essa história de classificar se é melhor, se é pior, para nós é um pouco complicado. Em termos de prova, de avaliação, faz sentido, mas dentro da escola não faz muito sentido. Que nível é esse, maior que esse, sabe, classificar esses níveis não tem a ver muito com o dia-a-dia da escola, é complicado. Então o disquete está aí e ninguém sabe o que faz. Em termos de Diretoria, acho que a gente até poderia aproveitar

alguma coisa, mas eu acho que a gente não tem muito subsídio. Agora querem fazer um trabalho com a gente em cima desses dados, para ver como é que a gente, na Diretoria de Ensino, pode vir a usar. O que a gente faz, em termos de análise de dados, é assim: depois que termina o SARESP, quando os resultados são computados, tanto da prova objetiva, quanto das redações e das questões abertas de 1^a. e 2^a. série, o que a gente faz é uma comparação entre o que a gente produziu de resultados e a outras diretorias. E aí a gente vê se estamos muito defasados em algum aspecto, ou se tem algum objetivo da prova em que a gente está com um nível muito baixo, porque cada questão (ou grupo de questões) tem um objetivo. Então vemos o objetivo em que a gente está muito ruim, ou o tipo de redação em que estamos ruins e aí a gente faz um trabalho em cima disso. E para conscientizar isso, a gente faz uma reunião com as escolas (que, nesse ano, fizemos muito tarde porque os resultados demoraram muito para chegar à Diretoria). Cada uma vem com o seu resultado e aí a gente procura que a escola faça uma análise, verifique no que ela tem que mudar a programação. Esse ano foi um desastre porque os resultados vieram no final do semestre e quase não se fez nada. Depois daquela reunião que você viu, nós fizemos, depois, uma de redação, que foi muito boa para o Ensino Médio. Nós verificamos que a nossa nota de redação estava muito mais baixa que as diretorias que são parecidas com a nossa, porque a Gama e a Lambda também têm uma parte da clientela que vem do centro de São Paulo e outra que é mais periférica, sendo que temos uma realidade muito semelhante. A gente comparou com os professores que dão aula de Língua Portuguesa no Ensino Médio, questionando porque seria que esses resultados estavam assim...Antes a gente fez uma investigação com alguns professores e pedimos para que eles analisassem individualmente porque que nós fomos mal. E aí alguns já deram algumas dicas para nós: “olha, nas nossas escolas não estamos trabalhando com o gênero dissertativo-argumentativo que pede o SARESP desde a 1^a. série do EM. Trabalhamos o narrativo na 1^a. e 2^a. e só vamos trabalhar o dissertativo na 3^a. série”. Então essa foi a primeira pista. A outra questão é a dificuldade de correção, pois as classes são muito numerosas e temos dificuldade de correção. Há a dificuldade de saber como trabalhar com redação do ponto de vista coletivo, dentro do grupo, e que não implique só a correção de todas as redações, uma vez por semana, uma vez por mês, que acumularia muito para o professor¹³. Então a gente fez uma Orientação Técnica. E a primeira parte da reunião foi para que eles mesmos analisassem quais os problemas que têm com o trabalho e por que será que nós tivemos aquele resultado. Falamos

¹³ Segundo pude compreender a professora está se referindo à dificuldade que o professor enfrenta, com salas de aula numerosas, na proposição de um efetivo trabalho de redação. Um acompanhamento mais individualizado, do percurso dos alunos, é dificultado pela falta de tempo do professor para corrigir tantas redações.

que tendo em vista que o SARESP tem uma prova, baseada no tipo de redação dissertativo-argumentativa, é necessário trabalhar no 1º, no 2º, no 3º..."Ah, tem que trabalhar no primeiro?". Ou seja, eles não sabiam, não era claro...Porque a programação não é trabalhada com os professores. A prova vem, assim, mas não é trabalhado nas escolas o que vai ser pedido. Eu acho que um dos papéis do SARESP é isso mesmo: trabalhar o mínimo curricular que a escola deve oferecer para que o aluno tenha uma certa formação, de argumentar, de escrever, de refletir...O que acontece é que os professores acabam retardando o programa, por não serem cobrados ou por considerar que os alunos ainda precisam de reforço em dado conteúdo. Isso é uma coisa que a rede estava fazendo, principalmente nossos professores. Assim, quando os professores perceberam que estavam fora da programação, eles levaram o maior susto. Essa coisa de correção da programação, de trabalho do professor, isso eu acho que é uma coisa boa.

A.B: Bem, com os mais velhos eu entendo o que a senhora está dizendo. Mas e com os mais novos, com os alunos de 1ª. a 4ª. série? Por exemplo: estou pensando aqui: será que o SARESP não pode pressionar para um trabalho e, às vezes, uma determinada classe ainda estar precisando rever outros conteúdos? Ou a senhora não sente isso?

C.A: Olha, eu acho que o SARESP de 1ª. e 2ª. série está servindo muito para o Projeto Letra e Vida. Aliás, toda a prova é confeccionada junto a essa equipe do Letra e Vida, que é a da Telma Weiz e a equipe dela. Inclusive, toda a orientação que está sendo feita vem dela. Então isso é uma coisa bem positiva para o Projeto. Eu acho que o professor, sozinho, ainda não consegue trabalhar com o resultado do SARESP, mesmo porque essa linguagem das competências é uma coisa complicadíssima para eles. Então eu acho que ele serve para uma equipe técnica, que vai trabalhar isso na capacitação. Nesse sentido, as Oficinas Pedagógicas também vão se apoderando dessa técnica e, daí, podem trabalhar com os professores essas questões.

A.B: E a sra acha que isso acontece? Esses resultados chegam à Oficina? A Oficina tem capacidade estrutural para fazer esse trabalho?

C.A: Aí tem aquela coisa...Esse ano, por exemplo, deu muito problema com o material (rabiscaram folha ótica, mandaram redações para o Rio de Janeiro para serem corrigidas) e acabou atrasando a correção, sendo que o resultado saiu tarde. E, com isso, eles não liberaram o resultado para as Diretorias de Ensino e o trabalho de acompanhamento ficou devendo. Mas também tem uma questão que é a proposta de trabalho da SEE. Eles acreditam que a escola vai fazer um trabalho a partir dos resultados. Eu, a partir da experiência na diretoria de ensino, não acho que eles consigam, justamente por causa da linguagem que é usada. Vem com uma

linguagem que...Teoria de Resposta ao Item...Poxa, se para nós é difícil, imagina na escola. E também tem a linguagem das competências, em que os objetivos vêm em forma de competências. Então para eles, na escola, é complicado fazer esse trabalho. De primeira à quarta série, então, nem pensar, não tem condição. Acho que serve para os projetos da Secretaria de Ensino, e para as Diretorias de Ensino, para poder fazer um trabalho.

Nesse momento, a entrevista teve que ser finalizada, já que havia ultrapassado o horário de saída da Supervisora.

Anexo 3 –D.3: D.R. Beta

Entrevistado: ATP de Língua Portuguesa do ciclo 2 e Ensino Médio

Data: dezembro /05

Breve comentário sobre antecedentes da entrevista

Foi um pouco difícil conseguir esta entrevista, pela dificuldade de conciliar os horários com a professora. Esta, porém, mostrou-se bastante receptiva durante toda a conversa, colocando, inclusive, uma posição crítica em relação a algumas das diretrizes da Diretoria. Vale ressaltar que a entrevistada está na Diretoria, exercendo essa função, há pouco mais de um ano, sendo que sua experiência anterior com SARESP ocorreu quando estava em sala de aula. Nesse sentido, ela pontua que são universos totalmente diferentes, que exigem, portanto, olhares diversos.

A.B.: Como a Secretaria da Educação está pensando a relação entre o SARESP e a formação de professores? O que me interessa um pouco é que parece que quando o SARESP iniciou a Secretaria tinha uma intenção. A gente pode criticar ou não a intenção, mas ela tinha o documento de educação continuada, eles tinham uma intenção de descentralizar um pouco essa formação... Não sei se conseguiam relacionar com os resultados...

D.R.: Você está dizendo que o programa de educação continuada deveria estar batendo, ocorrendo paralelamente, com as avaliações do tipo SARESP?

A.B.: Não estou dizendo...Os documentos oficiais que dizem... É isso o que eu queria saber...Na verdade o governo diz que usa os resultados para estar pensando desses programas...

ATP 2: Está gravando? Talvez não seja relevante gravar...Eu estou aqui, completei agora um ano de trabalho como ATP, então a minha experiência não é dentro dessa função, minha experiência é mais como estudiosa, ou uma professora da sala de aula. Eu me aposentei em 1998, então, acompanhei apenas como professora um SARESP, depois eu retornei. Fiquei aposentada uns três anos e retornei e participei de mais um SARESP em sala de aula e agora é uma experiência totalmente diferente, um outro lado, um ângulo totalmente diferente. Como uma das pessoas responsáveis para estar distribuindo as provas, orientando alguns professores da nossa diretoria. Quando eu cheguei o ano passado, em novembro, acompanhei algumas reuniões com a Coordenação, Coordenadoria ou CENP, FDE... Então comecei em novembro e já peguei o processo de preparação do SARESP praticamente no final, não peguei nenhuma orientação de como proceder na orientação para os professores. Eu cheguei e a coordenadora da Oficina na época era a R. e disse “olha, você vai ter que preparar os professores para a correção da redação e vai acompanhar tudo”. Eu falei “nossa por onde que eu começo?”. “Olha, está aqui” e pegou todo o material e só faltou dizer se vira...Peguei aquilo, fui para a biblioteca e comecei a ler, era manual daqui, manual dali e algumas coisas. A A.S. estava como supervisora junto com a L. e havia entre elas uma certa indisponibilidade de atuação, de gênio, ou de alguma...e que eu não tinha como ter acesso aos três para responder alguma dúvida E eu não sou mais criança e tive que...Bom o negócio é mais aqui...Conversei com a que me ajudou, parou e fez a preparação junto comigo. Foi o que aconteceu, com a A.S. eu tive um acesso mais interessante, pois me acudiu mais nas minhas dúvidas...Os professores de 5ª a 8ª como é que vai ser? Não, em relação a língua portuguesa, em relação a prova, em relação ao conteúdo, alguma coisa pedagógica eu posso resolver, agora tirar dúvidas operacionais, lógico que eu lia as informações mas eu não sei como é que eles vão proceder...que eu desse conta como é que eles iam sair da sala de aula para corrigir a redação? A parte administrativa só esse ano que eu fui entender direito, sabe aquele dia que te encheram de perguntas? Assim, a A.S. ajudou a responder do jeito que ela pode, ela era a supervisora, então ela resolvia, naquele momento eles cobraram que a gente fizesse uma avaliação, uma devolutiva de 2003 e eu não tinha como...Havia chegado ontem e sem a ATP de português... Ficou uma lacuna, e os professores queriam saber, achavam que chegando a outra pessoa ela iria responder e resolver as dúvidas. Isso não ocorreu, acho que ficaram um pouco frustrados e quando passou a orientação da prova de redação, eu acho que mais ou

menos ela era em cima daquilo que fazem com o ENEM em cima das competências, quarta de ensino fundamental e aquela quinta... Ensino médio que eu já conhecia, deu para a gente trabalhar e eu já comecei também a de 2003 só deu para a gente fazer um contorno entre um e outro de como é que foi feito o de 2003, isso deu para a gente estar trabalhando, essa parte foi resolvida, o que foi não foi resolvido assim de imediato era justamente, saber se eles vão receber ou não vão receber, se eles iam ficar na sala de aula...Até atrapalha o pedagógico porque eles acham que você tem que resolver todos os problemas.

A.B.: Essas reuniões de orientação para as provas são pagas para os professores?

São. Todas as de orientação, desde o ano passado. Ele ganha quinze reais, desses quinze, dez para transporte e cinco para lanche. Você tem que estar com esses quinze reais no dia para pagar, havendo algum problema o dinheiro não chega, e o dinheiro não está na minha conta, são dez pessoas, são dez contas diferentes, você tem que vir aqui e ver onde que a verba caiu, passar para dez contas, e pegar essa verba que demora de três a cinco dias, por mais que você faça um esquema que a reunião vai ser dia nove de dezembro, você já pega agora o dinheiro, chega no dia oito esse dinheiro não está pronto, não cai na conta e isso fica difícil de explicar para os professores. Em outubro houve isso, por que? Eu estava de férias e eu deixei pessoas encarregadas para fazer isso pra mim, só que o colega não fez, não sei qual o motivo, no SARESP teve um dia que o banco estava em greve... Tive que conseguir mudar a data do recibo para poder estar pagando, para não prejudicar no dia do SARESP, eu fiz assim dia 1º de novembro tirei xerox, fiz um pedido de verba e relacionei...dia 3, dia 4, dia 7, sábado e domingo e dei um total mais ou menos para os professores. Quando foi na sexta-feira, teve um evento, que eu não sei porque, mas eles usaram o dinheiro antes de me passar, três mil reais, Ah! Tem três mil aí que a gente pode usar, como se fosse pra mim, eles gastaram, passaram para a gente prestar conta, mas só que eles canalizaram para outra coisa, ai quando eu chego aqui na segunda-feira, cadê o dinheiro? Não tem nenhum tostão e eu com os recibos todos prontos e o pessoal cobrando, e agora? Você avisa que vai pagar...Estou pagando a partir do dia 14, dia 15 e seguro o máximo para ver se eu pago para todo mundo.

A.B.: E por que vem para você e não para os professores?

ATP 2: É assim, antes era feito depósito em conta, mas por causa desses problemas eles transferiram para nós...Até mais ou menos Março e Abril era feito lá. Então você pedia e eles depositavam em conta. Contudo, era professor que não colocava o número da agência correto, é número de conta conjunta com o marido que você não pode colocar, não sei o que do Banco do Estado. Mas temos que mudar as estratégias, pois alguns professores são legais, atenciosos, outros são...O meu pagamento, eu não recebi pois as pessoas são tão agressivas, eu fiquei

tão... Assim, com ódio daquela situação, que adiantei o que eles tinham que receber do meu bolso. Aí vem a cobrança, eu acho um desaforo, na verdade eu queria até castigar, são muito agressivos, mas você tem que agüentar isso. Quando foi o ciclo I e ciclo II e o Ensino Médio, eles acham que eu sou a dona do dinheiro. Fazer o professor entender, o diretor ou quem vem é que não é fácil, e pior que tem que falar para a fulana que nem estava presente na reunião dela, não tenho compromisso nenhum... Cada ATP é responsável pelo seu evento e é responsável por esse pagamento, e por fazer o acerto de cotas, recibo, virou uma mercearia...

A.B.: E vocês tem tanta coisa para fazer no pedagógico...

ATP 2: É e o pedagógico fica sempre no segundo plano, essas outras atividades, elas consomem muito tempo, muito tempo...

A.B.: Professora, na Secretaria Estadual, na Diretoria, o responsável pela formação e acompanhamento do trabalho do professor é o ATP, não é?

ATP 2: Então. Ele tem essa função mais determinada, a partir deste ano saíram as resoluções falando das condições do ATP, como função pedagógica, antes não havia, era meio...Trabalhava junto com a supervisora. Criaram o ATP mais o supervisor. Por outro lado, na maioria das vezes estamos sempre trabalhando com os supervisores, mas eles estão tão sobrecarregados hoje, no pedagógico. Boa parte da Oficina Pedagógica ficou para a ATP todas essas tarefas essas orientações... Aqui na nossa diretoria temos uma única supervisora formada em Língua Portuguesa...Os outros são todos...Por exemplo, até setembro eu tinha duas supervisoras. As acho super legais, bem animadas, bem interessadas, uma é formada em História, outra é pedagoga, ambas acompanham os projetos. Iam a umas escolas e participavam. Só que depois teve uma outra redistribuição ela falou que não ficaria aqui e veio outra supervisora. Essa é bem interessada, mas um pouco ausente... Porque também depende do embalo de cada um, a motivação de cada um, interesse de cada um...

A.B.: A lógica não seria o supervisor ir à escola? Porque o supervisor acompanha uma escola...

ATP 2: Ele tem três, quatro escolas e muitas escolas particulares. A nossa Diretoria tem 77 escolas estaduais e vou colocar umas 250 particulares. Então seria umas 10 escolas particulares para cada um, e mais 3 ou 4 estaduais. Essas particulares ocupam muito tempo...Tem Diretoria que é o contrario, mas a nossa não, ela tem muita escola particular e a escola particular é uma empresa, e aí os problemas que gera também... Os supervisores têm muitos problemas também nas escolas estaduais. Quais? Principalmente na merenda escolar, é telhado, esgoto, encanamento. Então o pedagógico é prejudicado, desvirtuando a função, vê lá

o negócio do encanamento, como é que eu vou entender de encanamento? Tem que chamar o engenheiro, o supervisor tem que olhar isso tudo.

A.B.: O ATP vai à escola também?

ATP 2: O ATP vai, ele também vai, tem também tem essa verba de quinze reais. Só que eu pergunto quando?

AB: Então está dentro da função, mas não há tempo?

ATP: Por exemplo, tem o acompanhamento dos projetos. Um deles, como o Hora da Leitura que é uma aula por semana, de quinta a oitava série, para propiciar ao professor uma hora de leitura diferenciada dentro daquelas aulas de português, a gente acompanha e é uma hora por semana. Tem o Tecendo Leituras que é justamente para o professor trabalhar com o acervo do PNLD, programa do livro que tem toda uma orientação. O Hora da Leitura, quem coordena é a Marisa Lajolo com a equipe dela. É assim de tirar o chapéu. Os professores que participam amam. Quando você colabora com a educação continuada, é uma pena que a gente não tem um trabalho desse voltado para o SARESP. Eu acho que o SARESP é o momento de avaliação de todo o sistema. O legal seria se tivesse todo um trabalho em cima desse material, mas constantemente esses projetos então dentro de projetos como de formação continuada, eles estão puxando constantemente exemplos, ou situações para o SARESP. Colocando estes especialistas durante a fala, durante a exposição, a colocação de estar fazendo uma ligação, nada distante. Existe uma leitura mais reflexiva, para que de acordo com as questões do SARESP possa ir trabalhando textos diversos. Então existe. Interessante, principalmente os de quinta a oitava, que já não ocorre no ensino médio. O ensino médio ele fica... Ele começou a ser um pouco re-visitado agora com Ensino Médio em Rede, que chegou em junho e parou. Dentro da proposta havia inclusive, apesar de que ficaram muito em cima de análise de tabelas, mas se trabalhou com os gêneros, texto, interessante, mas foi muito pouco tempo, trabalhou com o coordenador, para o coordenador passar para o professor. É diferente porque esse coordenador, na maior parte, não é formado em Língua Portuguesa. Você vê a diferença. Quando o coordenador é formado em Língua Portuguesa, quando ele é especialista, ele tem uma comunicação melhor. Nós temos os melhores assim, do grupo. Dos que participam mais, daqueles que procuram trabalhar com as diferentes linguagens... Os coordenadores formados em Português têm mais sucesso na passagem para o professor do que até eles compreenderem, É uma questão de formação mesmo... É diferente um coordenador formado em Língua Portuguesa, de um formado em Física, Matemática e Ciências... Acho que o coordenador não deveria ser indicado... E é uma crítica minha, pessoal... Acho que no cargo desse, tinha uma

que quando escreveu uma redação, meu Deus! Porque é uma disciplina...Uma função que precisa de alguma condição.

A.B.: E como que eles chegam a coordenador?

ATP 2: Fazem uma prova de teste objetiva...Questões com 4 alternativas ou 5...Qualquer concurso... Se ela passou, tem direito, é democrático... A prova em si tinha uma certa dificuldade, mas até a L. fez um comentário que ela quando ela viu que ocorreram algumas coisas junto com os coordenadores e ela é uma das organizadoras da prova do professor-coordenador, então ela já falou. E foi justamente em uma reunião do SARESP, que ela viu o resultado, e disse que na próxima prova, vai mudar totalmente as questões porque ela percebeu que eles estão com uma dificuldade muito grande de acompanhar, porque ela tem que ter um nível de exigência tal, que não seleciona aqueles que tem um perfil mais interessante naquela função. É complicado não é fácil. Ela percebeu na reunião que é preciso prestar mais atenção, porque esse tipo de prova vai selecionar determinados profissionais não adequados para aquela função.

A.B.: Esse profissionais têm um papel fundamental...Essa prova para professor coordenador é elaborada na Diretoria?

ATP 2: É, elaborada na Diretoria só que assim, neste ano cada Diretoria teve a sua. Até o ano passado elas formavam tudo, todas da capital se reuniam para fazer uma prova no mesmo dia. Elabora, faz uma só e todas as Diretorias fazem a mesma prova, o que evita de fazer lá e lá e ela é válida até 2003, para todas as Diretorias, Norte I, Norte II, Centro-Oeste e assim por diante. Mas aí quando você fala do SARESP, em relação ao que o Estado pretende, ele tem realmente uns documentos, assim, belíssimos, muito bem feitos, muito bem escritos. Prevendo aquelas variáveis, prevendo alguns resultados, mas quando passa por todo esse caminho, ele perde, porque ele passa pelo crivo. Já chegando, vamos dizer, pela nossa leitura é um efeito cascata, aí você passa para o Diretor, que quem passa é o supervisor ou a dirigente, que não pegou o documento e nem participou da orientação, ou um supervisor que foi e passou. Aí, depois o Diretor vai passar na escola, para quem que ele passa? Se ele fez uma reunião, ele passa para todo o corpo docente e passa para o coordenador que vai passar nos HTPC's para o professor. Então nesse caminho você perde muito...

A.B.: O SARESP, não tem assim...Você está falando de divulgação desses resultados...

ATP 2: O resultado vem de toda orientação...

A.B.: Ele não tem algo específico diferenciado para o público, ou seja, eu vou fazer uma orientação específica e o relatório dos resultados específicos para uma ATP, um outro relatório específico para o professor...Seria interessante? Importante, não? Sua opinião?

ATP 2: Sabe que eu nem sei...Não sei se isso seria importante...O que seria importante era assim, que essas orientações vindo lá de cima, vamos chamar assim...Complicado se falar nisso...Mas que elas tivessem continuidade em todos os setores, desde a primeira instância até a última, ela tem muita quebra. Nesse sentido, quando chega no aluno, chega com muita quebra, com uma série de equívocos, com algumas falhas, quando você vê o resultado, às vezes até descobre qual foi a variável, qual foi o problema que ocorreu, que você não conseguiu prevenir, porque lida com um número muito heterogêneo, e é complicado. Por outro lado, os professores, de modo geral, questionam: por que essa prova? Hoje mesmo, uma professora questionou. Ela falou assim que na oitava série a prova foi baba. Professora “mas que prova mais fácil”. Acho horrível o que ela falou, que os alunos falam desse jeito: ou é bico ou é baba. E ela perguntou para mim, como se eu soubesse que a prova da oitava série de português foi fácil e ela disse que a prova de matemática também foi muito fácil. O que eu pude falar para ela foi o seguinte: a prova não foi feita para a nossa diretoria, ela foi feita para todo o Estado de São Paulo. Então eu não sei o que passa na cabeça dos nossos governantes, porque essa prova é desse nível. Na última reunião eles falaram que ela é feita em um nível muito fácil. Ela não é uma prova de nível médio. Ela é uma prova fácil para os nossos alunos. Isso veio dos professores que aplicaram aos seus alunos, eles acharam que a prova de 5ª a 8ª, a de 5ª eles não criticam muito, criticam mais as das 7ª e 8ª. E Ensino Médio também. As propostas de redação. Eu preciso ler com mais calma a proposta e ver se eu concordo ou discordo, não acabei a leitura ainda são várias propostas, para analisar e fazer disso um relatório... Mas os professores estão colocando que a prova foi muito fácil, que deveria ser mais difícil.

A.B.: Então a rede mesmo está considerando...A senhora lembra se quando era a Fundação Carlos Chagas, quando a senhora estava em sala de aula, se a senhora sentia que era fácil também? Se é alguma coisa da mudança...

ATP 2: Era uma prova diferente. Foi feita pela Fundação Calos Chagas e pela VUNESP. Se você comparar, a prova ela era...Eu acho que era mais profissional, mais pessoas experientes que sabem lidar com alunos para ver variação do nível II e do Ensino Médio. O que eu percebo na Cesgranrio, que pode ser que tenha mudado um pouco esse ano, é que a equipe que está parece que tem pouca experiência em termos de definir o que o aluno pode. Nesse sentido não sei se posso...Ainda é uma curiosidade minha, não sei assim claro, mas a do ano passado... Além de fácil, erros que eles não poderiam cometer como empresa, que faz uma prova. A VUNESP tem uma experiência legal, a Carlos Chagas também, a prova é diferente. A própria formulação da questão, você já nota a diferença na formulação da questão e a prova

em si, então você vê que passou por várias críticas, várias leituras. Você fica doidinha para achar alguma falha ou erro, mas ela é muito bem feita... Eu não sei esse ano, eu não li todas, mas o ano passado tinha muita falha, tinha falha tão grave que qualquer professor ou técnico que tentasse, ele veria aquela falha em uma leitura. Ocorreram várias falhas nesse sentido. Então eu acho assim, que eles tem que ter uma experiência maior tem, dá para comparar nesse sentido, principalmente as provas destinadas à Educação Básica. No primeiro grau eu não sei, mas para o Fundamental II, para esse nível, eles cometeram várias falhas... Aí tem outras questões que os professores questionaram. Por que tem que ser do Rio de Janeiro, se a prova é daqui de São Paulo? O tempo inteiro reclamando. Rivalidade, porque é Rio ou São Paulo, não importa, é justificado pela qualidade e pelo valor eles não concordaram, pela qualidade eles mostraram várias falhas.

A.B.: Aí os professores talvez comecem a questionar as provas...

ATP 2: Um professor muito bravo ele falou assim olha coloca uma empresa carioca para fazer prova em São Paulo e não conhece nada e cometeu isso e isso de erro ele relacionou várias falhas...E eu tive que concordar com ele, nas falhas. Mas ele justifica porque do Rio de Janeiro...Não sei se essa resposta...As falhas ocorreram porque a empresa é do Rio de Janeiro, não sei se é essa a resposta...Que eles têm menos experiência, isso já é constatado. Agora aqui de São Paulo, já é uma série de preconceito, bairrismo, São Paulo e Rio...Não conhecem os professores que nós temos...Aquele mesmo pacote... Escola pública...Você sabe...Tem gente que está lá por ideal, aquele ideal que a experiência que você adquire, veja o meu caso...Existem trabalhos assim, muito bons, muito bons mesmo e alguns eu acompanhei, outros não então é assim bem interessante... Você pode até falar para ela que pode...Mas têm outras prioridades, outras coisas...

A.B.: Quando a Diretoria, o professorado tem essa postura mais crítica, vocês sentem uma dificuldade de trabalhar com o SARESP? Por que naquela primeira reunião...

ATP 2: A dificuldade é de justificar, quando o professor faz a crítica bem contundente. Por que esta prova tão marreta, é o termo que ele usa mal feita, mal elaborada, e fraquinha. o que ele está pensando, que a gente não trabalha?

A.B.: E mesmo por esta parte técnica, a dimensão técnica, os ATPs têm algum...

ATP 2: Você tem que ter um argumento na hora ,porque você tem que segurar a barra, para poder contestar e colocar também, a sua, não é incapacidade, mas também da sua, você tem que ser muito honesto, muito franco... Nesta parte a gente tem que garantir que é tão vítima quanto ele. Neste sentido, então é difícil de você estar acompanhando, contra argumentar e também fazer a minha crítica. Então a gente está dentro do mesmo bolo. Então entramos em

choque porque eu vou concordar com ele e eu posso até, às vezes, dependendo da crítica querer acrescentar alguma coisa. Não tira o que tem ali em relação à hierarquia, mas uma coisa que é pertinente naquele momento.

A.B.: E a sra. acha que eles achem importante este instrumento? Por que se a prova está fácil, eles acham isto?

ATP 2: Eles estão muito curiosos. Isso eu vi do ano passado para este ano, que como foi de fato novo, empresa nova, uma ATP nova. E esse ano continua com a mesma empresa e eles acham que eu já até adquiri alguma experiência e posso responder algumas dúvidas. Eles ainda questionam porque esta prova tão fácil, é uma coisa que constantemente eles questionam quando se encontram ou quando nós nos encontramos. Eles perguntam: você já descobriu? Por que eu tenho esta mesma inquietação. A gente responde: não. Por que? No ensino médio a gente teve o resultado modificado durante três vezes, as planilhas. Veio o resultado as planilhas e elas sofreram alteração e foi melhorando o resultado. Eles perguntaram: qual o motivo, por que houve estas diferenças? E aí eles levantam algumas hipóteses. A primeira que eles acham é que tem a ver com verbas, é para melhorar as verbas que vão receber do Banco Mundial, não sei de quem. Realmente... Não sei nem te dizer. Que envolve verba, a gente sabe, mas não sei de quem, quando, onde, isso não sei. Então está todo mundo curioso porque esta prova está sendo muito fácil, o que ele está querendo mostrar. Uma coisa que eles mostraram, em uma das reuniões, que eu concordei também, é a imprensa anda fazendo muita propaganda da escola mas é da escola brasileira, não é a paulista, a mineira, que os alunos estão, na escola com promoção automática, os alunos estão saindo da escola sem saber ler e escrever, sem saber o nome e tal. Então eles levantam a hipótese de o SARESP é de São Paulo, e que o governo está querendo mostrar que, na verdade, isto não ocorre. Que tivemos um resultado melhorzinho. Aí me falaram que esta prova qualquer um faz, qualquer bobinho responde e ele tem 50% de acerto e é uma colocação interessante...

A.B.: Mas é que invalidaria mais ainda a avaliação...

ATP 2: Mas se você é da imprensa e você mostra o resultado só em São Paulo. Você mostra um resultado em que você tem o insuficiente, razoável, bom e muito bom. Você tem lá no insuficiente 17%. Você tem um nível regular, você tem 60% e você vai subindo e mostra então... Você tem um número que já havia comentário neste sentido é complicado, vai-se muito pelo resultado estatístico e o resultado estatístico é aquilo que está lá.

A.B.: Agora, professora, este tipo de prova... Eu tenho visto na Internet, quando consigo pegar algum documento, como o Teia do Saber, que são baseados no dado do SARESP. E, assim, quem está de fora, quem não está vendo o que está acontecendo no Teia, por

exemplo. Eu fico pensando: Mas como assim baseado no SARESP? Em que dados do SARESP? Se a Sra. está me falando que esta prova está tão fácil, como esta prova está subsidiando estes programas? Será que está?

ATP 2: Não sei, porque o Teia do Saber, justamente um programa de educação continuada que é a menina dos olhos do governo, que o professor, aos sábados ou à noite, fora do horário, está fazendo um curso de especialização, alguns agora são promovidos pela UNICAMP, antes a USP pegava através da FAFE e teve uma rivalidade aí e a USP não está pegando mais. Porque, segundo uma professora de lá, ela disse que preço era tão irrisório que não pagava nem as despesas. É houve um problema deles lá. Para este ano o Teia do Saber quem pegou foi a Faculdade Batista, a de Sto André e a da PUC, foram as três que venceram a concorrência. E o pessoal reclamou muito para aquela coordenadora da FAFE e ela nos respondeu que nem entrou na concorrência, que não valia à pena. Ela é psicóloga, como é o nome delaNão lembro. E o pessoal reclamou muito da qualidade do curso, porque este da Batista a gente tem professor aqui... E aí que aí que eu te falo que os professores da rede particular subestimam, não sei se eu posso usar essa palavra, ou não conhecem a realidade do professor da escola estadual, não vou colocar toda a escola pública, porque a municipal eu não conheço bem. Os professores foram na abertura um dia lá e vierem na segunda-feira correndo, para desistir, que não iam ter paciência para agüentar este curso... E não pode desistir e a gente queria saber porque... Qual a justificativa... E eles disseram o seguinte: fulano é um professor da rede municipal, trabalha na sala de leitura, fora de sala de aula e ainda vai dar o curso Teia do Saber, para nós, professores de Português...Aí eu falei assim: e agora? Então elas estavam indignadas sabe? Gente nós estamos muito, já fizemos o Teia do Saber da USP, fizemos o outro e agora baixar o nível? Então três fizeram processos, pediram para cancelar que não iriam continuar. Aí o que fez? O professor foi colocado na parede, aí ele pediu para o grupo, ora, o que afinal vocês querem? Porque ele foi chamado e tinha feito um plano, quando ele apresentou o plano, viram que não tinha nada a ver com nada e pediram para ele rever. Então elas fizeram um plano de trabalho para ele, dizendo que gostariam de estudar dentro das habilidades de leitura, etc. E apresentaram pra ele modificar. Então o pessoal perdeu um pouco o entusiasmo e levou de qualquer jeito até o final. Segundo elas, não houve assim um crescimento, não houve uma aprendizagem legítima. Quando você fala em educação continuada, depende de como é organizada, quem vai dar este curso. Tem um grupo de história e geografia fazendo na UNICAMP, que tem uma unidade em São Paulo. Muito ao sábado, o dia todinho, e eles estão amando... Está acrescentado. Agora quando o pessoal pega, vê a programação, são todos professores doutores e cada um parece que fica, não sei, se um ou

dois três sábados e é todo o pessoal já tem uma pesquisa já realizada e você pode contestar e o pessoal aproveita bem. Aquele que não quer acompanhar vai desistir eu, sei lá, fica num canto lá... Agora quem realmente quer se atualizar, aperfeiçoar, está vibrando e achando muito bom...

A.B.: Depende da instituição?

ATP 2: Com certeza, depende da instituição e da pessoa que nem...Da PUC, é matemática se não me engano, a pessoa que estava no começo também não agradou, aí o pessoal reclamou e trocaram. Assim, as pessoas que estavam num nível de exigência maior diziam que se fosse para ir lá para fazer continha ficariam em casa. Não sei que tipo de cálculo que ele deu, tinham que ficar fazendo continha e continha. Mas no caso reviram a proposta do curso. E a PUC tem condição de fazer isto.

A.B.: Então, professora pelo que estou entendendo, a formação do professor acontece dentro das instituições, via os programas próprios da Secretaria, por exemplo foi a CENP que contratou a equipe da Marisa...

ATP 2: Foi.

A.B.: Então eles contrataram estas equipes e também na Oficina é feito esse trabalho...Quando a Oficina recebe os resultados do SARESP? Como são trabalhados os resultados? A sra já me falou que vocês fazem gráficos...

ATP 2: Primeiro, quando sai, essa semana saiu o gabarito da prova objetiva, anteontem no dia 30, mas eu não tive nem tempo ainda de pegar o gabarito e olhar a prova. Hoje o computador levaram embora, aquele que é um pouquinho mais rápido, toda vez que eu tenho que abrir, eu não consigo sentar no computador, porque alguém chega com assunto de mais urgência e eu saio. Vou ver se esse final de semana eu vejo na minha casa, e eu vou copiar para mim, pegar a prova e fazer pelo menos uma leitura, então não houve, ainda, aqui um tempo da I. por exemplo, pois a L. está de licença prêmio, então quem está na equipe? A I. e eu. Não sei se depois a L. vai sentar com a S, não sei se vão participar e eu digo assim de participar de sentar e ler, comentar ver o que ocorreu e ver se a gente reconcilia. Quando for o ano que vem, que eles já colocam o resultado por habilidade, lá no site, a gente tenta, mas ele não vem pra diretoria ele vai direto para a escola, para você ter acesso você tem que pedir para a escola te dar o dela e trazer para você, e é aquela dificuldade porque é individual. Então eu pedi e a I. conseguiu o de primeira a quarta e quando consegui de quinta a oitava, consegui quase um mês depois e eu só consegui por malandragem. Foi assim: as escolas esqueceram a senha, a única mobilidade do coordenador, do diretor. O fulano que fez a inscrição usou uma senha e sei lá qual a circunstancia ele me deixou a senha do fulano que chegou... E como ele estava

com essa dificuldade, eu tive que rever e cadastrar uma outra senha. Ai então eu cadastrei um, dois, três e quatro todas as escolas... E com isso eu tive acesso aos resultados. Por que precisei auxiliá-los e, à medida que eu os auxiliei, eu pude ver o resultado.

A.B.: Mas não vem nada para a diretoria?

ATP 2: Não vem só em agosto, vem em julho que é aquele que vocês levaram para copiar, chegou em julho na véspera do dia que eles retornariam do recesso, foi muito estúpido isto. Este ano a gente pediu para anteciparam. Se voltaram no dia 26 de julho nós recebemos no dia 24 para entregar no dia 24 e 25 e a gente não conseguiu entregar todos.

A.B.: A sra. Sabe me dizer se antes vinha mais cedo porque, houve um tempo que o trabalho de ler as provas...

ATP 2: Não a I. está aqui há muitos anos ela falou que não vinha.

A.B.: E como vocês vão pensar no trabalho para fazer com as escolas? Dá para pensar em alguma coisa?

ATP 2: Dá, o que a gente sempre fala pra V. é que ela também não tem muito tempo de estar pensando a respeito disso com os supervisores, porque no começo do ano teria que estar reunindo, nós fizemos no ano passado uma reunião com os coordenadores, no ano passado não, neste ano, no início do ano antes naquela semana de planejamento. Nós reunimos este pessoal aqui, mas só que a gente não falou só do SARESP, falamos de todos os projetos. Alguns já estavam a caminho outro chegariam e falamos também do SARESP. Mas que não era para ele ficar assim, que não era terrorismo... Mas sim porque tínhamos preparando uma leitura mais reflexiva, mais crítica, fazer a turma ler. Trabalhamos em cima disso. E a única coisa é que, naquele momento, a gente não tinha informação de SARESP de matemática, somente um mês antes da prova.

A.B.: E para vocês fazerem um planejamento de trabalho com as escolas acaba não dando tempo? E com os projetos que vêm da Secretaria, por exemplo...

ATP 2: Esse ano de 2005 é um ano atípico. Quando eu vejo estas coisas, fico muito curiosa e pergunto: antes era assim? Eu já vi que este ano foi um ano que ocorreram vários projetos, uma série de coisas que não foram previstas no ano anterior. E este ano foram colocadas, muitas, assim, atropeladas, mas que antes não era assim. Todo pessoal que trabalha mais tempo na Oficina fala a mesma coisa. Então eles podiam ter até uma certa folga para estar preparando, orientando, até fazer uma devolutiva, acompanhando e indo às escolas. Esse ano, com estes montes de projetos trabalho não dá. Não dá porque, por exemplo, esse ano a gente teve o Ler e Viver, Hora da Leitura, o Ensino Médio em Rede, as Olimpíadas da Língua Portuguesa, sabe? E depois SARESP, Crônica na sala de aula e ainda tem um, que até na

semana que vem eu preciso fazer uma orientação, que é o Escrevendo o futuro. Por que o crônica é do Itaú Cultural e o Escrevendo o Futuro é do Itaú Social, a gente já teve dois dias de capacitação... É uma graça, assim, um espetáculo sem brincadeiras mas ainda não encontrei uma janela para encaixar, porque são apenas trinta professores que serão envolvidos e são professores de quarta e quinta série para trabalhar três gêneros. As oficinas são muito interessantes porque são oficinas de produção de texto. Então é trabalhar com produção de texto, texto de opinião, o texto biográfico, de memória. É assim, só que teve um entrave aqui porque eu participei e eu tenho que trabalhar com professor de quarta série, a L. não adianta ver se eu consigo resolver ou eu faço com professor de quinta série, pego uns trinta de quinta série porque é um concurso, por diretoria e ele é um concurso no Brasil inteiro ele é realizado de dois em dois anos no ano ímpar você faz a preparação, no ano par você trabalha em sala de aula e pelo ... É muito bom e a diretoria quase que nunca participou...

A.B.: E eu fico pensando como encaixar aqui que eu não soube encarregar o professor, ...porque o professor se tem estes projetos na escola ele é obrigado a fazer?

ATP 2.: A esqueci da Estação da Luz, Conhece a Estação da Luz?

A.B.: Não.

(Nesse momento a entrevistada começa a detalhar o programa de Estação da Luz, com grande riqueza de detalhes. Contudo, omitimos essas informações por se tratarem de dados não relacionados diretamente ao tema de pesquisa)

ATP2.: Em termos de língua portuguesa, eu fiquei até contente porque quando eu comecei eu queria assim os meus professores na área da lingüística... M. participei o ano passado de um congresso e eu falei pra que ele fizesse alguma oficinas para o professor de português porque em termos de atualização, circulam informações bem diferentes. O que mais emperra é o tipo da gramática então devemos... A conjugação de verbos presente, passado, futuro, sabe, este tipo de coisa e ai a professora me fala assim L. estão trabalhando , eles estão copiando e estão quietos isso é uma aula de português, então eu tive uma formação diferente, nunca gostei de trabalhar dessa forma. Você falando é uma coisa, mas o especialista falando, gerando uma discussão, te mostrando é diferente. Mas quando começou a Estação da Luz eu vi que com a Estação da Luz ficou uma proposta que estudou os níveis de linguagem, a proposta de língua portuguesa enquanto língua Brasileira, ainda língua portuguesa Americana, língua portuguesa Africana ou Asiática ou Européia em todos esses níveis trouxe a discussão da lingüística entrou a discussão da língua falada, consideração a língua culta, falada, os níveis de linguagem, discutiu tanto isto, lógico que foi um grupo privilegiado este é um grupo pequeno eu tenho 140 professores só, a diretoria tem muito mais, mas pelo menos estes 140 já estão

numa discussão mais profunda e fizeram uma discussão, eles apresentaram, textos foram trazidos para os grupos aqueles livros polêmicos... você conhece a língua de...gosto demais dele então ...desde o primeiro dia lá eu falei que todo professor deveria ler o professor de português teria que ler para evitaresse tipo de coisa que corrige toda hora, sempre humilha e que ele não está errado não, é que naquele momento falando quando nos também falamos dessa forma e quando forma analisar tem problemas, então a Estação da Luz trouxe tem espaço na oficina, agora estou pensando que na semana que vem já previ que tem dois encontros de professores e a gente vai ter que socializar, vou fazer uma avaliação desses projetos para poder ver o que vai acontecer na sala de aula.

A.B.:E essa avaliação dos projetos tem ...

ATP 2:: dentro de isso daqui ele sempre fica citado...

A.B.: Mas a sra. Vê?

ATP 2:: Só citado assim em termos de porcentagem e tabela o uso não. Tem assim alguns pontuários por exemplo, uma professora fala assim eu usei uns trechos do SARESP umas questões do SARESP e dei na minha prova não sei se isto é válido o trabalho dela tal, ela utiliza durante o ano para trabalhar outra atitude.

ATP 2: Essa é uma coisa que eu não consegui entender...

A.B.: Agora quando a senhora recebe os resultados, a senhora acha que se tivesse tempo, conseguiria estar aproveitando esses resultados, a sra. Vê possibilidade de fazer um projeto de trabalho a partir desses resultados, ou seja, ao saber que em tantas escolas, as crianças de determinada faixa etária estão apresentando uma dada dificuldade...

ATP 2: A possibilidade eu vejo, o que eu não vejo é a concretização disso, porque pelos próprios professores, eles colocam isso como uma tarefa a ser realizada aqui [na Diretoria] , é uma reivindicação deles. Quando eu fiz uma reunião esse ano, na qual eu dei uma devolutiva do resultado do ano passado, em que eu fiz toda uma avaliação das redações, em que eu tabulei série por série, habilidade por habilidade, e detectei alguns problemas, e eu passei para eles, eles acharam que eu passei muito tarde, poderia ter passado isso no começo do ano. Mas eu não tinha o resultado no começo do ano. Você concorda? Então o próprio SARESP devia, talvez, rever a época...Eles dizem que neste ano que eles vão passar para nós, aqueles resultados de julho, vão passar em fevereiro, no documento diz assim. Então já deve ter havido uma reclamação, uma reivindicação anterior, porque se eles mandarem novamente com esse prazo, nós não vamos ter tempo.

A.B.: E a senhora sente demanda das escolas por apoio da Oficina Pedagógica nos seus projetos?

ATP 2: Muito! Eles acham que nós somos salvadores da pátria, é horrível! Tem horas que você se sente desse tamanho [mostrando com os dedos] com a sua responsabilidade. E a gente, na verdade, é apenas uma mediadora, um acompanhante... É lógico que você tem toda uma orientação, mas eles, não sei se é por carência, alguma coisa, eles se apegam demais e, inclusive, eles querem até mais convocações, para trocarem idéias, para que a gente esteja apoiando, orientando, ajudando, eles dizem que saem daqui fortificados.

A.B.: Seriam as orientações técnicas? Eles querem vir mais aqui na Diretoria?

ATP 2: Exatamente. Nesses encontros, toda vez que você faz avaliação, lá no final vem “promover mais encontros”. Só que nem sempre a gente pode promover. Por exemplo, esse da Estação da Luz causou um transtorno. Você imagina: cada projeto desse, todo mês, tirando professor da sala de aula. Estação da Luz, como você falou são várias escolas. Por exemplo, se nessa escola tem 14 pessoas na escola e dois de escola diferente, você imagina que naquele dia eu tirei quatorze pessoas, no mesmo horário, no mesmo dia. Quando isso ocorreu, em agosto, choveu reclamação. As reclamações foram assim, por parte dos diretores...Nessa escola que eu mencionei não, porque a própria diretora participava no projeto. Mas em uma outra, em que eram doze os professores, a diretora perguntava “onde é que eu vou arrumar doze eventuais?”, gritava... Aí eu falei com a Dirigente que o comunicado era da CENP, não era dela nem meu. Eu só estou fazendo o que está ali. Ela falou que então eles que fossem reclamar com o papa. E eles reclamaram. Eu expliquei “Gente, isso aqui não somos nós que estamos convocando, é uma convocação via CENP”. Aí a CENP justificou. A própria Sônia [coordenadora da CENP] no dia em que todo mundo gritou disse “é nos vamos ver qual a possibilidade de mudar isso, inclusive nós já detectamos esse problema”. Uma das ATPs do interior ficou muito possessa. Ela disse o seguinte “Vocês aqui na capital não têm o problema que nós temos no interior. Porque lá, quando o professor falta, ele mora do lado da comunidade e ele é mal visto”. Aqui na capital você falta, falta e ninguém vai...sabe?. Lógico que o pessoal faz um comentário, tal...Mas lá você está junto com a comunidade. A escola é o espaço maior da cidade. Deve ser de cidade pequena, né? Você tem que dar satisfação para todo mundo do porque você faltou...Então ela estava louca da vida, mas a resposta que foi dada foi essa. Então a gente tem contornado aqui por causa desses vários projetos que tiram o professor da sala de aula. Nesse do pagamento¹⁴ você vê, foi um dia dezoito, outro dia

¹⁴ A professora está se referindo às orientações da capacitação para o SARESP. Pelo que pude entender, cada professor ganha R\$ 15,00 a título de ajuda de custo, para transporte e alimentação. Esse pagamento, contudo, é controlado e distribuído pelo ATP, que precisa, agora, arcar também com essa responsabilidade. Nas três visitas que fiz à Oficina, pude presenciar situações que demonstram a sobrecarga que essa designação traz ao trabalho

dezenove, outro no dia 20...Você percebe? É muito seguido. Ai quando você fala na possibilidade de fazer um trabalho a partir do SARESP, ela existe, só que a gente ainda não conseguiu colocar em prática até agora. Esse de recuperação e reforço é a mesma coisa.

A.B.: Mas a senhora recebe um projeto da secretaria com diretrizes, do tipo “Olha, trabalhem com os resultados do SARESP por aqui ou por ali...”. Ou seria um plano da Diretoria?

ATP 2: Não, é um plano da Diretoria, a Diretoria tem um plano de trabalho. Quando nós fizemos o plano, no início do ano, ele foi totalmente furado. Vamos fazer uma avaliação agora em dezembro. Tem uma porção de coisa planejada que não foi executada, que foi deixada de lado, em vista desse monte de projetos que a Secretaria colocou. Eles quiseram esse ano, de qualquer jeito, melhorar o ensino, melhorar tudo.

A.B.: Mas centralizaram os projetos, né? Pergunto porque quando o SARESP começou, na outra gestão, as ações de formação eram mais concentradas na Diretoria, né? Pelo que me explicaram, a Diretoria recebia verba, podia contratar especialistas...

ATP 2: Mas nós, aqui, até podemos. Como eu te falei, esse trabalho de Língua Portuguesa, com lingüística, contratando um profissional, a gente pode fazer um projeto desse, que envolve pagamento, que envolve verba, então a gente faz o projeto, envia para a CENP, ele deve ser autorizado, depois homologado, para efeito de legislação. Então nós temos só dois aqui que conseguiram: o da brinquedoteca e o de escola inclusiva, que é um especial, feito aos sábados. Os outros, nenhum a gente conseguiu levantar...Não tem como, não tem horário, não tem dia. Assim, você pode ter, mas não tem como você colocar...

A.B.: Então vocês fizeram projetos de trabalho?

ATP 2: Foram feitos projetos. Então, mas esse que você diz do SARESP não tem nenhum projeto específico para o SARESP. Específico do SARESP não...Até existia uma certa crítica da supervisora...Até um dia ela me pegou e disse “Vocês não vão fazer um projeto específico só para preparar para o SARESP. Não existe isso, gente, tira da cabeça!”. Ela ficou muito brava.

A.B.: É que quando eu falo em projeto de trabalho a partir do SARESP, na verdade eu estou pensando que talvez o SARESP tenha que ser trabalhado (se tem né, também eu não sei se há essa possibilidade), nos projetos que acontecem né?

ATP 2: É o que eu estou te falando...Esses projetos aqui, eles amarraram, em vários momentos, situações para preparar o aluno para o SARESP.

A.B.: A senhora viu isso acontecendo?

do ATP e, através dos depoimentos, o quanto tal responsabilidade acaba por fazê-los se ocuparem de tarefas administrativas e burocráticas, em detrimento ao pedagógico.

ATP 2: Exatamente. Participando aqui, eu quero terminar o meu trabalho do SARESP e poder dizer se houve uma comunicação. Porque esses projetos foram realizados ou via USP, ou via UNICAMP, ou via Fundação Roberto Marinho. Esse projeto Ler e Viver foi junto com a Santiliana e a Editora Moderna, então eu quero ver agora...O SARESP é feito pela Cesgranrio, é uma outra equipe, se houve esse casamento, se eles conversaram. Essa resposta ainda não tem.

A.B.: Eu fico pensando: Será que a Cesgranrio manda o resultado, por exemplo, para a UNICAMP, para que ela pense os cursos em cima desses resultados? Fico com essa dúvida...

ATP 2: Bem, grosso modo, o que eu vi, por exemplo, a equipe da Marisa [Lajolo] em relação aos professores, nessa Hora da Leitura, o objetivo era parar de fazer a leitura de fragmentos e dar aquelas questões pontuais. Isso se trabalhou muito. E aí eu quero ver, por exemplo, agora nos textos do SARESP, se as questões envolveram aquelas habilidades, que foram trabalhadas nessas orientações. Essa resposta eu ainda não tenho...

A.B.: Se bem que tem um detalhe, né, professora? Isso pode estar sendo trabalhado ou porque ela tem mesmo esse subsídio da avaliação, ou porque na verdade é uma diretriz de quem estuda leitura, como a Teresa Colomer, lá na Espanha, ou a equipe dos argentinos, e mesmo os estudos da Lajolo aqui no Brasil, que fala dessa coisa de uma leitura mais global, que não é necessário trabalhar os fragmentos... Ou seja, essa Lajolo pode ter feito esses direcionamentos ou pensando no resultado, ou não...

ATP 2: Eu acho que ela não fez pensando nos resultados...esse já é o trabalho dela...

A.B.: Então os encaminhamentos dela teriam seguido tendências dos estudos da área, não o SARESP...

ATP 2: Exatamente, nesse sentido. E se faz, por exemplo, o curso, citando o SARESP ou uma outra avaliação que avalia leitura de uma forma mais abrangente.

A.B.: Agora talvez, o que a gente encontre, é o SARESP montado em cima dessas práticas mais, digamos, em voga no momento, e aí os estudiosos, nos cursos, falando delas.

ATP 2: No ano passado a gente tinha essa crítica, ou seja, o SARESP não foi montado dentro desses princípios, o pessoal encontrou muita falha...“Olha, tá vendo, vocês dizem que a prática é mais assim, mas o SARESP é mais o dono da verdade”.

A.B.: Mas ele não é sobre os Parâmetros Curriculares e a proposta da CENP?

ATP 2: Não, os Parâmetros Curriculares é nacional, né? Não tem da CENP... O que vale é o nacional...

A.B.: Então, porque eu já peguei documento do SARESP onde eles falam que a matriz curricular do SARESP são os Parâmetros Curriculares Nacionais. Mas eu já peguei um outro

documento, mais antigo, onde está escrito que a matriz é formulada tanto a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais como das propostas da CENP.

ATP 2: As propostas são esses projetos, porque todos eles têm um documento.

A.B.: Ah, ta...Porque eu achava que eram aquelas propostas de alguns anos atrás, do final da década de 80, se não me engano...

ATP 2: Na verdade esses projetos, esses documentos, eles concretizam aquilo que talvez muito abstrato, ou um pouco mais difícil de atingir, nos Parâmetros. É um prolongamento dos Parâmetros, sempre baseado nos Parâmetros.

A.B.: Agora entendi...Porque eu estava lembrando daquelas propostas, cuja publicação tinha uma cor para cada área...E aquelas propostas são diferentes, em termo de concepção, dos Parâmetros...Minha dúvida era como eles casavam...

ATP 2: Os próprios documentos dos projetos estão sempre citando, inclusive com trechos, os Parâmetros Curriculares Nacionais. Eles estão trazendo, ou tornando de uma forma mais concreta, os Parâmetros para a sala de aula. As propostas da CENP já não são mais usadas. Em cada projeto tem todo um trabalho. Eles são baseados nos Parâmetros Curriculares e mais alguns teóricos que inspiraram aquele momento, aquele trabalho...E aí tem vários teóricos, tem a Sole, a Emilia Ferreiro, da outra, da outra e da outra...Alguns desses teóricos estão até lá nos Parâmetros também...

A.B.: Eles participaram da elaboração,né? E como a senhora avalia...Porque se eu entendi (e veja se entendi certo) quando vocês fazem proposta de formação aqui na Diretoria elas são bem avaliadas pelos professores, eles gostariam de ter mais encontros aqui na Diretoria, é isso? [Professora responde afirmativamente com a cabeça] . E como a senhora vê a recepção dos professores desses cursos em geral, como o Teia do Saber, o Letra e Vida,...Esse da Estação da Luz a senhora já disse que foi bem recebido.

ATP 2: De um modo geral, eu não sei se a gente tem alguma influência, se é porque eu gosto, ou eu ajudo, ou eu mostro a qualidade, não sei dizer se é pessoal, acho que é meio complicado isso. Esses projetos aqui Hora da Leitura, coordenado pela Marisa Lajolo, não vou dizer que ela seja a papa do assunto, mas realmente ela tem consistência. A Ana Luiza, professora que ficou, que era contadora de história e que desenvolveu o trabalho, teve um dia que você ficava até emocionada de ver. Em todo o estado de São Paulo, através de uma videoconferência, ela dando para o professor uma orientação de como empostar a voz, para você não cansar a voz, as cordas vocais. E ela mandou todo mundo ficar em pé, fazendo exercício respiratório e dando dicas para você contar, ler com uma voz clara, legível e outros detalhes...E foi fazendo paralelos, vendo a intertextualidade, comparando texto, vendo gênero, trabalhando, e como é

uma contadora de história, ela tem toda uma colocação...Então não teve um professor que chegou e disse Olha, não valeu...Eles queriam toda semana ter uma aula dessa. Até eu queria, você percebe? Porque é sempre bom, por mais que você saiba, tem uma colocação e aquilo ali é muito gostoso...E tem um rapaz, que até apareceu poucas vezes, ela e o rapaz são lobatianos, sempre o espírito do Lobato está atrás lá. Interessante porque logo no começo de março foram feitas algumas colocações e aí eu pensei Ah, preciso ler o Lobato inteirinho. Como eu tenho lá uma coleção do Lobato, eu comecei desde o Urupês e já estou no oitavo livro, mas lendo página por página, não quero perder uma linha, porque eu estou me divertindo com ele. E foi a partir daí que eu comecei a reler o Lobato. [...] . Eu vejo lá ele fazendo uma crítica aos professores, em 1930, e penso Gente, isso é tão atual! [...] . E no curso agora você as vê lendo...Aí voltando...O outro projeto, o Tecendo Leituras, é quando começamos falando aqui de biblioteca, espaço de leitura, as escolas têm esse espaço. Ele não é um espaço utilizado da forma como deveria por n motivos. Se você for levantar os motivos, alguns são fáceis da gente entender, outros são absurdos. Absurdo mesmo, por tudo que você possa imaginar. Têm escolas que possuem um espaço belíssimo, mas a diretora não dá a chave na mão de ninguém: mas não dá mesmo, porque não tem ninguém, não tem professor readaptado...Outras têm professor readaptado e às vezes eles são tão rigorosos que você não tem nem vontade de entrar naquela sala. Então tem tudo o que você possa imaginar, a gente já fez até um levantamento. Então o que o Tecendo Leituras faz? Toda vez que chega esses acervos PNLD¹⁵ faz com que o professor conheça o acervo. Eu acho isso fantástico. Então isso é novo. Começou...teve um em setembro, mas ninguém entendeu e eu não participei dele, eu só vi pela fita...Quando teve em dezembro [de 2004] eu participei, então para mim era novo e pensei “Nossa que legal. Até que enfim que alguém vai lembrar que a escola recebeu um acervo e que aquele acervo é para o professor na sala de aula, não é para ficar bonitinho na estante”. É isso que ele faz [o projeto] . Então o professor, a cada mês, tem um livro para ler. Ele já vem com o livro lido [para a capacitação] . Ou é uma seleção de textos, ou é um livro específico e é feito todo um trabalho de estudo desse texto. Então o professor já vem para a videoconferência [e eles são alunos fantásticos] , eles lêem, têm alguns que ficam mesmo entusiasmados, trazem ate outras edições para fazer um paralelo e trabalharam com esses livros...Eles trabalharam assim...A gente tem até um trabalho desses que foi selecionado e apresentado na CENP. Até essa professora está fazendo doutorado na USP, ela é muito boa...Mas não é porque ela está fazendo o doutorado, não, é porque o trabalho, todo mundo

¹⁵ Acervo do Plano Nacional do Livro Didático.

fez...Ela chegou na frente, então ele foi escolhido, né...E até na apresentação, engraçado, ela é muito tímida...O trabalho é muito mais do que ela apresenta. Eu fui junto e talvez nem soubesse apresentar, mas ela não vendeu bem o peixe na hora de apresentar. É a mesma coisa na hora de apresentar uma dissertação de mestrado...Se eu não vender bem o peixe, o que está no papel é complicado, né...E foi isso. Porque o Tecendo Leituras trabalha com o acervo e trabalhou. Então o trabalho começou com ...com... Você tem dois tipos de módulo: um para 5ª e 6ª séries e outro para 7ª e 8ª séries, que são os clássicos. Então trabalha com fábula, trabalha com conto, com Machado de Assis, com Lobato, com vários autores interessantes, com vários textos interessantes. Trabalhou também com tradução, com teatro. E, cada vez que você trabalha com um gênero, vem um especialista diferente. Então quando foi teatro, veio o ... ele é escritor e ator de teatro, diretor...não me lembro o nome...Mas ele é um espetáculo. Trabalhou com textos informativos, com gêneros bem variados. Então esse trabalho todo professor gosta e quer continuidade. Se não continuar, eles vão ficar super frustrados. Mas pelo que eu entendo, vai continuar porque o acervo não foi esgotado e é um trabalho da Secretaria que quem apresenta é a Maria José Nóbrega, que trabalha junto com a CENP e eu acho que vai continuar...

A.B.: Mas com a mesma turma ou mudam os professores?

ATP 2: Não...Agora...Peraí que nós chegamos lá. Então cada projeto desse aqui, por exemplo, o Ler e Viver eles gostariam que continuasse, mas aí é um problema porque entrou uma empresa particular, foi na época que a Costim era da Secretaria da Cultura e Educação e logo a Costim caiu e ao o projeto ficou prejudicado. Eles falaram que não era um problema político, eu achei assim que...Bem, ela caiu né, ela saiu, agora ela está na Fundação Victor Civita, e de repente o projeto não andou. Eles ficaram três meses sem ações e quando chegou em novembro eles deram tudo [de conteúdo] . Fizeram agora duas videoconferências, deram todos as tarefas, apresentaram tudo o que eles fizeram durante esses três meses. Olha, tem cada calhamaço...Eles [os participantes do curso] tiveram que documentar tudo isso e em fevereiro tem a avaliação final. Como eles teriam agora três dias de estudo e esses três dias não vão ocorrer, eles estão distribuindo uma vídeo-aula com um especialista, em que encima dessa vídeo aula os participantes vão fazer uma tarefa. E os professores participantes estão achando uma sacanagem [apesar de que essa palavra eu não acho correta] . Eles falam que é uma sacanagem fazer isso agora em dezembro, ter janeiro e entregar em fevereiro, para justamente resolver esse problema que foi um problema de contrato. Não sei o que ocorreu. Esse projeto, provavelmente, ele acabe. Esse é um projeto que foi meio problemático. Esse da Estação da Luz, eles dizem que o projeto vai continuar, mas aí ele não vai ser mais assim

partindo da Secretaria e com cada Diretoria tendo um número de professores inscritos. Eles vão abrir, porque a Estação da Luz vai ser um Museu, e vai continuar, infinitamente. Então vão ter constantemente no *site* cursos e aí cada um que estiver interessado vai. Eles vão querer ter vários cursos e cada professor vai se inscrever no qual quiser.

A.B.: Mas aí não vai ser uma formação em profundidade como a que a senhora contou, ou vai?

ATP 2: É, talvez vai ser para cada um de acordo com seus interesses, suas possibilidades... Isso foi colocado, mas a gente não sabe se realmente vai ser dessa forma. Eles vão fazer como todo museu faz e para um público diversificado. Então são esses projetos que têm esse princípio... Bom... Se vai haver continuidade ou não. Agora que os professores ficam entusiasmados, ficam. Quando você diz se os projetos vão continuar, alguns vão e outros não. Quanto aos professores, nós temos um problema muito grave, que é a mobilidade. Aquele professor que é OFA¹⁶ ele vai continuar não participando dos cursos. Então, esse professor, como já tentaram esse ano, em que o governo tentou simplesmente acabar com esse tipo de profissional... Esse professor, se ele não pegar aula, pode correr o risco de não participar mais [das formações] . Ou ele vai para outra Diretoria, você percebe? Esse é um problema. Outro problema é que cai [a participação nos cursos] também na indicação do diretor. Mudando o diretor, às vezes o novo diretor cisma e não manda você que já fazia o curso, manda o outro. Essa diretora que acabou de falar comigo, por mais que a gente fale... Veja, cada projeto desse a gente gostaria que fosse um professor diferente, de Português. Essa diretora tem quatro professores... Tem escolas que, nos cinco projetos, ela manda o mesmo professor. É ele que falta toda semana na escola e os outros não são contemplados. Eu venho batalhando desde o começo do ano. No começo do ano eu fui meio marota, peguei as listas e comecei confrontar e cortar... Até tive problemas porque alguns professores foram muito mal-criados comigo. Porque eu tive que falar “Professora, você já veio nesse projeto, nesse e nesse. Vai ter que dar chance para outros”. Aí falavam “Ah, mas o diretor disse” . E eu dizia “Não, você vai ter que conversar com ele e dizer que a escola tem cinco professores de português”. Então essa educação continuada está privilegiando algumas panelinhas. Se aquele diretor tem simpatia com você ele manda. Aí só manda esse, e só. É complicado isso. Tem professor que eu nunca vi a carinha dele. E, às vezes, outros que eu vejo eu pergunto e eles dizem que o diretor não deixa vir. Então você tem esse crivo.

A.B.: E a diretora tem poder para decidir?

¹⁶ OFA: Ocupante de Função Atividade, antigo ACT, de Caráter Temporário.

ATP 2: Tem, ela é a dona da casa. Eu não posso fazer nada com ela.

A.B.: A ATP não pode intervir?

ATP 2: O que eu posso intervir é assim, foi quando eu fiz a intervenção. Eu pedi para a Dirigente e passamos um e-mail colocando que professor que participa do Ler e Viver não poderia ser o mesmo do Tecendo Leituras e da Hora da Leitura. Que os diretores escolhessem um professor para cada projeto. Algumas escolas foram super receptivas, outras foram resistentes e até o final do ano a gente teve esse problema de não mandar professores diferentes. A gente tem esse problema. Quando chegar o ano que vem, talvez eu não vá encontrar 50% dos meus professores lá.

A.B.: Aí serão outros? E como a senhora avalia isso?

ATP 2: Não sei, eu preciso ver porque este ano a gente teve esse problema. Como este curso teve em setembro, o Tecendo Leitura, e depois teve em dezembro. Setembro diz que quase não apareceu ninguém, porque não foi muito divulgado. E dezembro teve lá, mas era também problema de SARESP e o pessoal não estava muito empolgado. Quando nós retomamos esse ano, aí ela perguntou quem tinha participado no ano passado e era menos da metade, uma minoria. Então ela falou que nós íamos iniciar... Percebe que cada vez você está começando? O negócio reinicia, reinicia e eu imagino que pode ocorrer isso.

A.B.: E a questão seria que aí não se forma nenhum professor em profundidade? Na verdade você pode ter várias pessoas na escola com uma formação de curso de 6 meses...

ATP 2: É...E a própria Maria José, como responsável que é, ela já ventilou isso. Eles estão estudando a possibilidade de estar elaborando um projeto para essa continuidade, de estar formatando essa orientação de tal forma que descentralize, porque também quem sempre é privilegiado é o pessoal da capital, o pessoal do interior fica muito só, porque é muito longe e eles só ficam recebendo via videoconferência e eles reclamam muito, porque algumas vezes a Secretaria poderia pegar essa equipe de especialistas e ir para o interior, né, fazer alguma coisa assim. Ela [Maria José] já colocou isso. Por outro lado, para efeito de certificação. Então estar fazendo um certo controle para que se você tiver que cumprir quarenta horas você vai brigar para cumprir as quarenta...O diretor vai ter que botar você lá para você terminar o módulo. Isso eles estão vendo para o ano que vem. Ela falou “Gente nosso projeto tem que estar formatado para o ano que vem para que de uma forma a gente consiga prever alguma dessas variáveis”.

A.B.: A senhora teve a experiência do SARESP na sala de aula e está tendo aqui. Dessa experiência, a senhora acha que é possível, o SARESP pode dar suporte para a gente pensar a

formação dos professores ou não pode...Ou talvez ele não esteja claro o bastante para fazer isso...O que a senhora pensa dessa relação?

ATP 2: Olha, enquanto experiência de sala de aula, é curioso porque na escola só se começou a falar de SARESP, pensar em SARESP quando apareceu dizendo que em outubro iam ser feitas as provas. Se isso apareceu em agosto, começou a se falar, mais nada. Isso é a informação: gente, em outubro vai ter SARESP. Este ano, eu vi mesma coisa que eu via quatro ou cinco anos atrás.

A.B.: Ele não está, então, na escola?

ATP 2: Isso..Agora quando você diz em vincular o SARESP à formação continuada, não sei, eu vejo tão distante...Eu vejo tão distante...Nem sei se seria por esse caminho a formação continuada em relação ao SARESP...Não sei...

A.B.: É, porque na verdade o que chama a atenção é que desde a Rose, um dos objetivos do SARESP é esse. E, de repente, eu me apego um pouco a esse objetivo questionando se será que o SARESP é o melhor indicador, o melhor instrumento para a gente saber o que nosso professor precisa? Por que, em princípio, ou melhor, eu acho um princípio muito coerente quando ela dizia lá no documento de 96 ou 98 (de Educação Continuada), ela falava que quem melhor sabe o que os professores precisam é a Diretoria de Ensino porque está mais próximo. Eu posso concordar ou não, mas tenho que levar em conta que é um princípio coerente. E aí, pelo que eu consegui levantar até agora, ela repassava verba para a Diretoria, a Diretoria contratava, teve o PEC...

ATP 2: Isso...

A.B.: Mas parece que essa idéia inicial foi um pouco rompida e parece que agora os cursos estão mais centralizados na Secretaria novamente. Mas os documentos continuam falando do uso do SARESP...

ATP 2: Não sei, eu queria entender por esse lado...Eu precisaria entender, assim, porque é estranho...Um exemplo é um curso de escrita para os professores. Nesse caso, você precisa convencer os professores a participar porque é um concurso. E um concurso é opcional, vai quem quer. Então daí surge essa idéia de você talvez fazer uma "chantagem". Eu vejo assim.

A.B.: Por que pelo SARESP o professor quer que a escola vá bem...Trabalha para isso.

ATP 2: Na verdade ele é uma pequena "chantagem", né? Então se colocou isso, mas eu não vejo essa relação em mídia. Acho que é mais uma chantagem, para poder convocar o professor, fazer uma orientação, onde ele vai treinar alguma coisa em relação àquele gênero, ou àquela proposta, para ele melhorar e ensinando os alunos, a fim de melhorar os resultados do SARESP. Tem uma intenção, tem uma sugestão.

A.B.: A possibilidade...Por exemplo, os ATPs não recebem em nenhum momento uma orientação técnica ou uma videoconferência sobre a técnica do SARESP.

ATP 2: Não, recebe, recebe...Esse ano eu participei, foi lá na Faculdade das Américas, lá na Rua Augusta. O primeiro dia foi mais a parte administrativa, a parte operacional da prova, em que foram duas supervisoras daqui, a coordenadora de avaliação e a outra que faz parte da equipe. O segundo dia foi a parte pedagógica, com a ATP de 1ª. a 4ª. Série e eu com ciclo dois e Ensino Médio. Aí teve uma geral com o pessoal da CENP, falando do SARESP e falando sobre produção de texto, falando da parte objetiva da avaliação. Matemática eles fizeram um encontro presencial e a ATP de Matemática participou e depois fizeram uma videoconferência. Para Português não fizeram a videoconferência porque não havia necessidade, porque já fizemos tantas outras. Mas fizeram essa presencial e depois da parte geral, aí separaram: o pessoal do Ciclo 1 foi lá para o outro lado e o pessoal do Ciclo 2 ficamos juntos. E foi o Gilberto Martins que é um professor, não sei se você já ouviu falar, que é um espetáculo, inclusive ele é o especialista do Estação da Luz, que é justamente o que me ocupa e o pessoal ama aquele projeto. Todo mundo quer ouvi-lo. Uma que ele é jovem, já deu aula na Universidade de Brasília, estudou em São Paulo, UNICAMP; e é professor de Literatura, é doutor, já em todo um conhecimento. Inclusive a apostila de Redação, aquela parte crítica, de comentário, foi ele que fez. Então o próprio lá, com o texto na mão, ele que fez essa orientação e foi brilhante. Então se falou para os ATPs, fazendo toda uma dinâmica com os ATPs sobre como seria nosso procedimento com os professores. Isso houve. Agora a parte operacional, nós não participamos. Então eu acho que essas coisas deveriam ocorrer.

A.B.: E a parte de entendimento da avaliação? Porque ela é uma avaliação formulada a partir de ...

ATP 2: Ela faz depois. Ela ocorreu este ano, agora, quando foi, em agosto, em setembro, com a equipe de avaliação. Tinha lá uma representante da Cesgranrio, do Rio de Janeiro, tinha a Cunholato, da FDE e da CENP tinham duas, a Telma do Ciclo um e a outra do Ciclo 2. Eram então quatro pessoas. Daí sim foi através de uma videoconferência para todo o estado de São Paulo em que elas fizeram toda uma colocação para a gente entender a dinâmica da avaliação, tanto da parte objetiva, quanto também da parte de produção de texto. Mas eu acho muito atrasado, poderia ter sido bem antes.

A.B.: Aí eles foram falar que a avaliação é formulada por competências e habilidades, que...

ATP 2: Isso, isso...Falaram daquela curva, uma parte tão técnica que eu acho que a Telma ficou meio saturada, porque a gente via que ela já não estava mais sentindo bem lá no meio, já que a parte dela era mais relacionada com a alfabetização, não é? E tinha todos, o ciclo 2 o

Ensino Médio e tal. Então estava monótono, porque dependendo das colocações, o pessoal fez algumas colocações, umas procedentes, outras não...Mas nesse momento houve esse encontro justificando os critérios, as habilidades. Tudo isso foi feito, mas naquele momento só. Até nós dissemos que ficamos em prejuízo porque deveríamos ter recebido todo material bem antes, para poder fazer uma leitura, questionar... Eu acho.

A.B.: Mesmo porque se a senhora tem que trabalhar com as competências e habilidades é melhor começar no início do ano, não?

ATP 2: Exatamente. Então o pessoal reclamou em uníssono. Todo mundo pedindo que ocorra com uma certa antecedência e que você tenha o instrumento na mão para poder, inclusive, contestar algumas coisas, mas dessa forma como está nós não temos essa oportunidade.

A.B.: Essa contestação acaba não dando para fazer, né?

ATP 2: Não, porque nós acompanhamos aquelas Diretorias que fizeram alguma colocação porque tiveram o acesso ao material um pouco antes. Você entendeu? Aí você acompanha a discussão. E algumas tinham até uma certa lógica, a gente até conseguia acompanhar e concordar ou não, porque a gente imaginava que seria isso.

A.B.: O entendimento das questões em habilidades...

ATP 2: Aquela fulana da Cesgranrio tentou o tempo inteiro se justificar e ela colocou mesmo aquelas que foram apontadas como erro ou falha. Ela se justificou, colocando que realmente foi a primeira vez e que esse ano eles procurariam errar menos, não que não errassem nada, mas eles errariam menos.

A.B.: Eu estou insistindo, professora, porque fico curiosa em saber se eles explicam a própria teoria, a partir da qual os dados são analisados...

ATP 2: Não, nessa questão eles não entram. É tudo muito estatístico, né?

Infelizmente, por um motivo técnico, parte da fita foi perdida, sendo que a pergunta final, sobre a concepção da professora sobre formação de qualidade, não pode ser recuperada.

Anexo 3 –D.4: DE. Beta

Entrevistada: ATP de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental 1

Data: Dezembro/2005

AB:No que se refere à escola pública, na diretoria de ensino, a questão ligada ao apoio ao trabalho pedagógico das escolas fica na Oficina?

ATP1: Sim.

AB: A formação de professores também fica localizada na Oficina?

ATP1: Formação em serviço.

AB: Formação e serviço... Aonde mais se pensa em formação de professores?

ATP1: Não. Não. Existem vários convênios, com, por exemplo, tem com a Unicamp, com a PUC, com a USP. De várias maneiras, tá? Existem convênios, por exemplo, que são da Rede do Saber... A gente vê qual é a necessidade que a diretoria tem e uma proposta é feita, há uma concorrência em que as faculdades se apresentam e se escolhe uma para fazer. Isso é por diretoria. Na Secretaria da Educação, eles realizam algumas parcerias com a Unicamp, tem algumas parcerias com a Puc, não só, por exemplo, eles ofereceram cursos de graduação como cursos de pós-graduação. A Secretaria investiu muito na bolsa-mestrado. Eu tenho quatro bolsistas aqui, tenho duas de doutorado e duas de mestrado. Elas dão uma contribuição muito grande. Mas isso é também um trabalho na formação do professor, porque você poder se afastar, trabalhar meio período, ganhar, e poder... Eu acho que isso...

AB:...Contribui...

ATP1: E com as escolas particulares também, a faculdade particular da uma porcentagem, o governo paga o outro e o bolsista faz gratuitamente o mestrado dele. Está havendo um grande incentivo ao mestrado e ao doutorado. Muito, muito, muito. Com relação à formação continuada, a formação continuada é essa feita pela Rede do Saber, existe também a oferta de outros cursos que a gente faz parcerias com a universidade. Por exemplo, a faculdade Oswaldo Cruz oferece química, física, matemática... A gente tem a parceria com a USP, com a APEF, tem parceria com a Estação Ciência. Que é a formação do professor. Essas são de formação continuada. Que é durante o horário de trabalho; e a gente faz a formação em serviço.

AB: Essa formação em serviço do professor, que acontece em nível de diretoria...

ATP1: Em nível de diretoria, essa formação continuada, por exemplo, nós temos o “Letra e Vida” que é formação continuada, nós temos alguns cursos para educação especial, o curso de Libras. Às vezes a Secretaria, às vezes é um projeto que a diretoria faz, isso vai para a CENP, se a CENP homologar, esse ano nós tivemos até subsídio financeiro para levar os projetos. Por exemplo, esse de Libras a gente ganhou verba para material, para transportes, enfim, para pagar o palestrante, para realizar o curso.

AB: Mas foi um pedido dessa diretoria?

ATP1: Esse foi um pedido dessa diretoria, como também a gente fez um trabalho em cima dos museus de São Paulo para os professores de Artes e de História.

AB: Também dessa diretoria?

ATP1: Também dessa diretoria, montamos o projeto junto com o APEF que também é dessa diretoria. Que é física para crianças. Nós temos vários projetos, 10 de escolas, e aqui da diretoria nós conseguimos 12 projetos, que foram aprovados e receberam verba.

AB: Além desses, que são específicos dessa diretoria, tem os da Secretaria da Educação: “Letra e Vida”; “Rede do Saber”; “Teia do Saber” “Água”; “Furnas”. Aqueles projetos que aparecem no site, eles vêm da Secretaria?

ATP1: É. O de educação artística, o de Linti, o do Linti os professores fizeram o mestrado. Isso é a pós-graduação de educação física.

AB: Mas esses são bolados na Secretaria? Elaborados lá?

ATP1: São. Por exemplo, o Linti não foi bem elaborado, chegam projetos que a Secretaria pode encampar ou não, tá certo? O “Letra e Vida” são um projeto da Telma Weisz, é do PROFA, que ela montou. Ela já tinha trabalhado com o “Por trás das letras”, aí ela ficou fora, foi para o MEC, montou o projeto lá. A prefeitura decidiu e o estado não. Até que houve a necessidade, o estado em cima das avaliações que ele faz, as avaliações externas SARESP, ENEM, que está subsidiando todo o projeto de ensino médio, e outras avaliações que o governo faz, ele orienta as políticas públicas e de formação de professores.

AB: Essa relação fica clara para o pessoal da diretoria? Por exemplo, vocês recebem algum documento explicativo, salientando que os cursos têm a ver com tal aspecto, formulados com base nos dados do SARESP, que disseram tal coisa,... Junto com o material dos cursos ou da avaliação vem algum indicativo? Por que, pelo que entendi, a diretoria tem primeiro conhecimento desses projetos da Secretaria e aí a que pode escolher os que vai fazer... É isso?

ATP1: Não! Não. A diretoria recebe os projetos que a Secretaria quer implementar, e ela tem que implementar!

AB: Ela não pode escolher?

ATP1: Não há escolha. A escola tem projetos que ela deve implementar, projetos que ela pode optar ou não, tá? Então, para a escola há uma gama diferente de possibilidades. Para a diretoria não, nós temos que implementar todos os projetos. Nós temos que oferecer todos os projetos.

AB: Vocês recebem um material para capacitar a diretoria no acompanhamento dessa implementação? Por exemplo, eu tenho alguma publicação, alguma coisa do “Letra e Vida” para auxiliar a diretoria a acompanhar as escolas que vão participando do projeto...

ATP1: Veja bem, o “Letra e Vida” quem faz a formação... Eu sou coordenadora geral do “Letra e Vida” na minha diretoria. Eu coordeno aqui, organizo, também tenho várias turmas e organizo as pessoas que tenham condições de se tornarem formadores. A gente tem que apresentar um projeto que a gente desenvolve, o “Mão na Massa”, que é depois de amanhã.

AB: Pois é...

ATP1: É um negócio complicado. Esse projeto “Mão na Massa” é um projeto que eles já trabalham da França pra cá, e é um negócio muito interessante, e a minha diretoria tá muito envolvida. A gente fez uns trabalhos bastante sérios. A gente foi pra França visitar algumas escolas lá. Então, isso tudo são algumas das coisas em relação a formação continuada de todo mundo. Eles oferecem, por exemplo, o “Letra e Vida” a uma formação a cada quinze dias a uma formadora do grupo do “Letra e Vida” que vem, a minha diretoria ela acomoda dois grupos, o grupo E, e o grupo D. Então, tem pessoas do interior, do grupo D, que vem ter a formação aqui, como uma pessoa de fora. E tem o grupo E, que começou agora, que também tem a formação aqui. Há cada 15 dias tem essa reunião, eles fizeram um seminário internacional, trouxeram pessoal da Argentina, da Espanha. Muito interessante! Participaram 3500 formadores. O “Letra e Vida” trabalha com a formação de formadores e a formação de professores.

AB: Os formadores são professores da rede?

ATP1: São.

AB: Então os formadores do “Letra e Vida” também estão atuando na escola?

ATP1: Tá.

AB: Interessante. E onde acontecem as aulas do “Letra e Vida”, na própria escola?

ATP1: Não, existem alguns pólos, alguns locais onde há espaço. Aqui na diretoria, neste momento, nós temos dois cursos. Tem uma escola vazia, três. No CEFAM estamos com nove cursos, porque tinha salas ociosas, pode funcionar aos sábados, então colocamos a maior parte dos cursos lá. A gente tem à noite em duas escolas de Ciclo 2, porque ficam abertas à noite, o que foi interessante, pois os professores de ciclo 2 também quiseram participar. Nós temos um único curso que é exclusivamente para coordenador. Eu percebi que a maior parte dos coordenadores das escolas de ciclo 1 tinham formações completamente diversas, nunca tinham atuado na escola de ciclo 1 e estavam como coordenadores nas escolas. Tinha formação de Química, Física, Matemática, Educação Artística. E poucos tinham realmente passado pela sala de aula de ciclo 2. Então eu tenho a única turma do estado (porque não queriam deixar) de coordenadores. Eles queriam que só o professor fosse formador. Eu tive muito problema com professor, eles não são dispensados da aula pra vir fazer a formação, e os coordenadores se dispuseram, e eu achei que era mais interessante. Aí no fim eu coloquei coordenador, e no fim os formadores são na maioria coordenadores. Eles têm uma vivência mais intensa com o professor, que é diferente do trabalho com o aluno.

AB: É super coerente essa proposta. Se eu não estou enganada, ali na escola o apoio direto ao trabalho do professor é do coordenador.

ATP1: Eu peguei todos os coordenadores de escola de ciclo 1, não importando a formação, e fizeram um ótimo trabalho. E duas eram professoras do CEFAM.

AB: Esse projeto é mais longo, né?

ATP1: 180 horas. Isso dá um ano e meio. Eu vou tentar fazer um grupo que talvez comece em fevereiro, sem férias sem nada, para terminar em dezembro. A gente fez os cálculos e vai dar. Eu tenho uma turma, nós estamos com 590 alunos. 24 turmas.

AB: É bastante! O “Letra e Vida”, ele é formulado para... A professora L. estava explicando que a concepção do projeto é auxiliar na erradicação do analfabetismo de primeira à quarta. Ele pega os professores numa outra turma, ele pode voltar pegando os professores? Mais professores? O meu grupo está com uma grande dúvida: o “Letra e Vida” vai ser para todos os professores da rede estadual? Vai ter oportunidade de todos os professores alfabetizadores da rede estadual fazerem “Letra e Vida”?

ATP1: Sim. Houve todo um trabalho para que 100% dos professores de primeira a quarta série fizessem. Houve toda uma força, mas você sabe que não consegue o 100%. Primeiro existem professores que estão há 30 anos no magistério e não conseguiram se efetivar, e que não passaram no concurso agora. E esses professores não querem fazer. Existe uma diferença muito grande de diretoria para diretoria em relação ao trabalho de formação continuada. A

gente tem um trabalho efetivo, um trabalho constante. A gente tem um bom grupo professores, mas esse grupo, por exemplo, ano passado... quebrou! Tudo que a gente tinha feito, de repente foi embora.

AB: Por quê?

ATP1: Muitos se aposentaram, é uma movimentação muito grande. Por exemplo, há dois anos Osasco municipalizou, a nossa diretoria foi a única diretoria que abriu inscrição para todos os professores que quisessem, não só para os da diretoria. Osasco em peso entrou na nossa diretoria e Osasco era a região que tinha o pior desempenho no SARESP, o pessoal não passava por formação... Foi uma catástrofe!

AB: Vocês continuam com o grupo de Osasco aqui esse ano?

ATP1: Eles vieram, eles fazem parte da nossa rede agora. Eram professores com 25/30 anos de trabalho, já poderiam ter aposentado. Então eles tinham um monte de pontos e limparam as nossas cotas [no curso].

AB: Tem que se lidar com muitas especificidades do sistema. A gente não tem idéia da rotatividade aqui, acontece de alguém sair do curso no meio porque mudou de escola, esse tipo de problema?

ATP1: Quando muda o período, por exemplo, esse ano nossos professores fora da escola. Do curso. Eles teriam que estar dentro, porque você só pode dar o certificado para quem atua na sua diretoria e estar dando aula. Enfim, o eventual não tem direito. Nós temos professores que se removeram de Franca para cá, porque Franca municipalizou e não tem vaga lá! A professora vem domingo à noite, dá aula até sexta-feira ao meio dia e vai embora para a casa dela. Você já viu a distância até Franca? A gente teve uma mudança muito grande com a municipalização. Com diretores, nos tínhamos diretores com os quais já estávamos acostumados a trabalhar. De repente mudou 60/70% dos diretores. Estou mais tranqüila agora, em termos, porque para escolha foram 22 duas salas só, para ano que vem. Mas na remoção, a maioria das nossas escolas não teve nenhuma vaga, nem na remoção. Eles conseguem outras, vão para CENP, vão para outras diretorias e não conseguem dentro da Beta.

AB: E tudo isso muda o grupo...

ATP1: Muda totalmente o grupo, hoje tem investimento constante no coordenador, coordenador é um professor que não foi preparado para exercer liderança. Para ser coordenador, existem alguns requisitos necessários para você desenvolver a sua atuação. Mas é a escola que escolhe, a escola que avalia esse coordenador, tudo depende do que o quadro da escola quer fazer, se ele não quer fazer nada, escolhe o pior de todos, aquele que não tem condições. Mas mesmo que ele não seja bom, a gente tenta dar condições para que ele possa

fazer um trabalho. Se o coordenador quiser, ele tem um trabalho prontinho para desenvolver o ano inteiro. A Secretaria tem um trabalho através das videoconferências e a diretoria também tem todo um trabalho.

AB: Mas esse é um trabalho de formação do coordenador?

ATP1: Nós temos um específico do coordenador.

AB: Mas é aqui da diretoria ou ele veio da Secretaria?

ATP1: Daqui

AB: Vocês fizeram um trabalho de formação do coordenador? Por que essa idéia? Por esse diagnóstico?

ATP1: É uma necessidade seríssima. Se você não tem um coordenador que tenha condições de levar em frente, a gente faz uma reunião para passar tudo que está acontecendo na Secretaria, tudo que está acontecendo por aí a gente coloca para o coordenador, por que muitas vezes o diretor não leva. A questão da comunicação é terrível.

AB: Entre diretor e coordenador?

ATP1: As pessoas dizem: “ah... isso aqui não é importante”.

AB: É o coordenador que prepara as HTPC's?

ATP1: Às vezes. Porque o coordenador não tem nenhuma autoridade dentro da escola, ele não tem nada que justifique. A coordenação é uma função dentro da escola que depende da escolha dos professores, da avaliação dos professores. Então se o diretor não passa essa competência para o coordenador...”Olha, eu passo para você a competência, a questão de autoridade, para você desenvolver a parte pedagógica...”. Se ele não faz isso, o coordenador não deixa de ser um professor como qualquer outro, um faz-tudo na escola.

AB: Mas aí o diretor assume esse trabalho?

ATP1: Tem lugares que o diretor não deixa o coordenador fazer nada no HTPC. Se o coordenador quiser fazer, ele faz fora. Depende do jogo de cintura do coordenador. Eu tenho um coordenador, que ele é o coordenador do grupo do “Letra e Vida”, apaixonado... E a diretora quer que use o Caminho Suave escola. Briga com todo mundo, faz o diabo, proíbe os professores de trabalharem com gráfico, em Matemática, os professores vieram chorar, porque não pode fazer isso, não pode fazer aquilo...

AB: E como uma diretora dessa se relaciona com o SARESP, por exemplo?

ATP1: Ela se relaciona achando que se o aluno dela for muito bem, o trabalho dela foi muito bom. E é uma escola extremamente carente, então fica um resultado assim, limitado...Então, por exemplo, o “Letra e Vida” faz o curso no sábado, são todas as professoras da escola que

fizeram “Letra e Vida”, a gente tem a esperança de que apesar do diretor, ou dos diretores que passarem por lá, o corpo da escola consiga fazer um bom trabalho.

AB: Para quem está de fora da rede estadual e pega um documento da internet para ler, sempre tem uma pequena referência aos dados do SARESP, aparece “de acordo com os dados do SARESP”... E aí abre o documento. Só que para quem está fora, só lê essa frasezinha “De acordo com os dados do SARESP...”. Fica muito vago, muito solto para entender o que são esses dados do SARESP que estariam embasando essas ações de formação. A senhora sente que isso é feito, talvez mais em alguns projetos e em outros menos...?

ATP1: Não, todos os projetos da Secretaria são escolhidos e realizados a partir das necessidades que a rede apresenta. A rede demonstrou uma série de necessidades, por exemplo, o investimento que houve em projetos de leitura esse ano, era para que nenhum professor ficasse fora. O problema é que aquele que se interessa, se interessa por todos, e aquele que deveria fazer não faz. Um das questões é a do professore leitor, se ele não for um professor-leitor, não souber apreciar a leitura, não souber ler para estudar, não souber tirar a informação necessária, ele não vai ser um bom professor e não vai saber despertar nesse aluno uma série de coisas que vão levá-lo a se tornar um proficiente leitor. Então, essa necessidade partiu da avaliação do SARESP. O SARESP, por exemplo, de primeira e segunda série é montado para saber exatamente o que o professor está trabalhando, o que ele tem condições de trabalhar e o reflexo disso no aluno, o que ele teve condições de saber, de aprender até aquele momento do SARESP. A minha idéia é, que se esse professor pelo simples fato de trabalhar com algumas coisas diferentes que se soltam do livro didático, o aluno é tão criativo e perspicaz que é capaz de ele se der bem apesar do professor que tem na sala de aula. Tudo isso são estratégias que a própria Secretaria faz através do SARESP, o SARESP de primeira e segunda serie, você quando olha faz uma avaliação da escola, do professor, que material foi trabalhado. Aparece. Pela questão teórica que está por trás dessa prova. Você tem que fazer a leitura partindo de uma metodologia, de uma didática que tenha sido trabalhada e da questão do empirismo. São coisas muito sutis que estão por trás. E as provas não eram fáceis, tinham questões que iam das mais elementares... Todo mundo tinha condição de fazer alguma coisa. Mas tinham questões que eram difíceis. Você sequenciar, montar uma ordem numérica crescente e outra decrescente, para uma criança de 1^a. série, ou mesmo de 2^a. não é simples. Depois tinham trabalhos de gráficos, tudo de acordo com o que vem sendo proposto em matéria curricular. Até o tipo de projeto que eles montaram sobre leitura foi resultado do que

deu no SARESP. E a avaliação do SARESP que fizeram de matemática vai estar por trás de todo o investimento que vão fazer agora em matemática.

AB: A matriz curricular do SARESP é formada a partir do quê?

ATP1: PCN.

AB: Está claro para a rede os conteúdos a serem trabalhados? Tem alguma obrigatoriedade de conteúdos a partir do SARESP? Como está essa relação?

ATP1: O SARESP não tem um conteúdo que ele estabeleça porque ele muda. Isso deixa os professores enlouquecidos. Eles não conseguem entender, mudar a concepção deles de prova, de avaliação é uma coisa muito demorada. A questão de pensar em habilidade, pensar em competência... É um negócio que... Habilidade virou um nome feio, ninguém entende nada! A gente está até evitando falar nisso para ver para ver se eles vão assimilando algumas coisas, para depois tratar disso.

AB: A senhora acha que quando a escola recebe os dados, ela tem condição de fazer um trabalho, de refletir sobre a sua prática e incorporar no seu cotidiano ou precisa desse apoio da Oficina?

ATP1: Precisa sim. As minhas escolas são conscientes disso. Elas vão ter duas orientações sobre correção de redação e uma preparatória para a avaliação. A CENP preparou um trabalho, para a gente fazer. A prova de primeira e segunda série a Telma fez uma aplicação, depois ela fez um trabalho de correção. A correção das redações foi privilegiada ao professor que está terminando o “Letra e Vida”, primeira e segunda série só “Letra e Vida” vai corrigir, porque o professor que não fez “Letra e Vida” não tem condições de fazer. São questões abertas que dependem de uma concepção de ensino e aprendizagem para poder avaliar aquilo.

AB: E o professor que não fez o “Letra e Vida”, como é que fica o trabalho dele na sala de aula?

ATP1: A pressão é que ele se veja sem saída e faça. Ele ser pressionado, o bônus é maior para quem faz o “Letra e Vida”, existe uma série de pressões muito sutis que a Secretaria faz. O “Letra e Vida” é o que tem a maior carga horária para progressão. É uma série de coisas que favoreceram que um maior número de professores fizessem o “Letra e Vida”.

AB: Mas ele não é obrigatório. A senhora acha que seria interessante fazer dele um projeto obrigatório?

ATP1: Ai o professor viria contra a vontade. Se aquilo em que você convida a escola... Foi feito o convite pela Secretaria ou diretoria, aí a escola já acha que foi feito um convite de cima pra baixo, que querem obrigá-la, que não sabem o que está acontecendo na escola, e sabem! A CENP, a COGESP e a diretoria sabem tudo que acontece na escola, é uma questão de visão

que você tem. Quando você está na escola e muitas vezes não consegue nem enxergar o que está dentro da sala de aula. Você vai para a coordenação da escola, você começa a ter uma visão da escola inteira. Quando você vem para a diretoria você começa a ter uma visão de todas as escolas: pela fala do coordenador, pelo que o professor que coloca, pelos trabalhos dos alunos que vem... Você começa a aprender a fazer uma leitura diferente, você não precisa fazer uma vivência lá dentro. E a CENP tem isso. Eles vão fazendo uma leitura para saber o que está acontecendo lá dentro e para isso eles usam uma série de estratégias. Por exemplo, eu quero ter um mapa na minha diretoria de primeira e na segunda série. Então eu entreguei uma planilha (só com as classes de primeira a segunda série) pronta com as questões do SARESP, porque é a minha estratégia e eu ensinei para as minhas escolas. Era uma estratégia de leitura que eu fazia para poder montar os projetos da Diretoria.

AB: A senhora monta esses projetos da diretoria de apoio às escolas de acordo com esses dados que a senhora coleta?

ATP1: Escolho e priorizo aqueles que eu acho que vão dar mais resultado. Não dá pra fazer coisas porque você achou lindo e maravilhoso, tem que fazer aquilo que eles realmente necessitam. E dentro desse trabalho, você tem que colocar coisas novas, você tem que trabalhar com coisas que tem que levar para a escola e tem que visar as coisas que eles já estão fazendo. Em toda a orientação tem sempre as três coisas.

AB: E a escola quando recebe os resultados dela, e ela tem os projetos que da diretoria são obrigatórios mas ela pode escolher. A partir dos dados a escola consegue escolher os seus projetos? A escola consegue fazer isso com autonomia, a oficina pode apoiar? Tem apoiado?

ATP1: Não, quem faz os cursos da parte pedagógica da escola é a escola. É o corpo da escola. Hoje, é a escola que tem que pensar em termos de educação, mas a escola enquanto grupo.

AB: Já teve algum caso que veio aqui para a Oficina: “Olha a gente está sentindo que precisa fazer um trabalho em tal sentido, não tem nada aqui ainda pela Secretaria” eles pedem apoio para a Oficina? Ou não tem esse tipo de demanda?

ATP1: Muitas vezes aparecem algumas coisas.

AB: E a oficina consegue atender?

ATP1: Veja bem, existe uma política no projeto de cada governo. Existe um mundo de pesquisas que vem engrossando, todo esse conhecimento vai, de alguma maneira, dando a direção do que se vai fazer. Antes do Maluf teve o projeto IPÊ, depois entrou o Montoro, que começou a implementar biblioteca, começou a implementar leitura...Nessa época já tinha vindo para cá a Emilia Ferreiro. Desde então a proposta da Secretaria é uma só. As tentativas

são de fazer o professor pensar. E dentro dessa proposta ele escolher o seu caminho. Não há condições de você exigir dele tal e tal coisa, por exemplo, em muitos países a coisa é muito direta. Aqui a coisa é um pouco diferente, você não consegue fazer isso. A rede é muito grande, há um número imenso de professores. A minha diretoria está com 79, mas já chegou a ter 90 e tantos mil alunos, agora diminuiu um pouco. Eu tenho 800 e tantos professores de ciclo um, 466 salas, mas tem os que estão afastados, tem os que estão de licença. No fim, girando em torno das nossas escolas, oitocentos e poucos professores de ciclo 1, para você ver a quantidade. É uma coisa muito difícil de você exigir um controle, não dá! Não faz parte do brasileiro, é uma questão cultural também. Se você está falando de criar condições do aluno construir seu percurso... Se o professor não fizer o dele, você não consegue trabalhar com o aluno dessa maneira. A questão é, você trabalhar com esse professor para que ele construa o seu conhecimento, o seu percurso, sua maneira, suas estratégias, enfim.

AB: Mas esse é um trabalho à parte de cada diretoria? Dependendo dessa demanda de professor?

ATP1: Não, é um trabalho que você tem que fazer. Se a diretoria não percebeu isso ela tem que parar e refletir um pouco sobre o trabalho dela. Você não pode pedir para um professor trabalhar de um jeito se você trabalha com ele de outro.

AB: É a mesma lógica de formação.

ATP1: Tem que ter, não pode fugir, a formação continuada, ou a formação em serviço (principalmente a formação em serviço), é aquela referência que você tem que ser para o professor fazer dentro da sala de aula. Não só trabalhando com Oficina para ele repetir, mas é mexer com ele professor.

AB: Os cursos que estão acontecendo hoje em dia são mais voltados para essa concepção de dar um subsídio, um exemplo para o professor repetir em sala ou é de uma formação mais ampla? Como a senhora avalia?

ATP1: É uma formação mais ampla. Mas não deixa de ter alguns modelos de referência. Principalmente porque esse professor passou por uma escola que não fez nada disso. Por exemplo, o “Letra e Vida” tem todo um resgate da memória do professor ou da concepção que ele tem, que você oferece através de vídeos ou de leitura faz uma discussão, “O que mudou? O que não mudou? Aquele pensamento...” e há uma situação prática. Que ele tem que realizar, trazer, discutir, mudar a primeira concepção que ele colocou, então é um trabalho de reflexão. Que é um trabalho completamente diferente de todos os outros. Há uma tentativa de repetição, de volta, mas não dá controlar muito, não dá pra fazer por causa do número. Agora, há diferença sim entre o trabalho de cada diretoria. Aqui a gente tem um projeto, todos eles

saem dali, a gente tem por ano uma intenção de desenvolver isso ou aquilo. Um ano a preocupação é com a violência dentro da escola, mas não é a violência que todo mundo “fala”, é a violência da escola mesmo, a maneira como as pessoas se tratam dentro da escola que é uma maneira terrível.

AB: Esses projetos da oficina, da diretoria eles são formatados em algum documento que a gente pode consultar?

ATP1: É complicado, por que a gente vai fazendo a formação. A idéia é fazer o professor pensar, sair das quatro paredes, discutir com os pares. Tomar conhecimento de que as pessoas pensam de modo diferente. Fazê-lo pensar um pouco, tirá-lo do automatismo que o livro didático o coloca, fazendo com que ele não pense, só faça. Antes de começar o “Letra e Vida”, aqui na Diretoria a gente fez o “Letramento”. Eram as pessoas que depois formaram o “Letra e Vida”. Eu fui às escolas, pelo SARESP eu vi os problemas e aí eu fui ver nas escolas. Foi uma coisa que a Telma ensinou: “Se você quer saber o que esta acontecendo, pergunte diretamente para a criança. Não pergunte para as outras pessoas”. Eu fui à escola ver e descobri que na escola eles não podiam fazer o reforço porque não tinha ninguém lá que soubesse trabalhar com alfabetização. Eles sabiam virar a página da cartilha. Se o aluno não conseguisse seguir a cartilha, eles o deixavam de lado. Porque a gente tinha feito um grande investimento no “Por Trás Das Letras” e de repente eu descobri que não tinha nem meia dúzia de professores na rede que tinham feito o “Por Trás Das Letras”. Houve aquela aposentadoria voluntária, remuneração voluntária. Todo mundo ficou com medo que fosse mudar e se aposentou. E mudou a rede toda, todo mundo que tinha filhos foi embora.

AB: E a formação tem que se iniciar de novo...

ATP1: Começa tudo de novo. Tudo outra vez. E aí tem aquele que já ouviu aquilo dez anos e que está ainda lá, e tem aquele que nunca ouviu nada, não sabe o que fazer. E você tem que propor um trabalho sempre diferente, procurar uma ocasião, dentro de uma didática que atende a possibilidade de criar situações para o indivíduo pensar e refletir e caminhar em seu processo.

AB: Para ajudar a Oficina Pedagógica nesse sentido, desses diagnósticos, a FDE e a CENP, fazem alguma publicação? Para usar essa didática que você está mencionando, eles fazem a partir de um diagnóstico. O diagnóstico do SARESP vem numa publicação específica para a Oficina? Vocês recebem algum relatório?

ATP1: Olha, esse ano nós recebemos em setembro. Não dava para fazer mais nada. As escolas receberam, elas tiravam [da internet] com seu código e a gente não soube. Dizem que no próximo ano eles vão mandar antes. Mas eu não preciso, nunca precisei disso. Quando

vinha, muito bem, eu fazia uma análise e fazia o levantamento. Porque mudou. A Fundação Carlos Chagas tinha uma maneira de apresentar, era com pesquisadores. Agora mudou. É a CESGRANRIO.

AB: E a CESGRANRIO a senhora acha que melhorou?

ATP1: Não, você tem que criar estratégias com o pessoal para eles lerem, é um trabalho que você tem que fazer. Eu montei no primeiro semestre uma orientação que a minha dirigente queria saber como havia sido o SARESP na nossa escola. Porque a nossa diretoria no ano passado, a gente ficou sem saber o que tinha acontecido. Ano retrasado nós tivemos o melhor desempenho em todos os segmentos (sempre tivemos um desempenho muito bom). Em outro ano, teve só uma diretoria que teve um melhor desempenho de ciclo um, mas é uma diretoria mínima com pouquíssimas escolas, do interior e tal. Não a nossa que tem milhares de favelas, que é um horror! Pega Jaguaré, pega ali perto da USP, pega a da Água Espraiada, para lá, depois do aeroporto... É um monte de favela que eu vou te contar. Não por ser favelas, mas por serem populações extremamente carentes. É um outro trabalho que você tem que realizar. Nós sempre tivemos um bom desempenho e a dirigente queria saber, fiz uma reunião, a gente discuti e cada um trouxe o seu olhar. Por que muitas vezes o diretor vê o resultado, fecha o computador e não quer saber, não imprime porque vai gastar tinta, não faz uma análise. Sabe, é um negócio. A gente tem que ter um olhar que possibilite ocorrências negativas, a gente tem que cercar de todos os lados. E a gente percebeu quando o pessoal chegou que muita gente não abriu o site, e a CENP sabe quem não abriu, ela sabe a hora que abriu, quanto tempo ficou aberto, se deu para ler tudo ou se não deu... E ela manda para a gente e aí você tem como conversar com a escola. A gente não diz explicitamente a escola, mas mostra a importância. Ai eu chamei todas as escolas e eles tinham que ter lido e trazer os dados. Eu não quis nem saber, em grupo resolveram, levantaram. Levantaram o perfil direitinho do que precisava ser trabalhado.

AB: Bacana! Os dados são usados, mas precisou do incentivo da senhora, da oficina...

ATP1: É muito interessante que você faça no coletivo. Eles têm que discutir, eles tem que ter parâmetros. Por exemplo, eles acharam que o grande problema era a estrutura da narrativa, pois eles trabalham tanto e não conseguem um bom trabalho. Essa é uma grande discussão que tem que ser feita. É a questão de fazer um trabalho que desenvolve as práticas sociais que envolvem escrita e leitura. Então você precisa trabalhar as estruturas dos textos, porque para o texto dar conta daquilo que você propôs ele tem que ter aquela estrutura.

AB: Então a senhora faz esse tipo de discussão com eles na orientação técnica?

ATP1: Mas eles têm que chegar nisso.

AB: Não é a senhora que faz?

ATP1: Eu vou questionando. Nós ficando quatro horas e meia para discutir a correção de cinco provinhas de terceira e quarta série.

AB: A senhora propicia o espaço e faz o questionamento para eles verem o que precisam fazer.

ATP1: E aí também estou avaliando as minhas escolas. Para ver o que está acontecendo. A proposta sempre aberta para ajudar naquilo que eles precisam, porque senão você fica sabendo só que esta tudo ótimo e maravilhoso, porque fica tudo mascarado. Então você cria uma situação e realmente começa a entender o que está acontecendo na escola. E a gente consegue, através da Oficina, criar uma série de situações e mexer com elas dentro da escola. Sem tocar no assunto, isso dá pra fazer muito tranquilamente.

AB: A senhora já fazia isso antes do SARESP. A senhora acha que facilita, da forma que o SARESP está hoje, da forma como os resultados chegam na oficina... Eu ainda não entendi bem como eles chegam...

ATP1: O ano passado, que foi nosso primeiro ano, a escola recebeu o aluno no começo do ano e nós viemos a receber só no final do ano. Eles acharam que para criar autonomia da escola, elas deviam fazer sozinhas. É uma questão de concepção das coisas, eu acho que se você faz uma coisa é porque acha que é a melhor maneira de fazer. Até um dia que você vê que outras pessoas que fazem de forma diferente e depois fala “Espera ai! Aquela maneira talvez seja mais eficiente, não gosto muito, mas acho que está um pouco melhor do que a minha. Eu acho que a minha não está dando conta das coisas”. E você precisa ter isso, você não vai querer ler sobre algum assunto se você não sabe do que se trata aquele assunto ou se chegou no seu ouvido alguma coisa, você fala... “Poxa vida! Eu quero saber disso!”. Então eu acho que você despertar a curiosidade do pessoal é um dos papéis da oficina.

AB: E do SARESP, como que a senhora vê essa relação entre poder usar os resultados para a formação? A senhora acha que é necessário? Que dá pra fazer um trabalho sem isso? O papel é esse? Não é esse? Porque o SARESP traz na sua documentação a possibilidade de usar os dados para subsidiar a capacitação. Você acha que ele está cumprindo esse papel?

ATP1: Olha, entre cumprir o papel e dizer que está dando resultado e as pessoas estão fazendo é uma coisa. Ele é um trabalho altamente técnico, é uma pesquisa e vai servir pra isso e para aquilo dependendo de quem pegar, da leitura que se fizer, da sua intenção. É uma coisa extremamente técnica, é um recurso que vai mostrar para você nuances que você dificilmente você consegue perceber, principalmente agora que não é um estágio. Antes era um estágio e agora não é. Essa é uma grande diferença, é você ver o perfil da rede como um todo. Mas

também não é só o SARESP, eu tenho o costume de pedir na quinta série, peço de um dia para o outro uma produção de um texto, não é para corrigir, não é para nada. Só me entregar. Quando eu vejo, eu tenho uma visão do que está acontecendo em cada escola. “Esse aluno vem de onde? Ah... daquela escola. Então aquela escola precisa de um trabalho nesse sentido”.

AB: O que vocês fazem nesse sentido? A senhora falou na sua planilha do acompanhamento, que é uma coisa da senhora. A diretoria faz muita coisa na Oficina...

ATP1: E o SARESP pontua as habilidades de uma forma muito precisa. Por exemplo, você perceber que existe um problema nos textos epistolares em tal aspecto. Que a questão do humor, os alunos não conseguem fazer uma leitura, ou produzir um texto com essas características. Isso que o SARESP pontua de um modo muito interessante, é o que você precisa estar trabalhando.

AB: E a senhora une com as outras coisas que a Oficina faz?

ATP1: Eu vou discutir aquilo, e a Secretaria tem um investimento mais amplo em cima disso. Que ela trabalha com as oficinas para as oficinas poderem trabalhar, oferece os cursos fora.

AB: Mas a Secretaria manda alguma diretriz de trabalho para a Oficina? “Olha, a gente percebeu isso, então trabalhem nesse sentido...”. Ou isso fica por conta de cada Oficina?

ATP1: Não. Se você tem um projeto pedagógico que você vai desenvolver, nós não estamos aqui para criar nenhum projeto, nós estamos para implementar. A gente tem o trabalho de levar aquilo, agora você pode ampliar, você pode tornar isso mais acessivo ao seu grupo de professores, pode contextualizar isso. Quer dizer, a sua eficiência vai ser mais. Há sempre uma maneira, antes do “Letra e Vida” a política era: a escola está cheia de alunos, está havendo invasão, precisamos fazer algumas correções. Veio a classe de aceleração. Eu não concordava com algumas coisas porque a minha formação vinha do “Por Trás das Letras”, com a Telma por mais de 20 anos, tinha um outro olhar. Mas, ele teve o seu papel, foi muito interessante, ele trouxe projetos. Nosso professor fazia coisas, fazia atividades dentro da sala de aula, não havia um objetivo. “Não, preciso fazer um trabalho cognitivo”. Isso é uma coisa que não passava na cabeça do professor. Todas essas coisas que parecem isoladas, de alguma maneira tiveram o seu papel. Foi muito interessante, assim como a abertura da Oficina Pedagógica. Todas essas coisas são sempre um passo a frente. Eu, nesses anos todos, nesses 16 anos, a rede mudou muito, eu tenho condições de dizer para você que parece que não se está se fazendo nada, mas aqui nos vemos a quantidade de coisas que estão sendo feitas. As escolas estão com o material didático excelente; se alguma escola não comprou bem foi porque não foi responsável para fazer essa compra, mas tiveram verba. O MEC mandou a

biblioteca do professor, que são livros. É uma biblioteca caríssima! Minha nossa! Uma escola particular não tem isso! A biblioteca do aluno, os livros que foram mandados, no PNLD, para a sala de aula! Eles entregaram a coleção com gêneros diferentes para cada um da quarta série! Um dicionário para cada um da primeira série! Gramática para cada aluno de quinta série. Poxa vida! A “Literatura em Sua Casa”, que era para levar os livros para os pais lerem para todo mundo ler. Eu acho que é um investimento, uma verdadeira revolução em termos de educação! Que o pessoal não está percebendo! Os problemas são enormes (que a rede pública enfrenta), você tem todos, você tem numa classe autista, um DM, um tem surdo, um cego, um deficiente físico... Você tem o preconceito, preconceito dos outros pais, o preconceito da professora, o preconceito nosso, enfim. É de uma enorme complexidade uma sala de uma escola pública. É impensável um professor de escola particular entrar em uma sala de escola pública e conseguir se virar. Eu acho que o professor de escola pública, com todos as deficiências na sua formação, com todos os problemas que ele enfrenta... Ele é um herói dentro da sala de aula. Fazendo um bom ou um mau trabalho. Se ele faz um mau trabalho, é porque ele não tem um conhecimento que permita ter uma didática eficiente dentro da sala de aula. Quer dizer, ele tem até intenção, às vezes ele passou por uma faculdade, ele leu, ele até tem o discurso que bate com o que se está pensando, com o que se espera, mas ele não consegue realizar dentro da sala de aula, que é o grande nó. Senão eles sairiam da faculdade excelentes professores. Você ouve: “o professor ele é ótimo, ele lê tanto, sabe tanto, se prepara...”, isso é um aspecto. Existe um outro muito sério, que às vezes o professor não lê e tal, mas ele tem que é a questão da didática. Mas às vezes o que tem a didática consegue resolver melhor do que o outro que não tem.

AB: Das políticas de formação a senhora já me falou, a Secretaria está com bastante coisa agora.

ATP1: Nunca teve tanta coisa!

AB: Eu queria duas coisas, a comparação dessa política de agora com a fase anterior, mais do início do SARESP. Tinha o PEC. Quando começou o SARESP, ocorria meio concomitante o PEC. Acho que nessa época era uma forma diferente, a Secretaria mandava mais verba para a diretoria.

ATP1: Por exemplo, a “Teia do Saber” também manda, mas é uma...

AB: Você tem que fazer um relatório para cada público, e tem que ser uma coisa com a qual as pessoas vão trabalhar com ele...

ATP1: É, por que eles fazem no geral, e o geral é o estado de São Paulo inteiro, as regiões têm problemas específicos. Se aqui eu pontuei que a pontuação é um problema de primeira à

quarta, lá na outra diretoria talvez eles ainda continuem com o problema do gênero porque não trabalharam. É muito relativo isso.

AB: E em cada uma tem que buscar o seu trabalho, né? É impressão ou a diretoria acaba ficando meio sozinha nisso?

ATP1: Você lê os projetos, manda para lá e eles te liberam o crédito. O trabalho é da diretoria mesmo, maior mesmo é o da oficina pedagógica.

AB: Se você quiser fazer um projeto, por exemplo, eu vou trabalhar com pontuação e ortografia e querem uma palestra com o Arthur de Moraes, a Secretaria libera a verba?

ATP1: Se nós colocarmos no projeto, no início do ano, mandarmos sua idéia e ela for aprovada, ela libera.

AB: Você esta há quanto tempo nessa função?

ATP1: Como ATP?

AB: É

ATP1: 2003 eu vim pra cá, no início de 2003. Eu fui coordenadora durante 10 anos. Conheço os segmentos dos coordenadores, dos professores, da escola e vim pra cá porque era uma coisa que eu queria fazer mesmo. Porque eu já tinha esgotado aquela coisa de você coordenar... E você busca mais, enfim...

AB: Eu estou perguntando, porque parece que no início de 96, quando a outra Secretaria falava dessa capacitação, era muito através do PEC...

ATP1: Existia um PEC para cada segmento.

AB: Eu peguei o documento esses dias e falava assim: “A formação de professores...”, ela assumia que era da diretoria.

ATP1: É, a Rose tinha umas idéias meio assim, eles tiveram aquele peck para cada segmento, na época eu era coordenadora e foi a única formação daquele governo na verdade. Fez, porque há muito tempo não se investia então se investe, tem dinheiro e tudo mais. Eu acho que esse governo atual investiu muito na formação, porque o secretário tem uma cabeça de quem estuda, e eu particularmente acho legal isso, porque dá a possibilidade do professor ter um outro horizonte. Porque o professor se forma da faculdade e acabou! Alguns sim, vão fazer pós, mestrado, doutorado. Mas acabam nem ficando na rede, vão para outras faculdades. São poucos que acabam ficando. E hoje também existe o bolsa-mestrado que facilita a formação de quem está na rede. Tem que ser montado os cursos mais específicos da rede pro professor, para que ele faça mesmo e abra um pouco a cabeça. Porque mesmo fazendo tem professor que continua fechado. Eu mesmo tive isso no meu grupo, tinha gente lá que sabia que não ia mudar. Elas e testavam pergunta o tempo inteiro, você tem que ter um jogo de cintura muito

grande, tem que ter um conhecimento mais amplo, para não ter o choque. Elas ficaram comigo até o fim porque perceberam que não dá pra bater de frente, foram levando curso. Então se investe, tem se investido muito na formação do professor, e é necessário mesmo. Pior são aqueles professores que falam: “Pra que? Não vou fazer nada... to bem aqui... continuo com a minha aulinha, meu giz, meu apagador, minha lousa.”.

AB: A senhora sente que são muitos ainda com essa resistência?

ATP1: Eu acredito que a mentalidade tá mudando um pouco e as pessoas começam a sentir necessidade, por exemplo, eu falo muito do “Letra”, lá eu dou aula de primeira a quarta só que eu tenho um público de professores que quer fazer e hoje eu tenho uma turma que eu atendo, só que é misturado, elas tão amando porque os problemas de leitura e escrita chegam na quinta série, chegam na sexta, chegam no ensino médio e elas não sabem como trabalhar com a questão. E de repente elas começam a enxergar um caminho que elas podem estar ajudando. Existem professores que querem ajudar, querem muito mudar, querem fazer acontecer. E têm aqueles que não adianta, tem que se abrir a cabeça. E o que eu faço, vou obrigar esse povo?

AB: Como que é essa relação da oficina com a Secretaria?

ATP1: Eles chamam a gente para reuniões, específicas de cada área, a minha é mais voltada no do “Letra e Vida”, classe especial (porque eu cuido das classes especiais também), esse ano teve muito da questão da inclusão. Então esse ano teve muitas orientações lá no CAPE, centro de apoio pedagógico especializado, ele é ligado com a Secretaria, são várias discussões em cima da inclusão. Eles vão acabar com sala especial, vão transformar tudo em recurso. Porque a sala de recurso é assim, o aluno de manhã frequenta a sala comum e a tarde ele fica na sala de apoio pela sua dificuldade.

AB: Não a situação de inclusão, não tem muito sentido falar na classe especial.

ATP1: Uma das nossas discussões de lá, é que o professor não está preparado para receber o aluno. E o maior problema é a resistência dos professores das classes populares. Eles não conseguem aprender muitas vezes, então tem que existir um caminho para facilitar isso. A Secretaria vê o foco da inclusão nesse sentido, a socialização. Porque a aprendizagem vai se dar muito pouco, por mais que seja a boa vontade do professor, ele não tem o preparo para estar focando esse aluno. Existem questões na inclusão que elas são meio... Quer ter inclusão, eu acho ótimo, mas tenha um professor especialista em cada escola para estar apoiando esse professor, esse aluno. O menino estuda em uma escola e a sala de recurso é em outra escola que é longe de lá. E ele não vai, não vai às vezes porque não tem dinheiro... É uma série de questões que dificultam essa questão. Tem que deixar o professor especialista de apoio ali,

para estar atendendo ao professor, ensinando o professor, dando um respaldo, esta até orientando essa criança a parte um pouco.

AB: Essa política de inclusão não vem acompanhada de um currículo diferenciado para essas crianças?

ATP1: Vem. Eu já tive, em quanto coordenadora, aluno incluídos... Que assim... Chega no limite acabou, parou.

AB: Mas é a escola que pensa esse currículo.

ATP1: Não. O currículo é o mesmo, só que na escola os professores pensam diferente desse aluno. Eles sabem que se o aluno é limitado eles não vão exigir tanto. Na escola que eu estava tinha um corpo docente que consegui enxergar essas coisas. Era fácil de você articular isso. Até de eu chamar a mãe e dizer “olha, ele chegou aqui e não vai passar disso”. Quando a família tem condição, ela vai procurar outros meios, por exemplo, essa família tinha condições. Eles abriram um self-service e ele trabalhava na cozinha, porque eles sabiam que tinham que inserir ele no mercado eles tinham como fazer. E quando não tem como fazer? Você tem que inserir em outros. Eu já fui coordenadora de escola que na classe especial a professora ia procurar emprego para eles, mas depende muito da cabeça dos professores. É um comprometimento do professor, só que hoje em dia não tem muitos professores assim, os professores novos, não conseguem ter essa visão. São poucos.

AB: Isso tem a ver com a formação que eles tão tendo?

ATP1: Tem a ver com a formação e com a pessoa, isso é muito da pessoa. Eu conheço professores da sala especial que “ele é cadeirante, tem que levar ele pra fazer xixi, eu não vou fazer isso porque essa não é a minha função”. Se é uma professora que já se aposentou, ela faria isso com certeza. Ela ensinou um menino que não falava a falar. Ela fez todo o trabalho de socialização, lógico que ela não perfeita, tinha horas que ela não agüentava, que ela falava pra classe “Vou chamar a _____!”. Ai eu ia lá, e eles ficavam todos quietos como se eu representasse uma ameaça, mas eu era a coordenadora e então. Nas escolas em que eu estive essa questão de classe especial nunca foi um problema, porque eu tive professores bons nas classes especiais e professores que a gente fazia um trabalho conseguia incluir. Por exemplo, era época de eleição, fizemos um plebiscito dentro da escola e eles trabalharam de mesário e comunicando outras pessoas. A gente sempre inseria. Os grupos que eu trabalhei, eu tive o privilegio de ter essa cabeça. Mesmo onde a escola que eu trabalhei antes de vim pra cá, os professores tinham uma cabeça legal porque eu já tinha esses alunos incluídos. Eu tinha um que terminou o ensino médio e tocou extremamente bem, mas ele tinha um limite e os professores entendiam esse limite. Mas ele tinha uma mãe muito presente também. Então

existem n fatores, então tem aquela criança que o pai não aceita e acha que o problema é da escola. Então tem um suporte de apoio, aproveita esses especialistas para estar orientando o professor. Eu acho que inclusão é isso, você inclui, mas da um suporte.

AB: Mas na verdade professora, eu fico pensando se é só na questão da inclusão. Eu fiquei um pouco preocupada porque eu faço trabalho de formação na área de leitura e biblioteca. E ai a gente vai conversando nas diretorias a respeito de primeira a quarta e uma das escolas estava muito feliz por “Tecendo Leituras” (que é aquele de conhecimento do acervo), só que ai ela chegava na escola e o acervo tava trancado. Talvez o diretor tinha medo de roubo. Ela falou que “não tem um jeito de trabalhar com aquilo, na verdade, a vontade que da é chamar as escolas e todos os diretores para fazer um trabalho nesse sentido, mas não dá tempo!”

ATP1: Mas a gente faz isso. A gente sabe de escola que tinha a biblioteca fechada. Então, o que pega? O diretor tranca, tem medo que leva, não quer que da a chave.

AB: Não tem outro adaptado...

ATP1: Não precisa ter, mas tem que ter esse espaço aberto e alguém articular isso. Não tinha ninguém no João Borges. Eles iam pegar livro, a inspetora pegava, trazia pra mim com o nome do menino, eu anotava o que estava levando e dava tantos dias. Eu tinha esse controle. Se eles quisessem levar, levavam. Depende muito de coordenação, de direção, de corpo docente, depende de um todo dentro da escola para que as coisas funcionem.

AB: Na verdade eu fiquei com aquela impressão que até estavam dando os livros e tudo, mas não tem a pessoa necessária. A bibliotecária.

ATP1: Não. A pessoa não tem mesmo.

AB: E não tem como ter mesmo?

ATP1: Dentro da rede eles não disponibilizaram. Às vezes a escola tem a sorte de ter um readaptado que faça esse trabalho. Mas a maioria não, tem que articular os segmentos da escola.

(Nesse trecho a professor faz comentários sobre sua vida profissional, que foram omitidos por não estarem diretamente relacionados ao trabalho)

ATP1: É o que corre o risco de acontecer, por exemplo, o “Letra e Vida” tem mais um ano de vida, porque a gente tem que fazer de tudo para terminar até o fim do ano que vem, se mudar o governo acabou. Acabou a formação do professor no sentido de primeira à quarta, dessa formação específica.

AB: A equipe de formação de primeira à quarta só está contratada até o ano que vem? Será que eles não vão renovar?

ATP1: Depende do partido. O Alckimin já saiu candidato a presidente pro ano que vem. Chalita vai sair para ser candidatar a deputado federal.

AB: Será que isso não acontece porque não tem um projeto bem articulado na rede?

ATP1: Eu acho que os projetos que estão sendo feitos são maravilhosos, só que eu acho que ainda falta algum suporte ai no meio para ele não morrer. O “Letra e Vida” têm todo um suporte, eu não posso falar que não tenha. A gente já está orientado para isso, tem que terminar até o final do ano que vem, porque se muda o partido, muda tudo. Muda dirigente, muda tudo! Porque são cargos de confiança até a oficina pedagógica tende a isso. A gente já mudou de dirigente aqui em um período, daquela época só eu e a Sandra. Alguns foram saindo porque viram que não ia dar, as coisas vão mudando, a dirigente pede para mudar de setor...É uma forma de dizer para o pessoal: “olha, você não está dando certo na oficina, vamos ver se da certo em outro setor...”. Às vezes a pessoa fala que aquilo ela não quer e que vai embora. Então, existem as mudanças todas, por isso que os projetos acabam morrendo, de uma certa forma.

AB: Se eles tivessem entrado mesmo, articulados na rede, será que a própria rede não iria ter uma resistência quando viesse uma proposta de mudança?

ATP1: Não, tem partidos que ainda até captam coisas do governo anterior e continuam ou introduzem outras até melhores. Estou aqui há trinta anos e já passei por mudanças de dirigentes e a gente sabe que se de repente mudar o governo (mudar o partido) pode ser que o dirigente saia e venha outro, porque é um cargo de confiança.

AB: O trabalho da oficina, vocês tem todo o trabalho de vocês, mas a diretriz é a dirigente que dá?

ATP1: Não, nós somos função de confiança aqui dentro também. Por exemplo, tem a acessória que também é de confiança geralmente o dirigente que chega traz a sua acessória, isso é a primeira coisa que se mexe. Quando teve aquela reestruturação de diretoria, teve oficina que foi inteira com a dirigente. Por outro lado, teve oficina inteira que se desfez. É complicado por isso, aqui a gente tem um período que a pessoa se mantém por governo. Muita questão também do seu trabalho, o dirigente que está, tem a essa visão: “Se está dando certo eu não vou mexer”, mas as vezes vem com uma cabeça assim dizendo que vai mudar tudo , então você tem que estar pronto para tudo que possa estar vindo.

AB: Tenho uma amiga, ela é assistente assim como a gente e quando mudou a prefeitura ela não quis ficar na gestão do PSDB e voltou para coordenação...E por ai vai e se rompem os trabalhos, a gente que está de fora fica com dó. Como a senhora avalia a

recepção pelos professores desses cursos, porque o “Letra e Vida” ele é bem recebido. Eles gostam normalmente das metodologias?

ATP1: O “Teia do Saber” que foi voltado pra leitura “Ler para Aprender”, os professores (já tinham feito letras ou estão fazendo) não gostaram, eles viram lá e é como o “Letra e Vida”, porque muitas vezes a faculdade contrata pra dar o “Teia” pessoas que não tem tanto preparo, tem uma formação, normalmente quem está fazendo uma pós-graduação. As vezes no ímpeto de ganhar dinheiro a pessoa vai, chega lá ela absorve sim o conhecimento que ela tem, então muitos que tem o conhecimento do “Letra e Vida” foram lá e aplicaram no “Ler para Aprender”, outros professores falavam para os cursistas: “ O que vocês querem aprender?”. Os professores também fazem avaliação desse curso e passam para a faculdade.

AB: Mas quando a Secretaria contrata a faculdade, ela não passa a necessidade? Para o “Letra e Vida” me parece que está uma coisa casada...

ATP1: Sim, a gente tenta fazer isso. A gente passa para a faculdade, porque eles mandam o projeto e o do “Ler pra Aprender” eu e as meninas aqui que são do letras fizemos a referência bibliográfica porque que eles poderiam estar priorizando? Lógico, mas era um aprofundamento daquilo que a gente já tinha falado, não igual. Eles foram com a expectativa de ter um aprofundamento. E chega lá e é igual...É complicado. Os professores em sua maioria ou já vez ou esta fazendo letras.

AB: Vocês fazem algum tipo de avaliação dos cursos para mandar para a Secretaria?

ATP1: A gente faz até uma avaliação que esta lá na sala de videoconferência, mas já ta tudo lá, você tem que preencher.

AB: Teve uma que me falou que a videoconferência não era muita querida, mas parece que como é caro faz se quase tudo com videoconferência. A senhora acha que os professores daqui também preferem os encontros presenciais? Como que fica a oficina? Eles vêm com a demanda para cá?

ATP1: Eles vão, pois convocação eles atendem, mas não gostam muito.

AB: Para você, para que servem esses resultados do SARESP?

ATP1: Para poder atingir o que é importante mesmo, qual que é a defasagem para poder orientar e assim essa defasagem seja sanada.

AB: E pro trabalho da senhora?

ATP1: Nesse sentido mesmo, poder promover orientações, trazer pessoas para atingir o foco.

AB: Mas se a senhora não tivesse o SARESP? Eu entendo que...

ATP1: A gente ficou dependente do SARESP?

AB: Não, não disso.

ATP1: Se não fosse o SARESP, com certeza a gente continuaria diagnosticando, vendo o que estava acontecendo e o que eles necessitam.

AB: O SARESP facilita ou dá pra trabalhar normalmente sem ele?

ATP1: Eu acho que ele ajuda sim. Que trabalharíamos sem ele, trabalharíamos (você sabe que brasileiro adaptasse a tudo), mas ele facilita muitas vezes, para que a gente vá direto ao ponto.

Anexo 3-E: Diretoria Ômicrom

Anexo 3-E.1: Diretoria Ômicrom

Entrevista: Entrevista com Dirigente Regional

Enviada por e-mail em setembro de 2006

1. Idade: **49 anos**

2. Tempo de magistério: **30 anos**

3. Tempo na função atual: **03 anos**

4. Formação: **Superior Completo (Artes e Pedagogia)**

5. No âmbito da SEE, das ações que têm sido desenvolvidas, desde 1996, visando a melhorai da qualidade da formação dos professores, quais a senhora acha que merecem destaque, que têm sido efetivas? Por quê?

Capacitações e cursos, visando a melhoria da qualidade da formação dos professores, como por exemplo: Circuito Gestão, Progestão, Ensino Médio em Rede, etc.

6. A SEE divulga em que dados do SARESP se baseia para estabelecer as prioridades para o trabalho de formação do professor? Como fica, para os profissionais da diretoria, o entendimento dessa relação entre avaliação e formação?

Há uma ligação entre os resultados obtidos nas avaliações externas e a formação em serviço oferecida aos professores da Diretoria de Ensino Leste 5. É a partir desses indicadores que são montadas as Orientações Técnicas, aquisição de cursos junto às Universidades.

7. Como a senhora avalia a chegada dos resultados do SARESP à diretoria? As informações divulgadas são suficientes para apoiar o trabalho junto às escolas e a questão da formação docente? Como a senhora avalia o trabalho de sua equipe da diretoria sobre os dados quantitativos que são divulgados?

Os indicadores do SARESP são um dos dados observados para nortear o trabalho junto às escolas e aos docentes. As informações divulgadas permitem que a Oficina Pedagógica e a

Supervisão de Ensino atuem, apoiando a escola na busca de sanar suas dificuldades. A equipe da Diretoria de Ensino faz um bom trabalho de divulgação, conscientização e análise dos resultados, condensando-os em gráficos que permitem uma visualização imediata, além de planejar ações no âmbito da Diretoria de Ensino para buscar uma superação do rendimento insatisfatório.

8. O que é feito, nesta diretoria, a partir dos resultados (relatório/ cdrom de dados) do SARESP, divulgados pela FDE?

Fizemos Orientações Técnicas, visitas e aquisição de cursos universitários, visando, principalmente, a Matemática, que demonstrou ser a dificuldade mais efetiva do alunado.

9. Para a senhora, qual é o papel da Oficina? E em relação ao SARESP?

Capacitar os docentes para uma prática pedagógica mais eficiente, visando bons resultados na aprendizagem e permanência do aluo na escola.

10. Para a senhora, qual é o papel do supervisor? E em relação ao SARESP

Assessorar os gestores na parte administrativa, financeira, de recursos humanos, e pedagógica, como a Oficina Pedagógica, buscando a superação de resultados do SARESP através de orientações na área da metodologia e práticas de ensino.

11. Na sua opinião, para que servem os resultados da avaliação de sistema?

Para avaliar o sistema e não o aluno, oferecer “pistas” para mudanças necessárias.

12. Como a Sra. vê a possibilidade de relacionar os resultados do SARESP à elaboração de políticas de formação docente?

O SARESP deve nortear, também, as políticas educacionais. A partir dos indicadores, a Secretaria de Estado da Educação passa a conhecer os pontos de estrangulamento no processo ensino aprendizagem e pode propor medidas (políticas de governo) para corrigir os rumos.

Anexo 3-E.2: D.E. Ômicrom

Entrevistado: ATP LP/Coordenador da Oficina Pedagógica

Data: Outubro/ 05

Essa entrevista ocorreu em um momento de atribuição de classes na Diretoria. Apesar da entrevistada ter sido sempre muito atenciosa, levando-nos para uma sala mais reservada, a fim de que a conversa não fosse prejudicada pelo burburinho comum à Oficina Pedagógica, tivemos que dividir o espaço com outros supervisores, quando iniciou o horário destinado à atribuição, fato que prejudicou a gravação da entrevista. Assim, optamos por escrever os dados obtidos, em forma de diário.

A professora iniciou que no início do SARESP, em 1996, começou-se a detectar que havia um problema, na rede, com os aspectos relacionados à leitura e à escrita, sendo que, a partir dos resultados obtidos, a Secretaria começou a propor ações e cursos que incidissem sobre o trabalho dos professores, possibilitando que trabalhassem de forma mais adequada as competências leitora e escritora dos alunos. Menciona, nesse sentido, os Programas Letra e Vida e o Teia do Saber.

Para a ATP, também foi a partir desses diagnósticos iniciais, que a Secretaria e a Diretoria propuseram um debate sobre o trabalho com os gêneros que, na escola, limitava-se aos tipos de texto.

Segundo ela, é importante esse tipo de ação (como diferenciar tipo de texto e gênero textual), pois os professores saem do ensino superior com deficiências na sua formação, já que, em suas palavras, a faculdade consegue apenas “dar uma pincelada” nos conteúdos.

Explica, ainda, que o trabalho de formação não se limita aos cursos de formação da Secretaria, sendo que a Diretoria promove suas próprias ações para a formação. Segundo ela, essas ações são de dois tipos: acompanhamento dos cursos da Secretaria e Orientações Técnicas para o trabalho docente, elaboradas pela Oficina para os professores das diversas áreas. Essas Orientações Técnicas, são propostas a partir das necessidades dos professores, mas também, segundo a entrevistada, sofrem influência das preferências do ATP, em cada área. Há, contudo, uma preocupação em relacionar tais ações àquelas que são elaboradas em nível central. Essa, no entanto, é uma das organizações possíveis, sendo que na DE Ômicrom foi combinado esse tipo de ação.

Para a definição dos temas da Orientação Técnica, a ATP explica que a cada reunião na Diretoria, são passados questionários para os professores, assim de fazer o levantamento de suas necessidades. Assim, ela exemplifica que a necessidade maior dos professores, atualmente, é com a Matemática.

Questionada sobre a relação existente entre os cursos do SARESP e as ações de formação de professores, a ATP informa que também são feitas avaliações, por escrito, ao final de alguns encontros.

Comentei com a professora que, em alguns programas, a justificativa para a proposição dos cursos são os resultados do SARESP. Voltando a explicar sobre o trabalho da Diretoria, a ATP explica que pedem que as escolas elaborem um gráfico com as maiores dificuldades que observaram no desempenho dos alunos. Tais gráficos são enviados à D.E, que os compila em um único material. A partir dessa análise, então, são definidas as necessidades de formação dos professores da região. Ela não explicitou, contudo, seu entendimento sobre a afirmação encontrada em algumas propostas de cursos da SEE que se justificam pelos resultados da avaliação de sistema. Fica a dúvida se, para subsidiar o trabalho da Diretoria, seria necessário realizar o SARESP, tendo em vista que as ações propostas na Ômicrom não levam em conta tais resultados.

Quando perguntei sobre sua opinião sobre para que serviriam, então, os resultados do SARESP, a ATP explicou que acha que a avaliação é um importante diagnóstico, que pode nortear tanto as questões da política educacional, quanto seu trabalho mais específico, na Oficina Pedagógica. Ela admite, contudo, que continuaria fazendo diagnósticos sobre as necessidades dos professores mesmo sem a prova.

Para ela, contudo, seria interessante, que a Secretaria já mandasse os dados analisados, fornecendo mais material de apoio, de suporte ao trabalho da ATP, pois há uma grande sobrecarga sobre o ATP. Se houvessem materiais e outros subsídios para o trabalho da Oficina, a professora acredita que o trabalho seria mais aprofundado. Além disso, explica que o módulo de ATP é insuficiente para que a equipe possa focar no atendimento das escolas.

Finalmente, sobre a relação entre o trabalho do supervisor e da Oficina Pedagógica, a professora limitou-se a explicar que, quando o supervisor detecta algum problema, na escola, mais relacionado ao pedagógico, ele leva a questão para a Oficina, para que seja trabalhada durante as Orientações Técnicas. Não parece, assim, haver um entrosamento maior entre as equipes da Supervisão e da Oficina, como declarado em algumas das diretorias visitadas.

ANEXO 4

ENTREVISTAS COM TÉCNICOS DE ÓRGÃOS CENTRAIS

Anexo 4-A: Entrevista com Técnico da CENP¹⁷

Data: Agosto/2006

A presente entrevista, inicialmente planejada para acontecer com a coordenadora geral da instituição, foi realizada com uma das técnicas responsáveis pelos projetos de formação da Secretaria na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. O objetivo desta entrevista foi de obter algumas informações que não havíamos conseguido nas diretorias, bem como esclarecer dúvidas que surgiram ao longo da pesquisa de campo.

AB: Estou tentando estudar a relação entre os resultados do SARESP e a formulação de projetos e programas de formação de professores que tem ocorrido na rede, desde a implantação da avaliação. Já fui a algumas diretorias e nesse processo foram surgindo algumas dúvidas porque, em algumas questões, eles me dizem “Não, isso a gente não sabe, isso é técnico”. Por isso eu precisaria estar tirando essas dúvidas que vem se acumulando há um ano praticamente, quando iniciei esse trabalho de campo. Eu queria saber sobre os usos dos resultados do SARESP; a Secretaria de Educação estabelece alguma diretriz: “os resultados do SARESP devem ser utilizados assim nas escolas, de tal forma nas diretorias...”. Ou os resultados chegam aos diversos níveis e cada instância faz um trabalho, como acha (ou não) que deve fazer? Como que fica essa relação com os usos, pensada aqui pela CENP, pela Secretaria?

TC: Olha, o SARESP, tem um envolvimento desde o momento da sua aplicação, passando pela sua correção e até a hora da entrega de resultados, em que tanto as equipes das DE's são envolvidas quanto as equipes das escolas. Você veja que o próprio SARESP é, em si, enquanto subsídio para a formação, nas parcerias, com diversos projetos de capacitação, que tanto a SEE quanto a DE desenvolve, ele, em si, tem também um papel formador. Então, por exemplo, quando ele vai ser aplicado existem momentos de capacitação para, por exemplo, discutir os critérios de correção das redações. Depois as DE's fazem isso também com suas

¹⁷ As respostas do entrevistado serão identificadas com as maiúsculas TC, enquanto AB indicam as iniciais do pesquisador.

escolas, com seus professores, porque o fato de você estar envolvendo, ainda que seja na avaliação, de você estar trabalhando desse jeito, você também já está formando e atuando na capacitação continuada desses professores, dentro daqueles critérios ali estabelecidos. A orientação e o foco principal que se dá com relação ao SARESP é que ele seja utilizado dentro da concepção mais atual que se tem de avaliação, que não é aquela avaliação para ser classificatória, constatatória, punitiva, mas é a avaliação que tem que ser um instrumento de diagnóstico e de ajuda em todos os níveis. De ajuda para a Secretaria, para ela direcionar, redirecionar e priorizar suas ações, para as Diretorias, para elas fazerem as mesmas coisas, com o seu trabalho de formação continuada e mesmo de acompanhamento de escolas, aonde elas percebem que possa haver mais problemas. E para a escola a mesma coisa: ela tem um instrumento onde ela tem um retrato das classes, inclusive ela recebe (e a gente não), então ela recebe o resultado em geral, de cada classe e de cada aluno, por turma. Então existe um quadro diagnóstico muito interessante para subsidiar o trabalho do professor, da coordenação pedagógica e da direção da escola. E também da Diretoria de Ensino, à medida que ele fornece, a partir das avaliações, um quadro de como está o desenvolvimento, o desempenho dos alunos em cada uma das habilidades e competências que são medidas. E além disso, existe também um questionário. Esse questionário, que esse ano também foi disponibilizado para as escolas, traça um perfil do alunado e também o questionário que tem algumas perguntas opinativas que dão possibilidade para a escola avaliar como está a receptividade ao trabalho que ela está fazendo, como este trabalho está sendo visto; só que este questionário de avaliação, opinativo dos alunos, este não sai com resultados individual, esse sai no geral, para a escola, para que ela tenha este quadro geral sem identificar o que o aluno disse, se ele gosta ou não gosta, qual o projeto que ele gosta mais, como é a relação dele na sala de aula, quais são as atividades que ele gosta mais, como é desenvolvido o trabalho metodológico, enfim, é um quadro bastante amplo, eu diria, de indicadores que são fornecidos às escolas. E a orientação é para que as diretorias de ensino e suas equipes acompanhem também o trabalho das escolas. Normalmente como o resultado sai no final do ano, a gente reforça esta orientação no início do ano, no período de planejamento, para que se retome, para que se pegue, lógico que não exclusivamente o SARESP, pois a escola tem o sistema de avaliação dela, interno, também; mas que ela some, agregue a isso também o resultado do SARESP, o questionário do perfil dos alunos, para que ela possa estar, em um momento de planejamento, estar fazendo uma avaliação do seu trabalho, do seu projeto pedagógico, e estar tomando algumas decisões do ponto de vista do replanejamento para o ano seguinte, fortalecendo o que está dando certo, retomar e rever aquilo que precisa de mudanças.

AB: Eu perguntei dessa diretriz para a senhora porque tenho ido a algumas diretorias, não chego a ir à escola, mas vou às diretorias, e tenho percebido através de algumas falas nas diretorias, dos coordenadores de avaliação, que esse trabalho tem uma possibilidade muito rica, ou seja, de trabalhar a partir dos resultados, mas o que tenho visto é que tem uma diferenciação muito grande de diretoria para diretoria, de escola para escola. Lembro muito uma dirigente que falou: “Olha, Adriana, você tem que entender que existem diretorias e diretorias, escolas e escolas”. [ver depoimento Anexo 3-B]. Então eu vi equipes se debruçando sobre os resultados, chamando as escolas, fazendo capacitações quase semanalmente, com planilhas muito extensas de intervenção. Mas também vi diretorias em que já estávamos às vésperas da avaliação e os coordenadores ainda não tinham chamado as escolas para conversar sobre a aferição anterior. Por isso que pergunto se tem algum tipo de diretriz ou se a secretaria ainda acha que é um momento formativo e deixa cada instituição trabalhar de acordo com suas possibilidades.

TC: Na verdade existe a diretriz, também é um momento formativo. Agora que existe essa diferenciação, a gente também sabe que existe. Em primeiro lugar porque o nosso estado é muito grande. Então nosso estado tem características regionais, alguns com determinadas dificuldades, com determinadas especificidades. A gente sabe, por exemplo, que uma coisa é uma grande região metropolitana, outra coisa é uma região que tem mais facilidade, que já resolveu melhor suas questões, enquanto outra coisa é o Vale do Ribeira. Você tem realidades...São Paulo acho que é um pouco uma mostra do país, mesmo porque aqui temos gente do país inteiro. Então também tem essa diversidade. Você tem uma região muito grande; distribuições populacionais diferenciadas, estágios de desenvolvimento sócio-cultural diferenciados, e a gente sabe que isso influencia em todas as coisas, passa pelo meio de tudo. Por exemplo, a gente tem regiões onde há uma maior estabilidade da equipe, dos professores, ou onde a própria escola conseguiu consolidar o seu projeto, o seu trabalho, construiu uma equipe; em outros lugares às vezes você não tem isso, por questões, algumas de caráter estrutural sim, e outras que ainda são desafios: como você vai garantir estabilidade de equipes e ao mesmo tempo as pessoas têm direito a se remover, tem direito a ir para outros cargos...Então, em algumas regiões, e, às vezes, talvez exatamente naqueles que você precise mais, porque justamente por essas condições é que elas apresentam mais problemas...Embora esta relação não seja direta: às vezes você tem uma região que é mais carente do ponto de vista econômico, mas que você tem uma equipe mais fixa, mais estável, que tem intervenções boas. Esta questão da diretriz, ela existe sim. Vou te citar um exemplo...À medida que a gente

vai percebendo algumas coisas e vai vendo possibilidades de novos mecanismos, vai acionando né? Então por exemplo quando foi no ano retrasado, os resultados estavam disponíveis, chegou o momento do planejamento e as escolas tinham orientação para estar acessando. E pela forma como isso foi feito (nesse ponto a informatização ajuda bastante), dava para saber no órgão central, aqui, na FDE que faz toda a parte logística, dava para saber as escolas que tinham acionado ou não seus resultados. Então é isso que você falou: às vezes passou 2,3,4,6,7 meses e se percebeu “até agora, em tais diretorias, tantas escolas não acionaram”. Foi feito um mapa, um quadro disso e através das coordenadorias de ensino a gente cobrou, passou isso para as diretorias: “olha, estamos observando isso, porque até agora isso não foi acionado? Por que essa escola não utilizou um instrumento tão rico de diagnóstico como ela tem?. Quando foi no ano seguinte, esse mecanismo já foi acionado com maior agilidade: “esse ano vamos ficar mais atento, vamos perceber mais rapidamente quem acionou, quem não acionou”. As próprias diretorias, vendo que houve esse caminho, elas também ficaram mais atentas para estarem fazendo com que as escolas utilizassem no início do ano, no planejamento, ou logo no começo, porque você sabe que temos a possibilidade de propor projetos de reforço e recuperação paralela, e isso também pode ser um instrumento de ajuda para dar indicadores sobre como trabalhar as dificuldades de aprendizagem do aluno. Como é que passava às vezes um semestre e a escola não tinha acionado aquela informação? Procurou-se fazer um acompanhamento por esse caminho, também.

AB: Pelo que entendi, então, há todo um acompanhamento da secretaria de como esses resultados estão sendo usados, não é?

TC: Sim, a gente tem agora a possibilidade deste recurso que eu me lembrei e que estou mencionando para você. Agora o acompanhamento de cada escola, mais diretamente, é feito pelas diretorias de ensino. E a Secretaria aqui faz um acompanhamento das diretorias de ensino. Normalmente também é feito um trabalho com aquelas que se percebe que têm mais dificuldades, elas são chamadas, existe uma conversa com elas, feita pelo Gabinete da Secretaria, para tentar ajudar, ver o que está acontecendo e ir tentando melhorar, paulatinamente, este quadro.

AB: Eu percebi que algumas equipes têm dificuldade para entender os resultados. Uma dificuldade de entender a metodologia e fico pensando que essas equipes devem, então, ter dificuldade de trabalhar esses resultados com as escolas...

TC: Com certeza. Mas, no entanto, é feita uma reunião com as equipes das diretorias. Existe um supervisor responsável pelo SARESP, sendo realizado um trabalho de capacitação antes,

durante e também depois da prova, quando são fornecidos os resultados, para estar informando e apoiando em como fazer a leitura desses resultados, em trabalhar com isso. Da mesma forma que os grandes projetos de capacitação que a SSE têm, ela também procura envolver as instituições que fazem capacitação, fornecendo para elas esse rol de habilidades e competências para que elas trabalhem isso. Às vezes a gente também tem essa dificuldade, as instituições têm essa dificuldade, porque muitas vezes elas já têm um trabalho, uma proposta pronta, e que não combina muito com a demanda e para elas isso também é um desafio. Essas são questões que permanentemente se colocam para a gente e que permanentemente tem que ser trabalhadas. Como qualquer avaliação é um processo em que à medida que ele vai sendo aplicado, ele também vai se aprimorando, também vai mudando, vai se revendo. E o uso que dele se faz também precisar ir sendo aprimorado, por parte das instituições que deveriam usá-lo. Até para fazer formação de professores.

AB: Esse é um dos nós que encontrei na pesquisa. Por que quando eu pergunto nas diretorias se estão vendo os resultados do SARESP usados enquanto redefinidores de projetos de programas de formação, se as necessidades e demandas de formação estão sendo atendidas, a resposta que obtenho é que em alguns lugares, dependendo da instituição que faz a capacitação, sim, mas dependendo da faculdade em que os professores vão fazer a capacitação, há uma distância do proposto com a necessidade do professor. E como fica a CENP nesse problema?

TC: A gente fica em uma situação complicada porque da mesma forma que não podemos culpar o aluno pelo fracasso escolar é complicado também dizer ou generalizar que as universidades não sabem de nada. As generalizações são muito complicadas. Agora a gente sabe que há dificuldades estruturais também na universidade e apostamos que dentro de todo esse contexto de reflexão que a educação está tendo, eu diria que na última década a educação caiu na boca do povo, da sociedade, está todo mundo falando sobre isso, todo mundo refletindo, se revendo, a gente acredita que em algum momento esse trabalho vai surtir frutos na instituição de formação inicial. Porque senão eternamente vamos ter que ficar “correndo atrás”, quer dizer, o professor continua tendo uma formação, às vezes, que não é bem o que ele precisa [para sua atuação] e, depois, na Secretaria você tem que dar conta da formação do aluno e da formação continuada do educador. Assim, na medida que essas instituições também consigam ir se apropriando...Veja, quando você me fala “tem escola que..., mas tem escola que...” é a mesma coisa. Tem universidade, tem faculdade que...e tem faculdade que...Mas a gente aposta que, em algum momento, elas vão entrar nesse caminho. No programa Teia do Saber, é descentralizado recurso para as Diretorias, justamente para que

elas peguem o que está mais próximo do entorno. Por que não há condições, por exemplo, de você trazer uma pessoa lá de Tupã para fazer capacitação em São Paulo. Então você vai procurar o recurso que tem ali no entorno. E essa dificuldade a gente sabe que existe mesmo, não só pela questão da licitação, mas às vezes pela questão daquilo que determinadas regiões têm para oferecer. Em alguns casos, determinadas regiões até pedem o remanejamento, se não pode pegar uma instituição de outra região; se não é muito longe ou se há de atender, até se faz isso. Mas nem sempre isso é possível, sempre que é possível se faz. E se aposta que, em algum momento, esse diálogo, essa abertura, se dê por parte da instituição, para que ela própria possa melhorar o trabalho dela, para que ela entenda aquilo que é uma necessidade, senão o professor também acaba abandonando; ele sente que a capacitação não está ajudando em nada e acaba abandonando, assim como nosso menininho abandona a escola na hora que vê que está indo lá para nada, que não está recebendo atenção, que ele não está aprendendo ou que ele aprende mais ficando em casa ou na rua do que indo para a escola. A gente aposta nisso e estamos em um momento em que diagnósticos não faltam: existem avaliações em nível nacional, nível federal, nível estadual. Nós tivemos momentos até em que as próprias regiões chegaram a fazer o que elas chamavam de SARESPINHO. Elas já estavam tão envolvidas que nem esperavam pelo SARESP, já faziam o seu...

AB: É...Eu percebi que em algumas escolas isso já está institucionalizado...

TC: Sim, elas já se apropriaram do espírito dessa avaliação. Em outros casos, a gente ainda está no meio do caminho; em outros, talvez ainda mais para o começo.

AB: Uma instituição que vai fazer a formação, se ela vier à CENP, dizendo “antes de fazer a formação eu quero ter um diagnóstico dos resultados”. Esse tipo de dado é fornecido, não é, é sigiloso, como fica?

TC: Não, se ela quiser da escola, é fácil. Se ela quiser da Diretoria, a diretoria também tem o dado dela e, em nível central, se for uma capacitação que tem a característica de ser para toda a rede, ela também tem. Aliás, a própria Secretaria já trata de colocar isso na sua demanda, vamos dizer, na sua proposta. Ela já diz: temos um quadro assim, assim, assim, então precisamos atacar estas questões, para tentar adequar o projeto que está sendo oferecido ou elaborado àquela necessidade real. Em termos de SARESP é extremamente interessante o que foi feito pelo Letra e Vida, que é nosso programa que faz formação de formadores e formação de professores para alfabetização, trabalha de forma tão articulada com o SARESP, mas tão articulada, que a avaliação de certa forma acabou sendo feita no bojo da capacitação. É algo muito próximo. E o momento da correção também, e o retorno do diagnóstico para o professor continuar o trabalho dele na sala. Eu diria que é quase a relação ótima, ideal, entre

avaliação e diagnóstico para uma intervenção. Nesse ponto a gente ganhou muito ao fazer a avaliação censitária e não por amostragem, porque aí você tem um diagnóstico de cada aluno e o professor tem um quadro de toda a sala dele.

AB: O Programa Letra e Vida, pelo que tenho ouvido, é mais efetivo do que o Teia...As diretorias e as escolas parecem muito felizes com esse programa; todos querem fazer, muitos têm que aguardar.

TC: Com certeza, porque é um programa que vai direto naquilo que é essencial: o trabalho de sala de aula. Como existe toda uma proposta de formação que não fica apenas na formação teórica, faz essa interface muito presente, muito firme com a prática, o cotidiano da sala de aula, ele tem essa receptividade e é isto que a gente gostaria que as instituições de formação conseguissem aprender porque nós estamos tendo agora uma proposta de formação de professores das séries iniciais, que está saindo do MEC. E se a gente não tomar alguns cuidados, a gente acaba repetindo...Lógico que achamos que o professor tem que ter uma boa base teórica, uma boa sustentação, mas aquele que vai atuar na sala de aula, ele precisa mais que isso, ou até mais que a fundamentação, ele precisa saber o como fazer. E, às vezes, a universidade tem essa dificuldade: ao se especializar ela quer estudar o problema com tanta profundidade, ela quer ir tanto à raiz, que às vezes perde a superfície. E se você fica ali, você tem uma pessoa que sai formada, entra em uma sala de aula e não sabe o que fazer. Não sabe como trabalhar. Olha, não te parece um grande paradoxo um professor de Língua Portuguesa que não sabe alfabetizar? Isso é um paradoxo, mas, no entanto é uma realidade, uma realidade que há muito tempo a gente vive: eu vi isso quando estava na sala de aula, quando estava na coordenação, na direção. Às vezes o professor falava: eu sou professor de Língua Portuguesa, mas não sei alfabetizar. Parece absurdo isso. Em tese é meio absurdo, mas, no entanto, é o que a gente tem. Existe uma formação disciplinar que se aprofunda tanto em algumas questões que, de repente, aquilo que deveria ser essencial acaba não sendo trabalhado. E na formação do professor das séries iniciais, essa questão de formar o alfabetizador precisa estar muito presente, porque senão precisaremos eternamente fazer o Letra e Vida. E você percebe porque os professores gostam do Programa Letra e Vida: porque ele vai no âmago dessa questão. E a Teia enfrenta essa dificuldade porque como as parcerias, no caso, as contratações são de instituições de ensino superior, no caso as faculdades e universidades, não é muito fácil você encontrar uma instituição que consiga ter uma proposta como esta [Letra e Vida] que tenha a contribuição daquele que está na sala de aula, que também tem uma fundamentação teórica, mas que voltou para a sala de aula. Como eu faço? E o SARESP passa por aí, quer dizer, ele dá o diagnóstico. Agora se você pegar aquela habilidade e ficar discutindo o sexo dos anjos,

só o que aprofundou esse autor ou aquele outro e não traduzir isso para o professor, dizendo “olha, na sala de aula, para você desenvolver essa habilidade, é assim...”. Que maneiras, que possibilidades eu tenho para trabalhar, para desenvolver isso na sala de aula? Eu diria que esse ainda é um caminho que está por fazer, mas que a gente aposta nele, porque muitas instituições já perceberam, já atentaram para a importância disso.

AB: Vou relacionar isso com minha próxima questão. A gente vê que tem muitos projetos tentando incidir na melhoria dessa formação do professor, que vem desse currículo, pois enquanto não tivermos uma reorganização do currículo da Pedagogia, penso que a Secretaria ainda vai ter que arcar com essa demanda. Além desses cursos, que mudam bastante, como vocês pensam essa melhoria da formação? Sempre oferecendo cursos? Como fica a continuidade? Pergunto porque no ano passado havia um buxixo de que talvez o Letra e Vida acabasse, que se mudasse o governo iria ter menos incentivo. Como vocês vêem a continuidade dessa formação?

TC: Olha, do ponto de vista da CENP e da própria rede, a gente aposta na inteligência da rede. E a rede é inteligente. Então, na medida em que o programa é bom, está alcançando resultados, está atendendo necessidades dos docentes, a própria rede se movimenta, eu acho que é uma coisa de dupla mão: tanto a Secretaria tenta lutar pela continuidade daquilo que está dando certo, como também a rede tenta fazer esse mesmo movimento. Então, a proposta do Letra e Vida veio para estar formando formadores e formando os nossos professores, até atingir a sua totalidade, o seu universo. A gente está quase atingindo isso e agora estamos ampliando para os municípios, porque os municípios começaram a pedir e a gente vem de todo um processo de municipalização, tendo que haver toda uma cooperação técnica da Secretaria. Primeiro priorizamos os professores da rede estadual e, depois de atender, vinte ou vinte e poucos mil (ainda tem mais para atender, pois somos em quarenta mil; acho que estamos em trinta mil agora e faltam dez mil), mas já foi ampliado para o pessoal do município. Enquanto houver essa necessidade, esse é um programa que teria que continuar. É a avaliação que temos aqui e esperamos que as pessoas que cheguem tenham essa clareza, esse compromisso, porque, na verdade, o Letra e Vida, é desenvolvido por uma equipe que era do MEC...

AB: Da professora Telma Weisz...

TC: Sim, que era do PROFA e que é uma pena, por exemplo, que tenha sido interrompido lá, porque se é importante para São Paulo, mais importante ainda seria para o Brasil. Enfim, de alguma forma o Programa saiu de lá e São Paulo o acolheu, ainda bem, teve a sabedoria de estar optando por ele, de estar investindo e é algo que realmente era necessário e está dando

resultados. E no fim tudo o que se fala que aluno chega na 8^a. série e não sabe ler, chega na 5^a. série e não escreve, tudo bem daqui, do começo. De fato, não estamos conseguindo ensinar os meninos a lerem e escreverem que é a primeira coisa que ele tem que saber e se apropriar, porque é porta para qualquer outro conhecimento: se ele souber ler bem, entender o que ele lê, o aluno consegue aprender qualquer outro conteúdo: História, Geografia... Se ele domina com clareza a questão da leitura e da escrita para se expressar, ele consegue adquirir e interagir com os outros conhecimentos.

AB: Uma parte da literatura, que é muito vasta e usada em todos os sentidos, anda apontando que a melhoria da formação desse professor, não estaria ligada apenas aos cursos, eles são importantes, mas há apontamentos de que a formação deveria ser acompanhada também de uma formação cultural, a necessidade de introduzir o professor no mundo da cultura, que a formação deveria vir acompanhada por uma questão de salário, boas condições de trabalho, etc...A gente sabe que é muito difícil mexer com isso, porque os orçamentos estão apertados, mas como a CENP está vendo esta melhoria de formação? Atualmente está mesmo só sendo realizada através de cursos? Vocês pensam em abrir? Como isso se liga às outras dimensões da formação?

TC: Na verdade, nessa última gestão, houve um olhar muito carinhoso em relação ao apoio e valorização dos professores. E essa valorização vem por diversas vertentes: é lógico que a questão salarial é desejável, não tem presidente, governador ou secretário que não adoraria dobrar, triplicar o salário, não é? Mas você entra na questão orçamentária, na questão da responsabilidade, etc. Mas existem outros caminhos que às vezes não comprometem tanto a questão orçamentária, até mesmo por não significar uma despesa permanente, por 50 ou 60 anos, quando a pessoa se aposenta, e que podem ser utilizados. Eu vejo que houve um grande investimento nestes mecanismos. Uma das coisas foi a questão do bônus. Por ser algo que não incide diretamente sobre os salários, e a crítica, da entidade de classe vem justamente nisso, que não é salário. Mas eles não entendem que é porque não é salário é que dá para dar, porque senão não daria. Então você aplica a questão do bônus, que já tem uns quatro ou cinco anos que está por aí. O bônus foi distribuído no final do ano. Existem outros mecanismos que você tem para valorizar o professor. Um deles é possibilitar uma formação subsidiada que muitas vezes ele não tem condição de ter. A Secretaria está, há uns três anos, já, oferecendo para os educadores a bolsa-mestrado. Aqueles que quiserem fazer, ou recebem um auxílio em dinheiro, se quiserem continuar trabalhando, ou podem se licenciar. Esse é o bolsa-mestrado. Fora isso, os programas de capacitação da Teia do Saber. Teve um outro programa interessante, de inclusão digital do professor, porque a Secretaria começou a investir bastante

nas SAI's (Salas ambientes de informática) nas escolas. E o que ocorria: a meninada nadava de braçada no computador e os professores olhavam para aquilo e diziam "o que é isso?". Então, volta o filme, a gente percebeu que tinha que ajudar o professor. Ele tinha que ser o primeiro a ter acesso a esse bem. Veio essa proposta de Inclusão Digital do professor, em que a Secretaria banca...O professor pode adquirir os programas, periféricos e softwares financiados pela Nossa Caixa, a metade, e a outra metade a Secretaria banca. Então esse programa já atendeu a muitos professores, que também, depois, são capacitados. Com isso, você, além de dar um instrumento de nova tecnologia para o professor, ele também vai aprendendo atuar com esse equipamento e passa a usar na sala de aula e a ser um parceiro com o aluno e não ficar à reboque dele [nas salas de informática], além de ir se apropriando de mais esse recurso, vamos dizer, mais essa estratégia da ensino. A Secretaria também tem alguns programas de bolsa, para Londres (alguns professores foram para Londres no outro ano) e tem um programa que é desenvolvido em Salamanca, em que todos os anos vão professores e ficam trinta dias lá (aliás tem um que está lá agora). Muitos concursos foram promovidos. Essa foi a maneira que o secretário encontrou de estar, de alguma forma, valorizando e reforçando a atividade docente. Na parte cultural, por exemplo, a gente tem um programa que é ligado a Artes em que tanto os alunos vão visitar museus, ver orquestras, como os professores também, é uma forma de estar ampliando esse universo cultural desse professor. Assim como livros também. Nós tivemos momentos em que foram enviados, dados livros especificamente para professores, para também, ele ir enriquecendo seu acervo. São ações que vão se ramificando para tentar ir cercando esses aspectos.

AB: Quando vocês propõe, demandam os cursos, a senhora explicou que em parte essas demandas são feitas pela Secretaria, em que dados do SARESP, ou no que mais vocês se baseiam? Como fica essa leitura de dados aqui?

TC: O que a gente tem, no nível central, de mais abrangente e sistematizado, é o SARESP. Agora as diretorias podem agregar a isso indicadores que elas tenham ali, específicos de suas regiões, e que às vezes, a gente, aqui, não tem. Então a Diretoria pode, eventualmente, estar focando mais determinados aspectos ou situações porque ela percebe que aquilo é uma necessidade de sua região, de seu grupo de professore, enfim, existe essa flexibilidade.

AB: Agregando o diagnóstico feito pela própria Diretoria?

TC: É.

AB: Então se ela percebe que precisa de um curso que não está nessa grade da Secretaria, ela tem como buscar com sua equipe isso? Tem financiamento ou não? Ou é só levantamento de demanda para a Secretaria?

TC: Olha, o que vai de recurso eu acho que vou ficar te devendo essa resposta. Eu sei que para a Teia do Saber é descentralizado o recurso, mas a Teia do Saber está só para instituições. Existem sim algumas verbas porque a gente sabe que as diretorias, às vezes fazem propostas de planos de capacitação, outras pessoas são contratadas...Então, de alguma forma, eles devem ter algum tipo de verba. Não sei se é mesmo montante que é da Teia. Talvez isso não seja mesmo. Fora isso, também existe uma outra coisa, que é analisada aqui na CENP: propostas que são elaboradas pelas próprias escolas. A escola também tem um espaço onde ela pode elaborar um projeto, mandar para a diretoria, a diretoria analisa e depois manda para gente. Ela solicita recurso para esse projeto e aqui se faz uma análise de adequação, que tipo de projeto é aquele, que características tem, se não escapa das diretrizes pedagógicas da CENP, se os recursos pedidos estão adequados...Enfim, esse outro mecanismo em que é enviado dinheiro especificamente para esses projetos, que são da escola e que vêm também através das diretorias de ensino.

AB: A Secretaria tem algum tipo de avaliação da efetividade desses projetos? Por que, por exemplo, o Letra e Vida, pelo que a senhora está falando, há uma boa avaliação dos resultados do programa. Agora desses outros projetos...

TC: Isso que fica, assim, mais pulverizado, mais fragmentado, eu diria que uma avaliação sistemática ou direta, com aquele projeto, a gente não tem. Esse acompanhamento é descentralizado pelas diretorias e o que a gente aposta numa avaliação super global é o seguinte: quanto o melhor for o programa de capacitação que a própria diretoria faz, você percebe nos resultados de desempenho. Você tem uma diretoria em que o desempenho está sempre bem, que melhora ou se mantém naquele patamar, isto, para nós, é um indicador de que a organização do trabalho e de acompanhamento da capacitação daquela diretoria, ele também tem uma melhor efetividade. Agora é lógico que a gente não pode fechar só nessa questão porque existem outros fatores que às vezes intervêm. Então você não pode achar que uma região é porque o dirigente não dá bola, ou os supervisores não fazem nada. Não é por aí porque você tem dificuldades específicas da região e a diretoria não tem grandes recursos com os quais contar. Na medida em que a Secretaria pode dar um atendimento diferenciado, ela até dá. No Teia do Saber, se não me engano, foi feito isso, com uma proposta da UNICAMP que, se não me engano, trabalhava justamente com a Alfabetização, e passou a ser demandada por outras diretorias que não tinham um recurso assim próximo. Então você não pode cobrar ou culpar a DE dela não estar conseguindo melhorar se ela não tem da onde trazer esse recurso. Então quando é possível a gente também oferece alguma coisa assim. Mas uma avaliação específica de cada projeto, de cada instituição, isso a gente não tem. Dependendo dos

projetos, quando são projetos de maior envergadura, é feita uma avaliação externa, especial, para aquele projeto.

AB: Foi o caso do PEC? Vocês já conseguem avaliar se estas capacitações estão melhorando a formação dos professores, se isso reflete nos resultados do SARESP? Ou ainda é cedo?

TC: Olha, aonde a gente teria isso com maior clareza, eu penso que do ponto de vista de projeto individual, é no Letra e Vida. Por que ali a gente estabeleceu uma relação muito direta. No mais, a gente pode fazer uma avaliação mais geral. Eu te diria que não há um estudo. A própria SEE não sentou pensando “Dez anos de SARESP, vamos avaliar. Não.” Mas o que a gente vê é que as capacitações vão se direcionando e redirecionando em função do que vai saindo. Por exemplo, se fala muito em interdisciplinaridade, em contextualização, etc. Concretamente, a Secretaria começou a fazer um trabalho envolvendo o PNLD (que em São Paulo durante dez anos ele foi descentralizado esse ano que acabou), aonde além de oferecer reunião didática para a escolha dos professores, nós montamos módulos com 40 títulos diferentes de livros de ficção e não-ficção. Então são módulos extremamente interessantes, tem poesia, tem informação científica, tem conto, fábula, os mais diferentes gêneros textuais. Para isso, também foi desenvolvida uma capacitação com a diretoria. Para quê? Você escolhe esses livros, vai para a escola e vai formando quase que um acervo. Por que esse livro vai rodiziando e o professor vai trabalhando a diversidade lingüística, a diversidade de gênero textual através dessas diferentes obras. E que também pode ter o livro didático, lógico. As avaliações do SARESP também foram se direcionando de alguma forma para trabalhar em cima disso. Então se você olhar as últimas avaliações do SARESP, o diagnóstico que vai para as escolas e para os alunos, você terá os resultados por gênero e o desempenho: no jornalístico, no epistolar, na diversidade de gêneros que pode ser, que deve ser trabalhado. Por que se a gente está enfocando na leitura e na escrita dentro do papel social que tem essa leitura e essa escrita, você tem que inserir o menino na leitura de tudo o que é escrito no entorno que ele tem. Então ele vê propaganda na televisão, ele vê jornal, ele vê revista. Então toda essa linguagem tem que ser levada e trabalhada na sala de aula. Quando você pega a diversidade de gêneros, você acaba abarcando esse contexto, vamos dizer. É lógico que você também vai trabalhar lá com o livro de literatura clássica em um determinado momento, não é para excluir isso, mas não é para ficar só nisso. É você passear por toda essa diversidade, pois essa leitura passa a ter sentido para esse menino. E a escrita a mesma coisa. Sentiu-se em um determinado momento a necessidade de que um dos instrumentos fosse uma redação. Então o SARESP tem o dia em que os meninos escrevem. Tem escrever. Se você

está percebendo que tem uma dificuldade de leitura e escrita você tem que ir para cima disso. E também ao fazer isso na avaliação você já está, indiretamente, dizendo para o professor: “Olha, para esse menino escrever na prova do SARESP, ele tem que fazer a redação antes”. Você também está passando esta mensagem...

AB: E até o tipo de texto, não é?

TC: O tipo de texto, a própria avaliação ela...A própria mudança da avaliação e o que ela foi avaliando, o que ela foi incorporando, isso, no meu entendimento, já é um avanço, já é um progresso, uma coisa positiva, porque você vai introduzindo novos modos de trabalho na sala de aula, onde não fica só a gramática pela gramática, mas a gramática como um dos elementos de um contexto maior, que é o texto, a produção do texto.

AB: E, pelo que a senhora está dizendo, até a forma pela qual os conteúdos são trabalhados, não é? Por que o SARESP tem uma “carinha” própria, é uma prova diferenciada, por assim dizer...

TC: É, ele não pergunta o que é o sujeito, é isso, isso. Ele não vai por aí, vai pela linha das habilidades mesmo.

AB: Por que senão o aluno não está preparado para a prova...E aí eu vou fazer mais uma questão. De tudo isso que a senhora está me contando, parece que o SARESP é bastante efetivo no sentido de ser retomado em programas de formação ou mesmo em questões do dia a dia da sala de aula. Mas, das pessoas que eu ouvi, e por isso trago esta dúvida aqui para a CENP, alguns dizem “bem, não, a gente vê que o SARESP está sendo usado na formação dos professores, as dúvidas que aparecem aqui, aparecem também nos cursos, etc.”. Mas tem Diretoria que diz “não, cada um dá o curso que quer, o SARESP passa longe disso, são coisas muito diferentes, etc.”. Como a senhora vê isso?

TC: Eu vejo isso naquele contexto que a gente já passou por ele: da dificuldade de determinadas instituições estarem trabalhando com essa linha, com essa vertente, porque às vezes ela tem profissionais que fizeram lá um determinado estudo, não quero desmerecer a tese de ninguém, a pessoa fez a tese, defendeu aquilo, aquilo é ótimo, mas só que aí ela bota a tese embaixo do braço e quer fazer sempre aquilo. Aí é lógico. Parece até que eu estou vendo a Diretoria de Ensino levando os resultados do SARESP: “Ah tá, muito interessante, eu vou fazer, eu vou ver”, mas a pessoa não consegue fazer esse casamento.

AB: Isso é uma tensão que determinou minha vinda aqui, já que os depoimentos são muito controversos. Queríamos ter certeza que não é uma questão das pessoas que estão nas escolas e diretorias, já que também podem ser posturas políticas.

TC: Pode haver as duas coisas: pode haver gente que mesmo tendo relação, acha que não tem, que não quer saber. Uma resistência. Mas também pode ser verdadeira sim, a gente não tem essa ingenuidade, pode ser perfeitamente factível, quer dizer, esse caminho é um caminho que está sendo trilhado, que está sendo construído. E vale perseverar nele porque essas instituições são aquelas que dão formação inicial para o nosso professor. Na verdade, se na continuada isso está difícil, na inicial...Acho que é toda uma discussão que é feita em diferentes fóruns, e o que a gente vê é que muitas vezes as instituições e algumas pessoas se centram na questão de cobrar o governo, na questão da falta de condições, na falta disso, na falta daquilo, que não se nega. Você não tem 100% de tudo, não tem mesmo. Mas não dá para deixar só nisso, porque é também uma forma delas escaparem de uma responsabilidade que é delas: arcar com uma formação inicial mais adequada. Por que por mais condições que você possa ter, se a sua formação está inadequada, você continua trabalhando de um jeito equivocado, você não consegue atender aquilo que precisa atender, a necessidade do teu aluno.

AB: Fico pensando que isso é um contexto pantanoso. Por que algumas dessas instituições acabam conseguindo se mobilizar para atender prontamente às licitações, são as universidades particulares, pelo que eu ouço na pesquisa. E para elas virem até a CENP, fazer essa discussão, acho que o interesse não deve ser muito grande...Ou é uma avaliação equivocada minha?

TC: Eu não sei...Acho que quem podia talvez falar com mais propriedade da questão da Teia seria o professor P. que é o coordenador e que acompanha a Teia do Saber. Grosso modo o que eu saberia lhe dizer é isso, que a gente sabe de algumas regiões, de algumas diretorias. Algumas estão bem aquinhoadas e têm possibilidades de escolha “Esse aqui não quero, esse não deu certo, não ajudou, eu quero a outra”. Agora outras diretorias ficam um pouco amarradas. Eu não saberia te dizer exatamente como está esta discussão em seu miúdo, porque a pessoa que acompanha é outra.

AB: Mas grosso modo a senhora acha que as demandas das escolas, das diretorias, estão tendo algum respaldo nas formações...Porque é aquilo que a senhora falou: se a demanda não é atendida, dá para perceber nos resultados, não é?

TC: Eu vou voltar a dizer que onde percebemos isso com muita clareza é no Programa Letra e Vida. Tem por exemplo o programa A Hora da Leitura, que também é acompanhado por uma capacitação, realizada daqui, que é o Tecendo Leituras, em que se vê uma melhoria de resultados. Na parte geral, das instituições, eu acho que essa contribuição é mais limitada, bem mais limitada. Porque entra naquela dificuldade que eu lhe falei: é dali que sai a

formação inicial, a causa do problema; faltou a formação inicial, tem que ir para a continuada. Esse é um nó que a gente tem que desatar...

AB: E que provavelmente terão que encarar no próximo ano...

TC: Por exemplo, a formação superior de professores que foi feita aqui em São Paulo, para os professores das séries iniciais que tinham o nível médio. O PEC Formação Universitária. E foi uma proposta que foi elaborada a partir da Secretaria essa demanda e foi agilizada até em função de ter partido da Secretaria. E mesmo assim ela não é perfeita, mas já avançou um pouco mais. Agora, a gente vai ter essa proposta em nível geral, no país. Será um desafio e tanto para as instituições, tanto as públicas, como as privadas fazerem essa formação de uma forma mais adequada. Por outro lado nós temos aqui o Letra e Vida formando alfabetizadores e nos perguntamos: será que essas instituições, já caiu a ficha, que o que elas terão que fazer, além de tudo isso aqui, é formar o alfabetizador? Será que elas vão fazer isso? Por que senão a gente acaba de fazer nossa formação e daqui a pouco tem que começar de novo porque o professor aposenta, morre, muda, vai para outro cargo. E você tem que começar outra vez.

AB: E a tendência é essa para os professores que estão se destacando...É uma necessidade perene. Agora eu acho que as coisas vão avançando porque as intenções vão mudando. Na opinião da senhora, o que, no âmbito da Secretaria, com relação à formação, ainda não dá para fazer, mas que seria necessário estar fazendo para melhorar a formação desse professor hoje? Na sua opinião, no que a senhora acha que ainda tem que investir?

TC: Isso é difícil. Olha, na verdade eu acho que a gente precisa investir em projetos como o Letra e Vida, fazer acompanhamento desses projetos, e talvez um outro desafio que a gente tem agora, seria pensar em um Letra e Vida para Matemática. Porque a prioridade da Secretaria até agora, ela focou nisso porque é uma necessidade premente, nossas crianças não sabem ler e escrever e temos que ensinar. Todos os esforços votaram-se para isso. Só que agora temos um outro problema: que é questão do cálculo, das operações essenciais. Temos também que ter uma forma de tornar isso palatável, ensinável, aprendível, porque aí vai ser uma outra discussão muito complicada também. Por que a academia, na Matemática, também tem posições muito divergentes. Uma vez eu brinquei com nosso especialista da Matemática: quem é a Emília Ferreiro da Matemática, para chegar e trazer uma sacação geral? Esse será um outro desafio, porque você tem aquelas pessoas que defendem que a matemática tem que ser aquilo, daquele jeito, e isso espanta. Espanta não só os alunos, como o professor. Os próprios professores, são poucos os que vão para os cursos de matemática. E de repente se quer tanta sofisticação. Mas o menino, ele vai à feira, ele sabe fazer conta, sabe fazer troco.

Então peraí, o problema não está bem na matemática, a gente precisa resolver essa equação de como você faz a criança se apropriar daquilo que é essencial, e definir o essencial. Não adianta que um teórico me diga que precisa saber logaritmo, álgebra...Será que precisa? Acho que essa discussão em cima de currículo e retomar talvez os PCN's. E para a Secretaria, o desafio agora seria de não largar uma peteca para segurar outra, ou seja, você continuar com a questão da leitura e da escrita, porque você não pode largar, e ao mesmo tempo, o próximo desafio, seria começar um investimento maciço nessa área.

AB: Essa é sua opinião em relação à formação...E em avaliação? O SARESP está aí, tem dez anos, foi tendo o desenho mudado ao longo desses dez anos, mesmo porque no início não era censitário, passou a ser...Era no começo do ano, passou para o final, incorporou a idéia das habilidades e competências...Apesar de todas essas mudanças, quando leio os documentos, percebo que os objetivos gerais se mantêm...Agora tem toda uma discussão, que não é só do SARESP, mas de todos os sistemas que estão se consolidando a partir dos anos 90, de quanto melhorar essas avaliações, de como fazer com que elas sejam mais formativas...Tem experiências onde é feita a avaliação institucional da escola, enfim. Como a senhora vê o SARESP? Está bom, ainda falta percorrer algum caminho?

TC: Olha, a avaliação institucional, é algo interessante. Por que o SARESP tem avaliado o desempenho dos alunos, tem também o questionário, para levantar o perfil dos alunos. E talvez uma coisa que pudesse ser pensada seria também ter um perfil da instituição, uma coisa que está aí. Por outro lado, estamos em um momento em que esse desenho do SARESP ou a sua continuidade também está sendo pensado. E eu não teria essa resposta para te dar, porque isso está sendo pensando pela Secretaria, pelas instituições de avaliação, pelas Coordenadorias. Que proposta a gente vai deixar, para subsidiar quem vai chegar, em termos de desenho do SARESP? Vamos deixar essa mesma, não vamos? Só que isso não vem isolado, tudo tem um contexto. Estamos agora com a seguinte questão. Nós temos o ensino fundamental que é de 8 anos e que vai estar sendo passado para 9 anos. Então, nesse contexto, a gente vai ter que pensar como será a organização curricular desse ensino de nove anos, como vamos fazer os ciclos nesse ensino e, conseqüentemente, como fazer a avaliação do SARESP neste contexto. Então são todas as questões que estão imbricadas e sendo fruto de análise e reflexão, para ver que proposta estaríamos deixando no sentido de aprimorar tanto a organização dos ciclos, como a própria avaliação.

AB: É uma demanda importante. Quando o SARESP surgiu víamos os estudiosos muito contra algumas propostas e vamos percebendo, com o passar dos anos, que o SARESP foi de certa forma incorporando essas críticas. Mas fica sempre a dúvida se esse desenho

é o que a Secretaria está considerando o melhor e se estão sendo pensadas mudanças. Por que a tendência que as pessoas que estudam avaliação explicam que, uma vez, consolidados os sistemas de avaliação, é muito difícil tirar, mesmo porque é a tal cultura de avaliação entrando nas escolas. Agora o problema é: o que se faz com o SARESP. A senhora acha que em algum tempo essas questões serão revistas?

TC: Sim, essas preocupações e reflexões estão presentes também na Secretaria. Sobretudo que tivemos a chegada de uma nova secretária e sempre tem uma oxigenação saudável quando vai tendo essas trocas, porque cada um que vem traz seu olhar, seu questionamento, sua posição. Não no sentido de que vai desmanchar, mas ele procura ver aquilo que está indo, está caminhando, e como pode se melhorar aquilo que eventualmente não está tão bem. Então neste contexto que eu te falei, da ampliação do ensino fundamental, de uma proposta de ciclos que vai ter que ser pensada em função dessa ampliação, tem que se repensar também isso, se os ciclos serão mantidos, se vai mudar, e no bojo dessa reflexão a questão da avaliação do SARESP: quando ele seria feito, em que momento, de que maneira. E já foi posta a questão de uma avaliação institucional. Embora a gente faça não enquanto SARESP, mas a gente trabalha a avaliação institucional em um programa de capacitação, que é o PROGESTÃO, que está ligado ao Prêmio Gestão, que trabalha justamente em cima de auto-avaliação e avaliação institucional das escolas. E nessa proposta de capacitação, vamos dizer que o coroamento, o ápice dessa proposta é a avaliação institucional. No contexto da capacitação os participantes teriam que estar elaborando a avaliação. É como o resultado do próprio processo dele, durante a capacitação. Uma análise dessa avaliação institucional e uma proposta de intervenção. Então essa é uma coisa bem articulada, vamos dizer. Mas é algo que pode ser levada, também, para o nível do SARESP. É algo a se considerar.

AB: E para encerrar, pois sei que estou tomando muito o tempo da senhora. Tem um apontamento na LDB e alguns movimentos em termos de América Latina, que talvez seja necessário enfrentar, que refere-se à questão da avaliação docente. Como a senhora vê isso? Sei que é complicado de trabalhar, porque você mexe com a classe dos professores. Como a Secretaria pensa nisso?

TC: Olha, a Secretaria já fez alguns ensaios em cima disso. Ela já levantou alguns critérios e acho que é um procedimento que pode ganhar corpo e que também está em fase de construção, de elaboração. Ele não está descartado, mas está muito lerdo, vamos dizer. Lembra que eu te falei do bônus? Quando ele surgiu, considerou como um dos critérios o resultado da escola no SARESP. Ali entravam os critérios de assiduidade, índices de retenção e evasão e o resultado do SARESP. Não sei se tinha tamanho de escola, agora não me lembro.

E aí, por um lado, foi muito bom, porque você tem mesmo que premiar porque a equipe se esforça. Mas tem o outro lado: “você não pode porque aí em escola com problemas específicos”. Ou então começaram a fazer (surgiram denúncias no SARESP), a ensinar os alunos a fazer a prova. Então isso saiu do critério do bônus, ficando a assiduidade, outros critérios. Isso é uma queixa grande da comunidade: o professor falta muito. E a gente sabe que se ele falta o processo ensino-aprendizagem fica comprometido e portanto o critério vem sendo mantido. Mas a presença do professor é importante mas não é tudo, ele pode estar presente e não fazer nada e por isso temos que avançar. Isto é algo que está presente, já se tentou um caminho, tem um outro que está sendo trilhado, e isso pode ser mudado, aperfeiçoado sim, acho que é algo que vem crescendo, está na pauta.

AB: Se isso fosse incorporado de alguma forma ao SARESP geraria problemas de resistência à avaliação, não?

TC: Quando ocorreu ele gerou a questão da resistência, mas essa questão das escolas estarem ensinando os alunos, para maquiarem o resultados, já que incidiria no bônus. A própria avaliação, os próprios processos e procedimentos vão se adequando, mudando, na tentativa de ficarem melhores, de atenderem a todas as necessidades. E aí você sempre tem uma porção de variáveis e vai tentando trabalhar com elas. Em síntese, para responder a sua questão, essa preocupação com a avaliação do trabalho docente, é uma preocupação, está na pauta, mas penso que não encontramos o melhor jeito e estamos buscando. Mesmo na questão da evolução funcional, por exemplo, se incorpora, se possibilita que na evolução funcional se considere as capacitações, os cursos, o aperfeiçoamento que o professor faz, mas também até projetos que ele mesmo possa desenvolver no sentido de dar autonomia para o professor, para que ele seja um pesquisador, um inovador. E aí existe uma dificuldade em como você determina e fecha critérios. Enfim, as demandas vão surgindo e na tentativa de equalizá-las e atendê-las você vai se deparando com outras questões. Isso é do processo.

Anexo 4-B: Entrevista com Técnico da FDE

Data: Setembro/2006

A entrevista a seguir foi realizada com uma das técnicas da equipe de avaliação da Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Alguns trechos, no entanto, tiveram seu sentido prejudicado por falhas no equipamento utilizado, sendo que partes do depoimento foram recuperados com auxílio das anotações realizadas pelo pesquisador durante e depois da entrevista. Mesmo com falhas, decidiu-se mantê-la em anexo, devido às relevantes informações que são trazidas pela entrevistada.

AB: Em dos documentos iniciais do SARESP já a declaração de que os resultados da avaliação serão utilizados na formulação de programas de formação docente. Então vim conversar com a senhora porque, como me propus a ir à diretoria verificar como se dá essa relação com a formação, tenho tido dúvidas a partir dos depoimentos. Algumas diretorias dizem que a Secretaria propõe diretrizes para esse trabalho, outras dizem não há diretrizes...Estou na dúvida...

TF: Todas as diretrizes são dadas pela Secretaria Estadual da Educação (trecho inaudível). Várias são as etapas desde a definição das provas, “o que é que nós vamos fazer nesta prova?”. Isso a secretaria já definiu. Há uma matriz de referência a partir da qual as questões são elaboradas.

(trecho inaudível)

AB: Se é uma diretoria que se debruça ainda sobre os dados, que incorporou estas análises eles têm condição de até, de repente, falar na escola: “Olha vocês estão aqui, com tais resultados, não é melhor vocês fazerem tal curso?” Aí você pensa para escolher o curso que fará. Agora o que eu fico um pouco preocupada é que em algumas diretorias o que me falaram é que você tem uma certa obrigação de participar dos cursos e aí fica um pouco complicado, né professora? O que eu queria saber é porque não tem a licitação e vai para universidades, às vezes particulares, é que são exatamente

TF: Essa relação com a universidade sempre foi complexa

AB: Perguntei se a faculdade recebe algum relatório com os resultados do SARESP, mas me disseram que não...Como fica isso?

TF: Na época do PEC eles recebiam...Depois não mais.

AB: Mas é um pouco isso: se a agência capacitadora não recebe os resultados do SARESP, como é possível afirmar que esses resultados baseiam os cursos de formação?

TF: É o que eu te falei: enquanto a gente não trabalhar com plano de captação, com programa de captação poucos serão os avanços, já que não dá só para trabalhar por ações isoladas por eventos – trecho inaudível –

AB: Me parece que da forma como está sendo feito, você não potencializa as ações. E o problema é que essas têm custo, professora, esse dinheiro poderia estar sendo aplicado para contratar mais gente CENP e FDE...Enfim, professora do que tenho lido e estudado, pude perceber que o SARESP foi mudando ao longo dos anos. Inicialmente, avaliava-se a 3ª. série, por exemplo, e no ano seguinte se avaliaria a quarta...As análises recaíam sobre a progressão dos alunos não é?

TF: Teve essa etapa de acompanhamento do aluno.

(Trecho inaudível)

Nesse momento, foi explicado o desenho inicial do SARESP. Soube, assim, que a primeira etapa do SARESP, que foi até 1999, estava planejada desde o início do programa de avaliação. No ano 2000, a prof. Teresa Neubauer, numa ação que a técnica da CENP considera equivocada, quis analisar os alunos, já que era a primeira turma da progressão continuada que finalizaria um ciclo. Essa avaliação foi muito problemática e deixou um impacto negativo na rede, culminando com a saída da secretária. No ano seguinte não houve avaliação e, conforme foi explicado, houve uma pressão da equipe da FDE pela continuidade do projeto. Isso, contudo, fez com que se perdesse a possibilidade de fazer a comparação longitudinal como ocorria no desenho inicial.

AB: Contudo, parece que agora mudaram as bases de análise

TF: O que aconteceu: uma, não tinha como comparar rompeu – nós tínhamos num primeiro momento a gente mandava um boletim de resultados que a gente chamava de resultados clássicos. Esses resultados eram por série, por componente, por período, manhã, tarde e noite. Isso num primeiro momento. Em um segundo momento, porque isso era o boletim da escola, eu chamo – palavra inaudível - do informe da escola você também dava os dados dessas outras instâncias para permitir que a escola se situasse em relação a estas outras instâncias se ele estava abaixo, se ele estava acima, acompanha uma orientação para dar algumas dicas até para interpretar esses resultados e para se posicionar também. Bom, depois do segundo

momento um pouco mais demorado você tinha um informe também de resultados por escola DE que se chamava de Informe mesmo, tanto esse como o boletim da escola, o informe da escola. Paralelo a isso quando ele tinha esse dado aqui a escola montava um relatório da escola onde ela pegava esses resultados, analisava, levantava hipóteses explicativas para isso e que “ações” eles propunham para melhorar esses diagnóstico que foi apontado pelo SARESP. Esses relatórios vão para as diretorias de ensino, o que as diretorias de ensino faziam, pegavam esses relatórios faziam uma compatibilização do relatório regional que abarcasse as demandas também das escolas, até porquê é lógico que refletia em assunto da capacitação que era o mote para a diretoria se organizar. Esses relatórios da DE iam para as coordenadorias e para nós aqui na FDE, uma cópia para a coordenadoria e outra cópia para a FDE. Hoje não sei com quantas diretorias estamos, acho que é 90 ou 91. Mas nós já tivemos cento e quarenta e seis, cento e quarenta e cinco relatórios, antes da reorganização. Quando esses relatórios vinham para cá nós contratávamos uma equipe de especialistas normalmente da universidade nós criamos critérios para a análise desses relatórios – é quase uma tese de mestrado.

AB: Eu cheguei a ter contato eles analisavam e devolviam para a diretoria

TF: fazemos um encontro que a gente chamava de – devolutiva, discutia com eles a questão dos relatórios, até porque assim o que a gente focava muito nessa questão: se você faz um diagnóstico para umas escolas não tem mais sentido você botar o plano de capacitação igual para todos, até porquê o diagnóstico não é igual, então você tem que focar nas questões que foram nevrálgicas. Lógico que a gente pedia para eles agregarem outras informações. A gente sempre deixou muito claro: o “SARESP” é um pedaço na avaliação de uma escola, não o todo. A escola também tem outras informações que têm que ser agregadas; inclusive se a gente for pensar as taxas, os índices de aprovação, você pode ter um dado muito bom do SARESP, mas aí você vai analisar essas taxas e tem um abandono muito alto, você tem reprovação muito alta, e os resultados não são tão bons se pensarmos que são das crianças que tiveram mais condição de permanecer na escola. Tem que analisar essa especificidade. Em outros casos não, esses dados também são baixos, mas tem a questão do desempenho, o nível sócio-econômico...Tudo isso a gente sabe que interfere: como é que é a estrutura daquela escola...Então isso foi feito até 2000.

AB: Nessa época pelo o que eu consegui entender, porque como tem uma certa rotatividade nas diretorias e encontrei poucos profissionais que conheceram o início do SARESP...

TF: Você trabalhou com a diretoria da capital?

AB: Da capital de São Paulo.

TF: Tem outras questões que você agrega. A região da pesquisa

(trecho inaudível)

AB: A região...

TF: A região porque teve aqui uma dirigente de ensino que foi coordenadora da CENP ela conhecia muito bem o SARESP, se envolvia muito e de certa forma isso influenciava o trabalho. Em quais diretorias você foi?

AB: Na Alpha, Delta, Gama, Beta, Ôicrom. A idéia era ir para todas, mas quando a gente começa a fazer o campo percebe as dificuldades. E o ritmo das diretorias é muito difícil então as devolutivas, a possibilidade de entrada, enfim. O que fica um pouco marcado, que eles me falam, é que alguns lembram do PEC. Eles costumam dizer “Nesse momento, como tinha esse relatório, não era só a questão do SARESP, outras coisas interferiam, então facilitava para gente demandar as ações de capacitação”. Eles me explicaram que cada diretoria podia demandar da Secretaria cursos, palestras, de acordo com as suas especificidades, nesse momento do PEC. Então eles falam muito (e é engraçado, alguns falam: “Bem o PEC era diferente, o PEC não usava o SARESP), outros falam que sim, que usavam, então fica um pouco nebuloso para quem está pesquisando. Mas o que eu consegui entender até agora é: você tem todo esse movimento, esse relatório, então você tinha possibilidade de fazer um trabalho em que a oficina pedagógica contratava aí os profissionais de acordo com a demanda.

TF: Tanto aconteciam ações em níveis descentralizados, como a gente chamava na DE, como também centrais através da Secretaria.

AB: E essas descentralizadas na DE?

TF: Ela tinha recurso para contratar especialista pra lá, montar um curso dar uma palestra...

AB: Então se tem algum com grande problema em história e geografia contrata um especialista para ajudar os professores, eu estou entendendo certo, era assim? Depois de 2000 começou a mudar. O que eu consegui perceber foi que um pouco depois da saída da prof. Rose é que a Secretaria começou a propor muitos cursos. E eu já começo a patinar na questão de como os resultados do SARESP podem estar ajudando na formulação destes cursos. Algumas diretorias me falam que sim, que vêem isso, que as ações da Secretaria são baseadas aí no SARESP, mas não me apontam como, então fica uma coisa um pouco nebulosa assim pra pesquisa. Porque eles não me falam se existem relatórios. Eles dizem: “bem Adriana a Teia do Saber é baseada no SARESP”. E aí eu

pergunto: mas vai algum relatório de dados para as faculdades, para elas entenderem como está a rede? É alguma coisa parecida com o que era o PEC ou não? Eu queria ouvir um pouco sobre isso, porque eu estou realmente embaralhada.

TF: Bom, então deixa eu te falar... Eu disse à sua orientadora que talvez eu não fosse a pessoa mais indicada para falar do “processo” de capacitação, como eu te expliquei, nós paramos no momento do processo esses dados vão para a secretaria e depois a equipe pedagógica é que toca, tá? Mas vou tentar ajudar. Eu vou chegar nisso, no que eu entendo hoje dessa relação, mas primeiro eu quero continuar na descrição do SARESP, porque isso também interferiu...Até 2000 aconteceu isso. Quando chega em 2001, o que acontece? Estava saindo a primeira turma com a implantação da “progressão continuada”. A secretária quis avaliar a 4ª e 8ª série. Até então o foco do SARESP estava no sistema de ensino e é isso mesmo, uma avaliação de sistema. Na verdade, essa avaliação de 2001 tinha uma outra finalidade: era estar avaliando os alunos, como eles estavam saindo, depois de quatro anos de progressão continuada. Aqui o foco foi no aluno. Tanto é que teve que avaliar aluno por aluno para as escolas. O SARESP já tinha uma marca, já tinha uma credibilidade na rede (graças à Prof. Rose, que bancou muita coisa). Mas ela utilizou o nome do SARESP para fazer uma avaliação do ensino. E aí também confundiu uma finalidade, que ficou bastante nebulosa. A proposta era que, conjugada com os dados que as escolas dispunham, mais os resultados do SARESP, é que ia decidir se o aluno passava, ficava em recuperação de ciclo...Então aqui se fez duas aplicações: a primeira foi em novembro e depois teve a recuperação de janeiro. Então os que tiveram (foi feita uma definição do total de pontos, como critério), os que alcançavam aquele critério avançaram na série ou foram para a quinta ou foram para o Ensino Médio. Todos os que não tinham alcançado aquele critério foram para recuperação de férias. Chegou na recuperação de série, novamente teve o SARESP e aí os alunos ou prosseguiram seus cursos ou ficaram na recuperação de ciclo. E se utilizou uma avaliação de rede de ensino para aprovar o aluno. E aí foi aquela confusão na rede. E aqui foi extremamente cobrada a questão do uso dos resultados. Muito cobrado. Até num momento ficou voltado para a questão de avaliação do sistema de ensino, da questão da capacitação.

AB: Parece que foi um pouco rápido, isso, porque no SARESP de 1996 até 2000, houve um primeiro momento dos estudos iniciais sobre a avaliação que evidenciam um movimento contrário à avaliação. Então quando ele começa a ser aceito talvez...

TF: É o primeiro ano foi muito difícil. Até porque a rede não tinha muito claro o que ia fazer do uso desse resultado, se ia penalizar o professor, se não ia...Então até a estratégia de estar

avaliando os primeiros anos no início do ano foi para descaracterizar o professor, porque no fundo você avaliava a série anterior e no ano seguinte já não era a mesma classe, não era o mesmo professor. Então foi com este intuito também, o desenho já foi pensado para isso, mas mesmo assim...Eu lembro que quando nós começamos a fazer as ações de capacitação, todos queriam saber o que era o SARESP, como ia ser. Parecia que íamos para uma operação de guerra, teve muita resistência, muita, muita.

AB: É, os primeiros trabalhos, os primeiros estudos, refletem isso. Os que foram à campo... E, talvez, quando ele estava começando a ser aceito com uma resistência menor, veio 2001.

TC: Ai o que é que aconteceu? Nesse momento sai a professora Rose, entra ainda no final do mandato o nove secretário que já foi, o Gabriel Chalita... Aí em 2002 ficou uma coisa ainda, não sabia se ia avaliar, se não ia avaliar. De certa forma, ai foi uma certa aflição nossa, da equipe de avaliação, para que não se perdesse mais. Aí resolvemos...Até fizemos uma avaliação envolvendo todas as escolas, mas numa amostra de alunos... Essa acabou até não tendo esses resultados divulgados do ponto de vista da imprensa, mas nós fizemos. Repetimos as quartas e oitavas, mas não no enfoque no aluno. O enfoque era na questão do sistema.

AB: Voltou, tentou recuperar a questão do sistema.

TF: Mas ai já quebrou a questão da comparação, porque isso você já perguntou. Por isso que eu queria continuar, com isso já quebrou a comparação, quebrou todo esse sistema de relatórios... Bom, quando chega na próxima gestão, do governador Alckimin, continuando com Gabriel Chalita, qual foi uma das plataformas dele na política? O que aconteceu anteriormente deu um grande problema na rede: “como que você segura meu filho quatro anos e agora você vem me dizer, em cima de um sistema de avaliação, que o aluno não aprendeu e portanto vai ser retido?” “Por que você não acompanha esse aluno ano a ano, ao invés de esperar quatro anos pra dizer que ele não tem as habilidades necessárias para aquele ciclo? E ele vai perder e portanto ficar de recuperação?”. Então o que aconteceu? Qual foi a proposta de avaliação? Se isso estava acontecendo o problema é que você não pode pegar só as quartas e as oitavas, tem que pegar todo mundo. E isso é uma loucura na rede. Não só toda a parte de logística dessa avaliação, como da quantidade de dados que chega na escola, na diretoria de ensino pra você processar, pra você analisar... Isso a todo ano. Se perdeu um pouco uma análise mais cuidadosa, uma análise mais pedagógica, mais crítica, entendeu? Que você pudesse realmente contextualizar toda essa informação, cada um na sua escola, cada um na sua D.E. Aí o que aconteceu? Muda a forma de divulgação desses resultados. Além da gente estar fazendo (e aí acho que tem uma grande discussão hein), a avaliação de sistema,

que é o que o SARESP propõe, a partir de 2004 e 2005 quando a gente fornece dados, a gente fornece dados do aluno, você tem um percentual de acerto de cada aluno, no que ele acertou no que ele errou. Nós estamos até fazendo algumas visitas às escolas. E as escolas gostam desse dado porque é muito mais perto dela, é muito mais próximo.

AB: E as diretorias também pelo o que eu vi.

TF: O problema é a questão de gerenciamento, de análise mais (trecho inaudível). Então o que acontece hoje com o SARESP? Nós divulgamos isso, normalmente bem próximo do planejamento do ano, (o planejamento escolar normalmente é em fevereiro). A gente devolve esse dado, que é personalizado.

AB: As diretorias têm falado que as escolas têm base de dados, tanto é que uma colega que também está estudando o SARESP encontrou uma escola que usa isso pra dar nota do aluno, também tem esses usos...

TC: Consultar se o aluno não faltou no dia da prova...

AB: Acho que tem uma discussão, se tem ou não que cercar esses “outros usos” que a escola faz...Mas o que eu fico na dúvida é que estou percebendo uma preocupação da equipe com um caráter formativo. Mas essa questão de analisar o sistema, não é da noite para o dia que se entende...Como fica isso na rede?

TC: Aqui também deixa eu te falar. Todo esse percurso aqui, nós fazíamos (apontando o desenho inicial do SARESP), encontros para treinar, nosso trabalho é com as equipes nas diretorias de ensino, então nós temos um coordenador do SARESP em cada uma das diretorias de ensino...

AB: Que é um supervisor, né?

TC: Às vezes, mas também envolvendo mais duas pessoas. Fazemos todo um trabalho para entender a finalidade do sistema de avaliação, entender a avaliação num contexto mais amplo, fizemos oficinas para entender a análise do ponto de vista estatístico porque é um conteúdo que as pessoas não dominam: o que é o percentual de acerto, o desvio padrão, todos esses índices nós trabalhamos em oficinas por muito tempo.

AB: O problema professora é que, com a mudança, porque você tinha inicialmente uma análise com diversas disciplinas (esta já é uma outra questão) e depois muda para a questão da leitura, com foco em competências e habilidades...O que eu tenho ouvido é “Quando a gente estava começando a entender, mudou”. E me parece que, talvez, pela como estas mudanças foram acontecendo, a formação que vocês deram inicialmente não seja suficiente. Eles falam “A gente tem vídeo-conferência, a gente tem isso e aquilo, mas isso não é suficiente”. Outro dia um coordenador de avaliação me pegou e falou “o que é

ESCORE VERDADEIRO”? Isso na diretoria! Aí eu fiquei pensando: bem, se lá na diretoria, eles não estão entendendo, as escolas também não estão. E como que você propõe um trabalho se você não entende as bases sobre as quais a informação é produzida?

TC: Acho que isso é verdadeiro mesmo. Então o que aconteceu... Nesse outro ciclo de avaliações... Tem outro caso também: dependendo de quem ganha a licitação e é contratada você também tem as características da instituição que está coordenando este processo, é lógico que tem alguns tratamentos que são iguais, mas têm outros...Aí também imprime um pouco a linha que a instituição vinha se desenvolvendo. E como se rachou um pouco essa questão, o que aconteceu? Quando chegou em 2003 não foi feito um trabalho para poder comparar com anos anteriores (você até poderia pegar a prova de 2000 para poder comparar, mas não foi feito), então aqui só foi colocado um dado clássico, mas o que a instituição conversou conosco? Para mudar a forma da análise. Assim, começou em 2001 e 2002 e rompeu com o que tinha sido feito anteriormente. Ia-se começar um outro processo.

AB: Como se fosse um novo ciclo?

TF: Então nem se pensou em comparação, nada...Aqui a gente focou muito na questão não só no dado geral da prova como um todo, como no percentual de acerto, da série, do componente. Mas aqui a gente focou muito nas questões das habilidades, trabalhou cada uma das habilidades avaliadas na prova, qual foi o percentual, qual o tipo de texto que os alunos tiveram maior dificuldade. Porque aqui, qual foi a diretriz da Secretaria? Nós vamos focar esforços em leitura, porque se entende que leitura envolve toda uma área e todos os componentes curriculares porque, se o aluno não saber ler...Quando chegou 2004, então nós queríamos fazer uma comparação já que havia avaliado 2003. O que traz a Fundação Cesgranrio como grande contribuição? Todo dado do SARESP era assim: na terceira série você tem tantos por cento no período da manhã. Vamos pegar ensino médio, vamos pegar a oitava. Tantos por cento na manhã, tantos por cento à tarde, tantos por cento à noite, porque são provas equivalentes, mas cada prova tem uma dificuldade diferente, então você não pode comparar automaticamente, aqui eu tive 70%, tive 60% de acerto e aqui eu tive 50% de acerto. Se eu olho assim (na horizontal) então eu falo puxa os alunos da turma da noite tiveram muito mais dificuldade nessa prova. Só que não necessariamente isso é verdade, pode ser que essa prova da noite tenha sido muito mais difícil do que da manhã e da tarde. Então a Cesgranrio vem agregando a questão do “escore verdadeiro”. O que é o escore verdadeiro? Ele possibilita que você consiga fazer um levantamento estatístico, porque você faz uma prova para poder estar comparando na mesma série vários períodos, é como se todos os

alunos... Como se cada um tivesse feito todas as provas. Então você agrega aqui um dado da oitava série, um dado geral, e eu digo qual foi o percentual de acerto da série, entendeu? Não só por período, entendeu? Então isso foi uma inovação para a rede. Mas eu não sei se ficou muito claro, porque todo esse trabalho de capacitação ao longo do processo não foi muito mais marcado como era nos anos anteriores, da questão da avaliação e da sua dimensão formativa.

AB: A questão aí é porque que as provas são fáceis ou difíceis demais. Eu acho que eles estão com dúvidas e acabam relacionando com a questão política. Teve uma questão, acho que em 2003, quando estava aquela discussão, que saiu na Folha, na imprensa...

TF: Foi péssima a divulgação em 2003.

AB: Lembro que saiu uma divulgação equivocada mas que tomou grande vulto que era: o aluno aprovado no SARESP reprovaria no SAEB. Eu acho que a rede não entendeu muito essa discussão, talvez por não ter sido feito um trabalho para relativizar, já que as avaliações contêm questões diferentes, não dá para fazer esse tipo de comparação. Então o que eles me falaram: o SARESP é uma coisa política. Um exemplo: uma “ATP” falando que a Cesgranrio já mudou três vezes o resultado de uma mesma série e cada vez que ela muda a turma vai melhor. Ela estava falando isso se referindo aos resultados de 2004. Então eles receberam o primeiro boletim de resultados da série com uma porcentagem de acerto, aí divulgaram para escola fizeram um trabalho com a escola e depois veio uma correção. Segundo essa “ATP”. Veio uma correção e aí os resultados melhoravam. Então me lembro dela falando “eu não entendo isso, porque então eles analisam várias vezes, tudo bem como passou para a Cesgranrio por essa transição uma vez a gente entende que vai ter ajuste, mas três? E cada vez as escolas indo melhor!”. Esse tipo de ação gera esse tipo de desconfiança.

TF: Contra a credibilidade.

AB: E aí o que se percebe a avaliação pode ir perdendo essa credibilidade e não é uma coisa desta diretoria. Então você percebe que existe uma dúvida. Naquele momento que eles falam você está gravando isso, mas deixa eu te contar... Porque você começa a estar interferindo. Outra questão que como não está muito clara acho que de 2002 pra cá é essa relação curso – SARESP, porque quando eles faziam os relatórios parece que estavam muito próximos. Eles tinham as ações centralizadas e tinha as descentralizadas e a diretoria sentia que a análise que ela fazia agregava e que a escolha que eles faziam, enfim, ia na especificidade do professorado daquela diretoria. Hoje em dia parece que isso não está tão claro. Então eles vêm e falam “ah, não, Adriana tudo é SARESP”. Tudo

é SARESP? Então me dá um exemplo. Um dos entrevistados falou do Tecendo Leituras (uma oficina de leitura que é pro professor). Aí eu questiono como é essa oficina de leitura? Eles dizem que é um programa que os professores vão ler, as escolas estão recebendo o acervo é um trabalho com os professores lendo aquele acervo e as possibilidades de trabalho a partir daí porque a gente precisa resgatar o professor leitor. Aí eu falo, que bacana, mas isso é baseado no SARESP? Sim, é resultado do SARESP. E eu me pergunto: através do resultado de desempenho do aluno como é que vocês chegaram que o professor não tava lendo? Veja bem a Secretaria da Educação... Sabe, a gente aqui, no nível intermediário, não sabe muito bem, mas a Secretaria da Educação sabe... E aí isso acaba sendo uma resposta meio chave. Eles mostram a crença, mas não entendem também.

TF: Entendo. Mas isso é porque eles não têm só o dado do aluno, tem também um dado do sistema.

AB: Mas será que isso na rede está claro? Por que parece que está meio perdido... Eles me deixaram perdida.

TF: Eles te deixaram perdida, mas não tem só o dado do aluno, primeiro dado é do aluno depois você tem um informe de resultado que vai o dado para escola você tem um dado de cada uma das séries pra escola, isso continua esse movimento.

AB: E na diretoria?

TF: Também, na diretoria também recebe, a diretoria recebe não só um dado dela regionalmente como um dado em cada uma de suas escolas.

AB: Um dado quantitativo?

TF: Quantitativo.

AB: E a análise? Porque tinha, eles faziam essa análise quando produziam esse relatório?

TF: O relatório isso realmente não tem mais, tem diretorias que continuam. Posso até dar exemplo. O que acontece também? Eu acho que até todas essas questões que estamos falando eu acho que são verdadeiras. Hoje o SARESP tem muito mais uma dimensão política, mas ela tem que ser voltada também pro campo de utilização de dados do ponto de vista pedagógico. Então diretoria que você tem coordenadores do SARESP que são desde a época ou de 96 ou que vivenciaram este primeiro ciclo de avaliação, eles continuam fazendo isso se instalou como uma prática.

AB: É eu percebi isso que eles continuam.

TF: Por exemplo...Semana que vem eu vou pra Jales. Jales tem um perfil muito diferenciado na rede. Além de ser um coordenador do SARESP que está desde o começo, ele incorporou este trabalho de dimensão formativa que nós vivenciamos durante quatro anos, ele incorporou isso na prática, independente se você tem uma linha nós coordenando ou não, ele incorporou isso na prática e acredito também que as escolas, eu não diria que 100%, eu não vou ter também essa informação, eu vou em duas escolas, mas eu tenho quase certeza que boa parte destas escolas fazem também esse movimento, de fazer um relatório de encaminhar para diretoria, para a diretoria fazer uma análise, de devolver isso pra eles.

AB: É, tem umas diretorias que eu acho que se sobressaem ...

TF: Desde aquela época do relatório. Lembro que, na devolutiva, quando vinham aqui, chamavam três pessoas, o coordenador mais dois, os três que vinham nem sequer conheciam o relatório. Há uma mobilidade muito grande não só nas equipes da diretoria como nas equipes das escolas e isso realmente leva a um problema na qualidade de ensino. O pessoal vem de escolas, escolas que têm bons resultados isso você percebe se tem, uma coordenação pedagógica positiva, liderança na escola, entendeu? Você tem quadro de professores que não têm remanejamento cada ano, tem escola que cada ano tem um diretor, já é um outro diretor, tem que montar equipe ano a ano...

AB: E aí sempre é um trabalho diferenciado.

TF: Sem dúvida. É lógico que tem outros fatores, quem é essa clientela, o contexto destas escolas, as condições destas escolas. Tem de todas as naturezas, mas se ano a ano muda, não há sistema, não há nada que dê conta disso.

AB: Agora, professora, o fato de estarem indo só os dados quantitativos, ela recebe os dados diferentes na escola, a escola recebe os dados por aluno, geral, da região também com o comparativo. Análise, nenhuma. Será que as diretorias já estão preparadas para compreender os dados do SARESP?

TF: Sempre o SARESP manda um informativo. Ele manda uma orientação apontando um movimento que a escola e a diretoria possam fazer. Vou mostrar um desses informativos para você.

AB: 2005 do ano passado eles receberam agora... 2002 o relatório que eles receberam?

TF: Porque todo ano depois demora um pouco o relatório técnico para sair, mas não de 2002 eles já receberam. Estão recebendo agora o relatório de 2003... O que que eles recebem? Uma orientação está aqui, vou pegar o da escola

AB: Esse a diretoria recebe, essa orientação dos resultados?

TF: Todos.

AB: Tudo que a escola recebe a diretoria recebe?

TF: Isso, só que a gente põe uma questão no foco da diretoria e outra na escola. Então vamos supor a escola recebe uma pasta desta, ela recebe orientação para interpretação dos resultados e aqui os seus informes de resultados, e recebe uma carta.

AB: Por aluno?

TF: Não o aluno não sai no *site* da Secretaria, já no começo do ano. Aqui é dado do sistema. Então o que a gente coloca aqui, explica o quê eles estão recebendo – eu posso até te mandar uma cópia – como vai interpretar, como está organizado primeiro, para interpretar os resultados qual o movimento que ele tem que fazer? Analisar os itens da prova, ver o grau de dificuldade das provas.

AB: Isso é uma diretriz?

TF: É, é uma orientação. Olha ai, cada item está associado a uma habilidade. Lembra que eu te falei que em 2003 era muito focado na questão da habilidade? Se por exemplo a maior parte dos alunos errou um determinado item tem este indicador para encontrar dificuldades para resolver. (lendo o manual) O texto apresentado era pouco familiar? Então estamos analisando: complexo, longo, difícil, ou foi a falta de domínio de uma habilidade pouco trabalhada na sala de aula? Então vamos supor que um texto lá. Vamos dizer, propaganda. Os alunos, naquela escola se saíram muito mal, naquela série. Será que a professora está trabalhando esse tipo de texto?

AB: Mas esse tipo de análise, de reflexão quem monta são vocês aqui na FDE?

TF: Através do texto, mas a gente não tem muito chamado, porque eu falo que quebrou um pouco, porque a gente trabalhava muito mais isso com os coordenadores do SARESP. Na escola nós nunca trabalhamos, porque o foco é assim: você trabalhar com a equipe da diretoria e a diretoria trabalhar com as escolas. Porque nós não temos fôlego e é o papel da diretoria trabalhar com as escolas. Então a gente vai dando uma série de orientação pra que eles pudessem estar trabalhando essas questões. Então vai lá as orientações, e aqui ele tem os dados, não só a nota, então ele tem desde como foi a participação se foi alta, se foi baixa. A participação é muito alta no SARESP, de certa forma eles fazem um trabalho de convencimento ou de medo. Eu diria que as primeiras séries eles gostam, quando tem algum problema de logística e que falta prova, as crianças choram porque não tem a prova. Tudo isso, os mais velhos a gente já sabe que não é bem assim. No ensino médio, se você for ver, os percentuais são um pouco mais baixos, mas ainda são altos. Então são os dados da participação série a série, período a período. É muita informação, eu acredito, pra escola processar. Aí depois você tem um outro bloco de, esse aqui é uma diretoria até do interior de

Votuporanga, você tem aqui os indicadores da escola, aquilo que eu te falei, os dados da diretoria, os dados da coordenação, os dados da escola. Aqui você tem o percentual de acerto, a média e o desvio padrão, isso quarta, quinta, sexta, sétima e oitava.

AB: E isso era bastante focado nas capacitações do SARESP?

TF: Tudo isso está no material, tem os dados, o que é percentual de acerto, o que é uma média, nós fizemos um monte de oficina para explicar cada um desses itens.

AB: A diferença é se o coordenador do SARESP estuda ou se ele guarda no armário né?

TF: Agora, aqui, esse boletim focou muito na questão de cada uma das atividades. Aqui é a matriz que foi avaliada, aqui são os tipos de texto, Para cada tipo de texto tem também o dado da escola, da coordenação, qual que foi o percentual de acerto. Então o que é que a gente pede, a gente dá alguns critérios aqui, cada ano vai mudando, mas vamos supor as habilidades que você teve índices menores que 36%, este é um item que foi considerado muito difícil, esse percentual é baixo, vamos analisar, vamos ver aqui, vamos pegar da escola essa escola por sinal tem índices... Esse aqui. A gente já sabe qual a questão na prova, que texto que é e que habilidade que é. Vamos estar discutindo essa habilidade aqui. O que aconteceu? Teve algum problema no item? Se não tem problema no item, nós temos trabalhado a questão dos recursos empregados para assinalar a transição da fala do personagem, tem trabalhado o texto narrativo para essa série?

AB: Essas dicas elas ajudam muito no replanejamento eu acho que dá na escola e até na diretoria que dá para eles fazerem esse tipo de trabalho. Ainda tem esse foco na habilidade atualmente em 2005? Porque em 2006 não vai ter, né?

TF: 2005, 2003 o foco foi na habilidade. Série a série, período por período, olha como isso vai avolumando e essa escola não é uma escola que tem todas as séries, hein! Essa é uma escola que não tem terceira nem quarta, mas tem de quinta a oitava e Ensino Médio. São todos dados a mesma composição mais habilidades.

AB: Não seria mais efetivo para a escola digerir, propor um trabalho se fosse por exemplo uma avaliação bianual?

TF: A nossa proposta é essa, até porque você avaliando todo ano, quer dizer o que qual o sentido de uma avaliação? Primeiro fazer um diagnóstico, está aí o diagnóstico. Em cima deste diagnóstico eu tenho que atuar tanto em nível de secretaria, como de diretoria, como de escola para que eu possa melhorar os resultados que foram diagnosticados. As coisas não acontecem assim em um ano, entendeu? Até porque o dado demora a chegar, é muita informação para eles analisarem, para eles processarem isso. Aí você tem um tempo de estar

intervindo, para depois fazer um novo diagnóstico. Essa história de fazer ano a ano, você já conhece um pouco o parto.

AB: E a senhora vê possibilidade de mudar...

TF: O novo desenho que a gente está propondo foi esse. Nós fizemos modificações para as próximas edições, exatamente isso. A nossa idéia é não teria mais todas as séries, como vai ter também a questão da nona série, a gente está botando finais de ciclos sejam eles quais forem. Provavelmente o ensino fundamental deva ter três ciclos e também no ensino médio. Aqui são os dados da redação, porque além da prova a gente faz a redação. Então estes dados vão para as escolas.

AB: São os dados que vão para a diretoria?

TF: E além da diretoria, ela recebe um cd com os dados escola por escola.

AB: Então a diretoria, na diretoria elas só me falam de cd e ainda eu pergunto especificamente se tem algum material que chega para o supervisor para analisar o trabalho.

TF: Olha, a gente encaminha uma cópia deste material vai encaminhada para o dirigente, para todos os dirigentes. E aí o que acontece quando você manda para um diretor que não passa e nem discute isso nem com um professor, nem com o coordenador ou ele carrega consigo.

AB: E o dirigente talvez... Eu perguntava se tinha algum material que eles recebiam, para estar atualizando as análises, ajudando nas proposições dos trabalhos e a resposta, a maioria das vezes, é negativa. Se recebeu o relatório, bem eu tenho que quatro que falam que não e uma que fala que sim.

TF: Pode ser que isso não tenha sido repassado para as equipes.

AB: Já se pensou em algum tipo de relatório, é possível ou não é necessário específico pro “ATP”?

TF: Um relatório?

AB: O que numa das diretorias me falaram é que não conseguem analisar tudo da questão da especificidade da formação da ATP, enfim...

TF: Esse movimento quem tem que analisar a especificidade é a diretoria, baseado no SARESP. Se o nível central ficar fazendo uma avaliação de diretoria por diretoria...

AB: E atualmente como é que está a formação do coordenador do SARESP? Por que com as manifestações que ouvi, será que a gente não pode inferir que eles não estão entendendo os dados?

TF: Acho que pode acontecer as duas coisas, pode até ser que eles não estão entendendo, mesmo porque ao longo do SARESP mudou muito a questão estatística: uma hora é percentual de acerto, depois você tem habilidade média da TRI...Agora se incorporou o Escore Verdadeiro e esse ano vai ter não só o escore verdadeiro como também a TRI.

AB: Da formação do coordenador do SARESP, porque talvez esta dificuldade que eles sintam esse “a gente não recebe” será que não está...a gente não pode entender que eles não estão entendendo os dados.

TF: Pode acontecer, pode acontecer as duas coisas pode acontecer que eles não estão entendendo até porque ao longo dessas edições tem alterado muito o tratamento estatístico então o maior percentual de acerto você tem habilidade média da “tri” agora sim incorporou “escore verdadeiro” e esse ano não só vai ter “escore verdadeiro” como também vai ter a “tri” quem compara 2004 com 2006.

AB: Isso tudo eles sabem? Porque a “tri” para eles é até parecido com

TF: “Bicho papão”

AB: Exatamente.

TF: É complexo, esse ano, eu vou te mostrar o caderno da coordenação da escola, então agora o que tem feito (só) está muito frágil esta questão da capacitação até com os coordenadores do SARESP a gente tem divulgado esses resultados num seminário normalmente vem ou dirigente mais o coordenador do SARESP, no ano de 2003 foi feito um trabalho interessante foi feito um seminário, chamamos os especialistas que ajudaram a montar essas análises então tinha, a questão era a questão da leitura onde trabalhou com a primeira e segunda séries foi um seminário com algumas falas devolvemos esses resultados gerais para a rede com esse público.

AB: Isso aqui na FDE?

TF: Foi na secretaria central.

AB: Mas vocês que elaboraram esse seminário?

TF: Nós e a CENP depois teve três dias de oficinas pedagógicas teve também ATPs, tinha ATPs também para estar analisando esses resultados com os ATPs esses trabalhos têm um enfoque pedagógico feito pela equipe da SEMP, de estar analisando esses resultados e também foram encaminhadas a secretaria encaminhou uma série de projetos voltado para a questão da competência da leitura que são esses projetos que se tenho falado com vocês. Se nenhum a menos foi um projeto que foi utilizado dado do SARESP e nós fizemos toda uma amostra foi um trabalho com toda as diretorias da região metropolitana eu trabalhei foram

todos projetos que foram montados e discutidos em função (ruídos de gravação) o que as (palavra inaudível) que as movimento que tinha

AB: Em 2004 eles me falaram que tinha 126 projetos acontecendo e ai o que eles falam é tanto coisa que tinha a gente não está aproveitando e a escola não está aproveitando e ai que eles falam “é mais o quê que é político e ai você começa a ter um trabalho de grande potencial sendo questionado por talvez uma escola nem cabe olha tais habilidades estão com problema então tal projeto vem atender a tais habilidades porque isso não ta dado nas diretorias que eu fui pelo menos.

TF: É muito difícil diante de um dado do resultado de avaliação o que é se faz que tipo de intervenção que você faz para resolver esse que é o nó da questão, que eu acho que tem muito mais pra e acho que a gente (trecho inaudível) aí não é só o SARESP eu acho que sistema nacional que vem (palavra inaudível) o que se divulga são os resultados dessa classificação que eu acho que não leva a absolutamente a nada até porque foi um grande engano, até saiu uma matéria na revista Escola numa análise minha não sei se você chegou a ver.

AB: Eu percebi um pouco professora no SARESP eu até achei engraçado uma vez que eu fui. Eu cheguei a participar de algumas reuniões para divulgação dos dados talvez por não ter muita familiaridade com o quê fazer os coordenadores ATPs tem que divulgar esses dados então a primeira coisa vamos fazer a comparação e ai fica um pouco a discussão ali “olha a nossa diretoria é a sétima na COGESp”

TF: Nós nunca tratamos isso.

AB: E eles fazem e ai elas apresentam as porcentagens e eu comigo quietinha ali na reunião assistindo e penso qual é a diferença dos 56 pros 60% não tem muita diferença e você não usa o tempo pra falar bem “olha nossa diretoria tem habilidades tal” tem uma diretoria que eu gostei muito num primeiro contato mas ele não se eu conversei com uma coordenadora do ATP e eles têm um trabalho bastante interessante até talvez aqui para investigar, eles fazem agrupamentos, eles dividiram as escolas da região em pólos e ai eles focam por pólos.

TF: De certa forma isso nós encaminhamos, nós falamos, você não pode fazer uma capacitação você tem diagnósticos de acordo com as diferenças.

AB: E incluindo a mesma diretoria elas tem pólos de trabalho e então os ATP's às vezes o ATP consegue porque ele não consegue ir às escolas, em todas ele não consegue, mais ele consegue para fazer uma reunião uma atividade formativa num determinado pólo com os coordenadores de escola daquele pólo e ai eles promoviam trocas de experiências entre as escolas o que você está fazendo que está dando certo uma socialização e ai sim

ela falava a medida do possível ai ela reclamou de uma questão de verbas eles levam pessoas nesses pólos etc para capacitação e então me parecia um trabalho muito interessante mas eu fiquei pensando esse trabalho é desta “DE” que tinha outra que o professor não coloca estes resultados que ia nas escolas e ele falava to muito ruim em narrativa ele ia lá escola

TF: Puxar a orelha

AB: É isso aí.

TF: Então estes informes quando chegam a gente não manda pras escolas a gente manda pra diretoria.

AB: O problema é o que está realmente acontecendo é uma questão que está focada ai na diretoria e depende da formação e do envolvimento para melhores.

TF: Eu acho que a secretaria tem e deve ter esta vinculação depois e trata-se de uma intervenção mesmo então eu acho que tem essa questão e as regionais das escolas se espelham também muito no que a equipe central está fazendo então se a equipe central percebe esse movimento em que esse é o dado do SARESP nós nos debruçamos e analisamos isso e estamos fazendo isso se isso não ficar muito claro nem em nível de diretoria nem em nível de escola cada vez vai rompendo mais. Você sabe que é tão interessante quando nós recebemos os relatórios das escolas, das diretorias de ensino que a gente chamava como a devolutiva eram muitos os depoimentos, era um material que nós encaminhamos analisam e damos uma devolutiva e isso ta legal, isso não está legal, isso vale a pena, isso tem que refazer, podia até às vezes não concordar com os propostas que a gente tava encaminhando dos pontos que precisavam ser refeitos mas de certa forma eles gostavam deste processo. Que nem agora, nós estamos indo na escolas a escola da minha equipe que vem alguém aqui da secretaria perguntar oque que está legal e o que não está legal oque a gente pode propor esse movimento é muito pouco eu acho que tudo bem tem as ressalvas que é uma rede muito grande mas tem que ter um trabalho de acompanhamento não só na questão do SARESP mas toda as ações da política educacional.

AB: Eu fui cutucar a questão do acompanhamento destes programas de avaliação mas é uma programa.

TF: “da primeira a quarta série”,

AB: Mas pelo menos eles estão falando que ele é “um muito redondinho” e falam que a equipe do LETRA E VIDA e a equipe que faz o SARESP tem uma sintonia muito grande , na elaboração das provas então que então eles percebem este vínculo, este

vínculo que eu estou pesquisando parece que ele se dá no “LETRA E VIDA ??” então pelo menos é o que estão me dizendo agora falta um pouco essa questão. Eu fico pensando se a secretaria não avalia esses projetos porque que a escola vai avaliar seu trabalho é um pouco ali o exemplo se a diretoria não avalia a escola também acha que e aí você tem uma avaliação que acaba em algumas instâncias

TF: O resto é só aplicação depois. E então tem todo aquele movimento e isso tem acontecido muito né, nos estados, no Brasil como um todo, você tem aquele oba, oba, devolveu os resultados e ninguém fala mais nada. E guarda os resultados na e aí fica aquela história da imprensa que também não conhecia muito essa questão dos resultados de avaliação e qual seja ela, fica aquilo lá faz um *ranking* e ai utiliza também as informações na campanha que a gente ta vendo ai diariamente. Isso não leva a nada a absolutamente nada. Então o que acontece: o que as escolas gostam da primeira informação que a gente fornece eles processam lá que é o dado do aluno. É um dado que está mais perto deles eles conseguem ver eles sabem o que os alunos acertaram o que os alunos erraram tudo isso

AB: Na diretoria, também eu lembro de uma que falava “Adriana olha a gente trabalha perto das escolas, aí fica pouco dado e aí quando a gente recebe só esses dados, ficam poucos dados e a gente não consegue”. Algumas equipes têm uma reflexão interessante, mas elas não se sentem como a senhora disse aqui.

TF: Ou talvez a capacitação não foi suficiente como gostaríamos. Agora a interpretação do ponto de vista pedagógico, aí fazem em função destes dados. Cabe à equipe da CENP. Parece que estamos trabalhando somente leitura. Nós não estamos focando só a questão da leitura, mas também as informações que podem ser pouco utilizadas. Há muito tempo a FDE é que fazia a capacitação. Antes da entrada da Rose você tinha uma equipe, aqui na FDE, que implantava, nos estados, centros de aperfeiçoamento de recursos humanos, eram centros de capacitação, eram pólos no estado. Bauru, por exemplo, era um pólo que abarcava várias diretorias de ensino e essas diretorias de ensino elaboravam um plano regional que era encaminhado aqui pra FDE, que analisava se estava em cima dos focos dos planos de capacitação mais central, geral, que você falou e ai aprovava ou mandava reformular esse plano e depois ele tinha recursos e autonomia para desenvolver essa capacitação normalmente. Para analisar os resultados de matemática, você precisa de alguém na área de matemática. Como é que eu vou estar podendo interferir numa área de matemática? Eu não tenho equipe, tem que ter uma articulação maior entre a equipe de FDE de avaliação e a equipe pedagógica. A pedagógica, além de ser bastante reduzida, tem inúmeros projetos, inúmeras ações para desenvolver. Então ela se volta mais para o SARESP quando é para

definir a matriz de referência e quando tem os resultados agora pra fazer essa ação e devolver os resultados fica mais difícil.

(A partir desse trecho, muitas interferências sonoras, fazem com que não seja possível recuperar os dados da entrevista).